

Luís Sevalho

Rio profundo



Rio *profundo*



AMAZONAS
GOVERNO DO ESTADO

GOVERNADOR DO AMAZONAS
OMAR AZIZ

VICE-GOVERNADOR DO AMAZONAS
JOSÉ MELO

SECRETÁRIO DE ESTADO DE CULTURA
ROBÉRIO BRAGA

SECRETARIA-EXECUTIVA
ELIZABETH CANTANHEDE
MIMOSA PAIVA

DIRETOR DO DEPARTAMENTO DE LITERATURA
ANTÔNIO AUSIER RAMOS

CULTURA
Secretaria de Estado

Av. Sete de Setembro, 1546
69005-141 – Manaus-AM-Brasil
Tels.:(92) 3633-2850 / 3633-3041 / 3633-1357
Fax.:(92) 3233-9973
E-mail:cultura@culturaamazonas.am.gov.br
www.culturaamazonas.am.gov.br

LUÍS SEVALHO

Rio profundo

CULTURA



Edições
Governo do Estado

© Luis Sevalho, 2012

EDITOR ¶ Antônio Ausier Ramos

COORDENAÇÃO EDITORIAL ¶ Jeordane Oliveira de Andrade

CAPA ¶ Ângelo Lopes

PROJETO GRÁFICO E FINALIZAÇÃO ¶ André Martins

EDITORIAÇÃO ELETRÔNICA ¶ Gráfica Moderna

REVISÃO ¶ Sergio Luiz Pereira

NORMALIZAÇÃO ¶

S497r Sevalho, Luis.


Rio profundo / Luis Sevalho. – Manaus:
Governo do Estado do Amazonas – Secretaria de
Estado de Cultura, 2012.

358p. ; 15x21cm.
Inclui Fontes bibliográficas.
Biografia do Autor.
Obras Publicadas pelo autor.

ISBN 978-85-64218-54-3

1. História – Tefé (cidade). 2. Manaus –
Amazonas. 3. Conhecimentos Gerais. I. Título.

CDU 981.13:001



Somos um Amazonas cheio de orgulho da nossa gente, de nossas raízes, de nossa extraordinária vida cultural. Cada vez mais vamos investir no grande potencial da nossa cultura, na capital e no interior, com o foco na geração de oportunidades para novos talentos.

Omar Aziz

Mensagem proferida pelo governador Omar Aziz à Assembleia Legislativa do Estado do Amazonas em fevereiro de 2011.



Dedicatória

*À esposa: Raimunda Cláudia da Silva Sevalho.
Filhos: Karla, Rodrigo, Andréa e Rayele Sevalho.
Todos, pela persistência e apoio.
Meus irmãos: Maria, Cristóvão, José, João, Bianor,
Terezinha, Rosimar e Rosineide, pelo grande incentivo a meus estudos.
Netos: Caroline D'Ávila, Lucas Gabriel Sevalho e
Luíza Cláudia.
In memoriam de Celcino Gomes Sevalho (Cazuza)
e Elígia Lopes Sevalho (Dona Celé), meus pais.*

Piraruaiá, meu rincão

Quantas lembranças me trazem e que não se apagam jamais deste lugar amado que semeou na minha infância um inefável manto de resplandecência. Explica o dia a dia do meu tempo de criança quando junto a meus familiares pescávamos nas águas do Piraruaiá e nos igapós do Tauari, Paí e Moquental.

Não posso esquecer meu rincão, nem meu povo rural de tantas comunidades espalhadas nas margens do lago e do alto rio Tefé que trabalham muita das vezes em precárias condições humanas, porém carregam no cotidiano a singela humildade e, acima de tudo, a FELICIDADE.

O autor

Rio profundo

Fragmentos férteis¹

Luís Sevalho

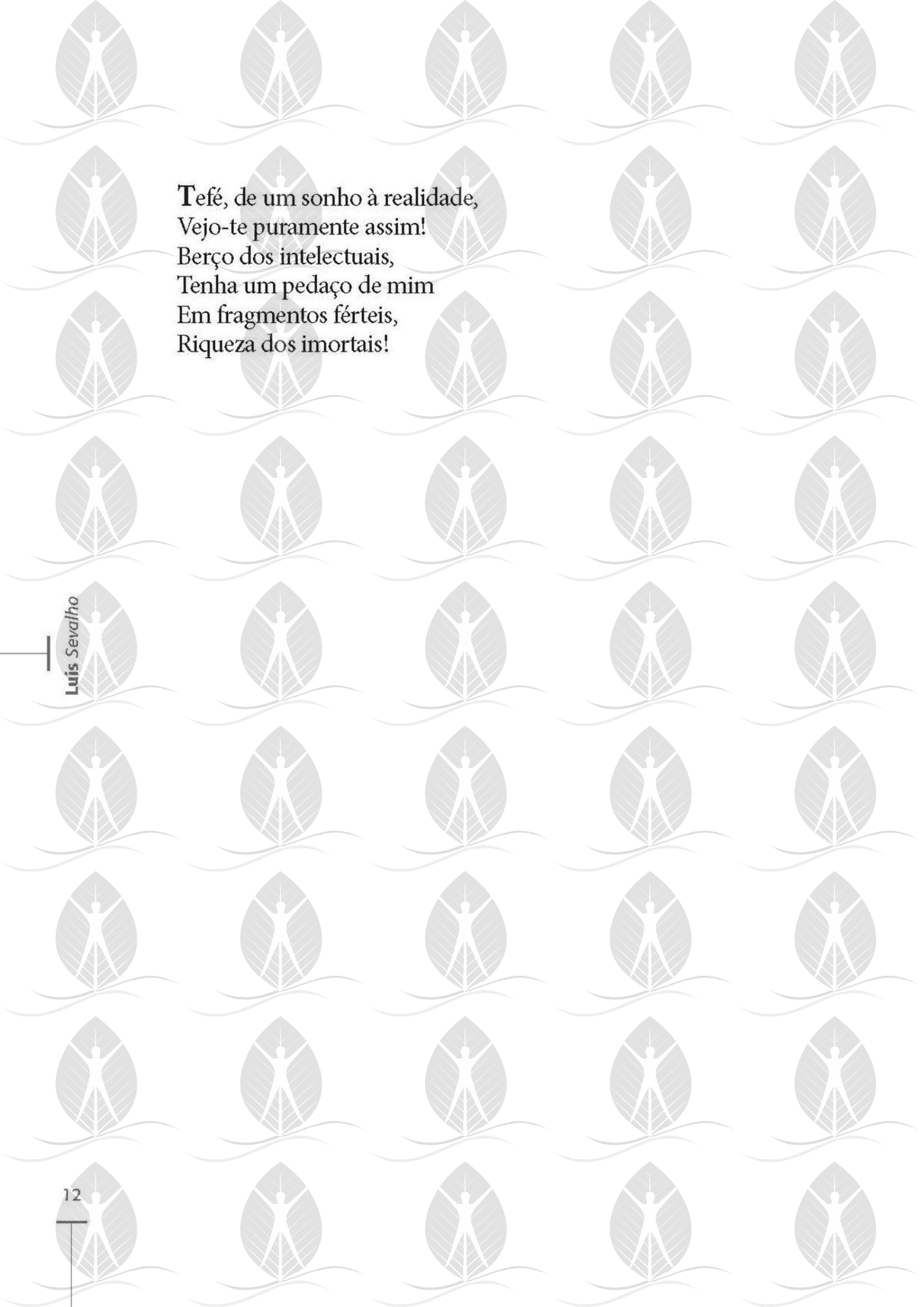
Agora vejo nascer,
A flor do Lácio, culta e bela,
Da soturna travessia,
No fulgor dessa volúpia,
Nossa tenra ACADEMIA.

Leio no semblante dos poetas,
O ruflar ou até mesmo
Manifesto de borboleta cintilante
Exteriorizando a sapiência
Do ego de nossa gente!

Carregamos para sempre
Riquezas e experiências.
O frescor magnífico dos sonhos,
Que imortalizou os tefeenses,
Surgiu assim a ALCAT,
Unindo as artes às ciências.

Aguardamos formidáveis,
Mesmo ficando encanecidos,
Vendo brotar esses sonhos
Dos fundadores notáveis.

1 Poema recitado pelo autor no dia da posse da 1.ª diretoria da Academia de Letras, Ciências e Artes de Tefé que aconteceu no auditório da UEA de Tefé no dia 26/1/05. Momento solene no qual o autor sociofundador assumiu a cadeira como diretor de finanças na direção da ALCAT.



Tefé, de um sonho à realidade,
Vejo-te puramente assim!
Berço dos intelectuais,
Tenha um pedaço de mim
Em fragmentos férteis,
Riqueza dos imortais!

Luis Sevalho

Sumário

PREFÁCIO »	21
CAPÍTULO I » Como Tudo Começou em Tefé	25
Origem da cidade de Tefé	25
Décima sexta Brigada de Infantaria de Selva – Tefé “CO YVY OGUERECO YARA”	27
Prefeitos e vereadores de Tefé de 1895 a 2016	29
Algumas datas históricas de Tefé	42
Síntese das leis de Tefé de 1936 a 2009	51
Universidade do Estado do Amazonas	72
A luta pela sede própria	76
Tefé na Segunda Guerra Mundial	77
Os soldados da borracha de Tefé	79
Che Guevara trabalhou como médico em Tefé	81
Perfil histórico de alguns artistas plásticos de Tefé	87
Eles ajudaram a fazer a história de Tefé	90
Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá	102
CAPÍTULO II » Hinos e Canções	111
Hino de Tefé	111
Canção de Tefé	113
Hino da padroeira Santa Teresa D’Ávila	114
Tefé, meu berço dourado	116
Tefé – Deus não te abandonou	117
Escola Estadual “Isidoro Gonçalves de Souza”	118
Hino da Escola Antídio Borges Façanha	119
Hino da Escola Eduardo Ribeiro	121
Hino da Escola Frei André da Costa	123
Hino da Escola Santa Teresa	125
Hino do Amazonas	126

Hino Oficial de Manaus	128
Hino de Manaus	129
Hino do Descobrimento do Brasil	131
Hino a Tiradentes	132
Hino do Pan-Americano	134

CAPÍTULO III » Diversos **137**

Cinco de Setembro de 1850 – Dia do Amazonas	137
Áreas de preservação ambiental do Amazonas	139
Parque Nacional da Amazônia	139
Parque Nacional do Jaú	139
Parque Nacional Pico da Neblina	140
Estações Ecológicas	140
Reservas Biológicas	140

CAPÍTULO IV » Prefeitos e Governadores do Amazonas **141**

Prefeitos de Manaus de 1910 a 2016	141
Os eleitos com voto direto a partir de 1985	141
Governadores republicanos do Amazonas	143
Interventores do Amazonas de 1930 a 1951	145
Eleições diretas no Amazonas de 1954 a 1964	145
Reabertura política em 1982	146
Carlos Eduardo de Souza Braga – de 2002 a 2010	147
Governador Omar José Abdel Aziz – de 2011 a 2014	148

CAPÍTULO V » Conhecimentos Gerais **151**

As tormentas do mundo e o aquecimento global	151
Os onze tremores mais letais da humanidade	153
A história de Krakatoa	155
Halloween e as bruxas	159
A história do cangaço	161
Heróis da resistência negra	163
As piramutabas e douradas viajantes	165
Os jacarés da Amazônia	165

Granizo, vulcão, arco-íris e neve	166
Mar, ondas e marés	167
Como acontecem os terremotos	168
Como acontece a pororoca	169
Como surgiu o horário de verão	169
Os blocos econômicos	170
Mercado Comum do Sul	170
Acordo de Livre Comércio das Américas	172
Acordo de Livre Comércio da América do Norte	173
União Europeia	174
Histórico da União Europeia	174
Biodiversidade	175
A camada de ozônio	176
Efeito estufa	177
O surgimento do robô	178
O que é internet?	179
O computador e sua evolução	180
O cristianismo	181
O budismo	184
O islamismo	187
Ramadã	189
CAPÍTULO VI » Personagens Folclóricas	191
O folclore	191
O Mapinguari	193
O Curupira	194
O Boto	194
O Matintaperera	195
O Saci-pererê	195
O Bicho do fundo	196
O Fogo-fátuo	196
O Lobisomem	197
O Caipora	197
A Mula sem cabeça	198
O Negrinho do pastoreio	198
A Cuca	199

A Iara amazonense ou Mãe-d'água 199
Alemoa 200

CAPÍTULO VII » Contos e Lendas Amazônicas 201

O imaginário amazônico 201

O Boto flecheiro tefeense 202

Lenda do Cururu teitei 203

O homem que caçava com as pedras 205

Paí misterioso 207

Anta branca 212

Índio Patuá 216

O Curupira do Xidarini 218

Franzino e a onça-d'água 220

O Sucuri do Mamiá 223

A Cobra ouromante 226

Riqueta e o velório no pulgal 228

O mistério do igarapé do Taboca 230

Lenda da Sarapéua 233

Lenda do bairro de Santo Antônio em Tefé 234

CAPÍTULO VIII » Lenda Urbana 237

A mulher do buracão 237

CAPÍTULO IX » Conto em Cordel 241

A intrigante história do Chupa-cabra 241

O Boto que assustou Nogueira 250

O desespero de Trolino com o jacaré do Abial 259

Como escapou Sabazinho 264

A sangrenta luta de Morrinha com a onça no Sapiá 272

As profecias mortais do Cururu teitei 281

A tartaruga gigante 284

CAPÍTULO X » Tributo aos Índios 287

CAPÍTULO XI » A Rural Falando Mais Alto 291

CAPÍTULO XII » Curiosidades Históricas 295

A noiva de branco 295

Os padrinhos de casamento 296

As bodas do casamento 296

O nheengatu 297

Uso da calça comprida por mulheres 297

O “sorriso” de Mona 298

Por que sentimos cócegas? 298

O mais antigo livro impresso do mundo 299

Pipa em quase todos os países 299

O festival do porco 299

Festa da batata 300

Garfos só chegaram na Europa no século 11 300

A descoberta do café 301

Como surgiu a comemoração do Dia da Criança 302

Como surgiu o cemitério 303

Como surgiram os biscoitos da sorte 304

A origem do sabão 304

A origem do Pinóquio 304

A origem do conde Drácula 305

Origem do tabaco 306

Origem da expressão “fazer a sesta” 307

Origem do gandula 307

A origem do vidro 307

Origem da expressão “vá se queixar ao bispo” 308

Origem da expressão “santo do pau oco” 308


Origem da expressão “sem eira nem beira” 309

A origem da Fênix 309

A origem dos “dinossauros” 309

CAPÍTULO XIII » Datas Históricas do Brasil e do Mundo 311

Janeiro 311



Fevereiro

312

Março

313

Abril

314

Maio

317

Junho

319

Julho

321

Agosto

323

Setembro

325

Outubro

327

Novembro

330

Dezembro

332



CAPÍTULO XIV » Vida Saudável


335

Dicas para comer e viver melhor

335

Dicas para dormir bem

336



CAPÍTULO XV » Orações de Santos Populares

339

Oração de Santo Expedito

339

Oração de São Tomé

339

Oração a Santa Luzia

340

Oração a Santo António

341

Oração ao Divino Espírito Santo

341

Oração a São Brás

342

Oração a São Francisco de Assis

342

Oração a São Sebastião

343

Oração a São Benedito

343

Oração de Santa Teresa D'Ávila

344

Oração a Santíssima Trindade

344

Oração a Santa Edwiges

345

Oração a São Cristóvão

345

Oração a São Judas Tadeu

346

Oração a Nossa Senhora do Rosário

346

Oração de Santo Frei Galvão

347





REFERÊNCIAS »

Livros

Revistas

Boletim especial

Jornal

Pesquisa do autor

349

349

349

350

350

351

**VENCEDORES DO PROJETO DE APOIO E
INCENTIVO À CULTURA 2009 »**

353

BIOGRAFIA DO AUTOR »

355

OBRAS PUBLICADAS »

357

Prefácio

Celso Mendes¹

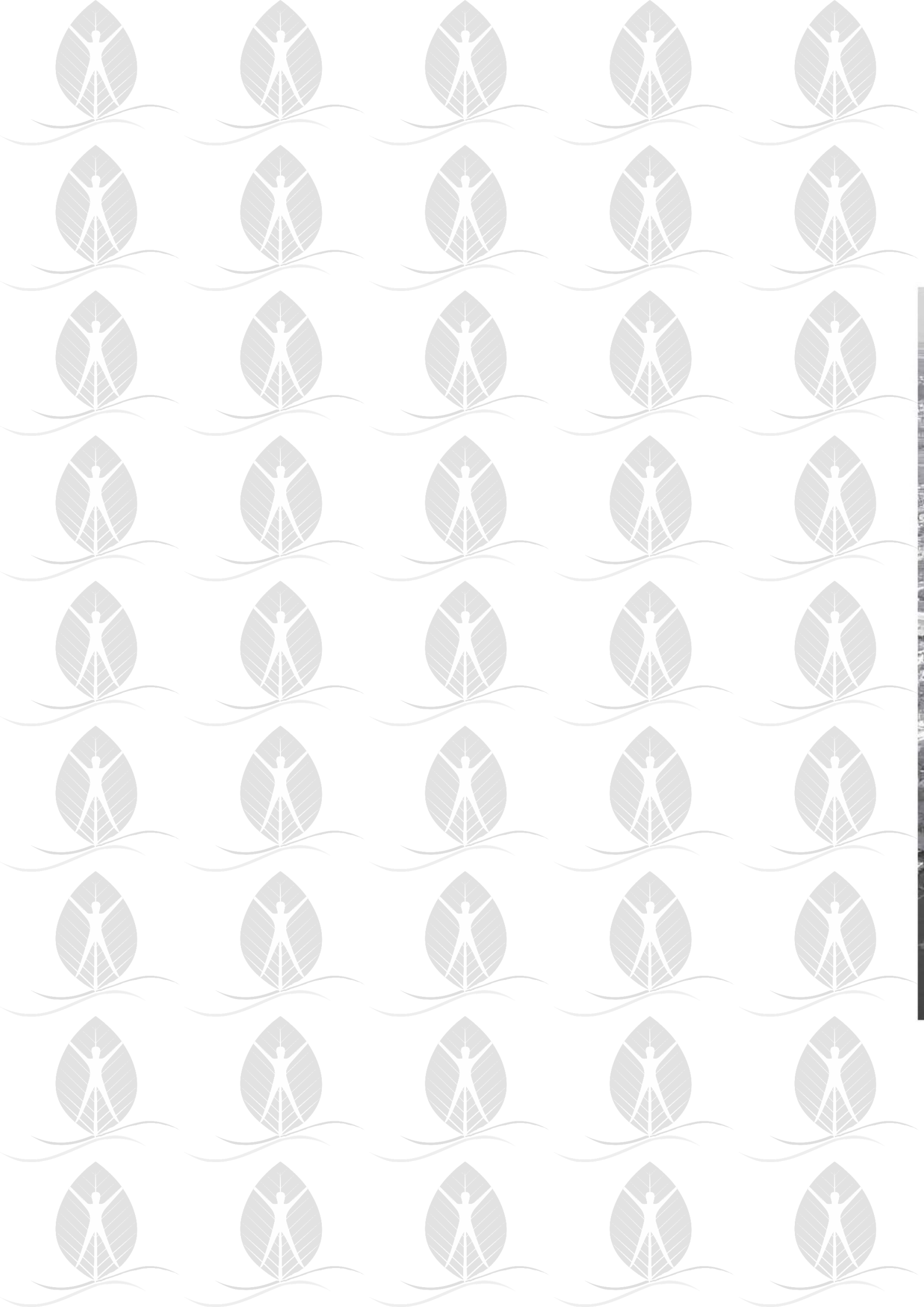
Recebi, com grande satisfação, o convite para fazer a apresentação de *Rio profundo*, em face da grande admiração pessoal que tenho pelo companheiro, amigo, conterrâneo e competente Luís Sevalho.

Outra vez, Luís Sevalho nos proporciona uma obra que é uma Enciclopédia e por certo será de imensurável utilidade no campo do conhecimento, com informações bem embasadas acerca de suas pesquisas. Pela segunda vez tenho o orgulho de fazer esta apresentação e quero ressaltar toda a minha felicidade em ter esse conterrâneo com toda essa disposição em nos agraciar com esta obra magnífica, fruto de sua capacidade e dedicação.

O trabalho do professor **Luís Alberto Lopes Sevalho**, em sua forma simples e objetiva, é de inestimável valor para todos aqueles que buscam ampliar seus conhecimentos por meio da pesquisa. *Rio profundo* é uma coletânea fascinante de conhecimentos gerais que nos arremete a uma viagem desde o ponto de partida, como tudo começou no meu amado município de Tefé, até os momentos atuais, onde o mundo inteiro vê com preocupação, dentre as grandes tormentas, o aquecimento global.

Sevalho, mais uma vez nos honra, a nós, tefeenses ou não. Apesar do pouco caso ao qual é relegada a cultura da antiga “EGA”, faz nossos corações pulsarem mais fortes e que volte-mos nossos olhos para a nossa querida e amada “Princesa do Solimões”, como a conheci e como para sempre será, e nos alentamos em perceber que o celeiro cultural que a caracteriza, continua produzindo seus bons frutos. E aqui evocaria Enfil, em sua máxima assim descrita: “Se não houver frutos, valeu a beleza das flores. E se não houver flores, valeu a intenção da semente”.

¹ Afonso Celso Mendes de Sousa é bancário aposentado, formado em Direito e compositor tefeense.





Vista aérea de Tefé no período das cheias – 2005. Foto: CD Tefé 150 anos

Capítulo I

Como Tudo Começou em Tefé

Origem da cidade de Tefé

A aldeia de Tefé foi fundada inicialmente entre os anos de 1687-1688, pelo jesuíta austríaco Samuel Fritz que estava a serviço da Espanha. Os primeiros índios aldeados por Fritz foram os Uainumans (beija-flor), tribo júri, povo Axiuari, além de outros povos como os Jurupixunas (boca preta) e os Passés. Eles foram descidos do Japurá e agrupados às margens do rio Tapi (Tefé), onde Samuel Fritz fundou a aldeia de Santa Teresa dos Axiuaris em Vila Valente lugar denominado de Tambaqui Paratu, que quer dizer prato de tambaqui. A origem dessa cidade resultou das constantes lutas entre as duas Coroas (Portugal e Espanha) que, por meio do Tratado de Tordesilhas, dividiram o Brasil em duas partes. Depois dessas desavenças e a expulsão dos espanhóis da região, os carmelitas portugueses frei André da Costa e frei Baltazar da Madre de Deus ficaram administrando a Missão de Parauari, que ficava em frente ao município de Alvarães (antiga Caiçara), onde juntou os índios sobreviventes das aldeias de Taiassutuba (bando de porco), próximo à Fonte Boa, com os de Saiassutuba (ilha dos veados) no paraná do Machado, onde é hoje a comunidade do Mari-mari, formando uma só nação. Por conta do período da enchente do rio com alagações constantes das áreas habitadas, frei André transferiu o povoado de Parauari para Tambaqui Paratu (Vila Valente) em 1712 na boca de Tefé, onde misturou as etnias recém-chegadas com os povos Axiuaris.

O escudo de Tefé tem no centro do triângulo uma castanheira (*Bertholetia excelsa*), que é o símbolo da cidade. Todos os anos, Tefé comemora a Festa da Castanha. O escudo foi oficializado pelo Decreto n.º 47/78, de 24/5/78 – prefeito Manoel Armando da Silva Retto.



Somente em 1718, frei André da Costa e todo seu povo indígena saíram da Vila Valente para fixar moradia às margens do lago de Tefé (rio Tapi ou Tepé), onde juntaram-se ao povo Tupebas, formando uma nova missão, a de Santa Teresa dos Tubebas ou Tapibás.

Do topônimo Tupebas vieram as variações Tapi, Tepé, Tephé, Teffé e finalmente Tefé. Na língua geral, o nheengatu, Anísio Jobim afirma que os portugueses diziam que a palavra **Rio Profundo** quer dizer Tefé, porque deriva de Tapi ou Tepé que era o tronco linguístico falado pela extinta tribo dos Tupebas.

O conflito entre portugueses e espanhóis levou a uma separação na chamada América Portuguesa, pela grande extensão na área da parte Norte. As Regiões Norte-Nordeste foram subdivididas em capitanias. Essa divisão determinava a expulsão dos espanhóis do território português e a elevação das aldeias em vilas fundadas pelos jesuítas, denominando e nomeando um diretor para cada vila e um administrador para cada lugar. Dominada pelos portugueses, a aldeia de Tefé foi elevada à categoria de vila em 1759, com a denominação de Ega. Os tratados subsequentes (Madri – 1750, e Santo Ildefonso – 1777) não resolveram as questões territoriais do Norte do Brasil e, em 1855, a Vila de Ega tornou-se sede da Comarca do Solimões, com uma área de cerca de 500.000 km².

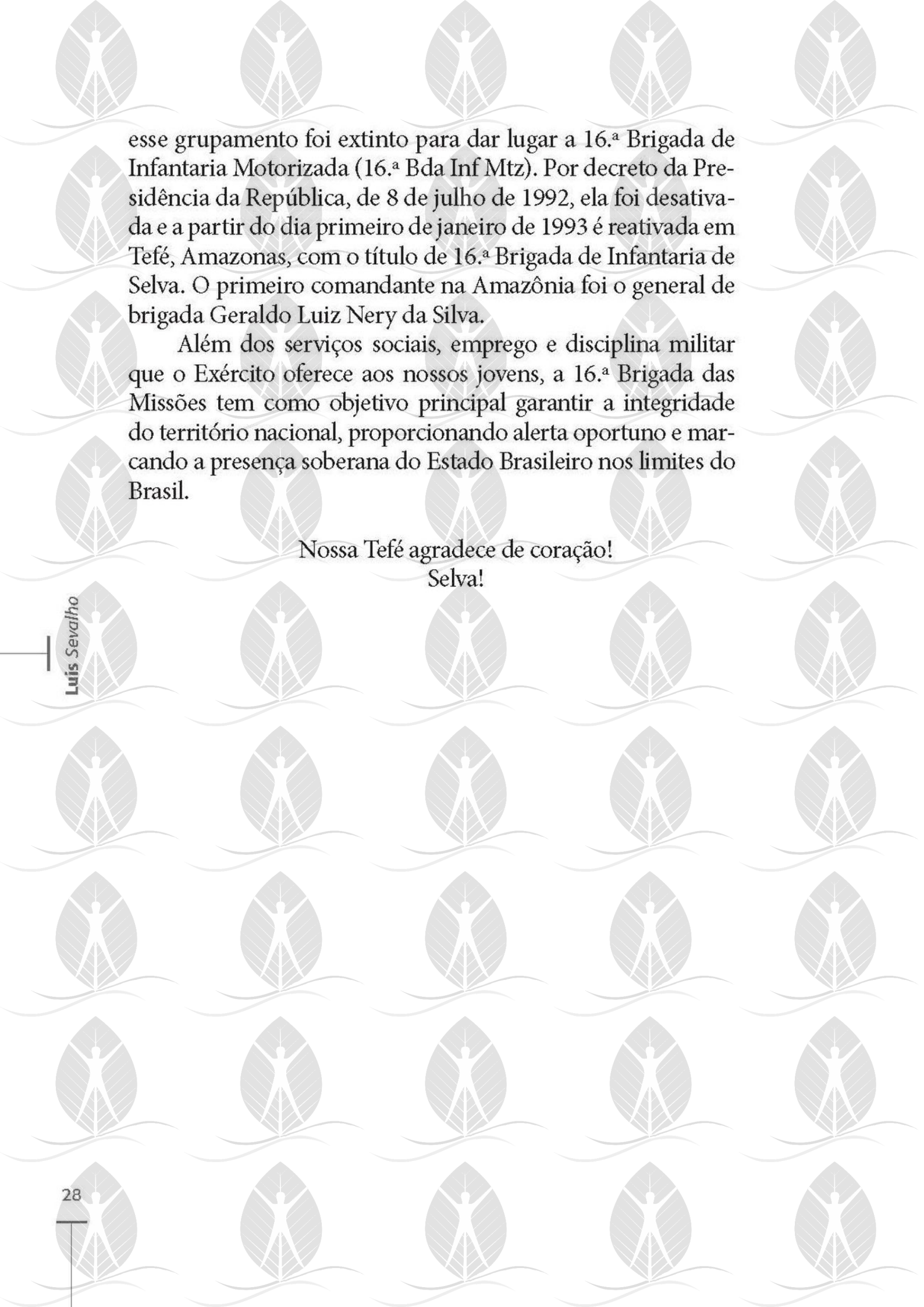
Dada a grande extensão de terras do município, dele foram desmembradas algumas vilas, dando origem posteriormente a novos municípios: Coari (1848), São Paulo de Olivença (1882), Fonte Boa (1891), Eirunepé (1894), Carauari (1913), Marañ, Japurá, Juruá (1955), Uarini e Alvarães (1981). Lembrando que antes todos eles pertenciam a Tefé. O aniversário da majestosa cidade acontece no dia 15 de junho, data de sua elevação à cidade pela Lei Provincial n.º 44, de 15 de junho de 1855.

Décima sexta Brigada de Infantaria de Selva – Tefé “CO YVY OGUERECO YARA”²



Em 11 de novembro de 1971, foi criado por decreto presidencial o Primeiro Grupamento de Fronteira (1.º Gpt Fron) com sede em Cruz Alta. No entanto, antes de sua instalação em Cruz Alta, a sede foi transferida para Santo Ângelo-RS em 21 de dezembro de 1972. No dia 16 de dezembro de 1980,

2 “CO YVY OGUERECO YARA”, em tupi-guarani significa “esta terra tem dono” - foi o brado do índio Sepé Tiaraju, que resistiu heroicamente a guerra guaraní-tica contra os espanhóis e portugueses, desencadeada pelo tratado de Madri de 1750. Colaboração: 16ª Bda Inf SI - Tefé



esse grupamento foi extinto para dar lugar a 16.^a Brigada de Infantaria Motorizada (16.^a Bda Inf Mtz). Por decreto da Presidência da República, de 8 de julho de 1992, ela foi desativada e a partir do dia primeiro de janeiro de 1993 é reativada em Tefé, Amazonas, com o título de 16.^a Brigada de Infantaria de Selva. O primeiro comandante na Amazônia foi o general de brigada Geraldo Luiz Nery da Silva.

Além dos serviços sociais, emprego e disciplina militar que o Exército oferece aos nossos jovens, a 16.^a Brigada das Missões tem como objetivo principal garantir a integridade do território nacional, proporcionando alerta oportuno e marcando a presença soberana do Estado Brasileiro nos limites do Brasil.

Nossa Tefé agradece de coração!
Selva!

Prefeitos e Vereadores de Tefé de 1895 a 2016



Prefeitura Municipal de Tefé – ano 2005. Foto: J. Luiz

A história política de Tefé começou em 1895 com seus primeiros gestores assim constituídos: **superintendente (prefeito)** capitão Ricardo Vicente. **Intendentes (vereadores)** Joaquim Maciel, Hipollito do Vale, Estêvão Machado David, Dídimo Gonçalves de Souza. **Suplentes:** Francisco Damásio do Nascimento, Theodolindo Jorge Gonçalves de Sousa, Bernardino Rodrigues do Santos e Augusto José Sevalho. Em 1896, os **intendentes** foram substituídos por Francisco Damásio do Nascimento, Pedro Façanha Leão Batalha, Manoel Maria Marques, tendo como presidente o tenente Joaquim Maciel. Ainda em 1896 **novos intendentes** tomaram posse, são eles: Francisco Damásio do Nascimento, Pedro Façanha Leão Batalha e Manoel Maria Marques. **Suplentes:** Geminiano Guedes de Medeiros, Narciso Antônio de Sousa e Luiz Coelho de Miranda. **Superintendente:** Joaquim Maciel Hipollito do Valle.

Ainda em 1896, **superintendente:** Arsan Gomes de Castro, nomeado pelo governador do Estado, novos **intendentes:** Estêvão Machado David, Manoel Maria Marques, Francisco Damásio do Nascimento e Leão Batalha. **Superintendente** nomeado de janeiro a julho de 1897:

Manoel Celso Machado França. **Substituto:** major Antônio Gonçalves Barreiros, que foi substituído novamente por Sebastião Dídimo Gonçalves de Sousa que era presidente da Intendência. A partir desse troca-troca os mandatos passaram a se estabilizar mais ou menos de três em três anos.

Superintendente: coronel Carlos Augusto da Cunha Corrêa ficou no mandato até 31 de outubro de 1898; **substituto:** Jessé Maria de Mesquita Braga. **Intendentes (1897-1898):** Sebastião Dídimo Gonçalves de Sousa, Antônio Augusto Corrêa, Estêvão Machado David, Francisco Damásio do Nascimento, Pedro Façanha, Leão Batalha e Manoel Maria Marques.

Superintendente: major Antônio Fernandes Jorge – de janeiro a julho de 1899. **Substituto:** Jesus Lino Gonçalves de Sousa até 31 de agosto, quando passou o cargo para o **novo intendente**, coronel Carlos Augusto da Cunha Corrêa.

Intendentes de 1899 a 1901: Jesus Lino Gonçalves de Sousa, Phelipe Nery Rodrigues, Theodolindo Gonçalves de Sousa, Emílio Pereira da Silva, Gaudêncio Ludgére Rodrigues e Bernardo Joaquim Batalha. Com o afastamento do **superintendente** coronel Carlos Augusto da Cunha Corrêa, por motivo de doença, assumiu em 1900 seu **substituto**, o então presidente da Intendência, Jesus Lino Gonçalves de Sousa por pouco tempo. Assumiu novamente, já recuperado do tratamento de saúde, o **superintendente** coronel Carlos Augusto da Cunha Corrêa. Em quatro de outubro de 1900, assume o **superintendente** coronel Daniel Antônio Sevalho por ato do governador do Estado coronel Silvério José Nery. Mandato de 1902 a 1904, **superintendente:** Daniel Antônio Sevalho. **Intendentes:** Jessé Maria de Mesquita Braga, João Dionízio de Vallos Rodrigues, Manoel José de Mendonça, Rômulo José Ribeiro, Frazão Panelada, Tristão Garcia da Silva e Primo Antônio Marques. **Suplentes:** Herculano José de Oliveira,

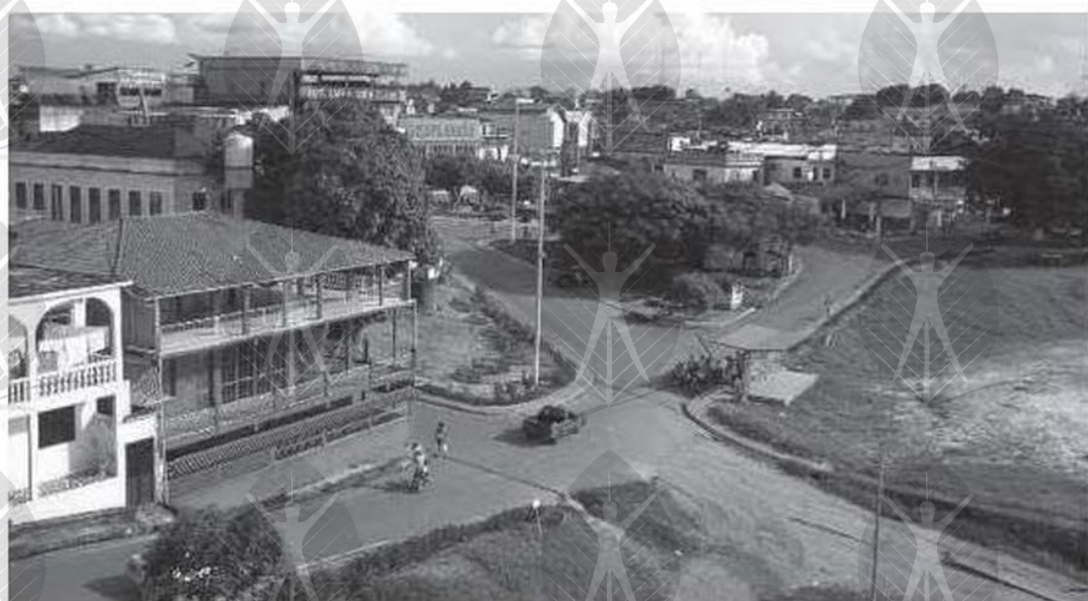
Manoel José do Patrocínio, Tercílio Ribeiro Cardoso e Israel Sátyro Rebouças, todos empossados em 1902. Em nove de março de 1904, assume a **Superintendência** o presidente da **Intendência**, major Mesquita Braga.

No dia seis de agosto de 1904, **superintendente**: coronel Daniel Antônio Sevalho. Em novembro de 1904, **novos intendent**es: Mesquita Braga, Vallos Rodrigues, Manoel Mendonça, Frazão Panelada, Garcia da Silva e Primo Marques. Mandato de 1905 a 1907, **intendentes**: Cleto Marques Praia, Miguel Joaquim Frazão, Elizeu Romão Souza Gama, Serapião Rodrigues de Oliveira, Antônio Rodrigues de Oliveira e José Pereira de Castro Batalha. **Suplentes**: Manoel Gonçalves Zurra, Serafim dos Anjos Pantoja, Augusto Gentil Fort de Sousa e Steliano Gonçalves de Sousa Lopes. Os dados entre os anos de 1908 a 1913 não constam nesta pesquisa. Mandato de 1914 a 1916, **Intendentes**: coronel Dionísio do Vallos Rodrigues, Pedro Façanha Leão Batalha, Francisco Antônio dos Santos, João Damasceno Rodrigues Balieiro. Período de 1917 a 1919, **superintendentes**: major Fernando Guapindaia de Sousa Brejense. **Intendentes**: Cunegundes Ferreira de Sousa Machado, João Dionísio de Vallos Rodrigues, Pedro Façanha Leão Batalha, João Damasceno Rodrigues Balieiro, Camillo de Mello e Sousa e Joaquim Wolfrango de Farias Teixeira.

Suplentes: Silvino Pereira da Silva, Anolino Affonso Gregório e Januário Borges. Período de 1920 a 1922, **superintendente**: Antônio João Lira Braga. **Intendentes**: Luiz Rodrigues das Neves, Silvino Pereira da Silva, Nelson de Mesquita Braga, Camillo Pinto de Amaral, Serapião Rodrigues de Oliveira, Ângelo da Cunha Balieiro, Joaquim Pedro Colares e José Francisco de Oliveira Egas. Esta eleição foi nula e a outra aconteceu em 1.º de outubro de 1920. **Intendentes**: Luiz Rodrigues das Neves, José Francisco de Oliveira Egas, Primo Antônio Marques, João Crispin de Abreu e José Marcos de Oliveira. A presidência da **Intendência** ficou com Luiz Rodrigues das Neves, que foi substituído por Pedro Façanha Leão Batalha que ficou no cargo de presidente até 30 de julho de 1921. Assumiu o cargo Luiz

Nogueira Corrêa Carvalho Sobrinho que, prorrogado o mandato, ficou por mais um ano, terminando em 1922.

Novo período de 1923 a 1925, **superintendente:** Dr. Eládio Castelo Branco. **Intendentes:** Luiz Rodrigues das Neves, Elísio Romão Sousa da Gama, Luiz Nogueira de Carvalho Sobrinho, João Crispin de Abreu e Antônio Valente.



Luís Sevalho

Rua Duque de Caxias – próximo à antiga muralha de Tefé – 2005

Suplentes: Raimundo Fernandes de Oliveira e Silva. O mandato foi prorrogado por mais um ano, terminando em 26 de junho de 1926. O período foi de mudanças político-administrativas no Amazonas; a partir de 15 de abril de 1926 a palavra **superintendente** passou a denominar-se **prefeito** a **Superintendência**, entendia-se como **Prefeitura** e a **Intendência** ficaram com o mesmo sentido. Em 15 de abril de 1926 foi nomeado por ato do governador Efigênio Sales o **primeiro prefeito apostólico de Tefé**, monsenhor Miguel Alfredo Barrath que assumiu a vaga já renunciada do Dr. Eládio Castelo Branco. Monsenhor Barrath foi substituído pelo prefeito nomeado Abílio Nery, que ficou no poder até 1928, substituído pelo Dr. Armando Sobreira de Sampaio, até junho de 1930. Terminou o mandato o presidente da Intendência, Sr. Antônio Valente, até 24 de agosto de 1930. **Prefeito:** coronel João Lira Braga de

25 de agosto de 1930. Na sucessão assume o prefeito João Lyra Braga até 31 de janeiro de 1931. O presidente do Conselho Municipal, Raimundo de Sousa Pinto, assumiu o poder até 30 de outubro de 1933. **Intendentes:** João Dionísio Vallos Rodrigues, Antônio Valente, Luiz Rodrigues das Neves, Belizário Corrêa Vieira e Raimundo de Souza Pinto, de 1929 a 1931.

Mandato de 1932 a 1934, **Conselho Municipal e seus intendentes:** Bernardo Fortunato dos Santos, Raimundo Rodrigues das Neves, Nilton Elísio de Oliveira, Leopoldo Manoel da Silva das Neves. **Prefeito nomeado,** César Ituassú da Silva (de 1.º de novembro de 1933 a 14 de março de 1935), **substituto:** Nilton Elísio de Oliveira, ficando poucos dias no cargo até 31 de março desse mesmo ano. O **suplente** Francisco de Matos Soares assumiu o cargo de **intendente**, logo em seguida assumiu o cargo de **prefeito** até setembro de 1935.

A partir de 1935, os **intendentes** passaram a ser chamados de **vereadores** e os primeiros parlamentares a tomarem posse na 1.ª Câmara foram: Antônio Diniz de Oliveira Santos, Raimundo Nogueira Pessoa, Eládio Castelo Branco, José Francisco de Oliveira Egas e Túlio Azevedo. A posse da primeira Câmara de Vereadores de Tefé aconteceu no dia 24 de dezembro de 1935, sendo sua instalação oficial somente em 24 de janeiro de 1936, no mandato do **prefeito** capitão Cleto Marques Praia (1935-1936). Pela ocasião do Estado Novo no Brasil, assume como **interventor** o capitão Cleto Marques Praia (1936 a 1938). **Vereadores:** Antônio Diniz de Oliveira Santos, Eládio Castelo Branco, Raimundo Nogueira Pessoa, José Francisco de Oliveira Egas e Túlio Azevedo. **Prefeito interventor** capitão Cleto Marques Praia (1938 a 1943), substituído por Lupercínio Sá Nogueira, **interventor** de 1.º de outubro de 1943 a 1.º de outubro de 1944. Durante o período do Estado Novo, as Câmaras de Vereadores foram extintas momentaneamente. O secretário de Administração, Sr. Corinto Borges Façanha, ficou no cargo de **prefeito interventor** em lugar do Dr. Lupercínio Nogueira até 15 de novembro de 1944, que logo foi substituído pelo juiz eleitoral, Dr. Octaviano Mello, até dezembro de 1945. Em janeiro de 1946, voltou

novamente o Dr. Lupercínio, ficando até 20 de novembro de 1946, sendo substituído pelo Dr. Antônio Daniel Sevalho Júnior, que ficou no poder até dezembro de 1947.

Prefeito eleito pelo povo, pós-Estado Novo: Túlio Azevedo (1947 a 1951); os mandatos passaram a ser de quatro anos. **Vereadores:** Antídio Borges Façanha, Evandro Gomes Pereira, Custódio da Costa Rodrigues, Carlos Bento da Gama e Miguel Arcanjo dos Santos Guimarães. **Prefeito:** Raimundo Ramos Coelho, que só iniciou o governo em 1951. **Vereadores:** Raimundo Lima, José Silvestre do Nascimento e Sousa, Heitor Cardoso de Santana, Terezinha Gonzaga de Azevedo, Diogo Gonzaga Torres, Ivo Alves da Cunha e Evandro Gomes Pereira. O vereador Raimundo Lima assumiu como **prefeito** de janeiro a fevereiro de 1953. **Prefeito capitão Cleto Marques Praia**, período de 1953 a 1955, seguido também do **prefeito Rossine Barbosa Lima**, que assumiu de agosto a dezembro de 1955. Com a eleição do prefeito Cleto Marques Praia de 1953 a 1955, foi recomposta a **nova Câmara de Vereadores:** Ivo Alves da Cunha foi substituído pela vereadora Terezinha Azevedo, que foi eleita em 14 de abril de 1954. **Suplentes:** José Guinemer Fort de Sousa, Atlântico Alves da Motta, todos assumiram o cargo de vereador. A vereadora Terezinha Azevedo assumiu o cargo de **prefeita** em janeiro de 1956.

Mandato de 1956 a 1959, **prefeito** Túlio Azevedo. **Vereadores:** Diogo Torres, Terezinha Azevedo, José Marques, Aldévio Praia Soares, Armando de Sousa Barros e Benedito dos Santos Guimarães. **Suplentes:** Manoel Armando da Silva Retto, Malaquias de Queiroz e Edílson de Aguiar Queiroz. Nesse mandato, todos os suplentes assumiram. O vereador **Diogo Torres** assumiu a cadeira de **prefeito** de 15 a 28 de setembro de 1956. O vereador Armando Barros exercia no momento a presidência da Câmara quando sofreu um acidente de carro na estrada do aeroporto, falecendo no dia 24 de setembro de 1958. **Prefeito** Orlando Marinho da Silva (1960 a 1964). **Vereadores:** Manoel Armando da Silva Retto, Moacyr Viegas da Gama, Odília Lima Marinho, Abel Rodrigues Alves, Túlio Azevedo e Benedito Gonçalves Ramos. **Suplentes:** Edílson de Aguiar

Queiroz, Elcias Acácio Gonçalves, Jefferson Braga Pereira Júnior, Deoclécio Ribeiro da Silva, Augusto de Sousa Barros, Malaquias de Queiroz e Jaime Bezerra Mendes.

Prefeito: Armando Ramos Coelho (1964-1968). **Vereadores:** Polyeuto de Nazaré Batalha, Naíde dos Santos Torres, Afonso Augusto Rodrigues Alves, Hélio Alves da Silva, Onésimo Padilha e Domingos Franco de Amorim. **Suplente:** Astrogildo Gomes de Almeida. **Prefeito:** Manoel Armando da Silva Retto (1969-1973). **Vereadores:** Túlio Azevedo, Domingos Franco de Amorim, Astrogildo Gomes de Almeida, Etevaldo Bezerra Mendes, Afonso Augusto Rodrigues Alves e Hélio Alves da Silva. **Suplentes:** Humberto de Aguiar Queiroz e Roberval de Almeida. **Prefeito:** Afonso Augusto Rodrigues Alves (1973-1977). **Vereadores:** João de Sousa Lima, Etevaldo Bezerra Mendes, Pedro Pereira, Sebastião Rocha de Souza e Floriano Claudionor de Freitas. **Suplente:** Hildebrando Ribeiro. **Vice-prefeito:** Malaquias de Queiroz assume em lugar de Armando Retto, que no momento estava impedido (1977); **prefeito:** Armando da Silva Retto assume (1978-1980).

Vereadores: Roberval de Almeida, que desistiu do mandato; assumiu o vereador Floriano Freitas, Astrogildo Gomes de Almeida, Pedro Pereira, Mercindo Rodrigues de Sousa, Domingos Franco de Amorim, João dos Santos Pessoa, Hélio Alves da Silva, Cláudio Corrêa Azevedo, Francisco Hélio Bezerra Bessa. Uma emenda constitucional prorrogou por mais dois anos os mandatos do prefeito e dos vereadores. **Prefeito:** Francisco Hélio Bezerra Bessa (1983-1988). **Vereadores:** William dos Santos Torres, Luzivaldo Castro dos Santos, Júlio César Pereira Batalha, João Olavo Cabral Cortesão, João Lira de Sousa Filho, Roberto Silveira Alves da Silva, Vivaldo Cabral de Vasconcelos, Moysés Mendonça de Brito e Paulo Ferreira Teixeira. **Suplentes:** Mercindo Rodrigues de Sousa, Afonso Celso Mendes de Sousa, Raimundo Paiva Costa, Odair Boaventura e Lúcio Moraes.

Prefeito: Dr. José Antônio Inácio e **vice-prefeito:** Frontim Pereira Santiago (1989-1992). **Vereadores:** Carlos José Lima Cunha, Francisco das Chagas Oliveira Pinheiro, Edval-


do Gonçalves de Sousa, Danival Rodrigues Nogueira, Delva Maria Motta dos Santos, Jucimar de Oliveira Veloso, Juvenal Corrêa Lopes Filho, Raimunda Monteiro de Medeiros, Vivaldo Cabral de Vasconcelos, Raimundo Nonato Lima Torres e Willian dos Santos Torres. **Prefeito:** Etelvino Celani, **vereadores:** Francisco das Chagas de Oliveira Pinheiro, Juvenal Corrêa Lopes Filho, Jucimar de Oliveira Veloso, Nilo Tavares, Raimunda Monteiro de Medeiros, Edvaldo Gonçalves de Souza, Tertuliano Marreira de Lima, Eduardo Coelho dos Santos, Vivaldo Cabral de Vasconcelos, Afonso Aguilar Bilacrez e Eliézio Moura de Sousa.

Prefeito: Helio Bessa e **vice-prefeito:** Raimundo Mendonça (1997-2000). **Vereadores:** Jackson Antero Moura Corrêa Lima, Lélío Bezerra Bessa, Afonso Aguilar Bilacrez, Delva Maria Motta dos Santos, Sebastião Oliveira Rocha, Juvenal Corrêa Lopes Filho, Carlos José Lima Cunha, Raimunda Monteiro de Medeiros, Eduardo Coelho dos Santos, Manuel Augusto da Silva Retto Neto, Willian dos Santos Torres e Aldemir Torres.

Prefeito: Francisco Hélio Bezerra Bessa e **vice-prefeito:** Vivaldo Cabral de Vasconcelos (2000-2004). **Vereadores:** Carlos José Lima Cunha, Jander Cabral dos Santos, Ivone Mota de Brito Costa, Willian dos Santos Torres, Jaime Mário de Sá Nunes, Roberval Celestino Gomes, José Nazareno Mota Marinho, Luís Alberto Lopes Sevalho, Lélío Bezerra Bessa, Juvenal Corrêa Lopes Filho, Eduardo Coelho dos Santos, Sebastião de Oliveira Rocha, Delva Maria Motta dos Santos, Duarte Sávio Rodrigues Alves de Menezes, Luzivaldo Castro dos Santos.

Prefeito: Sidônio Trindade Gonçalves e **vice-prefeito:** Abel Rodrigues Alves (2005-2008). **Vereadores:** Roberval Celestino Gomes, Francisco Carioca Pinto, João Paulo Rodrigues Nascimento, José Nazareno Mota Marinho, Antônio Sobrinho de Souza, Ivone Mota de Brito Costa, Jackson Antero Moura Corrêa Lima, Edézio de Oliveira Pinho (faleceu logo que tomou posse); substituto José Antônio Ribeiro Araújo; Juvenal Corrêa Lopes Filho e Marcelo de Siqueira Celani.

Prefeito: Sidônio Trindade Gonçalves (2.º mandato) e **vice-prefeita:** Maria do Perpétuo Socorro Melo Leandro, que



teriam mandatos de 2009 a 2012. Foram cassados pelo Tribunal Regional Eleitoral no dia 25/11/10. Novas eleições aconteceram no município para completar o mandato-tampão que ocorreu no dia 26/1/11, sendo eleito como prefeito o empresário Jucimar de Oliveira Veloso (“Papi”) e sua vice Maria Gean Banes Trindade.

Durante a transição do mandato de Sidônio para Papi (25/11/10 até 9/2/11), o presidente da Câmara, vereador Juvenal Corrêa Lopes Filho (“Cacau”), assumiu como prefeito interino e nesse curto período realizou boas ações para o município.

Vereadores: Juvenal Corrêa Lopes Filho (Cacau), Francisco Carioca Pinto, João Paulo Rodrigues Nascimento, José Lino do Nascimento Marinho, José Antônio Ribeiro Araújo, Roberval Celestino Gomes, Arnaldo Nascimento da Silva (“Tapioca”), Tobias de Arimathea Fernandes Leite, José Alfredo de Andrade (Neto Andrade) e Jackson Antero Moura Corrêa Lima, com mandatos até dezembro de 2012.

Prefeito: Antenor Moreira Paz e vice-prefeita Icléia Pessoa Rego. (2013-2016).



Prefeito Antenor e vice-prefeita Icléia

Vereadores: Juvenal Corrêa Lopes Filho (Cacau), professora Érica Marinho, João Paulo Rodrigues Nascimento, José Francisco Rodrigues, José Antônio Ribeiro Araújo, Wilde Celani ("Malba"), Arnaldo Nascimento da Silva (Tapioca), Luriney de Souza Oliveira, José Alfredo de Andrade (Neto Andrade), Dormando Vasconcelos Duarte ("Foca"), Jackson Antero Moura Corrêa Lima, Emanuel Fonseca do Nascimento, Riche-lieu Pires ("Checa"), Francisco José da Cruz e Ivone Mota de Brito Costa, com mandatos até dezembro de 2016.

Vereadores de Tefé de 2013 a 2016



Cacau



Érica



João Paulo



José Francisco



Ribeiro



Milha



Tapioca



Luriney



Neto Andrade



Foca

Luis Sevcenko



Jackson



Fonseca



Checa



Francisco José da Cruz

Rio profunda



Ivone

Algumas Datas Históricas de Tefé

24 de janeiro de 1936 – Instalação oficial e posse da 1.^a Câmara de Vereadores. É bom lembrar que os primeiros vereadores de Tefé foram eleitos no dia 15 de novembro de 1935.

2 de fevereiro de 1898 – Criação da 1.^a escola dos espíritanos (escola técnica), conhecida como Asilo Orfanológico de Educandos, Artífices e Lavradores da Boca de Tefé, na Missão.

3 de fevereiro de 1951 – A Prefeitura Apostólica transformou-se em Prelazia de Tefé, ato do papa Pio XII.

12 de fevereiro de 1944 – Criação da Escola Estadual Eduardo Ribeiro. A denominação oficial aconteceu em 24 de março de 1980 pelo Decreto n.º 4.870/80.

15 de fevereiro de 1999 – Falecimento do padre tefeense Manuel de Lima Cauper (pe. Cauper), autor da “Canção e do Hino de Tefé”.

17 de fevereiro de 1987 – Data de funcionamento do Centro Educacional Governador Gilberto Mestrinho. A regulamentação aconteceu pelo Decreto n.º 10.248/87, de 15 de maio de 1987.

26 de fevereiro de 1994 – Inauguração da Escola Municipal Prof. Helyon de Oliveira – prefeito Téo Celani.

1.º de março de 2001 – Início das atividades escolares da UEA em Tefé, com 378 alunos aprovados no 1.º vestibular que funcionou no Centro Madre Ofélia de Jesus. As aulas só iniciaram a partir do dia 8 de agosto de 2001. A inauguração oficial da sede própria do Cest aconteceu no dia 17 de julho de 2004.

2 de março de 1985 – Inauguração da Escola Estadual Eduardo Sá, oficializada pelo Decreto n.º 8.846/85, de 23 de agosto de 1985. Em 2003, ficou

em 3.º lugar no Programa de Excelência na Gestão Escolar do Amazonas.

2 de março de 1985 – Inauguração da Escola Estadual Alcijara Gadelha de Queiroz pelo Decreto n.º 8.846/85, de 23 de agosto de 1985.

8 de março de 1831 – Inauguração da 1.ª Capela de São Miguel que se transformou em hospital e hoje é Pronto-Socorro São Miguel.

9 de março de 1971 – Denominação do Grupo Escolar Getúlio Vargas, no bairro do Abial. Decreto n.º 2.064/71. Sua fundação data de 1949 pela prefeitura com o nome de Escola Rural. O Decreto n.º 4.870/80 oficializou esta escola com o nome de Escola de 1.º Grau Getúlio Vargas.

9 de março de 1990 – Criação da Estação Ecológica Mamirauá em Tefé-AM, hoje Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá, com sede em Tefé.

10 de março de 1900 – Realizada a 1.ª sessão solene pela criação da Intendência de Tefé (Câmara). Seu primeiro presidente foi Jesus Lino Gonçalves de Souza.

11 de março de 1991 – Regularização oficial da Escola Estadual Amélia Lima na vila do Caiambé pelo Decreto n.º 13.769/91, de 11 de março de 1991. Seu funcionamento data de 1987 quando foi fundada pelo proprietário do Caiambé, Rossini Lima.

19 de março de 1971 – Criação da Unidade Educacional de Tefé, órgão ligado à Seduc.

20 de março de 1752 – Falecimento do padre austríaco Samuel Fritz, que trabalhava para a Espanha, fundador de várias aldeias que se transformaram em vilas, contribuindo para a formação de Tefé – era chamado “o apóstolo do Amazonas”.

22 de março de 1994 – Criação da Escola Estadual Armando de Souza Mendes, popular “GM3”, sob Decreto n.º 15.874/94. Oficialmente inaugurada em 20 de setembro de 1994.

23 de março de 1970 – Inauguração da Camtel que virou Telemar, Oi etc.

24 de março de 1980 – Denominação oficial da Escola Estadual São José. Fundada pelos padres espiritanos em 1921, tendo monsenhor Miguel Alfredo Barrat à frente e chamava-se Externato São José.

29 e 30 de março de 2001 – Tefé sediou o 1.º Seminário do Milênio sobre a Redivisão Territorial do Amazonas. Vários representantes políticos (vereadores, prefeitos, exceto o de Tefé, Hélio Bessa) participaram do evento representando as calhas dos rios Juruá, Solimões e Japurá. O evento foi organizado pela Câmara Municipal de Tefé no “GM3”.

2 de abril de 2002 – Data inaugural do Centro Municipal de Aplicação em Educação Walter Cabral – prefeito Hélio Bessa e vice-prefeito Vivaldo Cabral de Vasconcelos.

4 de abril de 2005 – Falecimento do artista plástico Delson Júnior.

24 de abril de 1932 – Fundação da Sociedade de São Vicente de Paula que funcionava como hospital.

26 de abril de 1951 – D. Joaquim de Lange assume o cargo de 1.º bispo prelado de Tefé.

30 de abril a 2 de maio de 1993 – Realização da 1.ª Festa da Castanha – prefeito Téo Celani.

29, 30 de abril e 1.º de maio de 1994 – II Festa da Castanha – prefeito Téo Celani.

28, 29 e 30 de abril de 1995 – III Festa da Castanha – prefeito Téo Celani.

3, 4 e 5 de maio de 1996 – IV Festa da Castanha – prefeito Téo Celani.

16 de maio de 2007 – Foi preso em sela comum por improbidade administrativa o ex-prefeito de Tefé, Hélio Bessa, na Penitenciária Raimundo Vidal Pessoa.

24 de maio de 1978 – Criação do Escudo de Tefé pelo Decreto n.º 17/78 – prefeito Manuel Armando da Silva Retto.

28 de maio de 2005 – Falecimento do professor e vereador Edézio Oliveira de Pinho.

4 de junho de 1999 – Data histórica pela ocasião da passagem da comitiva do presidente da República, na época, Fernando Henrique Cardoso, que visitou Tefé, passando em carreta do aeroporto até ao porto da cidade com destino ao Instituto Mamirauá, ficando lá por toda aquela noite.



Seminário São José – Tefé – inaugurado no dia 15 de junho de 1919. Foi neste seminário que Amazonino Mendes estudou e adquiriu amplos conhecimentos educacionais.

6 a 10 de junho de 1955 – Realização do 1.º Congresso Eucarístico de Tefé, pela Prelazia de Tefé.

9 de junho de 1995 – Falecimento do poeta popular José Bezerra.

12 de junho de 1925 – Chegada das irmãs franciscanas missionárias de Maria, pioneiras na educação do município.

12 de junho de 1926 – Fundação da 1.^a escola tefeense Santa Teresa pelas irmãs franciscanas missionárias de Maria em homenagem à padroeira de Tefé, Santa Teresa D'Ávila.

13 de junho de 1969 – Implantação do Campus Avançados da Universidade Federal de Juiz de Fora.

13 de junho de 1972 – Criação da Bandeira de Tefé, pela Lei n.º 14/72 – prefeito Armando Retto.

15 de junho de 1855 – Aniversário de Tefé, Lei Imperial n.º 44/1855. Obs.: Segundo o escritor tefeense Augusto Cabrolié, a Lei 44 dava a Tefé o título de cidade com o nome de “Cidade Nova de Teresina”. A emenda de mudança do nome foi do deputado João da Cunha Corrêa conferindo-lhe em seguida o nome de Tefé.

15 de junho de 1919 – Inauguração do Seminário São José.

15, 16, 17 e 18 de junho de 2005 – VIII Festa da Castanha – prefeito Sidônio Trindade Gonçalves e vice Abel Alves.

23 de junho de 1901 – Fundação da Maçonaria com o nome de Loja Maçônica Sá Peixoto.

24 de junho de 1995 – Fundação da Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais – Apae de Tefé.

25, 26 e 27 de junho de 1999 – Realização do 1.º Festival Folclórico Popular de Tefé, organizado por uma liga provisória dos cordões independentes de Tefé – Local Scorpions Club.

30 de junho de 1916 – Criação do Apostolado da Oração da Igreja Católica.

2 de julho de 1995 – Fundação da União Municipal das Entidades Comunitárias de Tefé – Umec, congregava várias associações de bairros.

8 de julho de 1992 – Instalação da 16.^a Brigada de Infantaria de Selva, tendo como primeiro comandante o general de brigada Geraldo Luiz Nery da Silva.

15 de julho de 2002 – Cassação do prefeito Francisco Hélio Bezerra Bessa por improbidade administrativa. Em média dez mil pessoas concentraram-se na frente da Câmara Municipal de Tefé para assistir a deposição do prefeito. A Câmara precisava de dez votos válidos e o décimo voto decisivo (voto aberto) foi do vereador Luís Sevalho. Mesmo cassado, o prefeito deu continuidade no mandato por meio de liminar expedida pelo Tribunal de Justiça do Amazonas (TJ-AM).

17 de julho de 2004 – Inauguração do Hospital Regional de Tefé (vulgo Hospital da Mulher). Também foi inaugurado o Hospital Materno-Infantil no bairro do Abial com a presença do governador do Estado na época, Eduardo Braga.

19 de julho de 1928 – Fundação do Humaitá Atlético Clube, na rua Olavo Bilac. Funcionava para a alta sociedade.

22 de julho de 2000 – Fundação da Associação dos Artesãos de Tefé.

25 de julho de 1926 – Inauguração do 1.^o hospital de Tefé, chamado Hospital da Misericórdia, funcionava na rua Getúlio Vargas.

25 de julho de 1989 – Falecimento do irmão Falco – morreu no Dia do Trabalhador Rural.

27 de julho de 1988 – O presidente do Brasil José Sarney visitou a Base Petrolífera do Urucu, fazendo escala em Tefé, foi recepcionado pela população na antiga escola agrotécnica, atual 16.^a Brigada de Infantaria de Selva.

27 de julho de 1897 – Chegada dos padres espiritanos no município de Tefé.

9 de agosto de 1998 – Foi ordenado Sérgio Eduardo Castriani como bispo coadjutor de d. Mário Clemente Neto, na Prelazia de Tefé.

10 de agosto de 1998 – Falecimento do padre Paulo Verweijen – ele foi vigário da Paróquia da Missão e de Tefé, fundou juntamente com dom Joaquim de Lange a Rádio Educação Rural de Tefé.

20 de agosto de 1942 – Instalação da 1.ª Agência do IBGE.

23 de agosto de 1985 – Criação da Escola Estadual Corinto Borges Façanha pelo Decreto n.º 80.846/85, de 23 de agosto de 1985. Anteriormente funcionava como anexo da Escola São José.

29 de agosto de 1950 – Falecimento de monsenhor Miguel Alfredo Barrat.

2 de setembro de 1977 – Fundação do Bradesco em Tefé.

12, 13 e 14 de setembro de 1997 – V Festa da Castanha – prefeito Hélio Bessa.

23 de setembro de 1833 – Aportou em Tefé o 1.º navio-gaiola “Marajó”, de navegação a vapor.

24 de setembro de 1936 – Tomou posse na Câmara o prefeito Cleto Marques Praia.

28 de setembro de 1953 – O prefeito Cleto Praia assina a Lei n.º 102, tornando o dia 15 de outubro feriado municipal, em homenagem ao dia da padroeira de Tefé, Santa Teresa D’Ávila.

4 de outubro de 1926 – Fundação da Pia União das Filhas de Maria.

12 de outubro de 1977 – Inauguração da Escola Estadual Isidoro Gonçalves de Souza, Decreto n.º 4.870/80. Em 2003, alcançou o 2.º lugar no Programa de Excelência na Gestão Exemplar do Amazonas.

15 de outubro de 1718 – Instalação da Missão de Santa Teresa D’Ávila dos Tupebas por frei André da Costa, fazendo surgir a Tefé atual. O **Pelourinho**

foi erguido entre a praia da Ponta Branca e o igarapé do Xidaranim.

15 de outubro de 1922 – Dia de Santa Teresa D'Ávila – padroeira de Tefé.

19 de outubro de 1968 – Data inaugural da Escola Distrital Antídio Borges Façanha. De 1975 a 1980, recebeu o nome de Cristóvão Colombo Lisboa, funcionando como anexo da Escola Isidoro Gonçalves de Souza. Em 1987, voltou novamente o nome para Antídio Façanha e pelo Decreto n.º 12.137/89, de 21 de junho de 1989, passou a ter a denominação oficial de Escola Estadual Antídio Borges Façanha. Em 2003, a escola ganhou o título de 1.º lugar no Programa de Excelência na Gestão Exemplar do Amazonas.

19 de outubro de 1980 – Dom Mário Clemente Neto, sagrado bispo em Itaúna-SP e assume em Tefé no dia 15 de dezembro de 1982.

23 de outubro de 1996 – Dia do Mototáxi. A comemoração acontece na data de fundação do Sindicato de Mototáxi de Tefé – Sindmot.

14 de novembro de 1987 – Fundação da primeira Associação de Moradores do Mairro de Olaria – Ambo. Funcionou muito bem e ajudou a organizar os outros bairros.

16 de novembro de 1983 – Oficialização do Hino de Tefé pela Lei n.º 028/83, de 16 de novembro de 1983 – prefeito Hélio Bessa.

30 de novembro de 2003 – Falecimento de Gelson Rodrigues – locutor da Rádio Rural e repórter da Rede Vida e Rede Amazônica de Televisão.

15 de dezembro de 1963 – Funcionou em teste a Rádio Educação Rural de Tefé. Os serviços radiofônicos eram transmitidos de uma sala que ficava no Seminário Espírito Santo, até sua trans-

ferência para o prédio atual, na praça da Igreja matriz católica.

21 de dezembro de 1981 – Denominação oficial da Escola Estadual Frei André da Costa. Decreto n.º 6.047/81, de 21 de dezembro de 1981. A fundação dessa escola data de 1948 pelas irmãs franciscanas missionárias de Maria com o nome de Escola Rural Santa Teresa.

21 de dezembro de 1981 – Criação da Escola Estadual Maria Mercês pelo Decreto n.º 6.047/81, de 21 de dezembro de 1981. Sua organização data de 1972 e funcionava como anexo da Escola Santa Teresa.

21 de dezembro de 1981 – Criação do Centro Interescolar Madre Ofélia de Jesus.

24 de dezembro de 1935 – Diplomação da primeira Câmara de Vereadores de Tefé. A instalação oficial e posse só aconteceram no dia 24 de janeiro de 1936.

29 de dezembro de 2004 – Fundação da Academia de Letras, Ciências e Artes de Tefé – Alcat. O Estatuto foi aprovado no dia 19 de janeiro de 2005. A posse da primeira diretoria aconteceu no dia 26 de janeiro de 2005, biênio de 2005 a 2007.

Síntese das Leis de Tefé de 1936 a 2009

Por conta das longas datas, algumas das leis de Tefé já ficaram ultrapassadas. Muitas sofreram emendas ganhando novas redações, enquanto outras nem foram postas em prática, ficando no anonimato. No entanto, a maioria delas permaneceu atualizadas que, juntando-se com as mais recentes, encontram-se em pleno vigor moralizando o município. Vejamos:

Lei n.º 10, de 9/5/36: Promulga o Regimento Interno da Câmara Municipal. Lei n.º 12, de 5/11/36: Supre as verbas para eventuais pagamentos em 2.048\$600 (Dois contos, quarenta e oito mil e seiscentos réis). Lei n.º 13, de 6/11/36: Supre as verbas agenciais fiscais. Lei n.º 15, de 9/11/36: Cria o lugar do coveiro do cemitério. Lei n.º 16, de 10/11/39: Aprova o novo Código de Posturas. Lei n.º 102, de 28/9/53: Decreta feriado municipal o dia 15 de outubro, dia de Santa Teresa D'Ávila, padroeira de Tefé. Lei n.º 155, de 17/5/55: Dispõe sobre a doação de um terreno para o Instituto Agrônômico do Norte, atual Vila Naval. Lei n.º 227, de 29/12/56: Autoriza o Poder Executivo a ceder um prédio público ao Ministério da Aeronáutica. Lei n.º 247, de 6/11/57: Dá nova redação ao artigo 1.º da Lei n.º 227, de 29/12/56. Lei n.º 373, de 27/12/63: Autoriza o Poder Executivo a isentar tributos do Banco do Brasil S/A. Lei n.º 398, de 21/5/65: Desapropria por utilidade pública os termos aforados que margeiam a estrada de Tefé – Curupira, até no Aeroporto. Lei n.º 471, de 22/4/68: Dispõe sobre a concessão de títulos definitivos a posseiros de terra do patrimônio municipal.

Lei n.º 488, de 24/9/68: Dispõe da doação de um terreno do patrimônio municipal para a construção da Agência dos Correios de Tefé. Lei n.º 492, de 12/11/68: revoga as Leis n.º 349, de 25/10/61, e a Lei n.º 468. Lei n.º 500, de 16/5/69: Concede licença para a prefeitura firmar convênios. Lei n.º 502, de 17/6/69: Concede uma área de terras do patrimônio municipal à Companhia de Habitação do Amazonas. Lei n.º 510, de 26/6/71: Revoga as Leis n.º 330, de 29/12/60, e a Lei n.º 344, de 30/6/61, voltando o lote de terras do antigo Sesp ao patrimônio

municipal. Lei n.º 512, de março de 72: Dispõe sobre a nova estrutura organizacional. Lei n.º 517, de 12/11/72: Dispõe sobre autorização para o prefeito utilizar por empréstimo ao serviço rodoviário para pagamento dos serviços prestados. Lei n.º 521, de 3/9/73: Doar ao Ministério da Aeronáutica uma área de terra do patrimônio municipal. Lei n.º 522, de 16/10/73: Doar à Universidade Federal de Juiz de Fora uma área de terra do patrimônio municipal.

Lei n.º 523, de 18/10/73: Autoriza o Poder Executivo comprar maquinário para o município. Lei n.º 524, de 29/10/73: Doar ao Banco do Brasil um terreno do seu patrimônio. Lei n.º 525, de 29/10/73: Doar à Celetramazon um terreno do seu patrimônio municipal. Lei n.º 526, de 26/12/73: Doar à Secretaria de Educação uma área de terra do patrimônio municipal. Lei n.º 527, de 30/1/74: Revoga a Lei n.º 502, de 17/6/69. Lei n.º 528, de 29/1/74: Doar à Secretaria de Educação e Cultura uma área de terra. Lei n.º 529, de 30/1/74: Doar à Empresa Reinaldo Teixeira uma área de terra. Lei n.º 530, de 18/4/74: Desapropriar e fazer permultas dos terrenos próximos a “Praça Ana Coelho”. Lei n.º 532, de 18/4/74. Doar uma área de seu patrimônio à Secretaria de Educação e Cultura.

Lei n.º 533, de 3/5/74: Desapropriar os escombros de uma casa de propriedade do “Grêmio Esportivo de Tefé”. Lei n.º 534, de 2/8/74. Outorga concessão à Companhia de Saneamento do Amazonas (Cosama). Lei n.º 334, de 10/5/74: Doar à Liga Esportiva de Tefé uma área de terras do patrimônio. Lei n.º 537, de 23/5/75: Dispõe sobre a doação de uma área de terra do patrimônio à Associação Atlética Banco do Brasil. Lei n.º 539, de 29/10/75: Dá nova redação ao artigo 1.º da Lei n.º 522, de 16/10/73. Lei n.º 540, de 13/11/75: Revoga a Lei n.º 533, de maio de 1974. Lei n.º 541, de 13/11/75: Autoriza o Poder Executivo comprar uma câmara frigorífica. Lei n.º 542, de 15/3/76: Concede o título de “Cidadão Benemérito de Tefé” ao ministro Henok Reis. Lei n.º 543, de 15/3/76: Concede o título de “Cidadão Benemérito de Tefé” ao Sr. José Fernandes de Oliveira. Lei n.º 544, de 15/3/76: Concede o título de “Cidadão Benemérito ao Fulano de Tal”.

Lei n.º 545, de 15/3/76: Concede o título de “Cidadão de Tefé” a Hiram de Lima Caminha. Lei n.º 547, de 31/5/76: Autoriza o prefeito a firmar convênio com o Departamento de Estrada e Rodagem. Lei n.º 548, de 31/5/76: Autoriza o prefeito firmar contrato com os inquilinos do mercado público. Lei n.º 549, de 31/5/76: Dispõe sobre a revogação da Lei n.º 499, de 11/10/68. Lei n.º 550, de 27/10/76: Desapropriar para fins de utilidade pública, 2 casas e 1 terreno. Lei n.º 551, de 27/10/76: Fica o Poder Executivo autorizado a vender mediante escritura pública da compra e venda de um terreno do patrimônio. Lei n.º 552, de 9/11/76: Fixa o número de nove (9) cadeiras de vereadores à Câmara Municipal. Lei n.º 554, de 29/11/76: Dá nova redação ao art. 1.º da Lei n.º 539, de 29/10/75. Lei n.º 555, de 29/11/76: Dispõe sobre a doação de uma área de terras ao Governo do Estado do Amazonas. Lei n.º 556, de 29/11/76: Desapropriar e indenizar propriedades antigas pelo serviço viário da cidade. Lei n.º 557, de 5/4/77: Aprova a prestação de contas do exercício financeiro de 1972. Lei n.º 558, de 4/4/77: Prorroga por mais de 30 dias a licença do prefeito municipal de Tefé. Lei n.º 559, de 13/4/77: Dá a denominação ao grupo escolar construído no bairro do Juruá, de nome Professor Isidoro Gonçalves de Souza. Lei n.º 560, de 13/4/77: Dispõe sobre a disposição de terras da Sr.ª Lourdes Cavalier Leite, situadas às margens do igarapé Xidarini, atual Igreja Católica do Santo Antônio.

Lei n.º 563, de 28/4/77: Autoriza o Poder Executivo a firmar a compra de uma casa na vila do Uarini, no valor de Cr\$ 10.000,00 (dez mil cruzeiros) para sede da Subprefeitura, e dá outras providências. Lei n.º 564, de 15/7/77: Dispõe sobre a doação de terras pertencentes ao patrimônio municipal. Lei n.º 565, de 29/7/77: Trata sobre a disponibilidade do prédio e terreno do Grupo Escolar Cristóvão Colombo, no bairro do Juruá ao Plano de Integração do Menor na Comunidade (Plimec), e dá outras providências. Lei n.º 566, de 29/7/77: Dispõe em considerar de utilidade pública a Cooperativa Agrícola Mista de Tefé Ltda. Lei n.º 567, de 9/8/77: Autoriza o Poder Executivo a assinar convênio com o Instituto Brasileiro de Desenvolvi-

mento Florestal (IBDF). Lei n.º 568, de 6/10/77: Trata da desapropriação das terras de Napoleão Pinheiro e Maria Nelcilina Pinheiro, por interesse social do município (atual bairro de Santa Luzia).

Lei n.º 569, de 7/10/77: Dispõe sobre a doação de terras pertencentes ao patrimônio municipal, e dá outras providências. Lei n.º 570, de 15/10/77: Dispõe sobre a doação de terras pertencentes ao patrimônio municipal. Lei n.º 572, de 25/11/77: Dispõe sobre a doação de um terreno ao Governo do Estado do Amazonas, para a construção do Quartel de Polícia Militar do Amazonas. Lei n.º 573, de 14/12/77: Dispõe sobre a doação de um terreno ao Governo do Estado do Amazonas ou da União, para a construção de grupos escolares, nas localidades do Abial, Nogueira e Alvarães. Lei n.º 574, de 15/12/77: Autoriza o prefeito municipal de Tefé a firmar contratos e celebrar convênios com a Superintendência de Desenvolvimento da Amazônia (Sudam). Lei n.º 578, de 15/12/77: autoriza o prefeito municipal de Tefé a firmar contratos e celebrar convênios com o Governo do Estado do Amazonas. Lei n.º 582, de 12/1/78: autoriza o prefeito a contratar operações de crédito com o Banco do Estado do Amazonas S/A. (BEA). Lei n.º 583, de 12/1/78: Dispõe sobre a doação de terras pertencentes ao patrimônio municipal, e dá outras providências. Lei n.º 589, de 30/5/78: Revoga a Lei n.º 573, de 12 de dezembro de 1978, e dá outras providências. Lei n.º 590, de 30/5/78: Autoriza o prefeito municipal a firmar convênio com a Secretaria do Estado de Segurança Pública do Amazonas para a instalação de posto de expedição de carteiras de identidade. Lei n.º 593, de 6/7/78: Trata da desapropriação das terras de Maria Nelcilina Pinheiro e de Napoleão de Souza Pinheiro. Lei n.º 594, de 6/7/78: Dispõe sobre a denominação da “Biblioteca Municipal Ormando Sobreira de Sampaio” e autoriza o prefeito a firmar convênio com o Instituto Nacional do Livro. Lei n.º 595, de 6/7/78: Dispõe sobre critérios para a concessão de diárias, e dá outras providências. Lei n.º 596, de 28/7/78: Cria o Museu Municipal de Cultura e Arte do município de Tefé; denomina-o de “César

Ituassú”, e dá outras providências. Lei n.º 597, de 28/7/78: Reajusta os vencimentos dos funcionários da prefeitura municipal.

Lei n.º 598, de 16/10/78: Dá nova redação à Lei Municipal n.º 471, de 22 de abril de 1968, que dispõe sobre a concessão de títulos definitivos a posseiros de terras do patrimônio municipal. Lei n.º 599, de 19/10/78: Dispõe sobre a doação de um lote de terras à Câmara Municipal pelo Poder Executivo Municipal. Lei n.º 601, de 30/10/78: Institui o Órgão Municipal de Educação do Município de Tefé.

Lei n.º 602, de 7/12/78: Dá nova redação ao Código Tributário Municipal, Lei n.º 447, de 3/5/67, modificada pela Lei n.º 513, de 20/4/72. Lei n.º 620, de 6/6/79: Autoriza o Poder Executivo Municipal a doar um lote de terras do patrimônio municipal à Companhia Brasileira de Alimentos – Cobal. Lei n.º 628, de 8/10/79: Modifica a Lei n.º 551, de 27/10/76, e dá outras providências. Lei n.º 630, de 23/11/79: Autoriza o Poder Executivo a denominar o prédio da prefeitura municipal de “Palácio das Bertholletias” e o cemitério municipal de “Catedral da Saudade”, e dá outras providências. Lei n.º 632, de 27/11/79: Concede poderes especiais ao prefeito municipal a exigir das entidades, órgãos e autarquias que recebem isenções de impostos e incentivos, relatório trimestral circunstanciado de suas atividades, e dá outras providências.

Lei n.º 636, de 28/12/79: Autoriza o Poder Executivo Municipal a doar terras do patrimônio municipal, no perímetro urbano, à Companhia Brasileira de Armazenamento – Cibrazem, dá outras providências.

Lei n.º 637, de 7/1/80: Cria a Escola Teatral do Município de Tefé, e dá outras providências. Lei n.º 639, de 19/3/80: Cria as bibliotecas públicas das vilas de Alvarães e Uarini, e dá outras providências. Lei n.º 640, de 17/4/80: Institui as zonas urbanas, em expansão urbana e urbanizável da sede municipal, e dá outras providências. Lei n.º 641, de 24/4/80: Abre crédito especial de Cr\$ 160.000,00 (cento e sessenta mil cruzeiros) alocados em recursos próprios para a indenização de um lote de terras de Maria Nelcilina Pinheiro e de Napoleão de Souza Pinheiro, pagáveis em cinco parcelas. Lei n.º 642, de

28/4/80: Revoga as Leis n.º 593, de 6/6/78, e 640, de 24/4/80, e dá outras providências. Lei n.º 643, de 28/4/80: Autoriza o Poder Executivo Municipal a abrir crédito especial de Cr\$ 160.000,00 (cento e sessenta mil cruzeiros), e dá outras providências. Lei n.º 644, de 28/4/80: Autoriza o Poder Executivo a doar um lote de terras do patrimônio municipal para a TV Ajuricaba (TV Amazonas de Televisão).

Lei n.º 645, de 28/4/80: Revoga a Lei n.º 570, de 15/10/77, e da outras providências. Lei n.º 646, de 28/4/80: Autoriza o Poder Executivo Municipal a adquirir por compra e venda, para o município, as terras de Maria Nelcilina Pinheiro e de Napoleão de Souza Pinheiro, e dá outras providências. Lei n.º 647, de 30/4/80: Dispõe sobre autorização de crédito adicional especial, e dá outras providências.

Lei n.º 648, de 12/5/80: Concede poderes especiais ao prefeito municipal de Tefé para firmar contratos e assinar convênios com a Superintendência de Desenvolvimento da Amazônia – Sudam. Lei n.º 650, de 13/5/80: Dá nova redação à Lei n.º 618, de 6/6/79, e dá outras providências. Lei n.º 653, de 27/6/80: Cria no orçamento vigente o programa de atividades e ampliação da Biblioteca Municipal e a respectiva dotação no valor de Cr\$ 600.000,00 (seiscentos mil cruzeiros), e dá outras providências. Lei n.º 656, de 27/6/80: Dispõe sobre crédito suplementar adicional no orçamento, programa vigente de transferência no valor de Cr\$ 200.000,00 (duzentos mil cruzeiros), e dá outras providências. Lei n.º 657, de 24/7/80: Institui a Comissão Municipal de Preços de Artigos de Produção Regional, e dá outras providências.

Lei n.º 659, de 28/6/80: Cria no orçamento programa vigente o Projeto Atividade, início de construção do Centro Literário Recreativo Municipal. Lei n.º 660, de 8/9/80: Autoriza o prefeito municipal a doar um lote de terras à Junta Comercial do Estado Amazonas – Jucea, e dá outras providências.



Praça da Igreja matriz de Tefé – 2005

Lei n.º 661, de 8/9/80: Autoriza o prefeito municipal de Tefé a alugar a câmara frigorífica do município que se acha alocada no mercado municipal à firma R. C. Vasconcelos e Cia. Ltda., com sede nesta cidade de Tefé, e dá outras providências. Lei n.º 662, de 3/9/80: Autoriza o prefeito municipal de Tefé a denominar o salão do Executivo de “Abílio Nery”, o do Legislativo de “César Ituassú” e o salão de honra de “Cleto Marques Praia”, respectivamente, e dá outras providências. Lei n.º 663, de 11/9/80: Autoriza o Poder Executivo Municipal de Tefé a desapropriar dois lotes de terras, por interesse público, e dá outras providências. Lei n.º 664, de 23/9/80: Autoriza o prefeito municipal a denominar as salas do setor de merenda escolar de “Coronel Atilio Nery”, a sala da Biblioteca Municipal de “Dr. Daniel Sevalho” e a Junta do Serviço Militar de “Malaquias de Queiroz”, e dá outras providências.

Lei n.º 665, de 23/9/80: Torna de utilidade pública o “Dom Bosco Esporte Clube” do bairro Abial, e dá outras providências. Lei n.º 666, de 3/11/80: Abre no orçamento vigente crédito adicional suplementar no valor de Cr\$ 6.817.924,85 (seis milhões oitocentos e dezessete mil novecentos e vinte e quatro cruzeiros e oitenta e cinco centavos), e dá outras providências. Lei n.º 668, de 20/11/80: Concede título de cidadão benemé-

rito para pe. Quintino, irmã Adamir Bamberg, pe. Martinho, irmã Adonay (Ruth Pollyt) e pe. Paulo. Lei n.º 669, de 28/11/80: Modifica a redação da Lei Municipal n.º 580, de 14/12/77, que autoriza o prefeito municipal a abrir crédito especial da ordem de Cr\$ 22.466,38 (vinte e dois mil quatrocentos e sessenta e seis cruzeiros e trinta e oito centavos), para desapropriar o campo do Humaitá para a construção da quadra de esportes. Lei n.º 670, de 13/1/81: Concede título de cidadão benemérito a José Luciano Rodrigues Alves. Lei n.º 671, de 14/1/81: Concede título de cidadão benemérito a Lourival Martiniano de Araújo. Lei n.º 672, de 2/1/81: Desapropria um lote de terras por utilidade pública. Lei n.º 673, de 4/2/81: Reajusta os vencimentos dos funcionários. Lei n.º 674, de 6/3/81: Firma convênio com a Secretaria de Educação e Cultura. Lei n.º 675, de 9/3/81: Torna de utilidade pública o Sindicato Rural.

Lei n.º 676, de 9/03/81: Concede isenção de imposto ao Sindicato Rural. Lei n.º 677, de 23/9/81: Torna de utilidade pública o Sindicato dos Trabalhadores Rurais. Lei n.º 678, de 23/3/81: Concede isenção de impostos ao Sindicato dos Trabalhadores. Lei n.º 679, de 1.º/4/81: Concede isenção de taxas e custos e a expedição de títulos definitivos à Sociedade das Obras Sociais e Educacionais da Paróquia de Tefé. Lei n.º 682, de 14/4/81: Firma convênios para a melhoria do ensino de 1.º e 2.º graus na zona rural. Lei n.º 685, de 12/5/81: Concede título de cidadão benemérito a Danilo de Mattos Areosa. Lei n.º 686, de 12/5/81: Dá nova redação à Lei n.º 611, de 29/5/79. Lei n.º 689, de 15/7/81: Concede título honorífico ao padre Meneval de Andrade. Lei n.º 690, de 7/8/81: Concede o título de cidadãos aos professores da Universidade Federal de Juiz de Fora. Lei n.º 691, de 7/8/81: Doar um lote de terras da vila de Alvarães ao Ministério de Educação. Lei n.º 692, de 10/8/81: Conceder título definitivo de um lote de terras à Sociedade de Estudos Bíblicos. Lei n.º 693, de 1.º/9/81: Dispõe sobre a contagem recíproca de tempo de serviço público. Lei n.º 694, de 5/10/81: Modifica dispositivos da Lei n.º 628, de 8/10/79.

Lei n.º 695, de 5/10/81: Concede título de cidadão ao brigadeiro Protásio Lopes de Oliveira. Lei n.º 696, de 5/10/81: De-

nomina a praça em frente ao aeroporto de Tefé de “Brigadeiro Eduardo Gomes”. Lei n.º 697, de 19/10/81: Autoriza doar lotes de terras para as comunidades. Lei n.º 698, de 27/10/81: Concede título de cidadão ao Dr. Aldo Gomes da Costa. Lei n.º 699, de 26/10/81: Reajusta o vencimento dos funcionários. Lei n.º 703, de 23/11/81: Denomina logradouros públicos municipais. Lei n.º 705, de 26/11/81: Revoga a Lei n.º 401, de 2/8/66 que cria o Matadouro Municipal, local onde funciona atualmente a Associação de Moradores do Bairro de Olaria (Ambo). Lei n.º 706, de 26/11/81: Autoriza o Poder Executivo Municipal a firmar convênio com a Seduc para construção de uma escola.

Lei n.º 707, de 26/11/81: Autoriza o Poder Executivo a doar um lote de terras do patrimônio municipal. Lei n.º 708, de 11/2/82: autoriza o prefeito a firmar convênios com o Estado do Amazonas.

Lei n.º 709, de 28/2/82: Isenta a Empresa Brasileira de Radiodifusão de pagar impostos. Lei n.º 710, de 5/3/82: Reajusta os vencimentos dos funcionários. Lei n.º 711, de 11/3/82: Autoriza o Poder Executivo a firmar convênio para a organização de um consórcio. Lei n.º 712, de 16/3/82: Modifica dispositivo da Lei n.º 607, de 10/4/79, que doa um lote de terras à Igreja Cristã Evangélica.

Lei n.º 713, de 2/4/82: Autoriza o prefeito a firmar convênios com secretarias. Lei n.º 714, de 14/4/82: Dá nova redação à Lei n.º 707, de 26/11/81, que autoriza a doação de terras à Fundação do Serviço Especial de Saúde Pública (Fsesp). Lei n.º 715, de 15/4/82: Autoriza o prefeito a doar um motor de luz à comunidade de Nogueira. Lei n.º 716, de 30/4/82: Autoriza o Poder Executivo a criar a Empresa Municipal para Fomento e Cultura da Borracha, Cacau e Dendê. Lei n.º 718, de 27/7/82: Autoriza o prefeito a firmar convênio com o governo para pagamento dos professores rurais. Lei n.º 719, 1.º/9/82: Modifica a Lei n.º 596, de 28/7/81. Lei n.º 720, de 21/9/82: Autoriza o prefeito a firmar convênio para a construção de uma escola.

Lei n.º 722, de 24/9/82: Reajusta os vencimentos do funcionalismo público. Lei n.º 724, de 19/10/82: Autoriza o prefeito a firmar convênio com a Secretaria de Educação para a re-

cuperação da Escola São José. Lei n.º 725, de 27/10/82: Doa por escritura pública uma casa do patrimônio municipal ao Clube de Mães Nossa Senhora do Perpétuo Socorro. Lei n.º 726, de 20/10/82: Firma contrato com os inquilinos do Mercado Municipal. Lei n.º 727, de 20/10/82: Concede título definitivo a pessoas de baixa renda.

Lei n.º 728, de 27/10/82: Doa por escritura pública uma casa do patrimônio municipal ao Clube de Mães Nossa Senhora do Perpétuo Socorro. Lei n.º 730, de 28/11/82: Institui pensão vitalícia ao ex-prefeito do município de Tefé. Lei n.º 10, de 4/4/83: Dispõe sobre a criação de cargos de pavimento lotatório no enquadramento de servidores. Lei n.º 32, de 1.º/12/83: Dá nova redação aos artigos 1.º e 2.º da Lei n.º 471, de 22/4/68, que dá título definitivo a posseiros. Lei n.º 34, de 8/3/84: Autoriza a permuta de imóvel pertencente ao patrimônio público. Lei n.º 41, de 25/5/84: Altera o artigo 1.º da Lei n.º 34, de 8/3/84. Lei n.º 52, de 26/9/84: Denomina a estrada que dá acesso ao aeroporto de “Estrada dos Expedicionários”. Lei n.º 70, de 10/10/84: Altera a redação do artigo 5.º da Lei n.º 30, de 25/11/83. Lei n.º 09, de 20/12/85: O peixe só poderá ser comercializado no Mercado Municipal por pescadores associados à Colônia de Pescadores. Lei n.º 90, de 4/12/85: Disciplina a captura de peixe no lago de Tefé e seus afluentes. Lei n.º 113, de 7/3/1986: Autoriza o Poder Executivo a contrair empréstimos com a Caixa Econômica Federal. Lei n.º 119, de 7/3/1986: Ficam reajustados em 100% (cem por cento) os vencimentos dos funcionários.

Lei n.º 120, de 7/3/1986: Autoriza o município por meio da prefeitura a firmar convênios de interesse da municipalidade. Lei n.º 78, de 3/3/1987: Institui o Código Tributário do Município de Tefé. Lei n.º 144, de 20/1/1987: Autoriza o prefeito municipal a criar o projeto atividade do curso de pedagogia e abrir crédito especial.

Lei n.º 145, de 29/4/87: Autoriza o prefeito municipal a doar para a Secretaria de Segurança do Estado um terreno pertencente ao patrimônio. Lei n.º 146, de 13/5/87: Disciplina os serviços de transportes coletivos, carga, táxi e autoriza a criação da Secretaria de Turismo.

Lei n.º 147, de 20/5/87: Torna de utilidade pública a comunidade do Moura, situada no seringal Nazaré, rio Tefé. Lei n.º 148, de 26/5/87: Fica o prefeito autorizado a doar à Secretaria de Saúde 3 (três) motores da marca Montgomery. Lei n.º 149, de 12/6/87: Torna de utilidade pública o Clube de Mães “Nova Esperança” do bairro da Agrovila. Lei n.º 150, de 12/6/87: Torna de utilidade pública o Clube de Mães “Nossa Senhora de Fátima”. Lei n.º 151, de 12/6/87: Torna de utilidade pública o Clube de Mães “Santa Rita”. Lei n.º 152, de 12/6/87: Torna de utilidade pública o Clube de Mães do bairro de Jerusalém. Lei n.º 153, de 12/6/87: Torna de utilidade pública o Clube de Mães “Nossa Senhora do Perpétuo Socorro” do bairro do Abial. Lei n.º 154, de 12/6/87: Torna de utilidade pública o Clube de Mães “Santa Margarida Maria de Alencar” nas Missões.

Lei n.º 155, de 1.º/7/87: Reconhece de utilidade pública a Associação dos Clubes de Mães de Tefé, bem como aprova seu estatuto e o projeto de promoção social. Lei n.º 157, de 9/7/87: Torna de utilidade pública o Clube de Mães Bom Jesus da comunidade do Moura localidade seringal “Nazaré”, rio Tefé. Lei n.º 158, de 31/8/87: Autoriza a prefeitura a firmar convênios com o Ministério do Desenvolvimento Urbano e Meio Ambiente. Lei n.º 160, de 7/10/87: Autoriza o Executivo Municipal a doar para o Ipasea um lote de terras do patrimônio municipal. Lei n.º 176, de 28/10/87: Dá nova redação ao artigo 5.º da Lei n.º 159, de 7/10/87. Lei n.º 177, de 4/12/87: Proíbe a construção de casas ou similares nas áreas de alagações, e a invasão na periferia da cidade.

Lei n.º 190, de 8/2/88: Fica o prefeito municipal autorizado a doar e passar a escritura pública da doação de uma área de terras pertencente ao patrimônio municipal. Lei n.º 197, de 20/4/88: Modifica dispositivos da Lei n.º 124, de 12/9/86. Lei n.º 198, de 2/4/88: Autoriza o prefeito a vender a sucata do veículo cedido para a prefeitura pela delegacia de polícia. Lei n.º 199, de 3/6/88: Autoriza o prefeito a doar ao Estado do Amazonas um terreno na praça Santa Teresa. Lei n.º 206, de 29/6/88: Revoga a Lei n.º 120, de 7/3/86 e as leis subsequentes, aprovadas pela Câmara de Vereadores a celebrar convênios, acordos e

contratos. Lei n.º 207, de 17/8/88: Dá nova denominação à praça Getúlio Vargas. Lei n.º 012, de 14/9/89: Autoriza o prefeito a abrir créditos suplementares. Lei n.º 209, de 15/2/89: Autoriza o prefeito a firmar convênios com o Estado do Amazonas. Lei n.º 213, de 29/3/89: Autoriza o prefeito a firmar convênio com o Ministério da União. Lei n.º 215, de 4/5/89: Autoriza o prefeito a abrir créditos suplementares. Lei n.º 216, de 4/5/89: Autoriza o prefeito a desmembrar a Secretaria de Saúde, Bem-Estar Social e Ação Comunitária. Lei n.º 217, de 4/8/89: Autoriza o Poder Executivo a doar um lote de terra para utilização do Ministério da Marinha criar a Escola de 1.º grau na estrada da Emade com o nome de “João Hamilton de Souza”. Lei n.º 218, de 1.º/11/89: Autoriza o prefeito a construir muro de arrimo. Lei n.º 220, de 31/10/89: Reajusta os vencimentos dos funcionários públicos.

Lei n.º 221, de 8/11/89: Regulamenta a Lei n.º 514, de 17/5/72, que dispõe sobre a divisão da área urbana. Lei n.º 222, de 8/11/89: Dispõe sobre a divisão da área urbana da cidade. Lei n.º 223, de 8/11/89: Estabelece normas para o servidor celetista, estabilizando-o. Lei n.º 224, de 9/11/89: Torna a comunidade de São Francisco do Miriti de utilidade pública.

Lei n.º 225, de 9/11/89: Estabelece normas para a adaptação da lei salarial do país ao funcionalismo público. Lei n.º 229, de 15/11/90: Autoriza o prefeito a firmar convênio com o Ministério da União às Secretarias do Estado do Amazonas. Lei n.º 231, de 18/4/90: Altera redação do art. 5.º da Lei n.º 230, de 5/12/89. Lei n.º 232, de 16/8/90: Anula todos os títulos definitivos concedidos pela prefeitura no terreno denominado Estação Experimental.

Lei n.º 233, de 16/8/90: Autoriza o Poder Executivo a doar um lote de terra à União para o Ministério da Marinha. Lei n.º 023, de 13/9/90: Regulamenta a Lei n.º 233, de 16/8/90. Lei n.º 236, de 4/9/90: Autoriza o Poder Executivo a doar um lote de terras à Legião Brasileira de Assistência (LBA).

Lei n.º 238, de 10/5/91: Fica denominado a feira do bairro de Santo Antônio de “Feira Vereador Mercindo Rodrigues de Souza”. Lei n.º 239-B, de 11/6/91: Fica o prefeito autorizado a

firmar convênios com o Ministério da União, com as Secretarias do Estado do Amazonas, com a Sucam e Suframa.

Lei n.º 240, de 11/6/91: Padroniza a distribuição de terras na área permutada entre a Embrapa e a Prefeitura. Lei n.º 241, de 21/6/91: Cria a Unidade Financeira Municipal de Tefé. Lei n.º 242, de 21/6/91: Dispõe sobre a Política Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente. Lei n.º 244, de 23/9/91: Institui o Conselho Municipal de Saúde. Lei n.º 245, de 23/9/91: Cria o Fundo Municipal de Saúde. Lei n.º 247, de 27/3/92: Autoriza o Poder Executivo a fazer permuta de um caminhão por um lote de terras.

Lei n.º 249, de 25/5/92: Autoriza o prefeito a doar à União áreas de terra do patrimônio público. Lei n.º 250, de 9/10/92: Revoga a Lei n.º 232, de 16/8/90, e prorroga a primeira parte do artigo 1.º da Lei n.º 249, de 25/5/92.

Lei n.º 251, de 20/11/92: Autoriza o prefeito a conceder “Pensão Vitalícia” ao Sr. João Lira de Souza. Lei n.º 252, de 22/12/92: Autoriza o prefeito a doar à União Federal áreas de terras do patrimônio público municipal.

Lei n.º 255, de 10/2/93: Dispõe sobre a Política Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente. Lei n.º 256, de 18/2/93: Altera dispositivos da Lei n.º 228, de 15/1/90, que estabelece critérios para cálculos de diárias do prefeito, vice-prefeitos e servidores. Lei n.º 257, de 18/2/93. Autoriza o prefeito a firmar convênios com os ministérios da União, LBA, Sudam e Suframa.

Lei n.º 258, de 12/3/93: Autoriza o prefeito a fazer desapropriação de interesse público, social e de utilidade pública. Lei n.º 259, de 19/3/93: Autoriza a contratar parcelamento de dívida para o FGTS. Lei n.º 261, de 16/3/93: Revoga a Lei n.º 252, de 22/12/92. Lei n.º 263, de 5/5/93: Decreta estado de calamidade pública. Lei n.º 265, de 20/5/93: Institui o Canil Municipal. Lei n.º 266, de 25/5/93: Cria a Comissão Municipal de Defesa Civil.

Lei n.º 267, de 26/5/93: Dá nova redação à Lei n.º 255/93, que dispõe sobre a Política Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente. Lei n.º 268, de 1.º/6/93: Denomina logradouro

público. Lei n.º 269, de 9/7/93: Modifica o artigo 5.º da Lei n.º 254, de 29/12/92. Lei n.º 274, de 10/8/93: Doa ao Estado do Amazonas por meio das secretarias as escolas municipais Mario Andreazza, Wenceslau de Queiroz e Creche Santa Rita. Lei n.º 275, de 13/8/93: Doa à União Federal uma área de terras do patrimônio municipal.

Lei n.º 276, de 20/8/92: Extingue a Secretaria de Ação Comunitária e cria a Secretaria Municipal de Trabalho e Ação Social. Lei n.º 277, de 31/8/93: Institui a Secretaria Municipal do Meio Ambiente. Lei n.º 281, de 26/11/93: Substitui as quatro vilas que estão representadas na bandeira e no escudo de Tefé. Lei n.º 282, de 26/11/93: Denomina a escola do bairro Santa Teresa de “Escola Professor Helyon de Oliveira”. Lei n.º 283, de 26/11/93: Cria a feira livre. Lei n.º 135, de 26/4/94: Constitui o Conselho Municipal de Saúde. Lei n.º 285, de 17/2/94: Firma convênios com as Secretarias do Estado do Amazonas, LBA, Sudam, Suframa. Lei n.º 287, de 30/3/94: Institui o Programa de Saneamento do Setor Público. Lei n.º 289, de 27/5/94: Dispõe sobre a concessão de aposentadorias aos servidores e pensão aos dependentes. Lei n.º 293, de 18/10/94: Revoga as Leis n.º 244 e 245, de 23/9/91. Lei n.º 295, de 27/12/94: Concede serviços de transporte e reconhece de utilidade pública a Associação de Mototáxi de Tefé – Atamot. Lei n.º 296, de 27/12/94: Institui o Sistema de Arquivo Público do município de Tefé. Lei n.º 298, de 27/12/94: Dispõe sobre a constituição do Conselho Municipal do Bem-Estar. Lei n.º 299, de 20/1/95: Autoriza o prefeito a firmar convênios com o Ministério da União. Lei n.º 301, de 13/10/95: Institui o Programa de Formação do Patrimônio do Servidor Público – Pasp. Lei n.º 302, de 13/11/95: Cria o Conselho Municipal de Assistência Social. Lei n.º 304, de 5/12/95: Cria e denomina o Albergue Dinari Siqueira Sevalho para atender crianças em situação de risco. Lei n.º 305, de 5/12/95: Concede à empresa de transporte coletivo Mandio direito de exploração dos serviços de transporte coletivo. Lei n.º 306, de 4/12/95: Dá nova concessão para serviço de catraia no trecho Tefé-Abial. Lei n.º 308, de 20/3/96: Autoriza a firmar convênios com o Ministério da União. Lei n.º 312, de 3/1/97:

Dispõe sobre a estrutura organizacional da prefeitura e de suas secretarias.

Lei n.º 313, de 3/1/97: Autoriza o prefeito a firmar convênios com as secretarias do Estado, ministérios, autarquias e entidades particulares. Lei n.º 315, de 4/1/97: Fica concedido a exploração dos serviços de mototáxi às Associações de Tefé. Lei n.º 316, de 25/4/97: Institui o Conselho Municipal da Alimentação Escolar (CMAE). Lei n.º 317, de 6/6/97: Dispõe sobre a reorganização do quadro de pessoal da prefeitura. Lei n.º 318, de 6/6/97: Torna de utilidade pública o Grupo Escolar Sá Peixoto. Lei n.º 319, de 10/6/97: Revoga a Lei n.º 292, de 18/9/94. Lei n.º 320, de 10/6/97: Revoga a Lei n.º 293, de 11/10/94. Lei n.º 321, de 10/6/97: Estabelece a retenção na fonte do Imposto Sobre Serviços de Qualquer Natureza – ISSQN pelo contribuinte substituto. Lei n.º 322, de 1.º/10/97: Cria o Conselho Municipal de Desenvolvimento. Lei n.º 324, de 4/11/97: Doa prédios públicos do município ao Governo do Estado do Amazonas. Lei n.º 326, de 18/12/97: Altera o artigo 5.º da Lei n.º 311, de 31/10/96.

Lei n.º 038, de 16/9/93: Dispõe sobre a doação de uma área de terras ao Serviço Social do Comércio – Sesc. Lei n.º 326, de 25/3/98: Doa à Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais – Apae uma área de terras de 5.400 m². Lei n.º 328, de 18/8/98: Dispõe sobre a criação do Conselho Municipal de Acompanhamento e Controle Social do Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Fundamental e Valorização do Magistério – Fundef. Lei n.º 329, de 18/8/98: Revoga a Lei n.º 241, de 21/6/91. Lei n.º 330, de 4/1/98: Fica o prefeito autorizado a firmar convênios com as secretarias de Estado, ministérios, autarquias e entidades particulares no ano de 1998. Lei n.º 332, de 25/11/98: Dispõe sobre as normas para a concessão de locação de box nos mercados e feiras. Lei n.º 335, de 25/11/98: Dispõe sobre o Plano de Carreira e Remuneração do Magistério Público do município de Tefé. Lei n.º 336, de 25/11/98: Institui o Estatuto do Magistério Municipal. Lei n.º 337, de 25/11/98: Dispõe sobre a criação e organização do Conselho

Municipal de Educação. Lei n.º 339, de 18/1/99: Dá concessão para o serviço de catraia no trecho Tefé-Abial e adjacências.

Lei n.º 340, de 12/3/99: Dispõe sobre a criação e organização do Conselho Municipal de Trânsito. Lei n.º 341, de 26/5/99: Autoriza o prefeito municipal a decretar estado de calamidade pública. Lei n.º 342, de 13/8/99: Dispõe sobre a doação de uma área de terras do patrimônio municipal para o Sesc. Lei n.º 343, de 6/12/99: Autoriza o município a parcelar a dívida com o Fapen. Lei n.º 345, de 6/12/99: Modifica o artigo 3.º da Lei n.º 319, de 10/6/97, substituindo entidades e acrescentado-se de seis para oito o número de membros do Conselho Municipal de Saúde. Lei n.º 343, de 29/11/00: Estabelece os subsídios do prefeito, vice-prefeito e dos secretários municipais. Lei n.º 344, de 29/11/00: Estabelece os subsídios dos vereadores para a legislatura de 2001. Lei n.º 345, de 28/11/00: Dispõe sobre a Lei de Diretrizes Orçamentárias. Lei n.º 346, de 29/11/00: Estima a receita e fixa a despesa do município para 2001. Lei n.º 348, de 3/1/00: Autoriza abertura de crédito adicional no orçamento vigente. Lei n.º 349/01: Autoriza o prefeito de Tefé a firmar convênio durante o período de 2001. Lei n.º 350/01: Dispõe sobre o Conselho de Alimentação Escolar de Tefé.

Lei n.º 351/01: Dispõe sobre a criação do Conselho Municipal de Acompanhamento e Controle Social do Fundo de Manutenção. Lei n.º 352/01: Dispõe sobre a criação do Conselho Municipal de Educação.

Lei n.º 353/01: Fica instituído o Programa de Garantia de Renda Mínima associado às Ações Socioeducativas – Bolsa Escola. Lei n.º 354/01: Dispõe sobre a Lei de Diretrizes Orçamentárias do Município de Tefé – LDO. Lei n.º 355/01: Institui a “Semana de Doação de Sangue”.

Lei n.º 356/01: Proíbe a contratação pela administração pública de empresas. Lei n.º 357/01: Dispõe sobre a Política Municipal de Atendimento dos Direitos da Criança e do Adolescente. Lei n.º 358/01: Estima a receita e fixa a despesa do município.

Lei n.º 359/01: Compete a prefeitura, por meio do Departamento Municipal de Transportes Urbanos, o conselho

fiscal do Sindicato dos Taxistas. Lei n.º 362/01: Dispõe sobre a concessão e exploração do serviço de mototáxi do município de Tefé. Lei n.º 366/03: Adita ao artigo 85 da Lei n.º 112, de 14/8/85: Código de Posturas do Município de Tefé os §§ 1.º, 2.º, 3.º e 4.º, e dá outras providências.

Lei n.º 367/03: Constitui de utilidade pública a Fundação Padre João Bosco. Lei n.º 368/03: Constitui de utilidade pública o Fast Esporte Club Tefé. Lei n.º 369/03: Acrescenta os incisos IX e X ao art. 7.º da Lei n.º 357/01, que dispõe sobre a Política Municipal de Atendimento dos Direitos da Criança e do Adolescente.



Lei n.º 359 – A Lei dos Táxis
Da esquerda para direita: **Clóvis, Edilson** e vereador **Luís Sevalho**, em reunião com os diretores do Sindicato dos Taxistas (altos do antigo restaurante Asa Norte), discutindo o projeto de lei dos táxis. Foto: J. Luiz

Muitos projetos de lei de minha autoria, aprovados na Câmara e repassados ao Poder Executivo, não foram transformados em lei simplesmente pela má vontade do prefeito da época. No entanto, um desses projetos de lei, o de n.º 001/01, transformou-se na Lei n.º 359/01, que foi sancionada pelo presidente da Câmara, Carlos Cunha, quando foi

prefeito por um dia. Ela está registrada no Livro de Tombo da prefeitura e assegura a exploração legal dos permissionários de carro-táxi no município de Tefé. Lei n.º 372, de 2/1/04; estima a receita e fixa a despesa do município para o exercício de 2004. Lei n.º 373, de 21/5/04: Declara de utilidade pública a Associação Municipal Comunitária e da Cultura Evangélica de Tefé. Lei n.º 375, de 5/11/2004: Fixa o subsídio do prefeito e secretários municipais. Lei n.º 376, de 5/11/04: Fixa o subsídio dos vereadores e presidente da Câmara para a legislatura de 2005. Lei n.º 001, de 3/1/05: Autoriza o chefe do Poder Executivo a fornecer aos Servidores Estaduais da Saúde incentivo para se fixarem no município, e dá outras providências. Lei n.º 002, de 13/5/05: Dispõe sobre o Conselho Municipal Antidrogas, e dá outras providências. Lei n.º 003, de 1.º/7/05: Revoga a Lei n.º 227/56 e 247/57, e dá outras providências.

Lei n.º 004, de 6/7/05: Autoriza o prefeito municipal a doar um imóvel do patrimônio, e dá outras providências. Lei n.º 005, de 25/7/05: Institui o Programa de Registro Civil Gratuito, e dá outras providências. Lei n.º 006, de 19/8/05: Cria a Academia de Ciências e Letras de Tefé, e dá outras providências. Lei n.º 007, de 2/9/05: Dispõe sobre a Política Municipal de Atendimento dos Direitos da Criança e do Adolescente, e dá outras providências. Lei n.º 008, de 26/9/05: Dispõe sobre o Plano de Carreira, Cargos e Vencimentos da Prefeitura Municipal de Tefé/AM, e dá outras providências. Lei n.º 009, de 26/9/05: Dispõe sobre o Plano de Cargos, Carreira e Remuneração do Magistério Público do município de Tefé, e dá outras providências. Lei n.º 010, de 11/10/05: Dispõe sobre a criação da Guarda Municipal de Tefé, e dá outras providências. Lei n.º 011, de 11/10/05: Dispõe sobre a criação do Detran/Tefé, e dá outras providências. Lei n.º 012, de 17/10/05: Denomina prédio público, e dá outras providências.

Lei n.º 013, de 17/10/05: Estabelece critérios e valores para diárias dos agentes políticos e servidores do município, e dá outras providências. Lei n.º 014, de 20/10/05: Autoriza o prefeito municipal de Tefé a firmar convênio durante o período de

2005, e dá outras providências. Lei n.º 015, de 14/11/05: Dispõe sobre a obrigatoriedade de concessionárias de serviços públicos de água, luz, telefone, agências bancárias e demais estabelecimentos de crédito a colocarem à disposição dos usuários pessoal suficiente no tratamento digno e profissional a seus clientes. Lei n.º 017/2005, de 22/12/05: Cria o Conselho Municipal de Assistência Social, e dá outras providências. Lei n.º 018, de 22/12/05: Cria o Fundo Municipal de Assistência Social, e dá outras providências.

Lei n.º 002, de 2/1/06: Estima a receita e fixa a despesa do município de Tefé para o exercício financeiro de 2006, e dá outras providências. Lei n.º 003, de 2/1/06: Dispõe sobre a Lei de Diretrizes Orçamentárias do Município de Tefé para o exercício financeiro de 2006, e dá outras providências. Lei n.º 021, de 8/4/06: Dispõe sobre o Conselho Municipal de Alimentação Escolar do Município de Tefé, e dá outras providências. Decreto n.º 109, de 6/4/06: Regulamenta a Lei n.º 021, de 6/4/06, e dá outras providências. Lei n.º 022, de 28/4/06: Autoriza o chefe do Poder Executivo a conceder a doação de um terreno em favor da União Federal, para fins de construção do Porto Terminal Fluvial, e dá outras providências. Lei n.º 030, 14/12/06: Dispõe sobre a concessão e exploração do serviço de mototáxi e estabelece normas gerais para a sua adequada aplicação, consoante competência determinada ao poder público pela CF, art. 175 § 2.º, do art. 117, da Lei Orgânica do Município de Tefé, e dá outras providências. Lei n.º 031, de 28/12/06: Dispõe sobre a criação da Banda Municipal de Tefé, e dá outras providências. Lei n.º 032, de 28/12/06: Dispõe sobre a criação do Conselho Municipal de Educação, e dá outras providências.

Lei n.º 033/06, de 29/12/06: Dispõe sobre a Lei de Diretrizes Orçamentárias do Município de Tefé para o exercício financeiro de 2007, e dá outras providências. Lei n.º 034/2006, de 29/12/06: Estima a receita e fixa a despesa do município de Tefé para o exercício financeiro de 2007, e dá outras providências. Lei n.º 035 – PMT, de 28/12/06: Dispõe sobre a concessão para exploração de serviços de transportes fluvial tipo catraia, e dá outras providências. Lei n.º 036, de 28/12/06: Concede aos

estudantes meia entrada em cinemas, teatros, circos, eventos culturais, desportivos, artísticos e educacionais, parques e casas de diversão na Jurisdição do Município de Tefé, e dá outras providências.

Lei n.º 037/07 – PMT, de 13/9/07: Autoriza o chefe do Poder Executivo municipal a doar para o Estado do Amazonas um lote de terra para fins de construção de um presídio. Lei n.º 038/07 – PMT, de 2/10/07: Dispõe sobre a contratação de pessoal, por tempo determinado, para atender a necessidade de excepcional interesse público, nos termos do artigo 37, inciso IX, da Constituição da República, e dá outras providências.

Lei n.º 039/2007, de 2/10/07: Dispõe sobre a criação do Conselho Municipal da Cidade de Tefé – CMC/Tefé e do Fundo Municipal de Desenvolvimento – FMD de Tefé, e dá outras providências. Lei n.º 040/08 – PMT, de 4/01/08: Autoriza o chefe do Poder Executivo municipal a doar para o Estado do Amazonas um lote de terra para fins de construção de um aterro sanitário de lixo urbano. Lei n.º 041/08, de 4/1/08: Dá nova redação à Lei Municipal n.º 17/05, datada de 22/12/05. Lei n.º 042/08, de 4/1/08: Dispõe sobre a criação do Conselho Municipal de Segurança Alimentar e Nutricional – Comsean/Tefé, e dá outras providências. Lei n.º 043/08, de 25/2/08: Institui o Código de Defesa do Meio Ambiente do município de Tefé, e dá outras providências.

Lei n.º 044/08, de 25/2/08: Institui a legislação de limpeza urbana do município de Tefé, e dá outras providências. Lei n.º 045/08, 14/3/08: Dispõe sobre a Lei de Diretrizes Orçamentárias do Município de Tefé para o exercício financeiro de 2008, e dá outras providências. Lei n.º 046/08, de 14/3/08: Estima a receita e fixa a despesa do município de Tefé para o exercício financeiro de 2008. Lei n.º 047/08, de 29/4/08: Autoriza o prefeito municipal de Tefé a firmar convênio durante o período de 2008, e dá outras providências. Lei n.º 048/08, de 12/6/08: Dispõe sobre a criação do Conselho Municipal de Direitos do Idoso – CMDI e do Fundo Municipal de Direitos do Idoso – FMDI, do município de Tefé, e dá outras providências. Lei n.º 049/08, de 30/6/08: Dispõe sobre a criação do Conselho

Municipal de Juventude de Tefé – CMJT e o Dia Municipal de Juventude de Tefé – DMJT, e dá outras providências. Lei n.º 050/08 – PMT, de 17/10/08: Autoriza o chefe do Poder Executivo municipal a doar ao DNIT – Departamento Nacional de Infraestrutura e Transporte, representado pela Superintendente Regional do Estado do Amazonas e Roraima, um lote de Terra para fins de construção do Porto Municipal de Tefé. Lei n.º 051/09 – PMT, de 9/1/09: Dispõe sobre a criação da Secretaria Municipal de Trânsito e Transporte – SMTT do município de Tefé-AM, bem como a municipalização do trânsito, e dá outras providências. Lei n.º 052/09 – PMT, de 23/3/09: Estima a receita e fixa a despesa do município de Tefé para o exercício financeiro de 2009. Lei n.º 053/09, de 8/04/09: Cria a Secretaria Municipal de Defesa Civil (Semdec) do município de Tefé, e dá outras providências. Lei n.º 054/09, de 7/5/09: Regulamenta no município de Tefé o tratamento diferenciado às microempresas e empresas de pequeno porte de que trata a Lei Complementar Federal n.º 123/06, e dá outras providências.

Durante a compilação dessas leis, verifiquei que ao longo do tempo muitas delas ficaram com suas numerações fora de ordem. Suponho que isso acontecia por não haver um arquivo próprio para sequenciá-las ou porque seus agentes aproveitavam a mesma lei acrescida das letras “A” ou “B” para designar finalidades diferentes. Eles não tinham a preocupação com a cronologia crescente de suas numerações. A cada ano o administrador público adotava a numeração da lei que lhes fosse conveniente. No entanto, a redação, datas e anos que entraram em vigor são verídicos. A sua montagem foi feita de acordo como elas estão no Livro de Tombo da Prefeitura de Tefé.

Universidade do Estado do Amazonas



Centro Madre Ofélia de Jesus. A 1.ª sede provisória da UEA em Tefé. Foto: J. Luiz

Luis Sevalho

A Universidade do Estado do Amazonas foi fundada no dia 12 de janeiro de 2001 pela Lei Estadual n.º 2.637 pelo ato do governador Amazonino Armando Mendes. Foi criada para promover a educação, desenvolvendo o conhecimento científico, particularmente sobre a Amazônia, conjuntamente com os valores éticos capazes de integrar o homem à sociedade e de aprimorar a qualidade dos recursos humanos existentes na região.

A UEA vem expandindo conhecimentos na capital e no interior do Estado com uma estrutura que começou com cinco escolas na capital: Escola Normal Superior, Escola Superior de Artes e Turismo, Escola Superior de Ciências da Saúde, Escola Superior de Ciências Sociais e Escola Superior de Tecnologia. No interior do Estado começou com três centros e dez núcleos: Centro de Estudos Superiores de Tefé, Centro de Estudos Superiores de Tabatinga e Centro de Estudos Superiores de Pa-

rintins. Núcleo de Ensino Superior de Boca do Acre, Núcleo de Ensino Superior de Carauari, Núcleo de Ensino Superior de Coari, Núcleo de Ensino Superior de Eirunepé, Núcleo de Ensino Superior de Humaitá, Núcleo de Ensino Superior de Manacapuru, Núcleo de Ensino Superior de Manicoré, Núcleo de Ensino Superior de Maués, Núcleo de Ensino Superior de São Gabriel da Cachoeira e Núcleo de Ensino Superior de Itacoatiara. O Curso de Normal Superior – Proformar foi oferecido em 61 municípios do Estado.

Em Tefé, a UEA fundou o Centro de Estudos Superiores de Tefé – Cest – em 8 de agosto de 2001, que funcionou até julho de 2004 na rua Getúlio Vargas, 219, no Centro Madre Ofélia de Jesus.

O prédio tinha uma estrutura de apenas cinco salas de aula, um laboratório de informática, uma secretaria, uma diretoria, uma sala dos professores e uma biblioteca. Os trabalhos em equipe (seminários, palestras etc.), que envolvessem um maior número de participantes, eram realizados no auditório da Escola Frei André da Costa. Além dessa estrutura, os laboratórios de biologia, física e química funcionavam no prédio anexo localizado na travessa Sete de Setembro s/n. Com essa estrutura, o Cest oferecia oito cursos de licenciatura e um de bacharelado: Normal Superior, História, Geografia, Letras, Biologia, Química, Matemática, Física e Ciência Política (Bacharelado). Esses cursos eram oferecidos nos turnos matutino, vespertino e noturno, totalizando 19 turmas no total de aproximadamente 600 alunos.

Em 2001 a UEA criou o Curso Normal Superior para professores da rede pública estadual e municipal, por meio do Projeto Proformar. As aulas do Proformar eram ministradas na Escola Estadual Frei André da Costa em função do pequeno espaço físico das salas de aula do Centro e por conta das aulas serem ministradas por videoconferência.

As primeiras turmas contavam com alunos de 18 municípios. Em 30 de setembro de 2003 estavam assim distribuídos: Alvarães 9, Anamá 1, Anuri 1, Benjamin Constant 2, Carauari 1, Coari 19, Fonte Boa 17, Juruá 1, Jutaí 1, Manacapuru

3, Manicoré 1, Maraã 3, Santo Antônio do Içá 2, São Gabriel da Cachoeira 3, São Paulo de Olivença 1, Tefé 386, Tonantins 1 e Uarini 2, totalizando 449 acadêmicos. A colação de grau dos 284 formandos aconteceu no dia 30 de junho de 2005 simultaneamente com os 14 municípios via Amazon Sat ao vivo. Em todo o Estado formaram-se 7.150 profissionais nas diversas áreas do conhecimento humano.

No dia 17 de julho de 2004 foi inaugurado pelo excelentíssimo governador do Estado do Amazonas, Carlos Eduardo de Souza Braga, o novo prédio do Centro de Estudos Superiores de Tefé – Edifício Professor Kleber Bastos, localizado na estrada do Bexiga, 1.085 – Jerusalém. O novo prédio começou com uma sala de professores, uma diretoria, uma biblioteca, um laboratório de Física e Química, um laboratório de Biologia e uma lanchonete. Possuía, na época, um parque tecnológico com os seguintes equipamentos: 90 microcomputadores, dez televisores de 37”, oito videocassetes, dois DVDs, quatro microsystem, sete impressoras HP 840, uma impressora HP 1220, duas impressoras HP 930 e um scanner, uma filmadora, três retroprojetores, um projetor de opaco e uma tela de projeção retrátil. Toda essa estrutura para atender uma clientela de 734 alunos distribuídos em 25 turmas, sendo dez turmas à tarde, sete de manhã e oito à noite.

Em 2004, a UEA ofereceu mais 300 vagas no vestibular para Tefé, com início a partir de março de 2005, que compreendiam seis turmas de primeiro período para os cursos normal superior, geografia, química, biologia, letras e matemática, funcionando no antigo prédio que estava desativado desde a inauguração do novo centro.

O Cest começou administrativamente da seguinte forma: professora Assunta Maria Castro de Araújo (gestora); secretária – professora Maria dos Anjos Ramos; gerente – Larissa Marine T. da Silva; subgerente – Kássia di Paula Batalha Sales de Souza; auxiliares de gabinete – Alderiane Rodrigues e Roberto Castro; auxiliares de biblioteca – Márcia Mônica Ramos e Fabiane Sá da Silva; suporte de rede pleno – Max da Silva Viana; suporte de rede júnior – André Luiz Sales; técnico de informática – Raifran

Brandão; monitores de informática e 40 professores (doutores, mestres e especialistas). Os serviços de limpeza e segurança foram realizados pelas empresas Service Brasil e Polisservice.

Na área pedagógica os primeiros coordenadores eram: professor Sérgio Luiz Gianizella (curso de Biologia); professor Djalma Pereira (química e física); professora Cláudia Regina Ferreira (história); professora Maria Eliane Lima (geografia); professor Luiz César Almas (matemática); professora Marta Barbosa Cortezão (letras) e professora Maria do Perpétuo Socorro de Souza, do Curso Normal Superior.

A denominação do novo prédio do Cest – Edifício Professor Kleber Bastos deu-se em homenagem ao mestre Kleber Filgueiras Bastos. Natural de Jutai-AM, graduado em química analítica e inorgânica – PUC-RJ em convênio com o KF – Alemanha, funcionário pesquisador da Comissão Nacional de Energia Nuclear (1978 a 1986).

Veio para o Cest como professor no ano 2001, onde ministrou disciplinas no curso de Química, Biologia e Normal Superior. Foi o primeiro coordenador pedagógico dos cursos de licenciatura do Cest, função que desempenhou até seu falecimento, em 15 de março de 2003.

No início de sua implantação, o Cest funcionava alugado no Centro Madre Ofélia de Jesus com prazo determinado para ser devolvido. Na época o corpo docente e discente da instituição estava muito preocupado porque o prazo para encontrar um local para a sede própria estava esgotando e o governo ameaçava transferir o polo universitário para outras unidades acadêmicas do Estado. Se assim procedesse, iríamos perder a grande chance já conquistada do Centro de Estudos Superiores de Tefé. Como vereador, mobilizei os estudantes da UEA para a Câmara e consegui aprovar, no dia 5 de dezembro de 2002, uma Indicação de n.º 006/02, de minha autoria, direcionando à Assembleia Legislativa do Estado para interferir junto a Embratel para doar à UEA um terreno baldio de sua propriedade medindo 15.333,79 m², situado na estrada do Bexiga, 1.085, bairro de Jerusalém, que atenderia à construção definitiva da sede da universidade. Transcrevo aqui o teor da

indicação: “Senhores(as), vereadores(as), o Governo do Estado através da Mensagem n.º 046/2002, incorporou ao patrimônio da Universidade do Amazonas bens imóveis em dezoito cidades do polo da região. Esta situação é mais do que justa, uma vez que proporciona e consolida o funcionamento da UEA em regiões que compõem o nosso Estado. Porém em Tefé, onde funciona a UEA em prédio alugado, foi o único município que não foi contemplado pela mensagem do governo na aquisição de algum patrimônio para sua sede própria.

A luta pela sede própria



UEA de Tefé – sede própria. Inaugurada no dia 17 de julho de 2004. Foto: J. Luiz



Vereador **Luís Sevalho** entrevistado pela TV Amazonas logo após a aprovação de sua Indicação n.º 006/02, que solicitava do governo um terreno para a UEA de Tefé.

Foto: J. Luiz

Sabemos que na antiga área da Empresa Brasileira de Telecomunicações foi iniciada uma obra que se encontra inacabada e paralisada, tendo como referencial “Hospital Novo de Tefé”, que pelas observações iniciais enquadra-se nos padrões legais da futura instalação da sede da UEA. Tal medida é de todo indispensável para o funcionamento da Universidade do Estado do Amazonas em Tefé, haja vista se tratar de uma entidade com personalidade jurídica própria, distinta da pessoa do Estado como fundação pública que coloca o Amazonas em posição de vanguarda em relação aos demais entes da federa-

ção no cumprimento de obrigação estabelecida pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação”.

Este documento ganhou repercussão política junto às autoridades do Estado. No entanto, o prefeito da época, Hélio Bessa, não concordava em ceder o terreno da Embratel para a universidade alegando que o local era permutado ao município. Indecentemente mandou murar toda a área interna subdividindo-o em pequenos lotes, dando a entender que ele tinha interesses espúrios. Estarrecido, acionei novamente os acadêmicos do curso de Ciência Política para a Câmara e aprovei, no dia 4 de abril de 2003, requerimento de minha autoria, n.º 27, solicitando ao Ministério Público o embargo de todas as obras executadas naquele local. Após esse acontecimento, os acadêmicos mobilizaram-se internamente, reivindicando do governo do Estado à construção do prédio atual. A inauguração oficial do Cest aconteceu no dia 17 de julho de 2004, onde com muito orgulho ajudei a inaugurá-lo para o bem dos estudantes tefeenses e dos acadêmicos de outros municípios que aqui estudam procurando aperfeiçoar seus conhecimentos.

Tefé na Segunda Guerra Mundial



Exército em treinamento Foto: CD Tefé 150 anos

O recrutamento para os amazonenses participarem da Segunda Grande Guerra não era motivo de orgulho para ninguém; era na verdade uma obrigação imposta pelo presidente Vargas para cumprir o chamado “Acordo de Washington”, com vistas a atender as necessidades de borracha das forças aliadas (França, Inglaterra e EUA) contra os países do Eixo (Alemanha, Itália e Japão) e promover o povoamento da Amazônia. Nos seringais, os jovens com idade para o alistamento militar eram sorteados pelos patrões seringalistas em suas localidades, onde eram apresentados às inspeções que os levariam para a frente de batalha. Enquanto que o pai dos jovens e aqueles que não passavam na primeira inspeção, transformavam-se em reservistas ou “Soldados da Borracha”, obrigados a embrenhar-se nos lugares nativos em busca da borracha; pois naquele momento de conflito mundial a extração do látex era considerada uma economia de guerra.

O Amazonas participou da Segunda Guerra Mundial enviando 120 soldados, sendo que sete deles eram da região de Tefé. De acordo com o escritor Augusto Cabrolié, no livro *Síntese da História de Tefé*, os combatentes tefeenses foram: Tarquínio Pinheiro de Assis (Igarapé-Açu), Antônio Fogaça da Silva (Tapiranema), Cacildo Queiroz Bezerra (Catuá), Raimundo Pantoja (Caiambé), Raimundo Pinheiro (Caiambé), Caetano Crisóstomo Pereira (Maiana-Japurá) e Francisco Heráclito da localidade do Capivara. Segundo o historiador Aguiinaldo Nascimento Figueiredo, “os pracinhas” partiram do porto de Manaus no dia 27 de dezembro de 1944, fazendo parte do 27.º Batalhão de Caçadores, cuja missão era integrar o contingente do 3.º escalão da Força Expedicionária Brasileira – FEB, comandado pelo general João Batista Mascarenhas de Moraes onde ficaram aquartelados na Vila Militar de Realengo, no Rio de Janeiro, e depois transportados para Nápoles, na Itália.

Chegando lá no dia 22 de fevereiro de 1944, um dia após a tomada de Monte Castelo por tropas brasileiras. Depois foram transferidos para Porreta-Termi, integrando-se ao 5.º exército americano do general Marc Clarck, sendo todos incorporados imediatamente à linha de fogo. A única mulher a participar da

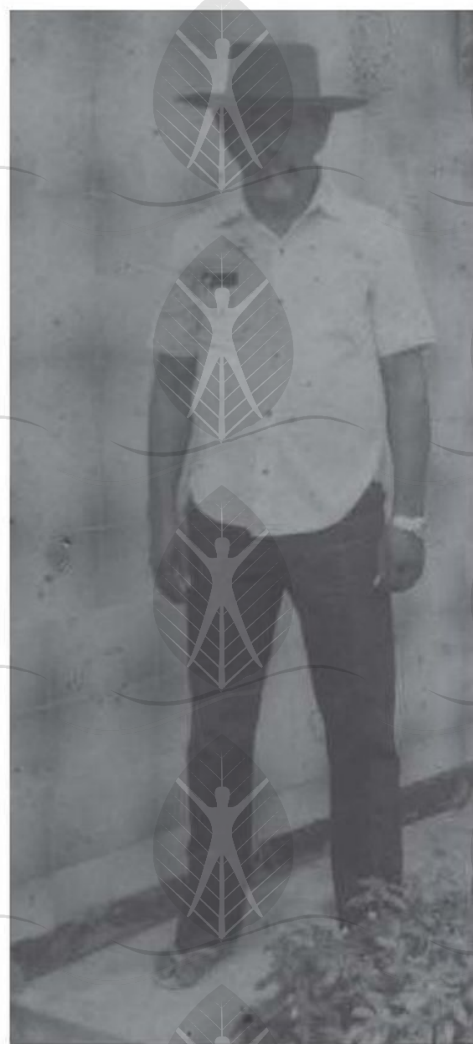
Segunda Guerra Mundial pelo Amazonas foi a enfermeira do ar, Semíramis Queiroz Montenegro, do corpo de saúde da Força Expedicionária Brasileira.

Os Soldados da Borracha de Tefé

Enquanto nossos pracinhas lutavam lá, os soldados da borracha da nossa região, incluindo grande leva de nordestinos que atenderam ao pedido do governo, aqui estavam a lutar noutro tipo de guerra, que era a dos seringais nativos, tendo de enfrentar no dia a dia os ataques de animais selvagens, malária (paludismo), miséria e toda a sorte de doenças para garantir a guerra dos outros e a economia do Amazonas.

Durante a pesquisa que fiz no mês de junho (2005) em Tefé, tive oportunidade de entrevistar alguns desses bravos aventureiros conhecidos como soldados da borracha, sendo que poucos foram reconhecidos pelo governo para serem aposentados pela borracha. São eles: João dos Reis Ferreira

(bairro Olaria) – trabalhou para os seringalistas Jorge Reza-la e Américo Queiroz no seringal “Mongubal”, alto rio Tefé. Honorato Marques da Silva (bairro Olaria) – trabalhou para o seringalista Túlio Azevedo na localidade de Santa Rosa, alto rio Tefé. João Corrêa Bacelar (popular João Cosmo) – foi aposentado pelo Instituto Agrônômico do Norte como solda-



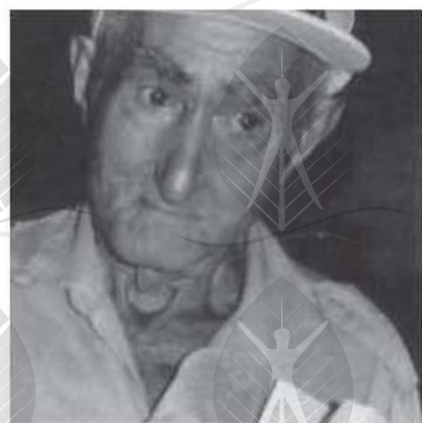
Soldado da borracha Antônio Rodrigues da Silva. Arquivo da família

do da borracha; sua principal atividade na época do instituto era plantar a semente da *Hevea brasiliensis*.

No seu depoimento, ele e seus colegas Chico Teresa, Luís Quarenta, João Ferreira e Eduardo, da Missão, foram recrutados para combater na Itália; no entanto, quando chegaram a Manaus a guerra terminou.

Seringueiro Antônio Rodrigues da Silva (já falecido) morava no bairro de Monte Castelo, em Tefé, e trabalhou com vários seringalistas das regiões de Carauari, Eirunepé e Acre; rasquetava 200 madeiras por dia e tinha muitas histórias para contar do tempo dos seringais. Até o dia desta entrevista (26/6/05), o seringueiro Antônio ainda não era aposentado pela borracha, só recebia uma pensão. Sebastião da Costa (já falecido) morava no bairro Santa Luzia, em Tefé, e trabalhou no seringal do Pão e Monte Cristo, região de Carauari-Juruá, para os seringalistas Anízio Lobo e Bruno Ramalho. Cortava em média 240 madeiras por dia, começando às 00h da noite com iluminação à poronga, feito tocha.

Luís Sevalho



Soldado da borracha Sebastião da Costa – Sabazinho. Foto: J. Luiz

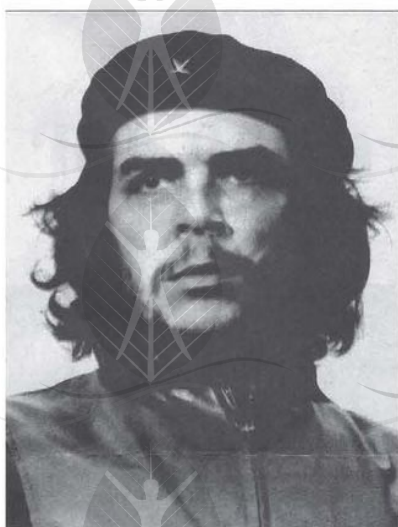
Sabazinho faz parte do personagem do conto que fiz em cordel, intitulado “Como Escapou Sabazinho” de uma onça-vermelha no seringal. Trabalhou nos seringais do Pão e Monte Cristo em Carauari-Juruá-AM e foi aposentado somente por idade. Agora ele não está mais nesta vida. Obrigado por tudo, Sabazinho.



Soldado da borracha Celcino Gomes Sevalho – Cazuza. *Arquivo do autor*

Meu pai, Celcino Gomes Sevalho (Cazuza), já falecido, também foi soldado da borracha na localidade do Anacho e Puré, no Japurá. Foi aposentado por idade. E assim, tanto os pracinhas que saíram vitoriosos da Segunda Guerra como os soldados da borracha, todos contribuíram para a história do Amazonas, do nosso Brasil e do mundo. Pelos seus feitos, eles são considerados orgulho da Pátria.

Che Guevara Trabalhou como Médico em Tefé



“Há que endurecer-se, mas sem jamais perder a ternura”. Che Guevara. *Foto: Alberto Korda – 1960*

A foto de Che Guevara foi encontrada em março de 1960 em um serviço funerário cubano, mas só foi publicada sete anos depois. O Instituto de Maryland de Arte intitulou a foto de Korda de “a mais famosa fotografia no mundo e símbolo do século 20”.

Rio profundo

Os primeiros momentos da antiga Ega foram marcados pela presença de várias pessoas ilustres de nome nacional e até internacional. Comerciantes importantes como João Sthefhan, Mansur Cheuan, José Hatem, o seringalista turco Jorge Rezala

e tantos outros que aqui se estabeleceram foram os baluartes na formação do município pelos seus atos de bravura e atividades realizadas. Por conta da região ser estratégica e inexplorada, passou por aqui vários pesquisadores, como é o caso de Henry Bates, pesquisador e escritor que estabeleceu moradia por onze anos em Tefé. Além de colecionador, Bates pesquisou o clima e a situação geográfica da região. Luiz Agassiz foi outro cientista que em 1865 esteve no município e selecionou mais de 1.800 espécies de peixes. Destaca-se ainda a presença de honra no município do conde D'Eu, esposo da princesa Isabel, que em 1889 passou alguns dias na cidade. Vultos históricos como o poeta Antônio Gonçalves Dias também esteve em Tefé em 1861, responsável pela inspeção das escolas primárias do Solimões. Pelos encantos e beleza da cidade, Gonçalves Dias a consagrou como “Princesa do Solimões”.

Luís Sevalho



Izabel é testemunha de que Che Guevara esteve em Tefé. Foto: *Jornal A Crítica* – 2005

Outra celebridade importante que merece destaque foi a estada por alguns meses do mais famoso revolucionário marxista, Ernesto Guevara Lynch de La Serna – Che Guevara – que trabalhou no segundo semestre de 1966, como médico no antigo Serviço Especial de Saúde Pública (Sesp) de Tefé, atual Policlínica Sata Teresa. Quem afirma é a assistente social Izabel Bacelar de Souza, residente em Manaus, que conviveu com Che Guevara durante o período em que esteve em Tefé.

Na entrevista do jornal *A Crítica*, ano LV, n.º 19.321, de 23 de fevereiro de 2005, Izabel confirma que Che era hóspede do senhor Jorge que era peruano. A assistente disse que Che Guevara era o médico de confiança da única enfermeira, se-

nhora Conceição, responsável pela direção do Sesp e esposa do senhor Jorge Peruano.

Testemunha ocular, Izabel comenta que após o trabalho, Guevara conversava com o senhor Jorge Rezala, que era seringalista e agente da empresa aérea Cruzeiro do Sul. Segundo Izabel, todas as tardes, Guevara jogava bola na praia que ficava entre a prefeitura e o bairro de Santa Rosa. Era goleiro porque puxava levemente uma das pernas, resultado da Revolução Cubana (1959), quando Che foi ferido no pé. Depois do jogo, Guevara ia tomar banho alegremente com seus colegas de pelada no rio.

“Quando ele viajou num avião da Força Aérea Brasileira rumo a Tabatinga, eu e o meu time inteiro nos despedimos dele no aeroporto. Não sabíamos que se tratava do lendário guerrilheiro. Apenas acreditávamos ser um gringo especial, que falava espanhol e tratava as pessoas muito bem, especialmente as mais humildes, com delicadeza”, afirma Izabel.

Muito especula-se a respeito da passagem de Che Guevara pelo Amazonas. Há rumores de que Che, antes de chegar em Tefé, tenha passado por outros municípios como, por exemplo, Benjamin Constant e São Paulo de Olivença.

O escritor-jornalista Carlos Branco conta no seu livro *Che Guevara – um estranho em Benjamin Constant*, que o revolucionário chegou na cidade não se sabe de onde, sendo tomado pela população como um estranho a quem depois deram o nome de Russo.

O escritor e engenheiro químico cubano Tirso Saenz, que foi vice-ministro da Indústria cubana e que trabalhou “codo con codo” (cotovelo com cotovelo) por cinco anos ao lado do ministro da Indústria de Cuba – Che Guevara –, disse numa entrevista quando esteve em Manaus, em fevereiro de 2005, não confirmar a estada de Che em Benjamin Constant.

No entanto, garantiu que o guerrilheiro argentino naturalizado cubano era surpreendente em sua visão de estrategista. Segundo Tirso, Che renunciou ao Ministério da Indústria para ir combater no Congo (África) e quando ele e seus colegas aguardavam seu retorno para a América Latina, ficaram

surpresos com o sumiço do estadista e só ficaram sabendo do seu paradeiro quando foi capturado e morto na localidade de Higuera, na Bolívia.

“Nós nunca soubemos ao certo por onde ele esteve nesse período, mas não descarto a possibilidade de que tivesse entrado no Amazonas, via Venezuela ou Colômbia. Afinal, ele conhecia a região dos tempos em que viajou com o seu amigo bioquímico Alberto Granados por vários países da América Latina”, disse Tirso. Che Guevara nasceu em 14 de junho de 1928 em Rosário, na Argentina. Em junho de 1955 conhece Fidel Castro por meio do seu irmão Raul e se alista como médico da futura expedição no barco *Granma*, que daria início à Revolução Cubana. No início de novembro de 1966, saindo de Tefé, chega a La Paz, Bolívia, com o nome de Adolfo Mena Gonzáles e com passaporte uruguaio, incorporando-se imediatamente à guerrilha boliviana como chefe do movimento. No dia 8 de outubro de 1967 é ferido em combate em La Quebrada Del Yuro, às margens do rio Nacauassu, sendo capturado com mais seis guerrilheiros e levados para uma escola de La Higuera, a 50 quilômetros de Vallegrande. No dia seguinte, todos são executados por ordem do presidente da Bolívia, general René Barrientos. Che, por ser o comandante revolucionário, foi executado com nove tiros.

Em 28 de junho de 1997, um grupo de especialistas cubanos e argentinos descobriram os restos mortais de Che Guevara e dos outros guerrilheiros numa fossa comum em Vallegrande, na Bolívia, sendo transportados para o aeroporto de San Antonio de Los Banõs, onde foram recebidos pelos familiares e companheiros. Os restos mortais de Che Guevara estão no mausoléu da praça Ernesto Che Guevara, em Santa Clara, Cuba.

A Trajetória do Revolucionário Che Guevara

1930 – Surge, pela primeira vez, a crise de asma de “Ernestito”, que o acompanhou durante toda a sua vida.

1945 – Matricula-se na Faculdade de Medicina da Universidade de Buenos Aires, interessa-se por pesquisas, tanto em medicina como em política.

1946 – Começa a trabalhar na direção municipal de vias públicas.

1947 – Durante um passeio de cerca de 4.700 km de bicicleta visitando o interior argentino, escreve seus primeiros pensamentos políticos.

1953 – Conclui o doutorado em medicina e muda-se para a Guatemala. Após um golpe militar, organizado pelos EUA, é obrigado a sair do país. Muda-se para o México, onde conhece Hilda Galdea Acosta, que se torna sua companheira e com quem teve uma filha.

1955 – Encontra-se pela primeira vez, no México, com Fidel Castro e decide participar do movimento revolucionário de Cuba que visa derrubar o governo do presidente Batista.

1957 – No dia 25 de novembro, parte no iate *Granma* para invadir Cuba, juntamente com Fidel (futuro dirigente do país) e dezenas de revolucionários.

1959 – O movimento revolucionário é vitorioso. Che percorre triunfalmente as ruas de Havana, sendo considerado o grande guerrilheiro do movimento.

1960 – Assume vários e importantes cargos públicos em Cuba.

1961 – Vem ao Brasil pela segunda vez, e é condecorado com a Ordem do Cruzeiro do Sul pelo então presidente Jânio Quadros.

1964 – Discursa na ONU, em 11 de dezembro. Parte para África e entra em contato com movimentos de libertação africanos.

1965 – Desaparece da vida pública e renuncia a todas as suas responsabilidades no governo e partido cubano.

1966 – No dia 3 de novembro Guevara chega a La Paz, Bolívia, com documentos falsos para participar do movimento revolucionário da Bolívia.

1967 – É assassinado no povoado boliviano de Higuera, aos 39 anos de idade, por boinas verdes bolivianos, exército treinado e armado pelos norte-americanos.

1997 – Depois de quase 30 anos após a morte de Che, seus restos mortais foram descobertos em uma vala comum na cidade de Vallegrande por antropólogos.

Che Guevara foi uma importantíssima pessoa, que deixou o seu valor na história do comunismo mundial e fez do seu ideal de vida um sonho para vários povos de todo o mundo. Ele representa mais do que qualquer outra coisa o espírito jovem, que prima pela mudança e que luta pelos seus sonhos. Por isso, concluo dizendo que morreu a pessoa, no entanto, seus ideais de liberdade e de justiça social permanecem até hoje defendidos por centena de milhares de admiradores em toda a América Latina.

Perfil Histórico de Alguns Artistas Plásticos de Tefé



Antônio Seabra e suas obras. Foto J. Luiz

Antônio Laredo Seabra, mais conhecido como “Antônio Seabra”, nasceu em Tefé, Amazonas, no dia 26 de dezembro de 1961. Seus pais chamam-se Josino da Silva Seabra e Maria Orlanda Laredo Seabra.

Seabra sempre gostou e se dedicou à arte, pois com apenas doze anos de idade começou a trabalhar com pinturas. Participou de vários concursos de desenho e pintura, dentre eles os realizados pela festa da castanha nos períodos de 1994, 1995, 1996, 1997, 1998 sempre ocupando o primeiro lugar.

Já fez muitas exposições, por isso suas obras são conhecidas em várias cidades do Brasil e também no exterior.

Recebeu inúmeras condecorações de honra ao mérito por ser um dos artistas mais famoso de Tefé. Nos festivais folclóricos dos anos de 1989, 1997 e 1998 foi condecorado com o título magistral de o “Grande Colaborador”, sendo o melhor desses anos na categoria Artes Plásticas.

Em 2005, pela participação da VIII Festa da Castanha, ganhou uma reportagem no Amazon Sat e uma página na revista

Amazonas Caminhos das Águas. É membro fundador da Academia de Letras, Ciências e Artes de Tefé. A leveza da arte de Antônio Seabra é incomparável por demais magnitude, considerado um puro talento para orgulho dos tefeenses.



Luis Sevalho

Artesão José Maria. Foto: J. Luiz

José Maria descobriu seu fascinante mundo artístico, criando aos doze anos de idade seus primeiros brinquedos caseiros que serviam de *hobby* para seu alento. É grande colaborador da dança Afro-América com desenhos esculpidos em tronco de árvores (tótems) e a confecção dos mais diversos adereços. Quando serviu o Exército em Tabatinga, participou do concurso de fronteiras (Brasil, Colômbia e Peru), onde passou a trabalhar no Centro de Treinamento de Profissionais do Exército, tornando-se especialista em artes plásticas e esculturas de modo geral.

O entalhe em madeira é o trabalho que mais gosta de fazer. Suas obras são conhecidas em todo o Brasil, pois é um dos artesãos que mais produz no município, principalmente quando acontece os festivais da castanha e festa folclórica, onde seus produtos de rara beleza ficam expostos à venda. Pela ocasião da VIII

Festa da Castanha (2005), alcançou o 1.º lugar na categoria de “Entalhe em Madeira”, sendo este o seu segundo título seguido.



Clínio Roosevelt
arquivo da família

As obras de Clínio Roosevelt não só revelam encanto e magia como também reflete a grandeza de um artista tefeense.

Começou muito cedo a invejável arte da pintura e do entalhe em madeira; seu primeiro concurso aconteceu em 1989 quando conseguiu o 1.º lugar na categoria “pintura” realizado pelo Seminário de Educação pela Paz. Em 1994, ficou no 2.º lugar, categoria “desenho”, e em 1995, também alcançou o 2.º lugar na categoria “artesanato”; em 2005, foi vitorioso no 1.º lugar na categoria “pintura” pela ocasião da VIII Festa da Castanha. É um dos renomados artistas tefeense vivendo exclusivamente de suas belas artes.

Estes são alguns de tantos outros artistas que existem no município, não sendo possível apresentar o perfil histórico de todos. No entanto, não posso esquecer de mencionar os artesãos que trabalharam comigo no antigo Ginásio Orientado para o Trabalho (GOT), sendo eles: Francisco das Chagas Pond, Valcy de Moraes, Guaracy Moraes e Jânio Pinheiro, Lá-

zaro Chaves (já falecido) e Germano do Abial, considerados remanescentes da arte tefeense. Quando ocupava a função de vereador (2000/2004), aprovei um projeto de decreto legislativo de minha autoria, regulamentando em lei a Associação dos Artesãos, ao mesmo tempo que garantia uma sala permanente na biblioteca pública para a exposição das artes dessa tão honrada categoria.

Eles Ajudaram a Fazer a História de Tefé



Luis Sevaího

Saudoso Delson Júnio
arquivo da família

O artista plástico Delson Júnio Araújo Monteiro (Delson Júnio) nasceu no dia 31 de agosto de 1975 em Tefé. Filho de Francisco Oliveira Monteiro (“Chico Arigó”) e de Maria da Conceição Araújo Monteiro (Conceição), que são agricultores na comunidade de São Francisco do Miri-ti no Igarapé-Açu, lago de Tefé. Delson foi o primeiro filho dos sete desse casal, sendo cinco homens e duas mulheres. Ele era um rapaz boêmio, gostava da vida livre, jeito moleque; no entanto, carregava consigo o censo de grande responsabilidade e muita lealdade entre os amigos e a família. Conheci Delson quando solicitava-me uma carona em uma das várias excursões que fazia nos finais de semana para o sítio do Sr. Francisco Oliveira, no Bacuri. Geralmente nossa equipe saía sábado e só retornava domingo à tarde. Depois disso, o Delson passou a ser membro integrante dessas excursões, sempre alegre e cheio de estripulias. Era muito proveitoso curtir as serenatas junto ao Delson, ao “Pingo” e outros amigos no sítio do seu Chico. Essa é uma das fortes lembranças que tenho e guardo as filmagens que fizemos juntos com o saudoso Delson Júnio.

Por tudo que foi, correto, honesto e brincalhão, Delson era um bom profissional; formou-se no magistério, mas não

quis seguir a profissão; cursou contabilidade, porém este também não era seu forte, desistindo do curso. Ele ambicionava um futuro melhor. Então passou a trabalhar com revelação de fotos no Lima Collor e nas folgas fazia “bico” para ganhar algum trocado para o sustento da família, ao mesmo tempo em que fazia dois cursos, um de eletrônica e outro de pintura pelo Instituto Universal Brasileiro, concluindo todos. Acho que foi com esses cursos que o Delson descobriu seu verdadeiro profissionalismo. Mas o que mais gostava eram as artes plásticas, demonstrando seu talento no concurso da IV Festa da Castanha quando ganhou o primeiro lugar. No folder da festa estava o impressionismo em destaque do 1.º lugar; era a pintura matizada do saudoso artista plástico Delson Júnio. Sua fama ganhou destaque na mídia amazonense.

Um Artista de Tefé em Fonte Boa

Dizem que “santo de casa não faz milagre”, porém Delson não se importava com isso; pelo talento que tinha, recebeu convite contratual de várias prefeituras para desenvolver seu potencial artístico, aceitando com muito orgulho trabalhar na Secretaria de Cultura do município de Fonte Boa, onde assumiu o cargo de coordenador, responsável pelo designer e montagem das alegorias do famoso boi “Corajoso” contribuindo para alcançar o título de campeão daquele festival. Lá estava um artista de Tefé fazendo sucesso em Fonte Boa.

No dia 4 de abril de 2005, Tefé e Fonte Boa amanheceram de luto, pois um trágico acidente de moto tirou a vida do nosso artista sonhador, deixando um grande vazio para todos que o conheciam. Valeu, Delson, se você aplicar lá nas alturas a irreverência de suas pinturas, tenho certeza de que a partir desse dia o céu ficará mais bonito com suas cores irradiando a Terra.

Falar do Gelson é lembrar do seu programa radiofônico da Rádio Rural intitulado “Toque de saudade”, onde todos os dias a partir das 13h, era ouvido por todos as inesquecíveis músicas selecionadas minuciosamente por ele. Lembro das vezes em que

chegava da aula, após o almoço, sintonizava o rádio para deleitar-me das músicas e, de vez em quando, nos intervalos, ouvia a expressiva voz de ouro do Gelson, direcionando a próxima melodia a determinado ouvinte em qualquer ponto da cidade ou nos estabelecimentos comerciais, alegrando os corações. Ele já sabia das minhas preferidas e não era surpresa quando anunciava as músicas “Ar de Moço Bom” de Roberto Carlos e “Uma Canção para Você” de Nelson Ned. Dizia ele: “– é para Luís Sevalho do bairro da Olaria”. Mesmo quando não anunciava, já sabia que elas eram direcionadas para minha pessoa.



Locutor e repórter Gelson Rodrigues e o filho Gelson Jr. *Arquivo da família*

Gelson Rodrigues Marinho (Gelson Rodrigues) era um rapaz muito simples, de família humilde, vindo do município de Fonte Boa (localidade de Araçatuba) para trabalhar na costa de Tefé, comunidade do Icé. De lá, Gelson vinha todos os dias de canoa à base de remo estudar na cidade.

Seu jeito humilde de se comunicar ou até mesmo de saber tratar as pessoas com modéstia e respeito ia formando nesse menino franzino uma celebridade, onde mais tarde despontaria seu grande talento nas ondas da

rádio como locutor, na Rede Vida e na TV Amazonas como repórter, até o seu falecimento.

Era filho do agricultor Lourival Marinho e de dona Altina. Desse casal nasceram 14 filhos: 11 homens e três mulheres. Dentre os homens nascera Gelson, a eloquência do rádio que muito contribuiu com a comunicação do nosso município. Na noite do sinistro (30/11/03), Gelson fazia a cobertura (filmagem) de um evento na Associação Atlética Banco do Brasil (AABB) e na ocasião faltou um acessório de TV que ficou em sua casa. Então, resolveu buscá-lo na moto de um amigo, quando foi surpreendido na colisão com outra moto, levando nosso locutor ao óbito.

Francisco Medeiros descreveu a vida de seu grande amigo com a seguinte frase: “– na estrada da vida tudo que é bom é efêmero, dura muito pouco, somente o tempo suficiente para tornar-se inesquecível”. Também concordo, acrescentando ao mesmo tempo que o seu toque de saudade não acabou; entre nós ele ficará para sempre guardado com muita lembrança em nossos corações.

Professor Calisto Pereira Cavalcante – o Educador sem Fronteiras

Muitas pessoas não conheceram a história de luta desse grande educador que foi o professor Calisto Pereira Cavalcante, que durante o tempo em que viveu na cidade de Tefé, tanto lutou pela organização do povo, contribuindo significativamente para o desenvolvimento social, político e educacional daquele município. Calisto era filho de Antônio Pinho Cavalcante e de Rosa do Nascimento Cavalcante. Desse casal nasceram os seguintes filhos: Fátima Cavalcante Costa, Rosita Pereira Cavalcante, Calisto Pereira Cavalcante, Cleibe Pereira Cavalcante, Rosimeiry Pereira Cavalcante e Cleia do Nascimento Cavalcante. Calisto nasceu no dia 14 de outubro de 1961, sendo o 3.º irmão mais velho da família. Ele era do tipo irreverente nas suas discussões políticas ou até mesmo nas questões educacionais. Sua retórica baseava-se numa boa resposta e em bom-tom, principalmente quando se discutia a filosofia política do socialismo. Porém, procurava ser mediador



Professor Calisto. Arquivo da família

nas horas precisas. Era polêmico, no entanto brilhava em suas virtudes.

Foi organizador da Associação Profissional dos Professores (Appam), mais tarde transformada em Sindicato dos Trabalhadores em Educação (Sinteam), liderando inúmeras greves para a categoria. Com a experiência sindical que tinha, ministrou palestras, participando de inúmeros encontros, seminários e conferências nos mais variados setores da educação do Amazonas e em outros Estados da federação. Esteve presente em eventos até fora do Brasil. Em 1998, Calisto participou do II Congresso Internacional da Afirse – educação e política, na Universidade de Lisboa, em Portugal.



Foto tirada no dia 19 de março de 2010 para homenagear o dia da escola e o seu patrono – Calisto Pereira Cavalcante. A solenidade foi organizada pelo corpo docente e discente da escola. Vendo - se na foto da esquerda para a direita, os seguintes convidados: Clévis Pereira Cavalcante (irmão do Calisto), professora Eli Neuza Soares da Silva, Sílvia Helena Farias do Nascimento (gestora 2007 a 2010), Antônio Pinho Cavalcante (pai do Calisto), professor Luís Alberto Lopes Sevalho e a ex-gestora do CMEI, Cacilda do Nascimento Peixoto Alencar.

O clima foi de festa e muita alegria pelo advento do dia da escola e pela primeira homenagem feita ao patrono do Centro de Educação Infantil, Calisto Pereira Cavalcante - o educador sem fronteiras.

Arquivo da escola

Por onde esteve, nunca deixou de exibir as marcas de sua origem, o que posso afirmar que nele sempre esteve presente o orgulho tefeense, já que em suas boas maneiras existiam a paz e a proteção de Santa Teresa D'Ávila. Sua demonstração de bravura faz lembrar o espírito de luta da saudosa mãe, Rosa Cavalcante, a primeira dona de casa a ter coragem, tempo e persistência para organizar a União de Mulheres de Tefé. Calisto, por estar sempre à frente das organizações populares, foi várias vezes perseguido pelo poder dominante. No entanto, nunca quedou-se aos argumentos oportunistas da época.

O médico Antônio Levino descreveu a vida de luta do Calisto, comparando-o com a saga de Ulisses (personagem grego) que singrou mares, enfrentando tormentas, retratando também a bravura manifestada na “paixão dos italianos Sacco e Vanzetti”, os heróis do povo que se ofereceram em sacrifício para ensinar a importância de jamais se acovardar diante da injustiça.

Assim também foi Calisto; passou no concurso do Banco do Brasil e, por defender as ideias socialistas, quase não foi chamado para exercer a nova função. Trabalhou dois anos no banco e ficou surpreso quando foi notificado que seria transferido para Manaus.

A Justa Homenagem e o Merecido Nome



CMEI Calisto Pereira Cavalcante. Arquivo da escola

O momento era de muita comoção. Ele não queria deixar sua terra natal. Entre prantos, Calisto reuniu o partido político

(PCdoB) para decidir se acatava ou não a decisão do banco. Ele não queria abandonar a luta tefeense e se fosse preciso renunciaria o emprego bancário. A decisão partidária, da qual fiz parte, foi de sim, para viajar. Uma parte da família do partido, o Calisto iria brilhar mais adiante, mostrando na capital a grandeza de uma imprescindível estrela do nosso município.

O lutador revolucionário logo mostrou no sindicato dos bancários o prestígio e a experiência que tinha adquirido nas diversas lutas do interior e revolucionou a organização dos bancários, tornando-se um importante diretor daquela categoria. Pelos seus méritos, deixou a vida sindical por algum momento para ocupar mais um importante cargo, dessa vez na Secretaria de Estado da Educação e Qualidade de Ensino – Seduc (assessor técnico PDE, Fundoescola e PNLD), onde uma de suas tarefas era selecionar com responsabilidade os gestores educacionais para administrar as escolas do Estado. Daí para frente estava selada a carreira do técnico agrícola Calisto (1981), que já era graduado em Pedagogia (1991) e mestre em Educação (1998).

O ousado Calisto preparava-se para concluir seu doutorado na Espanha, quando um grave acidente automobilístico seguido de aneurisma ceifou a vida do nosso herói tefeense. “Calistinho”, como era chamado em Tefé por seus colegas professores, caracterizou-se pelo estilo firme de decisão que tinha. Mesmo como bancário, jamais deixou a bandeira da educação de lado. Demonstrou isso a vida toda, inclusive no seu sítio “Pousada do Cavaco”, que fica na estrada de Manacapuru, a 23 km da sede do município. Lá construiu, com apoio de seus familiares, um auditório, onde, nos finais de semana, ao invés de repousar, cercava-se de alunos e professores vindos de várias universidades de Manaus consultar o mestre Calisto, tirar as dúvidas dos assuntos educacionais da semana e aprender boas lições; era um abnegado educador sem fronteiras.

O prestígio desse vencedor foi demonstrado também na luta partidária e nos diversos cargos públicos que ocupou com mérito durante o efêmero tempo em que viveu entre nós. Foi forte até na hora do calvário, quando teve de resistir a várias pa-

radas cardíacas. Durante o suplício, com as costelas dilaceradas pelo acidente, ainda preocupava-se com as questões sociais do seu povo e pelas tarefas que deixou de fazer pelo infortúnio. Foi assim sua bravura até quando seu coração parou de funcionar às 8h45 do dia 7 de novembro de 2003, no Hospital Adventista de Manaus. O cemitério Parque de Manaus guarda um grande mestre da educação brasileira. Para todos que conheceram o Calisto, não basta dizer o só “muito obrigado”. Fica a lembrança e o desafio a ser seguido pela sua notável carreira educacional, da luz do saber e, acima de tudo, defensor das causas populares; que soube navegar em mares tempestuosos, conciliando ideologia e trabalho mostrando talento.

Aqui ficam as homenagens de quem te conheceu, dos teus familiares, admiradores, camaradas, educadores e de todos teus alunos da Ufam, UEA e demais universidades em que lecionaste, elevando-te com o título póstumo de doutor Calisto Pereira Cavalcante – o educador sem fronteiras.



Professor Edézia. Foto J. Luiz

Dizia Tancredo Neves que “não se tira o sapato antes de chegar ao rio”, ele invocava o rio Rubicão em Roma, que os invasores teriam de cruzar antes de conquistá-la. Assim também foi a vida e a luta do gestor, professor e vereador Edézio Oliveira de Pinho. Ele nunca tirou o sapato antes da hora, porém, se fosse preciso, não hesitaria. Edézio Pinho era casado com Zoraima e tiveram três filhos, sendo dois homens e uma mulher. Filho de Manuel Ricardo de Pinho e Cizete Maria de Oliveira Pinho. Edézio era o primeiro dos nove filhos desse casal. Desde cedo dedicou-se à vida familiar, religiosa e pública. Foi um grande incentivador na vida pastoral católica, fundou o grupo de jovens – Juventude Unida em São Francisco (JUF), foi coordenador do Conselho Pastoral de Santo Antônio, organizou vários arraiais desse padroeiro, ao mesmo tempo em que promovia assembleias, encontros e várias outras atividades. Assim foi Edézio, sempre a serviço das boas obras evangelizadoras.

Luis Sevalho

Ocupou diversas atividades profissionais e na área da educação trabalhou em várias escolas com muita seriedade e dedicação. Foi gestor durante dez anos na Escola Getúlio Vargas; nessa escola trabalhamos juntos, sendo ele o meu gestor. Depois, cursamos a graduação em História pela Universidade Federal de Juiz de Fora. Foram 21 anos dedicados com competência, dignidade e ética a serviço da educação tefeense.

A Vida Política do Professor Edézio

Edézio sabia que a luta por si só ainda era pouco para avançar na organização de um povo. Era preciso alguém que se identificasse com essas lutas e fizesse a diferença no Parlamento municipal.

Perseguindo esse perfil, candidatou-se em 1998 para vereador e em 2000, como vice-prefeito, mas não era chegada a hora de tirar o sapato e enfrentar o rio. Faltava muito ainda para libertar seu povo das amarras da politicagem. O povo ainda precisava enxergar politicamente quem estava verdadeiramente à sua frente, por isso nessas duas tentativas Edézio não foi eleito.

No entanto, era muito perseverante nos seus objetivos e a vitória política, para mostrar seu prestígio, era só uma questão de tempo. Se fosse preciso, tiraria o sapato para atravessar o Rubicão e lutaria até as últimas consequências para alcançar seus objetivos e ter como ele dizia “um município mais humano e justo, onde todos pudessem viver com dignidade”.

No pleito de 2004, fizemos a campanha apoiando os candidatos a prefeito Sidônio e vice Abel Alves. Edézio disputava uma vaga para vereador e eu lutava pela reeleição à Câmara. Finalmente, no dia 3 de outubro de 2004, o povo consagrou o professor Edézio com 753 votos: dos dez eleitos, ele ocupou o 3.º lugar na contagem geral, sendo o 1.º da nossa coligação.

Após a diplomação em dezembro de 2004, o vereador não pôde mais esconder as fortes dores de uma grave doença que o levaria para a eternidade. Ainda tomou posse no dia primeiro de janeiro de 2005, ocupando o cargo de primeiro tesoureiro da Casa, não sendo possível administrar o erário do povo, para mostrar sua competência e dignidade tanto sonhada. Antes do último suspiro, ainda teve força para escrever um bilhete à sua esposa Zoraima, já com os dedos quase inertes, ele escreveu: “- fica atenta em tudo”; ele estava prevenindo a árdua vida que ela tinha de vencer com seus filhos a partir daquele momento. Porque acrescento: Edézio sabia que a política não ficou para os iguais.

No dia 28 de maio de 2005, às 14h, é podada em Manaus a vida do professor e vereador Edézio Pinho; partiu para o aconchego do Pai, que carrega em seus braços um bravo lutador de todos os tempos e que merece de todos os tefeenses um epitáfio elogioso pela bravura de sua luta, por ser humano, honesto carismático, responsável e mediador das coisas de Deus e dos homens.

Obrigado, companheiro de tantas batalhas, você saiu do meio de nós para entrar na história dos imortais do nosso município.

“Do meio social mais humilde pode nascer a maior grandeza”. É com essa máxima do escritor tefeense Protásio Lopes Pessoa que posso interpretar a trajetória política, inteligente e determinada que foi a do professor Luzivaldo Castro dos Santos. Luzivaldo nasceu no dia 11 de setembro de 1957 em Carauari, comunidade Novo Oriente. Filho de Francisco Felicis-

simo dos Santos e de dona Gilda Rodrigues de Castro. Logo cedo teve de deixar seu torrão aos 12 anos de idade para ajudar a construir a história de Tefé e de outros municípios por onde trabalhou. Homem de bom coração familiar; teve seis maravilhosos filhos: Jardel, Maurenita, Welison, Larissa, Rafael e Luzivaldo Júnior, tendo em sua companhia inseparável sua bondosa esposa, Terezinha de Jesus Lima de Oliveira dos Santos, a Samita, como é conhecida. Do pouco tempo que Luzivaldo dividia com a família pelos seus compromissos diários, ainda sobrava-lhe um para compor músicas, escrever poemas e promover, quando oportuno, os grandes festivais culturais. Assim agia para descobrir os talentos da terra e engrandecer a cultura do município.



Professor Luzivaldo. Foto J. Luiz

Não recordo bem da letra de uma de suas canções, no entanto é nesse sentido que ele dizia: “É hora de plantar a esperança em nossa terra, fazer valer nossos direitos, amar a paz, banir a guerra”... Esta música fez muito sucesso, sendo inclusive a vinheta do programa radiofônico do Sindicato dos Trabalhadores em Educação do Amazonas (Sinteam), apresentado

naquela época por minha pessoa nas noites de quinta-feira na Rádio Educação Rural de Tefé.

O Educador Precoce e a Revoada Política

Luzivaldo era apaixonado pela arte de educar. Aliás, carregou a bandeira da educação em todos os cargos que ocupou como homem público. Em 1970, ainda bem jovem, fundou as Escolas Reunidas Dom Bosco, onde começou suas aulas como instrutor de datilografia. Logo ganhou notabilidade política para ingressar na vida pública como vereador (1982) e deputado estadual (1986). Sua revoada política ganhou espaço além das fronteiras de Tefé.

Quando terminou o mandato de deputado, Luzivaldo ocupou o cargo de supervisor de ensino numa escola rural do Distrito de Balbina, em Presidente Figueiredo, no auge da implantação da Hidrelétrica de Balbina.

Por seus méritos conquistados, ocupou o cargo de secretário de Educação no município de Autazes (1993) e, em 1997, retornou a Tefé para assumir o cargo de secretário de Educação deste município. No ano de 2000, foi reeleito vereador por Tefé. Nesse pleito (2000-2004), eu também desempenhava a função de vereador juntamente com o nobre par Luzivaldo. Sua atuação parlamentar foi sempre à altura; fazíamos dobradinha na aprovação das propostas legislativas. Não tínhamos divergências; quando apresentava meus projetos de lei na Casa, ele aprovava e vice-versa.

Em 2003, o vereador Luzivaldo foi convidado pelo prefeito de Alvarães para desempenhar a tarefa de secretário de Educação. Aí, ele teve de dividir o coração e o trabalho entre Tefé, como vereador, e Alvarães, como secretário. Era tarefa árdua, porém enfrentava com naturalidade. Depois que trocou de prefeito, já na administração do Delmiro, Luzivaldo manteve-se no cargo de secretário de Educação, onde implantou o projeto “Educar para a Vida”, que virou lei no município de Alvarães. Em dezembro de 2006 foi a vez de revelar os talentos de Alvarães pela realização do grande festival cultural, iniciativa

do secretário Luzivaldo. Continuou brilhando sempre e inovando em seus trabalhos, sendo admirado por todos, tanto na cidade como nas comunidades rurais. Foi assim até no dia 25 de abril de 2007, quando teve de sair desta vida, vítima de uma pancreatite aguda. Foi uma morte que nem mesmo a família pressentia a iminência da tragédia. A “simples” gastrite transformou-se num grande problema de saúde, levando nosso Luzivaldo, homem de tamanha grandeza, ao óbito.

Tefé e Alvarães sentirão por muito tempo sua falta. Uma falta incontida não só por perder um ser humano, mas acima de tudo a falta insubstituível pelo seu abnegado trabalho que desenvolveu em vida nesses dois municípios e também pela superioridade moral que tinha. A homenagem resignada que faço a você fica interpretada como se fosse a dos tefeenses e a do povo de Alvarães, lhe agradecendo por tamanho patriotismo e pela ardorosa paixão que tinha pela educação e cultura das crianças e dos homens. Muito agradecemos.

Luis Sevalho

Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá



Macaco Uacari Branco (Cacajão Calvus Calvus)

A Reserva de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá (RDSM) é uma unidade de conservação de uso sustentável, que tem como objetivo preservar a natureza e, ao mesmo tempo, assegurar as condições e os meios necessários para a reprodução e a melhoria dos modos e da qualidade de vida

das populações tradicionais por meio do manejo participativo (SNUC, 2000). Quando foi implantado em 1996, o Plano de Manejo da unidade de conservação, teve de restringir o acesso a algumas áreas e a seus recursos naturais antes exploradas pelas populações locais. Como medidas compensatórias, alternativas econômicas foram implantadas, são elas o manejo florestal, o manejo da pesca, o artesanato e o ecoturismo. O ecoturismo é entendido como “uma atividade que utiliza, de forma sustentável, o patrimônio natural e cultural, incentiva sua conservação e busca a formação de uma consciência ambientalista pela interpretação do ambiente, promovendo o bem-estar das populações envolvidas”.

A atividade é desenvolvida na RDS Mamirauá desde 1998 e seu principal objetivo é promover a conservação dos recursos naturais e servir de fonte de renda para as populações moradoras da unidade de conservação. Para atingir tais objetivos, o programa de ecoturismo tem desenvolvido as seguintes ações: planejamento turístico, implantação de infraestrutura de mínimo impacto, promoção da capacitação e organização do pessoal local, geração de benefícios socioeconômicos para a população local, desenvolvimento do produto e seus nichos em uma estratégia de marketing responsável e minimização e monitoramento dos impactos gerados pela atividade. As comunidades que participam da atividade estão situadas próximas à zona de manejo de ecoturismo e estão organizadas politicamente em um dos nove setores da área focal da Reserva: o Setor Mamirauá. Seus residentes participam do Programa de Ecoturismo de várias formas: nas tomadas de decisão por meio da Associação de Guias e Auxiliares de Ecoturismo (Aagemam), no gerenciamento da pousada, trabalhando e fornecendo produtos para a pousada, recepcionando turistas nas suas comunidades e vendendo artesanato.

Em Mamirauá, os benefícios econômicos gerados ao longo de sua implantação foram significativos o bastante para demonstrar a importância da conservação do local. Assim, houve um aumento considerável das populações de recursos-chave na Zona de Manejo Especial de Ecoturismo (IDSME, 2001). A

geração de benefícios econômicos diretos em curto prazo se mostrou uma ótima oportunidade para fixar benefícios econômicos no local e também promover uma correlação rápida e clara entre a conservação de recursos naturais e a geração de renda. Com forte base comunitária, boa posição no mercado e bons resultados financeiros, o ecoturismo desenvolvido em Mamirauá tem grande possibilidade de continuar crescendo e atingir seus objetivos de conservar os recursos naturais da área natural e também oferecer uma alternativa econômica aos moradores da área. Entretanto, o programa deve vencer seus principais desafios, entre eles a minimização dos impactos ambientais causados pela atividade. Para isso, um sistema de gestão ambiental e monitoramento foi implantado.

Por meio de convênios com o Instituto de Proteção Ambiental do Amazonas (Ipaam). O Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá (IDSM) tem responsabilidade para a gestão de duas reservas estaduais. A Reserva de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá (RDSM) tem 1.124.000 ha e a Reserva de Desenvolvimento Sustentável Amanã (RDSA) abrange outra área de 2.350.000 ha. As duas reservas são vizinhas e junto com o Parque Nacional do Jaú formam a maior área de floresta tropical protegida no mundo.

Datas Históricas do Mamirauá – IDSM

1990 – O Estado do Amazonas cria a Estação Ecológica Mamirauá com 1.124.000 ha nas florestas inundadas da Amazônia Central, tendo à frente o pesquisador Márcio Ayres.

1992 – A Sociedade Civil Mamirauá (SCM) é criada em Tefé por pesquisadores de várias instituições amazônicas.

1993 – A Estação Ecológica Mamirauá (EEM) torna-se uma das cinco áreas da Convenção Ramsar pelo Brasil.

1994 a 1996 – O Estado do Amazonas cria uma nova categoria de área protegida (Reserva de Desenvolvi-

mento Sustentável) e Mamirauá é a primeira sob a nova legislação.

1996 – A Sociedade Civil Mamirauá (SCM) publica o primeiro plano de manejo para a Reserva de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá (RDSM).

1996 a 1997 – A Sociedade Civil Mamirauá (SCM) coordena o componente Parques e Reservas do PPG7 e propõe a criação dos sete corredores para a proteção das florestas tropicais do Brasil.

1998 – O Governo do Estado do Amazonas decreta a criação da Reserva de Desenvolvimento Sustentável Amanã (RDSA), uma proposta elaborada pela Sociedade Civil Mamirauá (SCM) unindo o Parque Nacional do Jaú e Reserva de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá (RDSM).

1999 – O presidente da República Fernando Henrique Cardoso (FHC) qualifica o Instituto Mamirauá como Organização Social ligada ao Ministério de Ciência e Tecnologia.

1999 – Instituto Mamirauá para o Desenvolvimento Sustentável é criado em Tefé.

2000 – Reserva de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá é aprovada e incorporada no Sistema Nacional de Unidades de Conservação (SNUC).

2000 – A RDSM e a RDSA são incluídas na Reserva da Biosfera da Amazônia Central (ManBio-Unesco).

2001 – A RDSM e a RDSA são decretadas Patrimônio Mundial Natural pela Unesco junto ao Parque Nacional do Jaú e a Reserva Biológica de Anavihanas.

2002 – O presidente Fernando Henrique Cardoso visita a Reserva de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá.

2002 – José Márcio Ayres é agraciado com o Prêmio Rolex por sua contribuição na área de ciência para a conservação.

2003 – A pousada Uacari foi reconhecida como o “Melhor Destino de Ecoturismo” pelo Conde Nest Ecotourism Travel Award: Best Destination; também recebeu o Prêmio de Turismo Sustentável pela Smithsonian Magazine.

2003 – Outorga de dois prêmios a José Márcio Ayres: Prêmio Frederico de Menezes, pela Embrapa/Brasília; Prêmio Superecologia, pela Editora Abril. Em homenagem ao pesquisador, foi lançado o concurso “Prêmio Jovem Naturalista José Márcio Ayres”, pelo Museu Paraense Emílio Goeldi e Conservation International.

2003 – As Reservas de Desenvolvimento Sustentável Mami-
rauí e Amanã foram reconhecidas pela Unesco como Sítio do Patrimônio Natural da Humanidade.

2003 – Conclusão das obras de infraestrutura no terreno da futura sede do IDSM em Tefé. Obra financiada com recursos do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), CT-Infra (Fundo de Infraestrutura da Financiadora de Estudos e Projetos – Finep) e Ministério da Ciência e Tecnologia (MCT).

2004 – Recebimento do Prêmio Equator Prize Initiative, concedido pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD/ONU), em reconhecimento à redução da pobreza por meio de programas de desenvolvimento sustentável desenvolvidos pelo IDSM.

2004 – Inauguração do prédio de serviços gerais na área da sede do IDSM, com financiamento da Financiadora de Estudos e Projetos (Finep/MCT).

2004 – Expansão das atividades do IDSM para a área subsidiária da Reserva Mamirauá.

2005 – Recebimento do Prêmio O Bom do Brasil, concedido pela Revista Ícaro, em reconhecimento aos

trabalhos ambientais e sociais desenvolvidos pelo IDSM.

2005 – Construção de mais um prédio dentre os previstos para a sede do IDSM, em Tefé. Essa construção foi realizada com recursos da Financiadora de Estudos e Projetos (Finep/MCT).

2006 – Ampliação da infraestrutura da sede do IDSM, com a inauguração do prédio destinado à Administração. A obra foi financiada pela Financiadora de Estudos e Projetos (Finep/MCT).

2006 – Elaboração do I Plano Diretor do IDSM, para consolidar a inserção do Instituto no cenário da Ciência e Tecnologia da Amazônia.

2006 – Renovação do contrato de gestão firmado entre o Ministério da Ciência e Tecnologia e o IDSM até 2009.

2006 – Visita do ministro para a Biodiversidade do Reino Unido, Jim Knight, à Reserva Mamirauá.

2006 – Construção do módulo central da pousada Uacari, ampliando a infraestrutura de apoio ao ecoturismo na RDS Mamirauá, com recursos próprios do Programa de Turismo de Base Comunitária e do Instituto Mamirauá/Ministério da Ciência e Tecnologia (MCT).

2008 – Inaugurado o Memorial Márcio Ayres, na sede do Instituto Mamirauá, em Tefé.

2008 – Inauguração do prédio de Pesquisa, na sede do Instituto Mamirauá, em Tefé. A obra foi financiada pela Financiadora de Estudos e Projetos (Finep/MCT).

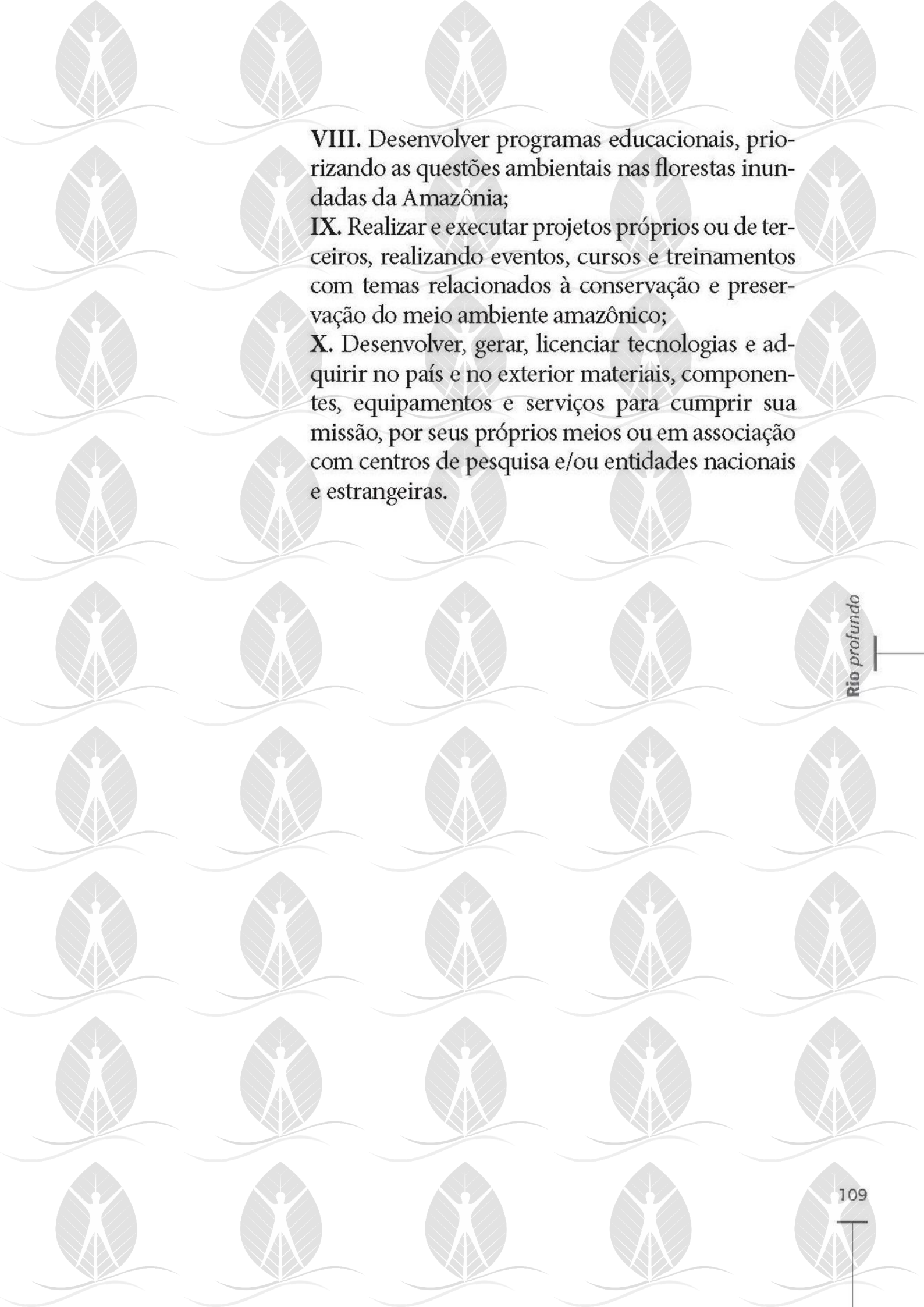
2012 – Em dezembro de 2012 o Instituto Mamirauá recebeu o prêmio da FINEP de inovação na categoria tecnologia social em que consiste no bombeamento da água do rio já purificada para o consumo com uso de energia solar fotovoltaica.

Objetivos a Cumprir – Mamirauá

O Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá (IDSMS) foi criado em maio de 1999 com o objetivo de dar continuidade aos trabalhos de implementação que já vinham sendo realizados pelo Projeto Mamirauá. Em 7 de julho de 1999, por decreto presidencial, foi qualificado como Organização Social.

O IDSMS tem por missão o desenvolvimento de modelo de área protegida para grandes áreas de florestas tropicais onde, por meio de manejo participativo, possa ser mantida a biodiversidade, os processos ecológicos e evolutivos.

- I. Desenvolver, incentivar, coordenar, executar e administrar a realização de projetos que objetivem a conservação e, especialmente, a preservação de florestas inundadas;
- II. Promover o desenvolvimento sustentável da Região em articulação com a população local;
- III. Arregimentar e gerir fundos econômicos e financeiros legais, provenientes de doações de indivíduos e/ou entidades nacionais e estrangeiras, públicas ou privadas, para o cumprimento da missão;
- IV. Desenvolver ou financiar estudos e pesquisas sobre o uso sustentável dos recursos naturais das florestas inundadas;
- V. Realizar pesquisas de natureza básica, aplicada e tecnológica nas áreas de sua competência e afins;
- VI. Proporcionar e contribuir para o treinamento científico e tecnológico de recursos humanos para o Sistema Nacional de Ciência e Tecnologia, público e privado, nas áreas de sua competência e afins;
- VII. Apoiar e cooperar com a atuação de entidades públicas e/ou privadas, cujo objetivo coincida ser a conservação, a preservação e a melhoria do meio ambiente da Região Amazônica;



VIII. Desenvolver programas educacionais, priorizando as questões ambientais nas florestas inundadas da Amazônia;

IX. Realizar e executar projetos próprios ou de terceiros, realizando eventos, cursos e treinamentos com temas relacionados à conservação e preservação do meio ambiente amazônico;

X. Desenvolver, gerar, licenciar tecnologias e adquirir no país e no exterior materiais, componentes, equipamentos e serviços para cumprir sua missão, por seus próprios meios ou em associação com centros de pesquisa e/ou entidades nacionais e estrangeiras.

Capítulo II

Hinos e Canções

Hino de Tefé³

Pe. Cauper

Aos apelos da voz do passado,
Nossas almas erguidas de pé;
Vêm cantar-te num peito sagrado
Ó cidade gentil de Tefé.

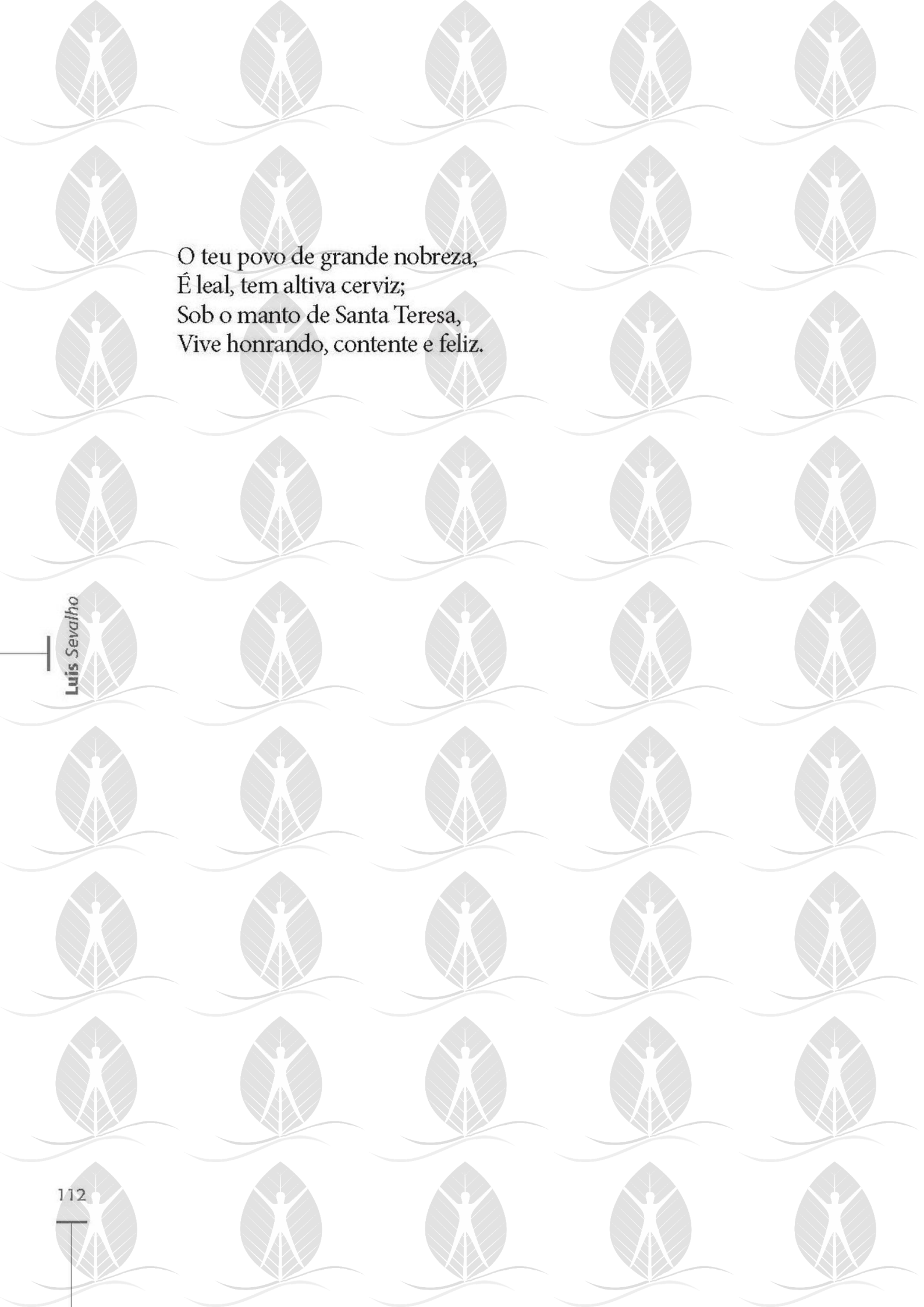
Tua história de lutas ingentes
Foi um facho de vivo clarão,
A brilhar sobre as matas virentes
Deste vasto e formoso rincão.

Refrão

Do Amazonas, comuna altaneira,
És princesa do Rio Solimões,
Salve! Salve! Tefé sobranceira!
Tens os nossos fiéis corações!

Sobranceiro ao teu lago formoso,
Entre as praias e matas em flor;
Tu plantaste um padrão glorioso
De progresso, de fé, de labor.

³ **Hino de Tefé:** Letra e Música do Pe. Manuel de Lima Cauper, Lei nº 028/83 de 14 de novembro de 1983 oficializado pelo prefeito Hélio Bessa.



O teu povo de grande nobreza,
É leal, tem altiva cerviz;
Sob o manto de Santa Teresa,
Vive honrando, contente e feliz.

CANÇÃO DE TEFÉ

Pe. Cauper

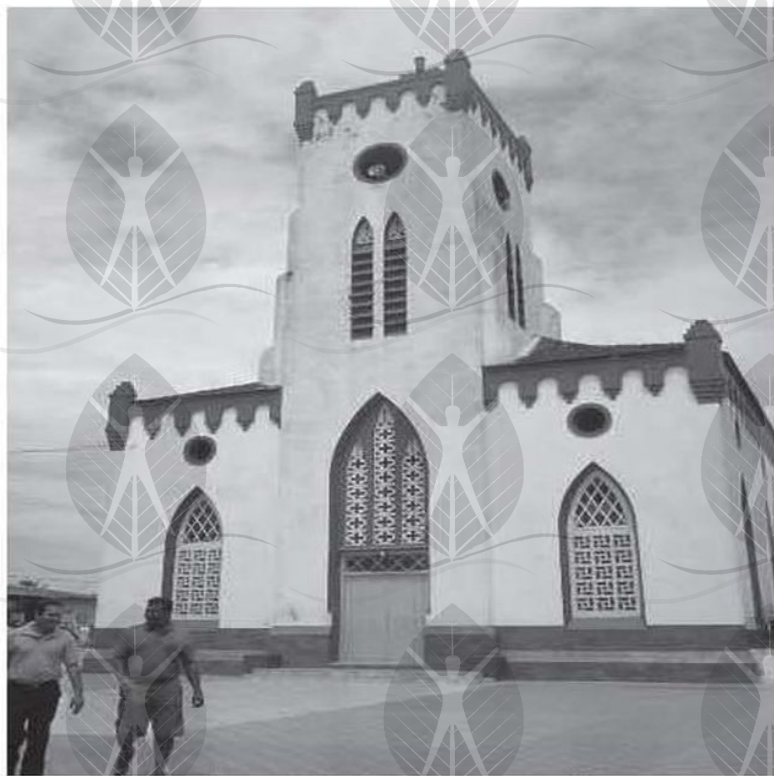
Audaz, desbravador num sonho ousado!
Vencendo as selvas e rios do passado,
Em dia festival, na terra tropical,
Desembarcou plantando aqui seu lar com fé.

Assim nasceu do esforço sobre-humano,
A velha Ega em solo americano,
Nasceste, assim, Tefé, rincão do meu amor
Que eu amo com fervor!

No trabalho e na honradez
Com coragem e altivez
O teu povo conquistou felicidade
E cumprindo o seu dever
Buscará te engrandecer
Caminhando pela trilha da bondade. (2x)

Hino da Padroeira Santa Teresa D'Ávila⁴

Pe. Manuel Rebouças Albuquerque




Igreja matriz de Santa Tereza em Tefé 2005. Foto J. Luiz

Luis Sevalho

Glória a ti, ó sublime Teresa
De Tefé padroeira querida
A teu culto nossa alma anda presa
Glória a ti em hosanas de vida
Se és da Espanha o mais rico tesouro.

És a glória também de Tefé
E por isso aqui vimos em coro
Celebrar-te num hino de fé.

⁴ **Santa Teresa D'Ávila** é padroeira de Tefé. Suas festividades começam do dia 1º a 15 de outubro.



Glória a ti esplendor do Carmelo
Tu de Espanha o mais puro brasão
És um Céu todo azul e todo belo
Que Jesus escolheu por mansão.

Lá do Céu ó Teresa, ouve o canto
Que ti vimos aqui entoar
E protege envolvendo em teu manto
O Brasil, e Tefé, nosso lar.

Tefé, Meu Berço Dourado⁵

Celso Mendes

Antiga Ega, primeiro nome daqui,
No Amazonas, te descobriram aqui,
Hoje é Tefé princesinha, meu berço dourado
Foi onde eu nasci.

Tuas praias brancas, o teu lago azul
Tanta fartura, do bom pirarucu
Tucunaré, jaraqui, o bararuá e o gostoso pacu
Tem tantas belezas tantas como o pôr do sol
O céu limpo e azul.

A Praia da Juliana, do Itapoã
Praia de Nogueira, a Praia do Abial,
Comer um tambaqui gordo,
Assado na brasa, lá pelo Sinval.
Depois voltar pra Tia Dalva,
Tomar umas e outras, chegar no Real.

Santa Teresa, minha Padroeira de fé,
Lá no “Juruca”, o arraial de São José.
Tem Nacional, tem Real,
Também Humaitá, Ponto Chic e AABB.

5 Tefé meu berço dourado é o original cedido pelo autor Celso Mendes, tornando-se a música imortal dos tefeenses.

Tefé – Deus Não Te Abandonou⁶

Celso Mendes

Na minha primeira música Princesa,
Foi Tefé do meu amor
Na minha primeira música Princesa,
Só te decantei amor
Hoje está tudo mudado
Mesmo assim eu acredito que Deus não te abandonou
Falta água, falta luz, falta gás e gasolina,
Falta tudo meu Senhor,
Onde está a princesinha,
Antigamente conhecida “Capital do Interior”.
Na minha primeira música Princesa
Foi Tefé do meu amor
Na minha primeira música Princesa,
Só te decantei amor
Hoje está tudo mudado
Mesmo assim eu acredito que Deus não te abandonou
Falta água, falta luz, falta gás e gasolina,
Falta tudo meu Senhor,
Onde está a princesinha antigamente conhecida
“Capital do Interior”
Tenho fé e esperança
Que um dia “os home cansa”
De ser frio e enganador
E devolve a esta Cidade um pouco de felicidade
Revivendo o meu amor.

6 TEFÉ, DEUS NÃO TE ABANDONOU é uma composição de Celso Mendes feita na década de 80, bastante cantada pelos tefeenses nas sucessivas passeatas que faziam reivindicando dentre outras coisas, a melhoria de água potável e energia elétrica para Tefé.

Hino da Escola Isidoro Gonçalves de Souza⁷

Celso Mendes

Eia avante nobres companheiros,
Nossa meta é nossa educação,
Essa luta ficará na história,
Bem gravada em nosso coração,
Um futuro melhor nos espera,
E a vitória um dia virá,
Isidoro Gonçalves de Souza,
Minha Escola, extensão do meu lar.

Estudantes, Mestres, Funcionários.
Todos juntos queremos saudar,
Nossa escola que é nosso orgulho
Para sempre haveremos de amar.
Esse nome é de teu filho ilustre,
Professor de cultura sem-par,
Isidoro Gonçalves de Souza,
Minha escola, extensão do meu lar.

Nossos mestres, altivos guerreiros,
Que abraçaram tão nobre missão,
Deus lhes dê muita sabedoria,
E recebam nossa gratidão.
E Tefé nosso berço querido,
Dessa escola vai se orgulhar,
Isidoro Gonçalves de Souza,
Minha escola, extensão do meu lar.

Hino da Escola Antídio Borges Façanha⁸

Celso Mendes

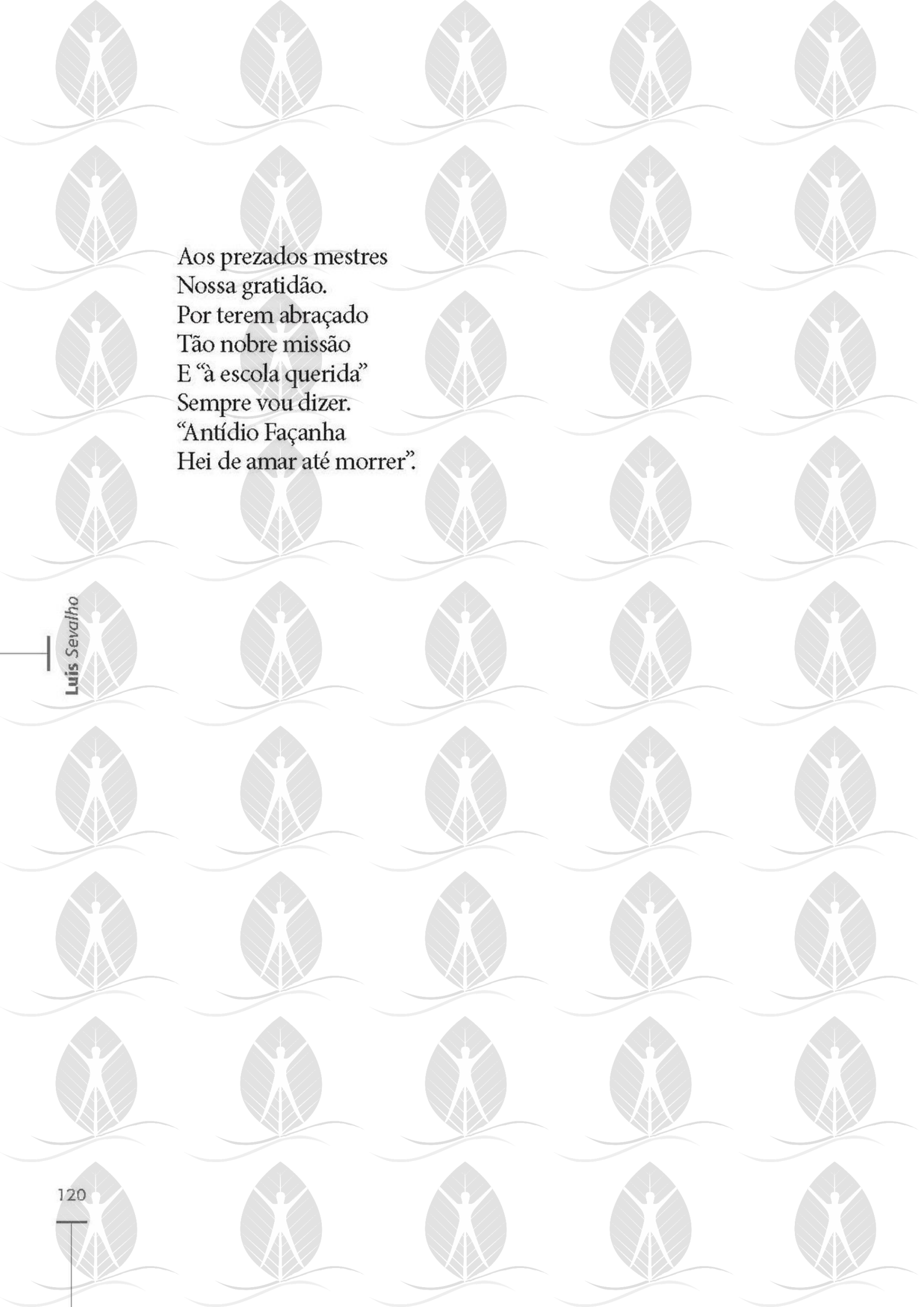
Na estrada da vida
Meu lema é “vencer”.
Trazendo no peito
A sede do saber
Avante colegas
Com amor, fibra e fé
Seremos o orgulho
Do ensino de Tefé.

Escola querida
Minha casa, meu lar.
Quem aqui viver
Há de sempre lembrar.
Que tu és luz
O clarão do saber
Dessa juventude
Que ajudas a crescer.

Escola teu nome
Bem vale lembrar
É de um filho ilustre
Que aqui fez seu lar

Hoje agradecemos
Sua luta sem-par
“Antídio Façanha”
Hei de sempre exaltar

8 **Hino da Escola Antídio Façanha:** Autor: Afonso Celso Mendes de Sousa, filho de Tefé.



Aos prezados mestres
Nossa gratidão.
Por terem abraçado
Tão nobre missão
E “à escola querida”
Sempre vou dizer.
“Antídio Façanha
Hei de amar até morrer”.

Luis Sevalho

Hino da Escola Eduardo Ribeiro⁹

Pe. Cauper

Avante! colegas, em passo garboso
Marchemos, na trilha da lida escolar
Da pátria o futuro será glorioso
Se nós a virtude e ciência encontrar
Por isso marchemos em passo garboso
Na esteira brilhante da lida escolar.


Coro

Ao sol do porvir deste céu brasileiro
Queremos erguer esta terra sem-par.
Alunos do Grupo Eduardo Ribeiro
Avante! Com fé: trabalhar! Estudar!

Que a luz fulgurante no vasto horizonte
Descubra o aluno de livro na mão!
Encontre a ciência ornando-lhe a fronte
Desperte virtude em seu coração.
Virtude e ciência no vasto horizonte.
Terão desta terra o futuro na mão.

O Grupo Escolar Eduardo Ribeiro
Marchando à conquista da luz do saber
Será do Amazonas o audaz pioneiro
Das glórias futuras que havemos de ter
Sigamos no Grupo Eduardo ribeiro
Em busca dos belos laurés do saber.

⁹ Hino do Grupo Escolar Eduardo Ribeiro. Autor: Pe. Manoel de Lima Cauper em 16/08/47.



As nossas florestas que dormem silentes
Despertam ao som deste cântico audaz
Nós vamos marchando nos passos ingentes
Dos homens da “Ordem e Progresso” e da Paz
Havemos de dar as florestas silentes
Um surto de glória vivíssimo, audaz.

E nós mocidade, de almas flamantes
Sigamos em busca do grande fanal.
Virtude e Ciência são luzes brilhantes
Luzindo nos Céus de um porvir triunfal
Alerta! colegas de almas flamantes
Em busca do grande brilhante fanal.

Hino da Escola Frei André da Costa

Pe. Cauper

Refrão:


Estudemos, colegas, avante!
À conquista da luz do saber.
No horizonte rebrilha, vibrante.
O sol da Glória pela estrada do dever.

Nosso colégio Frei André da Costa avança
Para a conquista do porvir, com seu valor.
É pelo esforço, nos estudos, que se alcança.
O premio justo – a recompensa do labor.

É nesta marcha ao som dos hinos de esperança
Que a juventude, em revoada, vai passar...
Eia, colegas, para o ninho de bonança!
Nosso colégio, nosso abrigo, nosso lar...

Olhar bem firme no horizonte tefeense!
Vamos, colegas, que as vitórias hão de vir...
É no trabalho, nos estudos, que se vence,
Forjando, agora, nossos sonhos do porvir!

Pra o colégio, pelas ruas da cidade!
Tal como pássaros, em bandos, no arrebol!
Vamos, colegas, ao fragor da mocidade,
Em revoada, para o alto, rumo ao sol...



Os ventos sopram nas manhãs de primavera...
As águas correm da montanha para o mar...
A nossa marcha não é sonho de quimera...
É caminhada para os louros conquistar!

A nossa escola que é promessa de grandeza,
É sol bendito, luz vivaz, clarão de fé!
Qual chuva mansa que fecunda a natureza
Traz força e vida à juventude de Tefé!

Lutemos sempre, companheiros, estudantes,
Em nossa vida rompe o sol primaveril!
É nos estudos aplicados e constantes
Que nós fazemos a grandeza do Brasil!

Hino da Escola Santa Teresa

Madre José Paulo

Nós somos do Santa Teresa
O bando juvenil
Irmãos, cantemos nosso ninho
Com ardor primaveril

Cantai, cantai, gentis colegas
Um hino de louvor
Ao ninho onde nossa infância
Vem buscar luz e amor.
Oh! Grande santa neste dia
Ouvi nosso cantar
Que vai subindo com alegria
Aos pés do vosso altar.

Cantai, cantai, gentis colegas
Um hino de louvor
Cantai a excelsa Padroeira
Gratidão, sincero amor.
Fiéis seremos às divisas
Traçando ideal
Seguir a trilha da verdade
Luminosa e celestial

Segui, segui, gentis colegas
À estrela que reluz
E assim chegai à caridade
Por Maria até Jesus.

Hino do Amazonas¹⁰

Nas paragens da História o passado
é de guerra, pesar e alegria
é vitória pousando suas asas
sobre o verde de paz que nos guia.

Assim foi que nos tempos escuros
da conquista apoiada ao canhão,
nossos povos plantaram seu berço
homens livres, na planta do chão.

Estrilho

Amazonas de bravos que doam,
sem orgulho nem falsa nobreza,
aos que sonham teu canto de lenda,
aos que lutam, mais vida e riqueza.

Hoje o tempo se faz claridade,
só triunfa a esperança que luta,
não há mais o mistério e das matas
um rumor de alvorada se escuta.

A palavra em ação se transforma
e a bandeira que nasce do povo
liberdade há de ter no seu pano,
os grilhões destruindo de novo.



Estribilho

Tão radioso amanhece o futuro
neste rios de pranto selvagem,
que os tambores da glória despertam
ao clarão de uma eterna paisagem.

Mas viver é destino dos fortes,
nos ensina lutando a floresta,
pela vida que vibra em seus ramos,
pelas aves, suas cores, sua festa.

Hino Oficial de Manaus¹¹

Dentre a pompa e real maravilha
Desses belos e grandes painéis,
Toda em luz, como um sol, surge e brilha
A cidade dos nobres Barés.

Grande e livre, radiante e formosa
Tem o voo das águias reais
E a subir, a subir majestosa
Já nem vê suas outras rivais.

Quem não luta não vence, que a luta
Pelo bem que é que faz triunfar!
Reparai: o clarim já se escuta!
É a fama que vem nos saudar!

Dos pequenos e aos bons, entre flores,
Agasalha e se esquece dos maus,
Ninguém sofre tormentos e dores
Nesta terra dos nobres Manaus.

Todo o povo é feliz, diz a História,
Quando se vê entre gozos sem-fim,
O progresso passar junto à glória
Em seu belo e dourado cochim.

11 Hino oficial de Manaus. Letra: Thaumaturgo Sotero Vaz; Música: Nicolino Milano.

Aprovado pela Lei 718 de 20/11/2003

Hino de Manaus¹²

Manaus, terra das florestas, terra das castanhas e dos
[seringais

Manaus, terra dos Barés, dos igarapés, rios colossais

O rio Negro majestoso vai correndo pressuroso
O Amazonas engrossar e com suas negras águas
Vão-se todas mágoas no oceano se apagar.
Manaus! Manaus, terra das florestas.

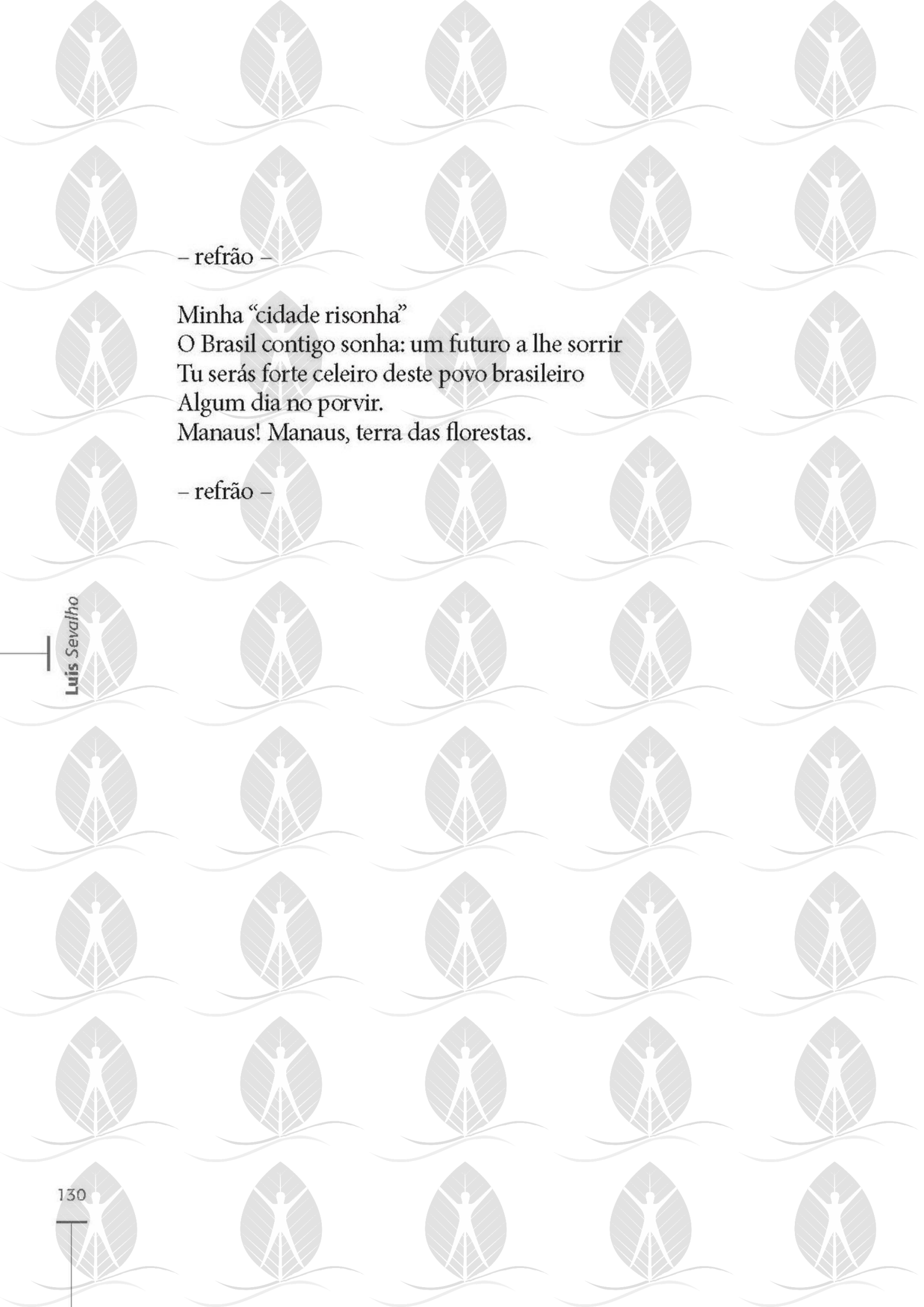
– refrão –

A vitória-régia flor ostentando linda cor
Tem no seu desabrochar teus sorrisos, teus afagos
Nos teus belos grandes lagos onde as graças vão
repousar.
Manaus! Manaus, terra das florestas.

– refrão –

Tuas róseas madrugadas de baunilha perfumadas
Traz alento ao pescador, ao intrépido vaqueiro
Ao heroico seringueiro no seu regional labor.
Manaus! Manaus, terra das floretas.

12 Hino de Manaus. Letra: Irmã Dorotéia Ouvídia Dias.



– refrão –

Minha “cidade risonha”
O Brasil contigo sonha: um futuro a lhe sorrir
Tu serás forte celeiro deste povo brasileiro
Algum dia no porvir.
Manaus! Manaus, terra das florestas.

– refrão –

Luis Sevalho

Hino do Descobrimento do Brasil

O almirante português
Pedro Álvares Cabral
No ano de 1500
Saiu de Portugal
Com treze barcos veleiros
Do rio Tejo pro mar
Para nas ilhas distantes,
Especiarias comprar.

Mas Dom Manuel I,
Rei venturoso chamado
Aconselhou a Cabral,
Mudar de rota um bocado
Para evitar calmarias,
E para saber também
Se havia como diziam
Terras nas bandas do além.

Navegaram vários dias
Viram um monte afinal
Que por ser tempo de Páscoa,
Chamaram Monte Pascoal,
E assim numa quarta-feira
Dia 22 de abril,
Foi “descoberto” afinal,
O nosso amado Brasil!

Hino a Tiradentes¹³


Para o céu em Hosana de glória
Nossos cantos se elevam frementes
Celebrando a sagrada memória
Do heroico, mortal Tiradentes
Foi nas áreas da Pátria querida
Que ele a fronte curvou senhoril
Para ver nas alturas erguidas
Linda frente do livre Brasil
Ele encarna os heróis sobre-humanos
Que juraram ver livre o Brasil

O maior dos movimentos
Pela nossa Independência
Começou em Vila Rica
E chamou-se Inconfidência

Eram jovens conjurados
Defendendo um ideal
Para ver a Pátria livre
Dos julgos de Portugal

Joaquim José da Silva Xavier,
O Alferes Tiradentes
Que tornou-se em pouco tempo
Chefe dos inconfidentes

13 **Tiradentes** foi julgado e enforcado no dia 21 de abril de 1792, no Largo da Lampadosa na cidade do Rio de Janeiro. É considerado o Mártir da inconfidência porque lutou e morreu pela liberdade do nosso país.



E se bem que traído seus planos
Hoje é livre esta terra gentil
Os heróis que glória sonhavam
Vivem hoje nimbados de luz
Suas cinzas sagradas voltaram
E repousam na terra da cruz
Entre os dias formosos da Pátria
É formoso este dia da abril,
Esta data é de gloria idolatre-a
Quem amar este livre Brasil

Foi traído por Silveres dos Reis
Sem temer a própria sorte
Inocentou os amigos
E foi condenado à morte

Foi no Rio de Janeiro
No Largo da Lampadosa
Dia 21 de abril
Numa cena impiedosa

Enforcaram Tiradentes
O herói da inconfidência
Que assim foi transformado
No Mártir da Independência.

Hino do Pan-Americano¹⁴

Três Américas ligadas
Numa única semente
Por Deus foram destinadas
A união fraternalmente

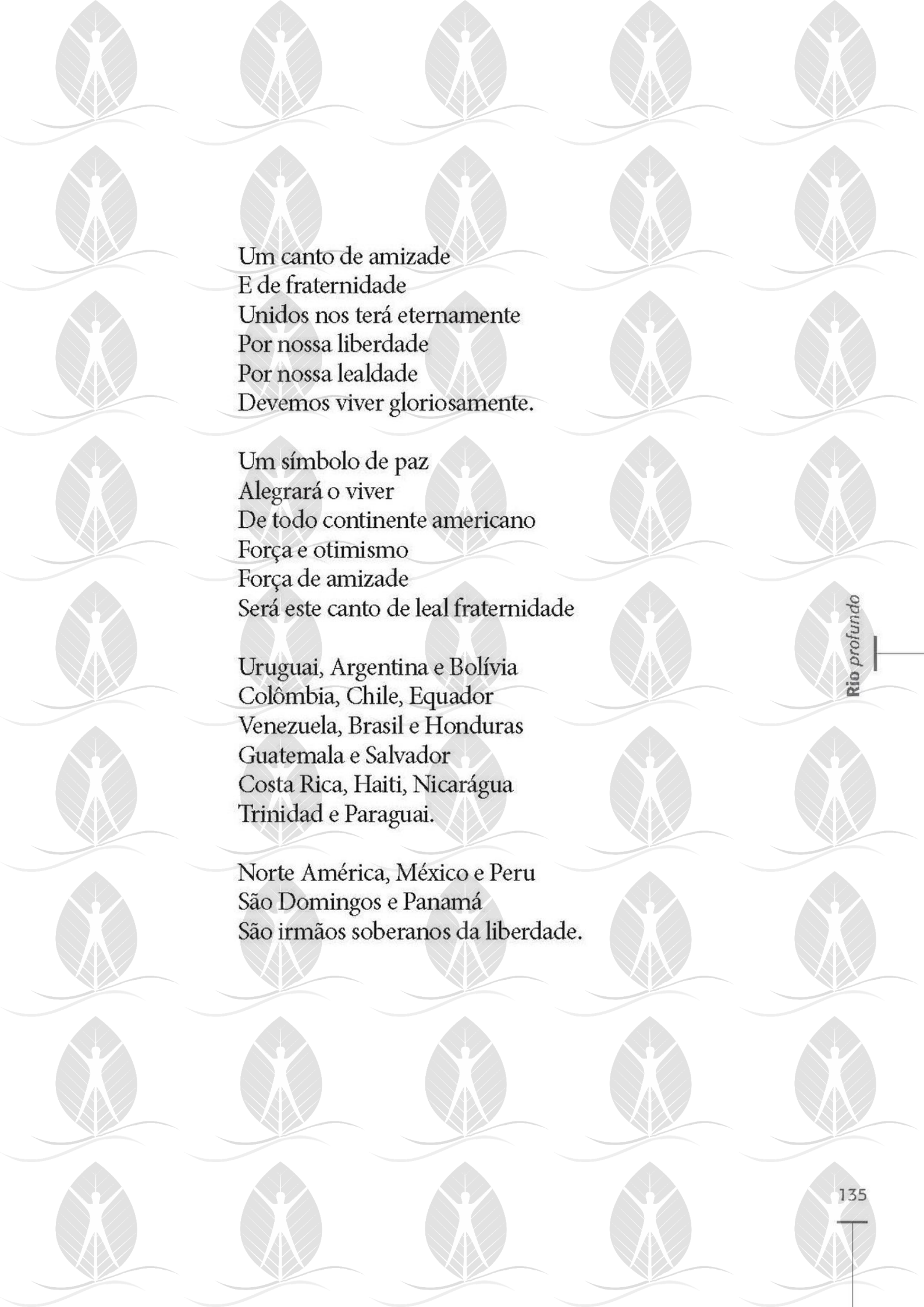
Aos corações que a povoam
Um feliz orgulho invade
Um hino todos entoam
De esperança e amizade

Deus salve a América,
Terra de amor,
Verdes campos, florestas
Lindos campos abertos em flor.
Berço amigo da bonança
Da esperança, o altar.
Deus salve a América, meu céu, meu lar

Quando nuvens negras,
Como negro véu,
Surgem sobre a Terra
Empanando o céu
Ouve-se uma prece
Desta gente audaz,
Que não teme a guerra
Mas deseja a paz

Luis Sevalho

14 Comemora-se no dia 14 de abril o Pan-Americano, data histórica para lembrar a união entre os países das Américas do Norte, América Central e América do Sul.



Um canto de amizade
E de fraternidade
Unidos nos terá eternamente
Por nossa liberdade
Por nossa lealdade
Devemos viver gloriosamente.

Um símbolo de paz
Alegrará o viver
De todo continente americano
Força e otimismo
Força de amizade
Será este canto de leal fraternidade

Uruguai, Argentina e Bolívia
Colômbia, Chile, Equador
Venezuela, Brasil e Honduras
Guatemala e Salvador
Costa Rica, Haiti, Nicarágua
Trinidad e Paraguai.

Norte América, México e Peru
São Domingos e Panamá
São irmãos soberanos da liberdade.

Capítulo III

Diversos

Cinco de Setembro de 1850 – Dia do Amazonas

A história de 5 de setembro remonta ao Brasil Império. Em 1639, a Coroa Portuguesa construiu a Fortaleza de São José da Barra, onde é hoje a cidade de Manaus. No período imperial o país era dividido em províncias. A região correspondente entre os Estados do Amazonas e Pará formava uma única província denominada Grão-Pará. A sede da Província ficava em Belém.

Em 1755 é criada a Capitania de São José do Rio Negro, ligada ao Grão-Pará com sede em Mariuá (atual Barcelos). Em 1804, a sede da Capitania é transferida para o Lugar da Barra. A Capitania deixa de existir em 1823 para dar lugar à Comarca do Alto Amazonas, sob a jurisdição do Pará. Nesse período, quatro povoados do Alto Amazonas ganham a categoria de vila e o Lugar da Barra passa a chamar-se Vila da Barra, que foi elevada à categoria de cidade com o nome de Nossa Senhora da Conceição da Barra do Rio Negro.

Em 5 de setembro de 1850, o Império divide a Província do Grão-Pará e transforma a Comarca do Alto Amazonas em Província do Amazonas, tendo como sede a cidade de Nossa Senhora da Conceição da Barra do Rio Negro. Seis anos depois a cidade ganha o nome de Manaus em decorrência de um lei de autoria do deputado João Ignácio Ribeiro do Carmo. Só com a Proclamação da República, em 1889, as províncias são extintas e transformadas em Estados.

Uma das figuras ilustres nesse processo de emancipação foi a de Lobo d'Almada. No seu governo a sede da Capitania passou a ser a Barra do Rio Negro, voltando para Barcelos em 1798, e retornando por definitivo para a Barra do Rio Negro em 1808. Esse período foi considerado muito próspero, desenvolvido por um intenso comércio das atividades produtivas.

A situação econômica da Capitania agravou-se com a promulgação do Código de Processo Criminal do Governo Imperial em 1832, quando criou a Comarca do Alto Amazonas e a subdividiu em Termos. Por esse Código, Lugar da Barra foi transformado em Vila de Manáos, tornando-se a capital da Comarca do Alto Amazonas. Durante esse período era intensa a agitação nativista da população amazonense e dos índios, principalmente os Mura que cometiam todo tipo de atrocidades contra os dirigentes portugueses domiciliados na Vila de Borba. A situação da comarca era de completo abandono: a atividade agrícola, o comércio e a indústria estavam completamente desaparecidos e a administração pública em completa desordem.

As autoridades paraenses ainda contribuíram para o acirramento da crise, decretando leis que contrariavam os amazonenses como é o caso da Lei de 3 de outubro de 1833, que estabelecia o recolhimento de todas as moedas de cobre fracionadas na área da Comarca do Alto Amazonas. A repressão paraense era uma constante contra os amazonenses que tinham pressa em fazer a autonomia política do Amazonas para salvar as vilas e povoados em via de desaparecimento. O cinco de setembro no Amazonas não foi uma dádiva de Dom Pedro II; foi uma vitória da luta do povo amazonense que há muito tempo queria ver o Amazonas separado politicamente do Pará.

O primeiro presidente da Província do Amazonas foi o deputado paraense João Baptista de Figueiredo Tenreiro Aranha, que muito havia lutado em prol da nossa autonomia, sendo sua diretoria composta por cinco membros. A Província tinha direito ao parlamento imperial de um deputado e um senador. Tenreiro Aranha foi um bom administrador e reorganizou o desenvolvimento da região. Porém seu governo foi de pouca duração: apenas seis meses. Pois em agosto de 1852, como deputado que era, viajou para o Rio de Janeiro em busca de recursos para o desenvolvimento da Província e não conseguiu nada da Corte para a nossa região tão distante e esquecida. Ralado de desgostos e doente, regressa para Belém, ficando lá por algum tempo a tratamento de saúde, quando a 31 de dezembro de 1852 recebeu o decreto de sua exoneração a pedido.

Atuou ainda como deputado na Província do Pará, mas desolado e ferido profundamente na sua sensibilidade, enlouqueceu, vindo a falecer, vítima de um incêndio que irrompeu em sua casa num bairro de Belém, em 19 de janeiro de 1861.

Áreas de Preservação Ambiental do Amazonas



Floresta Amazônica. CD Tefé 150 anos

No Estado do Amazonas estão localizados os três maiores parques nacionais. São grandes áreas criadas com a finalidade de preservar a natureza e promover o ecoturismo na região.

Parque Nacional da Amazônia

Possui 994.000 hectares, abrangendo terras do Amazonas (Maués) e do Pará (Itaituba). Os meios de transportes para chegar até eles são: táxi-aéreo, barco e ônibus via Jacareacanga.

Parque Nacional do Jaú

Está localizado no município de Airão, com 2.272.000 hectares. Abrange a bacia hidrográfica do rio Jaú, sendo o

maior parque do Brasil. A via de transporte para chegar lá é somente pelo próprio rio Jaú.

Parque Nacional Pico da Neblina

Localizado no município de São Gabriel da Cachoeira com 2 200.000 hectares. Sua área apresenta o maior volume de chuvas do Brasil. Chega-se a ele por via aérea e fluvial.

Estações Ecológicas

Em nosso Estado existem as estações ecológicas de Anavihanas (rio Negro), Juami (Japurá) e Jutai, no Solimões, que são federais, e o Instituto Mamirauá, que é estadual.

Reservas Biológicas

As reservas biológicas (RB) são áreas que devem ser totalmente protegidas de modo a não sofrer nenhuma modificação ou interferência do homem. No Amazonas encontramos três reservas biológicas: a de Abufari (estadual), a de Uatumã (federal) e a do Morro dos Seis Lagos (estadual).

Localizam-se ainda em nosso Estado as seguintes áreas de preservação ambiental:

Florestas Nacionais: Purus, Tefé, Amazonas, Mapiá-I-nauni, Cubaté, Uruçu, Xié, Içanã-Aiari, Cuari, Içanã-Piraiaura, Tarauacá I, Tarauacá II, Pari-Cachoeira I, Pari-Cachoeira II.

Reserva Ecológica Sauin-Castanheira.

Reserva Florestal do Rio Negro.

Reservas Experimentais Ducke, Egler e Campina.

Área de Relevante Interesse Ecológico Javari-Buriti.

Áreas de proteção ambiental – Caverna do Maroaga, Lago do Ayapuá e Parintins-Nhamundá.

Capítulo IV

Prefeitos e Governadores do Amazonas

Prefeitos de Manaus de 1910 a 2016

Composição política dos primeiros prefeitos nomeados em Manaus, começando em 1910 com posse em 1911. São eles: Jorge Moraes (1911 a 1913); Henrique Ferreira Pena (1.º a 18 de janeiro de 1914), falecendo no mandato. Dorval Pires Porto (1914 a 1916). Antônio Ayres de Almeida (1917 a 1919). Basílio T. Franco de Sá (1920 a 1922). Durante a fase das revoltas tenentistas no Brasil (1922 a 1945) não se tem a nomeação dos prefeitos. Mesmo com a redemocratização do país (1946) os prefeitos continuaram sendo nomeados pelos governadores dos Estados. Na década de 1960, já no final da redemocratização política, Josué Cláudio de Souza foi eleito com o voto direto do povo (1962 a 1964), renunciando ao mandato.

Com o Golpe Militar em 1964, Manaus voltou a ter seus prefeitos nomeados pelos militares, assumindo a vaga de Josué Cláudio de Souza o prefeito Vinícius Monteconrado, em 23 de março de 1965 a 24 de novembro de 1965, que também renunciou. A partir daí os prefeitos continuaram sendo nomeados. São eles: Paulo Pinto Nery (1965 a 1969). Frank Abraham de Oliveira (1970 a 1973). Jorge Teixeira de Oliveira (1974 a 1977). José Fernandes (1978 a 1980). João de Mendonça Furtado (1980 a 1982). Prefeito Amazonino Armando Mendes (1983 a 1985), que renunciou ao mandato de prefeito para assegurar a vaga de governador do Estado do Amazonas no período de 1987 a 1990.

Os Eleitos com Voto Direto a Partir de 1985

Prefeito Manoel Ribeiro (1986 a 1988) teve o seu mandato interrompido em 6 de julho de 1988, quando o governador Amazonino Mendes decretou Intervenção no município de

Manaus, e retomou o poder em 5 de dezembro do mesmo ano. Alfredo Nascimento foi o interventor municipal nomeado por Amazonino Mendes. Arthur Virgílio do Carmo Ribeiro Neto elegeu-se prefeito de Manaus em 1988, derrotando o ex-governador Gilberto Mestrinho. Ele e o vice-prefeito Felix Valois Coelho Júnior tomaram posse no dia 1.º de janeiro de 1989 e concluíram seus mandatos em 31 de dezembro de 1992.

Em 1.º de janeiro de 1993, foram empossados o prefeito Amazonino Armando Mendes e o vice-prefeito Carlos Eduardo de Souza Braga. Amazonino elegeu-se **senador** da República em 1994 e renunciou ao mandato de prefeito, que foi completado pelo vice-prefeito, Eduardo Braga. Em 1996, o prefeito eleito foi Alfredo Pereira do Nascimento, que tomou posse em 1.º de janeiro de 1997, junto com o vice-prefeito Omar José Abdel Aziz.

Reeleitos em 2000, o prefeito Alfredo Nascimento e o vice-prefeito Omar Aziz assumiram em 1.º de janeiro de 2001 e não completaram seus mandatos. Omar Aziz foi eleito vice-governador do Amazonas em 2002 e renunciou ao mandato de vice-prefeito. Alfredo Nascimento foi nomeado ministro dos Transportes e renunciou ao mandato de prefeito de Manaus. Luiz Alberto Carijó de Gosztonyi, presidente da Câmara Municipal, assumiu interinamente a Prefeitura de Manaus em 13 de março de 2004.

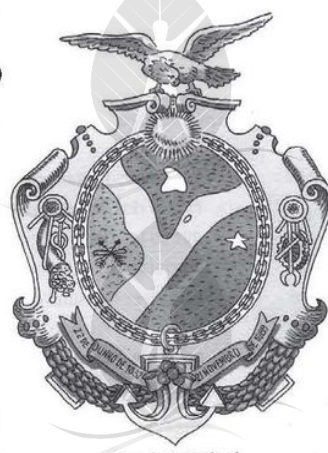
No dia 27 do mesmo mês, Luiz Alberto Carijó de Gosztonyi foi eleito pela Câmara Municipal para completar o mandato de Alfredo Nascimento. Prefeito Serafim Fernandes Corrêa e vice-prefeito Mário Frota, seus mandatos foram de 1.º de janeiro de 2005 a 31 de dezembro de 2008.

No pleito seguinte para o mandato de 2009 a 2012, o prefeito Serafim Corrêa concorreu à reeleição, vencendo no primeiro turno, mas foi derrotado no segundo turno pelo seu adversário político Amazonino Mendes e seu vice Carlos Souza. O vice-prefeito da época, Mário Frota, não abandonou o barco do “Sarafa” e, sem perder o fio da meada, candidatou-se a vereador e foi eleito para a legislatura até 2012. O prefeito Amazonino Mendes garantiu o mandato até 2012, enquanto o vice-prefeito Carlos Souza (PP) ganhou para deputado federal

em 3 outubro 2010, renunciando ao mandato de vice-prefeito. Prefeito Arthur Virgílio do Carmo Ribeiro Neto e vice Hissa Nagib Abraão Filho, seus mandatos vão até 2016.

Governadores Republicanos do Amazonas

A falta de estabilidade política nos primeiros anos da República no Amazonas (1889-1892) caracterizou-se por acirradas disputas pelo poder entre os grupos oligárquicos locais; sendo que nenhum deles tinha compromisso com a população. Suas únicas ações de governo giravam em torno de interesses de seus grupos políticos. Veremos a história política de alguns desses grupos:



Escudo estadual.

Governador capitão Augusto Ximenes de Villeroy (4/1/1890 a 2/11/1890): foi indicado pelo governo federal. Governador Eduardo Gonçalves Ribeiro (2/11/1890 a 5/5/1891): foi demitido, acusado de ser favorável ao partido democrático. Governador Guilherme José Moreira – barão do Juruá (5 a 25/5/1891): assumiu o governo provisoriamente até ser substituído por um interventor federal. Coronel Antônio Gomes Pimentel (25/5 a 30/6/1891): foi interventor federal, assumindo os negócios públicos no Amazonas. Coronel Guilherme José Moreira – barão do Juruá (30/6 a 1.º/9/1891): retornou ao governo em fins de junho, aguardando o novo governador.

Governador Gregório Thaumaturgo de Azevedo (1891-1892): foi o primeiro governador constitucional do Estado. Contrariou as posições dos grupos políticos que lhe apoiaram, ficando aos poucos isolado até sua renúncia.

Governador Eduardo Gonçalves Ribeiro (1892-1896) – “O Pensador” como era chamado, modernizou Manaus, sendo eleito senador pelo Amazonas; porém não pôde assumir o mandato. Fileto Pires Ferreira (1896-1898): inaugurou em 31/12/1896 o Teatro Amazonas, que foi uma obra iniciada pelo

governador Eduardo Ribeiro. Seu governo foi bem-sucedido pela grande exportação da borracha. Foi traído por seu grupo político que o substituiu pelo seu vice, Ramalho Júnior (1898-1900): seu governo foi caracterizado por enorme desperdício de verbas públicas. Realizou algumas obras na capital e contribuiu com verbas para a “Revolução do Acre”, representado pelo conde Luiz Galvez, do qual levou um “pino”.

Silvério Nery (1900-1904): organizou a administração pública. No seu governo o Amazonas perdeu o Acre para a União pelo Tratado de Petrópolis, de 1903. Antônio Constantino Nery (1904-1906): construiu algumas obras, como a Penitenciária, a Biblioteca Pública, a avenida Constantino Nery, comprometendo as condições econômicas do Estado, obrigando-o a arcar com dívidas por um período de 50 anos; renunciou ao mandato. Afonso de Carvalho (1906-1908): assumiu o governo substituindo Constantino Nery e seu vice, que alegavam problema de saúde.

Antônio Bittencurt (1908-1912): foi perseguido e rechaçado por algumas figuras republicanas, sendo destituído em 1912. Jonathas Pedrosa (1913-1917): assegurou a paz entre o Estado e a União. No seu governo dois grupos oligárquicos brigavam pelo cargo no poder político.

Os Nery aliados aos Pedrosas, contra os Antony e seus aliados. Alcântara Bacelar (1917-1920): foi apoiado pelo grupo dos Nery e dos Pedrosa. Nesse governo o Palácio Rio Negro foi incorporado como sede do governo estadual, e o Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas foi fundado. Governador Rego Monteiro (1920-1924): o nepotismo, a perseguição e outras práticas políticas passaram a fazer parte da administração de Rego Monteiro, que veio culminar com a rebelião de 1924 em Manaus. Após a rebelião de 1924, o novo governador foi o deputado estadual Efigênio Ferreira de Sales (1925-1929), que foi eleito senador pelo Amazonas. Governador Dorval Pires Porto (1929-1930): o gaúcho Dorval Porto teve seu governo interrompido pela revolução de 1930. Em seu lugar assumiram Cordeiro Júnior, Francisco Pereira da Silva e José Alves Brasil.

Interventores do Amazonas de 1930 a 1951

Álvaro Botelho Maia (20/11/1930 a 10/7/1931); tenente Emanuel Morais (10/7 a 5/8/1931); tenente Antônio Rogério Coimbra (5/8/1931 a 14/6/1932); Waldemar Pedrosa (14/6 a 10/10/1932); tenente Antônio Rogério Coimbra (10/10/1932 a 10/10/1933).

Capitão Nelson Mello (10/10/1933 a 6/1/1934); tenente Paulo Cordeiro de Melo (6/1 a 2/3/1934); capitão Nelson Mello (2/3/1934 a 19/2/1935). Todos esses interventores eram nomeados diretamente pelo presidente da República, sendo seus mandatos de curta duração. Álvaro Botelho Maia (1935 a 1936): foi eleito governador constitucional por força da Carta Magna de 1934. Com o advento do Estado Novo (1937), Álvaro Maia foi mantido no cargo como interventor de (1937 a 1945).

Volta dos interventores pós-Estado Novo: Emiliano Stanislau Afonso (1945); Júlio José da Silva Nery (1945); Raimundo Nicolau da Silva (1946); Siseno Sarmiento (1946 a 1947); Leopoldo Amorim da Silva Neves (fim de maio de 1947); Júlio de Carvalho Filho e Francisco A. Souto, até 1951.

Eleições Diretas no Amazonas de 1954 a 1964

Governador Álvaro Botelho Maia (1951 a 1954): nasceu em 19/2/1893, no seringal “Goiabal”, município de Humaitá e faleceu no dia 4/5/1969 em Manaus. Era filho de pai cearense e mãe amazonense; estudou Direito no Ceará, no entanto colou grau na Faculdade Livre de Ciências Jurídicas e Sociais no Rio de Janeiro em 23/3/1917. Trabalhou em vários jornais de Manaus e no Ceará. No governo de Efigênio Sales, dirigiu a Imprensa Oficial nos primeiros meses de 1926. Também foi escritor, sendo o seu primeiro livro intitulado *Vanguarda da Retaguarda*, além de muitos outros publicados na área de romance, consagrando-se como poeta, ensaísta, romancista e pensador. Foi ainda presidente da Academia Amazonense de Letras em 1966. Plínio Ramos Coelho (1955 a 1958): nasceu

em 21/4/1920 em Humaitá, Amazonas, era advogado, formado pela Faculdade de Direito do Amazonas. Gilberto Mestrinho de Medeiros Raposo conhecido como “O Boto Navegador” (1959 a 1962), foi professor, prefeito, governador do Estado por vários mandatos e senador do Amazonas até 2006; Plínio Ramos Coelho (1963 a 1964) foi deposto do cargo de governador pelo Golpe Militar de 1964. A partir de 1964 os militares indicam seus interventores:

Interventor Arthur César Ferreira Reis (1964 a 1967) era natural de Manaus, além de escritor, também era advogado; Danilo Duarte de Mattos Areosa (1967 a 1970): estudou comércio e contabilidade em Lisboa, era natural de Manaus, foi eleito governador em 1967 pela Assembleia Legislativa, substituindo Arthur César Ferreira Reis. João Walter de Andrade (1971 a 1974): foi coronel do Exército. Nasceu em Aracaju; foi superintendente da Sudam no governo do presidente Costa e Silva. Henoc da Silva Reis (1975 a 1978), natural de Manacapuru, foi professor de Direito, advogado e prefeito de Manacapuru. José Bernardino Lindoso (1979 a 1981): natural de Manicoré, foi advogado e professor de Direito Civil e de Economia Política. Paulo Pinto Nery (1982): conduziu o Estado na fase de transição política para o regime democrático em 1982, ano em que acontece eleições diretas para governadores em todo o país.

Reabertura Política em 1982

Governador Gilberto Mestrinho de Medeiros Raposo (1983 a 1986): disputou a eleição contra Josué Filho, do Partido Democrático Social (PDS), que representava a situação apoiado pelo regime militar. O outro candidato era Osvaldo Coelho, do Partido dos Trabalhadores (PT), que perderam o pleito para Gilberto Mestrinho representando a oposição pelo Movimento Democrático Brasileiro (MDB). O sucessor de Mestrinho foi o governador Amazonino Mendes (1987 a 1990). Alternando-se no poder com Amazonino, Gilberto Mestrinho retorna como governador do Estado para o mandato de 1991 a 1994.

Em seguida, é a vez da volta de Amazonino Mendes, que fica como governador de 1995 a 1998. No período de 1999 a 2002, Amazonino e seu vice Eduardo Braga foram reeleitos. O próximo governador, sucessor de Amazonino, foi Eduardo Braga e seu vice, Omar Aziz (2003 a 2006), que foram reeleitos.

Carlos Eduardo de Souza Braga – de 2002 a 2010



Além da Ponte sobre o Rio Negro, o Programa Social e Ambiental dos Igarapés de Manaus - PROSAMIM - são essas grandes obras que marcam o governo de Eduardo Braga. *Jornal Amazonas Em Tempo* de 06/12/08, Foto: Alexandre Fonseca

Rio profundo

Governador Carlos Eduardo de Souza Braga: nasceu na cidade de Belém, no Estado do Pará, em 6 de dezembro de 1960, é casado com Sandra Backsmann Braga e pai de três filhas: Brenda, Bruna e Bianca. É empresário e engenheiro formado pela Universidade Federal do Amazonas, no curso de Engenharia Elétrica. Iniciou sua carreira política aos 21 anos, como vereador de Manaus. Em 1986, foi eleito deputado estadual e líder do governo, relator da Constituição do Amazonas.

Em 1990, Eduardo Braga foi eleito deputado federal, obtendo a maior votação de seu partido. Foi eleito vice-prefeito de Manaus em 1992 e assumiu a Prefeitura Municipal em março de 1994. Em 2002 foi eleito no primeiro turno das eleições para o Governo do Estado do Amazonas, de janeiro de 2003 a dezembro de 2006. Eduardo Braga e vice-governador Omar José Abdel Aziz foram reeleitos para governar o Estado do Amazonas de janeiro de 2007 até dezembro de 2010. Eduardo Braga renunciou ao mandato dia 31 de março de 2010 para concorrer

a uma vaga no Senado Federal e foi eleito, assumindo o vice, Omar José Abdel Aziz.


Governador Omar José Abdel Aziz – de 2011 a 2014

O engenheiro civil Omar José Abdel Aziz nasceu no dia 13 de agosto de 1958 em São Paulo. Antes de ser governador (2011/2014), Omar já tinha ocupado vários cargos públicos e eletivos no Estado. Foi diretor da Fundação de Desenvolvimento de Apoio Comunitário do Amazonas (Fundac), presidente da Câmara de Manaus, secretário municipal de Obras, secretário estadual de Segurança Pública, duas vezes vereador na capital, deputado estadual, duas vezes vice-prefeito e duas vezes vice-governador.



Quando Eduardo Braga se afastou para concorrer ao Senado (31/3/10), Omar Aziz, na época filiado ao Partido da Mobilização Nacional (PMN), assumiu o cargo de governador e concorreu à reeleição com mais cinco candidatos: Alfredo Nascimento (PR), Luiz Navarro (PCB), Luiz Carlos Sena (PSOL), Herbert Amazonas (PSTU) e Hissa Abrahão (PPS).

A eleição para governador aconteceu no dia 3 de outubro de 2010, dando a vitória no primeiro turno para Omar, que obteve mais de 63% dos votos válidos, contra Alfredo Nascimento



que ficou em segundo com 25,2% dos votos. Omar Aziz foi o governador mais votado da história do Amazonas com mais de novecentos mil votos. Quando governador reativou no Amazonas o (PSD) Partido Social Democrático, tornando-se filiado.

Capítulo V

Conhecimentos Gerais

As Tormentas do Mundo e o Aquecimento Global

Em agosto de 2005, os Estados Unidos foram atingidos por dois furacões que causaram pânico e mataram milhares de pessoas. Katrina, o primeiro deles, foi o mais avassalador e deixou a cidade de Nova Orleans, em Louisiana, debaixo d'água. Menos de um mês depois, foi a vez do furacão Rita ameaçar os norte-americanos, mas ao tocar o solo, o furacão perdeu força e a destruição foi menor.

Fenômenos como esses são tipicamente tropicais, onde as águas são mais quentes, principalmente no Caribe, Golfo do México e norte do Atlântico. Os furacões se formam no mar, a partir da evaporação de água para atmosfera, o que causa tempestades que podem demorar dias e ventos de mais de 200 km/h.

No Brasil, dizia-se que era impossível a ocorrência de um deles, visto que a temperatura do Atlântico Sul fica abaixo de 0°C. Mas em março de 2004, os cientistas mudaram de opinião com um ciclone extratropical (outro nome para furacão) no litoral de Santa Catarina, que foi chamado de Catarina.

Com o constante aumento da temperatura do planeta e, conseqüentemente, dos oceanos, as previsões para o futuro são inquietantes. “Se outro furacão atingir o Brasil nos próximos dez anos, será um indício de que se trata, realmente, de um efeito do aquecimento global”, disse Carlos Nobre, meteorologista do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais, em São José dos Campos.

Tsunami na Ásia

Em dezembro de 2004, mais de 200 mil pessoas foram mortas por ondas gigantes no oceano Índico. As ondas causaram estragos no litoral de doze países e terminaram por matar

pescadores até na costa da África, a 6.500 quilômetros de distância do epicentro do terremoto.

Os maremotos, como aconteceram na Ásia, são ocasionados por um abalo sísmico no fundo do mar. No caso do verificado em 2004, o terremoto alcançou 9 graus na Escala Richter, o maior nos últimos 40 anos, a aproximadamente 9.000 metros de profundidade no oceano Índico, a noroeste de Sumatra, Indonésia. A energia liberada foi equivalente a explosão de um milhão de bombas atômicas.

Por conta do terremoto, houve a elevação de 15 metros no leito do oceano, o que causou deslocamento de um grande volume de água numa velocidade de cerca de 800 km/h. Ao chegar à praia, a elevação transformou-se em tsunami, nome japonês para designar as grandes ondas, com 12 metros de altura e correntezas de até 40 km/h que invadiram a terra firme.

Shensi na China

Tudo indica que o mais avassalador tenha sido o de Shensi, na China, no ano de 1556. O terremoto chacoalhão em solo oriental matou aproximadamente 830 mil pessoas. Apesar desse estrago, o terremoto de Shensi não foi de maior magnitude. Especialistas estimam que ele atingiu 8,3 graus na Escala Richter, que mede a quantidade de energia liberada em um tremor. É um valor altíssimo – terremotos que passam dos oito graus costumam causar caos e mortes em um raio de até cem quilômetros de distância – mas não foi o maior já registrado – outras sacudidas já chegaram a 8,9 graus. Apesar disso, esses superterremotos não fizeram tantas vítimas. Sabe por quê? Simples: eles aconteceram em lugares quase desabitados, como um grande abalo que sacudiu o Alasca em 1964. Por isso, na hora de organizar a lista dos maiores terremotos de todos os tempos, levamos em conta o número de mortos como critério principal. Como fonte, usamos o livro *Earthquakes*, do especialista em tremores Bruce Bolt. “Existem várias listas de terremotos, mas essa publicação é uma das mais confiáveis da sismologia, a área que estuda os tremores da terra”, diz o geofísico Eder

Cassola Molina. Em geral, grandes desastres ocorrem quando as placas tectônicas se movem sobre centros urbanos – e se as construções da cidade atingida forem pouco resistentes, o drama é ainda maior. As maiores tragédias aconteceram na Índia e na China, formigueiros humanos com poucas construções adaptadas para os tremores. Esses dois países possuem cinco terremotos no ranking dos maiores.

Os Onze Tremores mais Letais da Humanidade

1 Shensi, China, 1556 – 830 mil mortos

Na região central da China, a terra tremeu em 23 de janeiro de 1556 para produzir o pior desastre natural de que se tem notícia. O terremoto atingiu províncias e arrebentou 98 cidades – algumas delas perderam 60% da população. A maior parte das pessoas morreu soterradas na queda de casas mal construídas.

2 Calcutá, Índia, 1737 – 300 mil mortos

Relatos da época indicam que essa catástrofe de 11 de outubro de 1737 tenha sido um terremoto. Mas como na época não existiam registros 100% confiáveis, alguns especialistas levantaram a hipótese de que o estrago foi causado por um ciclone. Além dos mortos, o cataclismo deixou 20 mil barcos à deriva na costa.

3 Tangshan, China, 1976 – 250 mil mortos

O tremor de 27 de julho de 1976 sacudiu o nordeste da China. A cidade toda dormia quando o chão mexeu, fazendo mais de 800 mil feridos.

Até hoje, especialistas suspeitam de que o número de mortos possa ser maior que o divulgado. Estima-se que o total das vítimas possa ter chegado a 650 mil.

4 Kansu, China, 1920 – 200 mil mortos

Essa região situada no Centro-Norte do país não sentia um tremor havia 280 anos, mas esse de 16 de dezembro de

1920 botou pra quebrar: atingiu uma área de 67 mil km², arrasando dez cidades. A série de ondulações deformou a área rural e prejudicou uma das principais atividades econômicas da região, a agricultura.

5 Kwantô, Japão, 1923 – 143 mil mortos

O megatremor de 1.º de setembro de 1923 atingiu as principais cidades do Japão. Só em Tóquio e Yokohama, mais de 60 mil pessoas morreram nos incêndios causados pelo abalo. Logo depois desse terremoto a profundidade da baía de Sagami, no sul de Tóquio, aumentou mais de 250 metros em alguns pontos.

6 Messina, Itália, 1908 – 120 mil mortos

Em 28 de dezembro de 1908, o sul da Itália sofreu com um grande terremoto que devastou as regiões da Sicília e da Calábria. Para complicar ainda mais as coisas, o tremor foi seguido por tsunamis de até 12 metros de altura. A sequência de enormes paredes de água quebrou na costa do país e ampliou os estragos.

7 Chihli, China, 1290 – 100 mil mortos

Quase não há registros sobre esse chacoalhão de 27 de setembro de 1290 – apenas a certeza de que ele foi um dos mais mortais da história. A província de Chihli, que teve seu nome mudado para Hopei em 1928, inclui a cidade de Tangshan e é famosa pelos terremotos, que já teriam vitimado mais de 1 milhão de pessoas.

8 Shemakha, Azerbaijão, 1667 – 80 mil mortos

Por estar situada em cima de zona sujeita a abalos, essa cidade foi destruída por vários terremotos. O primeiro – e mais mortal – foi esse de novembro de 1667. Depois do susto, a tranquilidade não durou muito: registros da época indicam que a terra voltou a tremer por lá dois anos depois.

9 Lisboa, Portugal, 1755 – 70 mil mortos

Em apenas 3 horas, a capital portuguesa foi atingida por três tremores distintos, que destruíram 85% dela. Gigantescas ondas atingiram a região, a água subiu 5 metros acima do nível normal e um incêndio consumiu casas, igrejas, palácios e bibliotecas. A tragédia aconteceu em 1.º de novembro de 1755.

10 Yungay, Peru, 1970 – 66 mil mortos

Esse terremoto de 31 de maio de 1970 fez desabar um enorme pico de gelo na Cordilheira dos Andes. Em poucos minutos, a cidade de Yungay estava debaixo de uma massa de neve e detritos que desceram a encosta a mais de 300 km/h. Para piorar a situação, as inundações subiram o prejuízo para 530 milhões de dólares.

11 Porto Príncipe, Haiti, 2010 – aproximadamente 250.000 mil mortos

No dia 12 de janeiro de 2010 a capital do Haiti, Porto Príncipe, foi devasta por um terremoto de grande magnitude.

A História de Krakatoa



Localizada no Estreito de Sonda, entre as ilhas de Java e Sumatra (Indonésia), Krakatoa abrigava o vulcão de mesmo nome, uma imensa montanha que se erguia a mais de 1.500

metros de altura. Forrada de colinas verdes, tinha uma grande floresta, onde viviam milhares de espécies animais. Em suas praias, ponto de reprodução para diversas aves e espécies marinhas, a vila de Panembang, habitada por pescadores, estendia-se sobre palafitas ou nas encostas da montanha.

Não era fato raro em Krakatoa haver um vulcão. Localizada no Círculo de Fogo, a região abriga 129 vulcões da Indonésia. Milhões de anos atrás, as constantes explosões submarinas de magma daquela região ergueram a grande ilha, deixando em seu cume uma cratera com um quilômetro de diâmetro, de onde, espaçadamente, subia uma coluna de fumaça vinda das profundezas da Terra.

A Indonésia sofria o forte domínio holandês. Nas vilas e cidades, os holandeses vigiavam o povo simples e de cultura predominantemente muçulmana, navegando, com seus grandes navios de guerra, por entre os humildes barcos pesqueiros. Havia um ressentimento contido contra os holandeses, mas a superioridade bélica dos europeus era suficiente para conter qualquer revolta popular.

O dia 26 de agosto parecia não revelar surpresa para os indonésios. Nas primeiras horas da manhã, os mulás (líderes religiosos muçulmanos), entre eles Abdul Karim, subiram aos minaretes de suas mesquitas chamando os fiéis à oração. No mar, os barcos pesqueiros estendiam suas primeiras redes entre os bancos de corais que envolviam as ilhas. Nas ilhas, o ritmo do dia a dia aumentava à medida que as cidades despertavam.

A manhã mal começara quando um ronco profundo e crescente começou a ser ouvido pelos pescadores que estavam próximos ao Krakatoa.

Logo, uma coluna de fumaça branco-acinzentada começou a sair da cratera no alto da montanha. As pessoas olhavam, desconfiadas, a coluna se erguendo, e cada vez mais grossa e escura.

Ainda nas primeiras horas do dia, uma forte explosão sacudiu a montanha, jogando rochas em todas as direções, enquanto começava a jorrar uma densa fumaça preta. O ronco da montanha tornou-se constante. Durante todo o dia, explosões aleatórias colocaram de sobreaviso as pessoas que viviam na ilha.

Logo que as cinzas e pedras-pomes começaram a cair sobre a ilha, muitos de seus moradores fugiram de barco para a cidade de Merak, na costa de Java, a pouco mais de 50 quilômetros de Krakatoa.

Por todo o mar, no entorno da ilha, cardumes de peixes começaram a aparecer mortos. A água tornara-se perigosamente ácida, levando à morte toda a fauna marinha ao redor da ilha. O calor tornara-se opressivo, chegando a atingir 40 graus. Em algumas ilhas próximas, soaram apitos ensurdecidos, cuja origem ninguém podia explicar: eram os gases subterrâneos escapando por fissuras submarinas. Toda a região abaixo e ao redor do Krakatoa fervia com os detritos vulcânicos que estavam se acumulando no subsolo.

Durante a noite e madrugada do dia 27 o ronco do Krakatoa foi ouvido, com algumas explosões ocasionais, assustando os moradores próximos. Pedras do tamanho de casas voavam da montanha, espatifando-se na praia ou caindo no mar.

No dia seguinte, o sol nasceu sobre uma densa nuvem negra que cobria a ilha. Durante toda a noite o vulcão expeliu a grossa nuvem de cinzas que cobria a vegetação rasteira da ilha com uma camada de mais de um metro de altura.

Muitos habitantes de Palembang já tinham saído da cidade em chalanas e barcos holandeses. A cidade estava praticamente soterrada sob cinzas, e muitos dos seus prédios ardiam em chamas, bombardeados pela chuva de magma que caía a cada explosão.

A explosão do Krakatoa vitimou diretamente 36 mil pessoas, deixando outros 35 mil desaparecidos. Todas as ilhas num raio de 160 quilômetros ficaram cobertas de cinzas, algumas com camadas de até seis metros. A explosão, considerada a mais forte nos registros da História, foi ouvida na Austrália, a quatro mil quilômetros de distância. As ondas sonoras da explosão tiveram intensidade equivalente a 21 mil bombas atômicas. Segundo registro dos Serviço de Meteorologia da Inglaterra, pedras deram duas voltas e meia ao redor do planeta como se fossem mísseis balísticos intercontinentais.

A grande nuvem de cinzas obscureceu o Sol durante 24 horas no Estreito de Sonda, matando e asfixiando centenas de pessoas. A pressão liberada pelo vulcão ergueu as nuvens a alturas surpreendentes, atingindo a mesosfera e deixando partículas suspensas no ar por dois anos.

Em todo o globo terrestre, a temperatura média caiu dois graus, pelo excesso de matéria em suspensão na atmosfera. Nesse período, a humanidade pôde assistir aos mais espetaculares crepúsculos, uma vez que as cinzas modificavam a cor do Sol.

Por toda a Ásia e Oceania, chuvas de meteoros enfeitavam os céus quando as pequenas partículas lançadas ao espaço queimavam na reentrada da atmosfera; a Lua cheia, por sua vez, adquiriu um tom azulado, que perdurou por dois anos.

Três anos depois, os primeiros sinais de vida despontavam na ilha, com pequenas plantas e fungos incrustados nas rochas magmáticas. Uma década depois, já havia algumas espécies de insetos e, em 1920, registraram-se 573 espécies, incluindo répteis, mamíferos e aves migratórias.

O Krakatoa permaneceu inativo até 1929, quando voltou à atividade. No lugar da meia-lua restante da ilha, surgiu uma nova cratera, batizada pelo povo da região de Anak Krakatoa (“Filho do Krakatoa”, em língua local). A última erupção registrada do vulcão (sem grandes consequências) ocorreu em 1995. Atualmente, uma densa floresta estende-se sobre a ilha e o litoral, ao seu redor, transformou-se numa grande fonte termal, onde vivem milhares de espécies marinhas.

O telégrafo já estendia seus cabos pelo mundo na época da explosão, portanto, logo se tomou conhecimento da tragédia. Porém não houve manifestações de ajuda por parte de outros países, o que levou os indonésios da região a sofrer com fome e doenças por quase três anos. Quase toda a ajuda enviada pela Holanda era destinada às populações brancas de suas colônias, o que tornou mais agressivo o ressentimento da população contra seus colonizadores. O mulá Abdul Karim comandou a primeira rebelião contra o domínio holandês. Mais tarde, a Indonésia conquistou a independência.

Atualmente, uma classe de cientistas acredita que, sendo Krakatoa o ponto de vazamento entre três das principais placas tectônicas do planeta, ela já tenha sofrido erupções maiores na pré-história. Defendem, inclusive, que o vulcão pode ter causado a Era Glacial, responsável pela extinção dos dinossauros.

Halloween e as Bruxas



Bruxaria moderna

Por volta de dois mil anos passados, mais precisamente no dia primeiro de novembro, na região onde hoje estão a Irlanda, Reino Unido e a França, os celtas comemoravam seu ano-novo. Porém, nessa mesma época do ano, um rigoroso inverno chegava a essa região causando um grande número de morte entre os celtas. O dia marcava o início da escuridão.

A partir de então, no dia 31 de outubro, os sacerdotes druidas instituíram o “Samhain”, uma crença que celebrava a abertura da passagem entre a vida e a morte, e que por isso permitiria que todas as almas voltassem ao plano físico em busca de alimento. Porém a presença desses fantasmas prejudicaria não apenas as colheitas, mas o corpo de quem fosse possuído pelos espíritos malignos.

Para não serem reconhecidas, as pessoas começaram a vestir máscaras e usar roupas que as fizessem parecer com seres do outro mundo. Daí a origem das fantasias usadas. No início de século 7, com a influência do cristianismo nas terras celtas, o dia primeiro de novembro consagrou-se como o “All Saints Day” ou “Dia de Todos os Santos” e, conseqüentemente, a noite de 31 de outubro seria a “All Hallow’s Eve” ou “Noite de Todos os Santos”, que, com o passar do tempo, foi abreviado para “Hallow’s Eve” ou “Halloween”.

A ordem sacerdotal dos druidas, que eram pagãos, da religião celta, dava conta de serem muito violentos e temíveis, tendo muito poder e sede de sangue chegando a castigar as pessoas com a morte. Em seus altares destilavam o sangue de vítimas humanas. Era comum oferecer homens, mulheres e crianças em holocausto, queimando os corpos vivos em grandes torres de vime.

No calendário celta, existem quatro dias separados para o descanso das bruxas, sendo o 31 de outubro o dia principal. Os quatro dias de “meio trimestre” são: 2 de fevereiro, conhecido como o dia da marmota em adoração à deusa pagã Brigitte. O segundo era em maio e se chamava Beltane, sendo celebrado entre as bruxas. O terceiro acontecia em agosto, em homenagem ao deus Sol chamado de Lugh. Esses três dias marcavam a passagem das estações. O último chamado de Samhain (senhor dos mortos) marcava a entrada do inverno.

Nesse dia, Samhain invadia os lugares com os espíritos dos mortos que precisavam ser recebidos com oferendas.



A abóbora iluminada é um símbolo antigo de uma alma maldita e condenada. Ela recebe o nome de “Jack-o-lantern”. Contam que um homem chamado Jack, que não podia entrar nem no céu, nem no inferno, por ter sido condenado a vagar pelas trevas com sua lanterna até o Dia do Juízo. Por essa razão, as pessoas, com medo dele e dos fantasmas, arrumavam as calçadas e colocavam velas acesas dentro de abóboras para espantar os maus espíritos.

Em 1840, os imigrantes irlandeses, que fugiam da fome, levaram o Halloween à cultura americana. Sua introdução no Brasil se deve à globalização e a proliferação dos cursos de inglês de cultura americana, fazendo essa moda pegar forte nas diversas festas que rolam por aí no dia das bruxas.

Estima-se hoje que a bruxaria moderna tenha 12 milhões de adeptos em todo o mundo.

A História do Cangaço



Fenômeno sociológico tipicamente do sertão brasileiro, o cangaço tem suas origens nas permanentes contradições das estruturas econômicas e sociais do país, onde, de um lado a miséria, a exploração e a ignorância, condenam milhares de seres ao abandono e a sanha violenta dos latifundiários. De outro outro, o controle político das elites rurais, donos da terra, dispostos a manter seus privilégios a qualquer custo.

Desde os tempos da colonização a grande massa de oprimidos do Nordeste era constituída pelos habitantes pobres da zona rural, a maioria da população brasileira. Dessa população, até mesmo os que possuíam pequenos lotes de terra viviam em condições próximas das que os escravos haviam conhecido ou semelhantes às dos antigos servos medievais.

Assim, essa população, diretamente submetida ao jugo dos coronéis, não possuía nenhuma chance de organização sistemática, pela qual pudesse manifestar seu descontentamento. Por isso, reagiu, segundo o historiador Rui Faço, “formando grupos de cangaceiros que lutam de armas nas mãos, assaltando fazendas, saqueando comboios e armazéns de víveres nas próprias cidades e vilas, com a formação de seitas de místicos – fanáticos, em torno de um beato ou conselheiro, para implorar dádivas aos céus e remir os pecados, que seriam as causas de sua desgraça”.

Os principais movimentos dessa natureza ocorreram nas áreas interiorizadas do país, colocadas à margem do processo de desenvolvimento, e se agonizaram no sertão nordestino. Sendo uma região de ocupação antiga, o sertão nordestino possuía população irregularmente distribuída – 80% habitava a zona rural.

A represália contestatória a esse descaso social acontecia por meio dos grupos de cangaceiros, dos quais o mais célebre foi Virgulino Ferreira da Silva – o Lampião, – e as lutas dos grupos místicos (Canudos, Contestado e Juazeiro foram os principais exemplos) consideradas pelos seus agentes como banditismo e fanatismo. Para muitos, essa forma de protesto, típico do sertão nordestino, dava aos seus autores o título de cruéis bandidos e até místicos; para outros, eram verdadeiros heróis.

Em respostas dos governos aos anseios dessa massa inconformada, vinha em forma de brutal repressão política e militar. Milícias de soldados, também mortos de fome, que se submetiam às ordens dos coronéis para sobreviver, eram deslocadas para dar combate a esses bandoleiros.

Assim, o sertão, pobre e marginalizado, era o local onde se verificam os choques (que muitas vezes tiveram a feição de guerra civil, como em Canudos) entre os cangaceiros e os “fanáticos”, de um lado, e os jagunços dos coronéis, as volantes (tropas policiais dos Estados denominados “macacos” pelos cangaceiros) e, às vezes, os soldados federais.

Nem sempre, porém, as relações entre os grupos exprimiam a oposição governo x bandidos. Muitas vezes, os coronéis e, em certos casos, as autoridades governamentais, fizeram pactos com bandos de cangaceiros, para combater seus inimigos políticos.

No Juazeiro do padre Cícero (Ceará), por exemplo, os conflitos faziam parte das disputas coronelísticas, e os coronéis se aproveitavam, no caso, do descontentamento popular manipulado pelo seu líder religioso.

Lampião, por exemplo, foi oficialmente alistado como capitão do Exército Brasileiro, por ordem de Getúlio Vargas, para dar combate à Coluna Prestes que ameaçava seu regime, além de receber, muitas vezes, ajuda dos próprios coronéis que depois viraram seus inimigos. Lampião foi e ainda é um herói para sua gente, mas um herói ambíguo.

A literatura, o cinema e, mais recentemente, as ciências sociais têm-se ocupado da ação desses grupos sertanejos, cujo verdadeiro significado na vida social brasileira está, ainda, por ser melhor estabelecido. Agora já dá para a gente entender quem foi Lampião.

Heróis da Resistência Negra

Além de Zumbi, outro grande herói dos negros no Brasil foi Ganga-Zumba. Ele foi o primeiro grande chefe conhecido do Quilombo de Palmares. Era tio de Zumbi e celebrou-se

por ter assinado um tratado de paz com o governo de Pernambuco. Em 1677, sob sua chefia, Palmares travou dura guerra contra a expedição portuguesa de Fernão Carrilho. Nessa batalha, as tropas da Coroa fizeram 47 prisioneiros, entre os quais dois filhos de Ganga-Zumba – Zambi e Acaiene, netos e sobrinhos. Um de seus filhos, Toluco, foi morto na luta. O próprio Ganga-Zumba foi ferido por uma flecha, mas escapou.

Em 1678, o governador Pedro de Almeida fez a primeira proposta de paz a Ganga-Zumba, oferecendo “união, bom tratamento e terras”, além de prometer devolver “as mulheres e filhos” de negros que estivessem em seu poder.

Em junho de 1678, o oficial enviado a Palmares, para levar a proposta, retornou ao Recife, à frente de um grupo de 15 palmarinos, entre os quais se encontravam três filhos de Ganga-Zumba, recebidos pelo governador Almeida.

“Em troca da paz”, os palmarinos pediam liberdade para os nascidos em Palmares, permissão para estabelecer “comércio e trato” com os moradores da região e um lugar onde pudessem viver “sujeitos às disposições” da autoridade da capitania. Prometiam entregar os escravos que dali em diante fugissem e fossem para Palmares.

Em novembro do mesmo ano, Ganga-Zumba foi ao Recife assinar o acordo. É cedida a ele e seus partidários a região de Cucaú, distante 32 km de Serinhaém. Parte dos palmarinos, liderados por Zumbi, são contrários ao acordo de paz e se recusam a deixar Palmares. Em Cucaú, vivendo sob forte vigilância da autoridade portuguesa e hostilidade pelos moradores das vilas próximas, Ganga-Zumba vê frustrada sua iniciativa. Morreu envenenado por um partidário de Zumbi.

Comemora-se no dia 20 de novembro o Dia da Consciência Negra como reflexão à inserção do negro na sociedade brasileira. A data foi escolhida em homenagem ao dia da morte de Zumbi, líder dos Palmares, retratando a resistência do negro à escravidão de forma geral.

As Piramutabas e Douradas Viajantes

A piramutaba e a dourada realizam a maior viagem conhecida de peixe de água doce no mundo: para desovar, a partir dos três anos de idade, as fêmeas saem da foz do rio Amazonas, no litoral paraense, e nadam 5.500 quilômetros até a cidade de Iquitos, no Peru. A viagem demora até seis meses, mas as larvas desovadas percorrem o caminho de volta em no máximo 20 dias, carregadas pela correnteza.

Elas são o carro-chefe da economia pesqueira em nossa região, mas o ribeirinho não conhece todo seu ciclo de vida, por causa da longa migração que elas percorrem. De cada cem peixes de couro (liso, sem escama) capturados na calha do rio Amazonas, 70 são piramutabas ou douradas. São comercializadas cerca de 30 mil toneladas por ano dessas duas espécies na região. Esse número cresceu a partir da década de 70, com a migração de sulistas para cá, porque havia um tabu quanto ao consumo de peixes lisos na Amazônia. Ainda existem algumas comunidades ribeirinhas que acreditam que eles são remosos, isto é, indigestos, podem provocar problemas de pele, podendo fazer mal à saúde.

É bom lembrar que a piramutaba é um peixe do mar, ou seja, de água salgada, que utiliza o rio para a procriação.

Os Jacarés da Amazônia



Os jacarés existem no planeta há mais de 80 milhões de anos e um antepassado deles, o extinto Purussaurus, atingia 14 metros de comprimento. Fósseis desses animais podem ser vistos na Universidade Federal do Acre.

O Brasil possui seis espécies de jacarés e quatro delas habitam a Amazônia, o Coroa, o Paguá, o Tinga e o Jacaré-Açu, cujo local com maior abundância são as florestas inundáveis, principalmente as áreas de várzea.

Uma fêmea demora três meses protegendo o seu ninho e chega a acompanhar os filhotes por até 18 meses. Dizem que uma fêmea é mais perigosa quando toma conta dos seus ovos do que quando protege os filhotes.

O seu principal alimento são os peixes, mas outras presas como patos, galinhas, porcos, cachorros e até animais de maior porte, como bois e vacas, são bem-vindos. Um acidente com jacaré pode ser muito grave. A mordida de um Açu, o maior das quatro espécies amazônicas, pode estraçalhar, ou arrancar, facilmente, braços e pernas de uma pessoa. O rabo é usado por qualquer uma das espécies como se fosse um braço, empurrando a presa para a direção da boca do animal que tem o corpo bastante flexível, podendo encostar a ponta do rabo na boca.

Granizo, Vulcão, Arco-Íris e Neve

É comum nevar e chover ao mesmo tempo. Se a temperatura perto do solo estiver muito alta, pode haver somente neve e muita baixa, pode haver somente chuva, as duas ocorrem ao mesmo tempo. Os flocos de neve, que não se derretem, juntam-se, formando blocos de gelo. É a chuva de granizo.

A Terra é formada por placas endurecidas, que são a crosta terrestre, e por placas de rochas derretidas, o magma que fica no interior do planeta. Um vulcão entra em erupção quando as placas se movimentam e o magma é lançado para fora. Essa massa, conhecida como lava, é composta de metais, como magnésio e ferro, e atinge uma temperatura de 1.200 graus, gerando os grandes vulcões.

A formação do arco-íris se dá da seguinte maneira: a cor branca é formada por uma mistura de cores que podem ser decompostas com o auxílio de certos prismas transparentes – de cristal, por exemplo, formando uma imagem conhecida pelos cientistas como espectro. O espectro é uma faixa de sete listas principais nas cores vermelha, alaranjada, amarela, verde, azul, anil e violeta. O arco-íris é o espectro formado pela luz solar ao atravessar as gotas da chuva, que funcionam como um prisma de cristal.

Já a formação da neve acontece nas camadas mais altas das nuvens, quando a temperatura lá em cima está abaixo de zero. As gotas de água congelam-se e transformam-se em flocos de neve. Isso é comum em grandes altitudes, mas nem toda a neve chega ao chão. À medida que os flocos se aproximam do solo, a temperatura aumenta e eles derretem. Nas montanhas é comum nevar mesmo com a temperatura perto dos quatro graus, pois a grande altitude impede que a neve se derreta. No verão, o pico das montanhas continua com neve porque, para cada 180 metros, a temperatura diminui um grau. Como essas montanhas ficam em grandes altitudes, as temperaturas nessas alturas são sempre muito baixas. Mesmo quando o dia é mais quente, a neve não consegue derreter, porque as noites são muito geladas. Além disso, se a neve derreter, uma nova camada surge. Depois de 2.700 metros de altitude, a neve nos picos é eterna.

Mar, Ondas e Marés

Durante milhares de anos, as águas das chuvas lavaram as rochas, dissolvendo uma parte dos sais que as constituem. As águas dos esgotos despejam anualmente milhões de toneladas de minerais nas fossas marinhas. As águas dos mares são mais salgadas que as águas continentais em virtude da evaporação, que provoca uma salinização constante e particular de cada mar. Por isso afirmamos que o mar é salgado.

Já suas ondas se formam pela ação do vento sobre a camada superficial da água.

Quando o vento sopra, ele gera um movimento na água que produz a onda. Apesar de parecer que as ondas andam em linha reta, elas, na verdade, deslocam-se em sucessivos movimentos circulares.

Falando de água, abordamos também as marés e seus efeitos. Elas são causadas pela força de atração da Lua, que faz com que a água do oceano suba em direção a ela. Seis horas depois da maré alta, a Terra completa um quarto de volta ao redor do seu eixo. Essa rotação desloca o mar, que já não fica diretamente sob a Lua. Daí vem a maré baixa.

Nesse sentido, a água das chuvas também tem um caminho a percorrer. Parte das águas pluviais evapora-se, formando nevoeiro e nuvens, e outra parte infiltra-se nos solos permeáveis, indo alimentar as nascentes e os rios subterrâneos. Nas depressões impermeáveis, a água das chuvas forma lagoas e pântanos. A maior parte corre pelos declives e vai engrossar e encher os nossos rios.

Como Acontecem os Terremotos

O manto, que é a camada superficial do nosso planeta, é formado por 20 placas, que se esbarram levemente. Quando isso acontece, há uma grande pressão nas rochas das bordas das placas e, às vezes, as rochas prendem-se e a pressão aumenta.

Quando se desprendem, produzem ondas de choque cujos movimentos se refletem na superfície da Terra. Esses movimentos são os terremotos, e são ondas tão fortes que podem ter a potência da explosão de 200 toneladas de dinamite.

Anualmente se registram mais de um milhão de abalos sísmicos, porém somente uma pequenina parte deles é percebida pelo homem. Os demais são registrados por instrumentos sensíveis.

Como Acontece a Pororoca



Rio profundo

Na Amazônia ocorre esse fenômeno interessante: alguns rios correm alternadamente em seu curso natural e ao mesmo tempo no sentido oposto, isto é, correm para trás, da foz para a nascente. Quando isso acontece, chamamos esse espetáculo de pororoca, que em tupi quer dizer “estrondo”.

Ela ocorre quando a maré alta do mar (salgada) invade os rios, formando ondas que forçam suas águas a recuarem. As ondas invadem as margens dos rios, ganhando altura muitas vezes superior a três ou seis metros que são ouvidas a muitos quilômetros de distância.

Como Surgiu o Horário de Verão

O horário de verão foi adotado pela primeira vez no Brasil no verão de 1931 e foi implantado de forma esporádica até em 1967. Depois de 18 anos sem ser instituída, a medida voltou a vigorar em 1985, quando o nível de água era crítica nos reser-

vatórios das hidrelétricas. Desde então todos, os anos, os brasileiros têm de adiantar os relógios em uma hora entre o mês de outubro e novembro.

O horário de verão é usado para economizar energia elétrica. Como no verão os dias são mais longos, aproveita-se a luz natural do dia, poupando assim a luz produzida artificialmente. De acordo com a Agência Nacional de Energia Elétrica (Aneel), com o horário de verão é possível reduzir o consumo de energia entre 4 e 5% no horário de pico, das 18 às 21h, evitando sobrecarga no sistema elétrico. Nem todas as regiões do Brasil adotam o horário de verão, a Região Norte é uma delas.

Os Blocos Econômicos

A Comunidade dos Estados Independentes (CEI) é uma organização criada em 1991 que integra 12 das 15 repúblicas que formavam a URSS. Fica de 1 hora apenas os três Estados bálticos: Estônia, Letônia e Lituânia.

Sediada em Minsk, capital da Belarus, organiza-se em uma confederação de Estados, preservando a soberania de cada um. Sua estrutura abriga dois conselhos: um formado pelos chefes de Estados, e outro pelos chefes de Governo, que se encontram de três em três meses.

No ato de criação, a comunidade prevê a centralização das Forças Armadas e o uso de uma moeda comum: o rublo. Na prática, porém, as ex-repúblicas não chegam a um consenso sobre integração político-econômica. Somente em 1997 todos os membros, exceto a Geórgia, assinam um acordo para estabelecer uma união alfandegária e dobrar seu o comércio interno.

Mercado Comum do Sul

Criado em 1991, o Mercosul é composto por Argentina, Brasil, Paraguai e Uruguai, países sul-americanos que adotam políticas de integração econômica e aduaneira. A origem do Mercosul está nos acordos comerciais entre Brasil e Argentina elaborados em meados dos anos 80. A partir do início da década-

da de 90, o ingresso do Paraguai e do Uruguai torna a proposta de integração mais abrangente. Em 1995 instala-se uma zona de livre comércio.

Cerca de 90% das mercadorias fabricadas nos países membros podem ser comercializadas internamente sem tarifa de importação. Alguns setores, porém, mantêm barreiras tarifárias temporárias, que deverão ser reduzidas gradualmente. Além da extinção de tarifas internas, o Mercosul estipula a união aduaneira, com a padronização das tarifas externas para diversos itens. Ou seja: os países membros comprometem-se a manter a mesma alíquota de importação para determinados produtos.

Os países membros totalizam uma população de 206 milhões de habitantes e um PIB de 1,1 trilhão de dólares.

A sede do Mercosul se alterna entre as capitais desses países. Segundo cláusula de 1996, só integram o Mercosul nações com instituições políticas democráticas. Chile e Bolívia são membros associados, assinando tratado para a formação de zona de livre comércio, mas não entram na união aduaneira.

O Mercosul é hoje um dos principais polos de atração de investimentos do mundo. As razões para esse sucesso não são poucas: ele é, ao mesmo tempo, a quarta economia mundial e a principal reserva de recursos naturais do planeta. Suas reservas de energia estão entre as mais importantes, em especial as de minério e as hidrelétricas. Sua rede de comunicações é desenvolvida e passa por constante processo de renovação.

Mais de dois milhões de quilômetros de estradas unem nossas principais cidades e nossas populações viajam através de mais de seis mil aeroportos. As perspectivas futuras do setor das comunicações são extremamente promissoras.

O Mercosul é hoje um *global trader* e, como tal, tem todo o interesse em manter um relacionamento externo amplo e variado. Seus quatro países membros têm se preocupado constantemente em manter uma inserção comercial global, sem privilegiar um ou outro país, a fim de garantir um escopo maior de atuação na cena internacional. Suas importações e exportações distribuem-se, de forma equilibrada, entre as diversas economias do mundo. Nesse sentido, é natural que o Mercosul pra-

tique e respeite os princípios do regionalismo aberto, na medida em que foi, originalmente, concebido precisamente para aumentar e melhorar a participação de suas quatro economias no mercado mundial.

Na agenda externa do Mercosul, que inclui iniciativas nas esferas latino-americana, hemisférica e extra-hemisférica, destacam-se os seguintes temas:

- a) A negociação de acordos de livre comércio entre o Mercosul e os demais membros da Aladi;
- b) A implementação do Acordo-Quadro Inter-regional de Cooperação Econômica e Comercial, firmado em dezembro de 1995 entre o Mercosul e a União Europeia;
- c) A coordenação de posições no âmbito das negociações com vistas à formação da Área Hemisférica de Livre Comércio.

Luis Sevalho

A integração comercial propiciada pelo Mercosul também favoreceu a implantação de realizações nos mais diferentes setores, como educação, justiça, cultura, transportes, energia, meio ambiente e agricultura. Nesse sentido, vários acordos foram firmados, incluindo desde o reconhecimento de títulos universitários e a revalidação de diplomas até, entre outros, o estabelecimento de protocolos de assistência mútua em assuntos penais e a criação de um “selo cultural” para promover a cooperação, o intercâmbio e a maior facilidade no trânsito aduaneiro de bens culturais.

Acordo de Livre Comércio das Américas

A Alca surge em 1994 com o objetivo de eliminar as barreiras alfandegárias entre os 34 países americanos (exceto Cuba). O prazo mínimo para sua formação é de sete anos, quando poderá transformar-se em um dos maiores blocos comerciais do mundo. Com o PIB total de 12,5 trilhões de dólares (maior que o da União Europeia – UE), os países da Alca somam uma população 790 milhões de habitantes, o dobro da

registrada na UE. Na prática, sua formação significa abortar os projetos de expansão do Mercosul e estender o Nafta para o restante das Américas.

Os EUA são os maiores interessados em fechar o acordo. O país participa de vários blocos comerciais e registrou em 2000 um déficit comercial de quase 480 bilhões de dólares.

Precisam, portanto, exportar mais para gerar saldo em sua balança comercial. Com uma área livre de impostos de importação, os nortes-americanos poderiam suprir as demais nações da América com suas mercadorias.

Em maio de 2002, é aprovado nos EUA o *fast-track*, que permite que o presidente do país possa negociar acordos comerciais, permitindo ao Congresso apenas aprovar ou não os acordos, sem fazer nenhum tipo de emenda ou modificação no texto original. A criação do *fast-track* está ajudando os EUA a agilizarem a implementação da Alca.

A grande preocupação da comunidade latino-americana, que gera a maioria das reclamações por parte dos críticos à formação do bloco, assim como a preocupação por parte dos governos dos países que irão fazer parte da Alca, diz respeito às barreiras não tarifárias (leis antidoping, cotas de importação e normas sanitárias) que são aplicadas pelos EUA. Apesar da livre circulação de mercadorias, essas barreiras continuariam a dificultar a entrada de produtos provenientes da América Latina naquele mercado.

Acordo de Livre Comércio da América do Norte



O Nafta é um instrumento de integração entre a economia dos EUA, do Canadá e do México. O primeiro passo para sua criação é o tratado de livre comércio assinado por norte-americanos e canadenses em 1988, ao qual os mexicanos aderem em 1992.

A ratificação do Nafta, em 1993, vem para consolidar o intenso comércio regional já existente na América do Norte e para enfrentar a concorrência representada pela União Europeia. Entra em vigor em 1994, estabelecendo o prazo de 15 anos para a total eliminação das barreiras alfandegárias entre os três países. Seu mais importante resultado até hoje é a ajuda financeira prestada pelos EUA ao México durante a crise cambial de 1994, que teve grande repercussão na economia global.

União Europeia

Conhecido inicialmente como Comunidade Econômica Europeia (CEE), o bloco econômico formado entre 15 países da Europa Ocidental passa formalmente a ser chamado de União Europeia em 1993, quando o Tratado de Maastricht entra em vigor. É o segundo maior bloco em termos de PIB, com uma população de 374 milhões de pessoas.

Luis Sevalho

Histórico da União Europeia

1951 – Criada a Comunidade Europeia do Carvão e do Aço;

1957 – Tratado de Roma (Comunidade Econômica Europeia – Europa dos seis países mais ricos do mundo);

1992 – Consolidação do Mercado Comum Europeu (eliminação das barreiras alfandegárias);

1993 – Entra em vigor o Tratado de Maastricht (Holanda), assinado em 1991;

Membros: França, Itália, Luxemburgo, Holanda, Bélgica, Alemanha (1957), Dinamarca, Irlanda, Reino Unido (1973), Grécia, Espanha, Portugal (1981/1986), Áustria, Suécia e Finlândia. Em 2004 ocorreu o ingresso de mais dez países: Letônia, Estônia, Lituânia, Eslovênia, República Tcheca, Eslováquia, Polônia, Hungria, Malta e Chipre.

Biodiversidade

Conceito que designa a variedade dos seres vivos: animais, vegetais e microrganismos. A biodiversidade não está relacionada somente à diversidade de espécies, mas principalmente à diversidade genética – variações entre os indivíduos da mesma espécie transmitidas hereditariamente – é a diversidade de ecossistemas. O conceito ganhou destaque a partir da década de 80, com a discussão sobre o risco de extinção de espécies animais e vegetais, e a importância da preservação delas como condição de sobrevivência da espécie humana. Os fatores de degradação ambiental, que põem em risco a biodiversidade, são a poluição das águas e do ar e a contaminação do meio ambiente pela radiatividade, pelos agrotóxicos e pelo lixo tóxico.

Também a seleção de sementes e espécies animais feita na agricultura apresenta riscos para a biodiversidade.

Com a descoberta de sementes mais produtivas, por exemplo, outras mais tradicionais podem desaparecer com todo o seu patrimônio genético. Algumas dessas sementes podem ser mais resistentes a certas pragas epidêmicas da agricultura do que as mais produtivas. Esse fator genético pode perder-se junto com a espécie menos produtiva. Para evitar isso, foram criados em todo o mundo bancos de sementes.

Não existe uma avaliação precisa do número de espécies existentes no planeta. Pesquisadores calculam entre 5 milhões e 30 milhões o número de espécies animais, vegetais e microrganismos, em sua grande maioria concentradas nos países tropicais. Segundo a União Internacional para a Conservação da Natureza (UICN), a degradação ambiental provoca diariamente a extinção de cerca de cem espécies vegetais e animais. A diminuição das espécies pode comprometer o desenvolvimento e a realização de pesquisas científicas, e a própria produção de alimentos.

A Camada de Ozônio

A camada de ozônio fica situada na estratosfera, entre 20 e 35 km de altitude da superfície terrestre, é uma camada de gás (ozônio) com cerca de 20 km de espessura que funciona como um filtro que protege a Terra da radiação ultravioleta emitida pelo Sol. O ozônio é um gás rarefeito cujas moléculas são formadas por três átomos de oxigênio.

Em 1985, o cientista inglês John Farman fez o primeiro alerta sobre a redução da camada de ozônio em decorrência da ação de poluentes no planeta. A diminuição da camada permite que a radiação ultravioleta chegue à Terra com maior intensidade. Esse tipo de radiação é nociva à saúde provocando câncer de pele e doenças oculares, como catarata. Em 1987, a Nasa confirma que o escudo protetor vem perdendo espessura, sobretudo nos polos. Os estudos da Nasa indicam também a existência de um buraco de cerca de 7 milhões de km² sobre a Antártica. Em setembro de 1995, a Organização Meteorológica Mundial divulga que o buraco na camada de ozônio sobre o continente antártico já atinge cerca de 10 milhões de km², área equivalente à Europa.

Segundo Melhem Adas, a camada de ozônio é de grande utilidade para a vida na terra; é ela quem absorve a radiação ultravioleta do Sol, protegendo o planeta dos efeitos nocivos da radiação, desenvolvendo importante papel de regulador do clima no planeta.

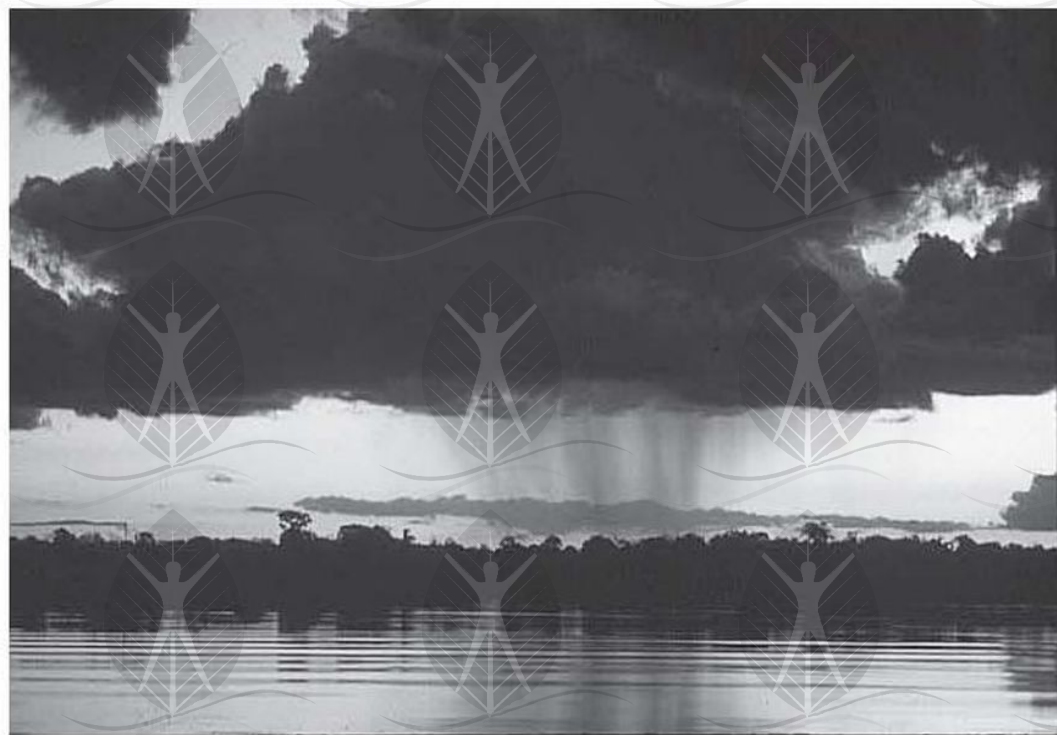
O cloro presente nos compostos de clorofluorcarbonetos (CFC) é identificado como principal poluente responsável pela redução da camada de ozônio. O CFC é utilizado em algumas espécies de *spray*, espuma de plástico, formas e bandejas e plásticos poros; chips de computadores, solventes utilizados pela indústria eletrônica e, principalmente, em aparelhos de refrigeração, como geladeira e ar-condicionado.

Em junho de 1990, a Organização das Nações Unidas (ONU) determinou o fim gradativo da produção de CFC até o ano de 2010.

No mesmo ano, foi criado o Programa Brasileiro de Eliminação da Produção e Consumo das Substâncias que Destroem a Camada de Ozônio, que eliminou no final de 2006 a utilização de CFC no país. A maior preocupação dos cientistas é mesmo com o câncer de pele que vem aumentando, cuja incidência é cada vez maior nos últimos vinte anos. Indica-se evitar as horas em que o Sol está mais forte e a utilizar os filtros solares, que são as únicas maneiras de se prevenir e proteger nossa pele dos raios ultravioleta do Sol.

No entanto, é possível recuperar os danos causados na camada de ozônio, parando de produzir o CFC. Se sua produção for totalmente parada, aos poucos a camada de ozônio voltaria ao normal, mesmo que tivesse de esperar por vários anos, já que os átomos de cloro expelidos em CFC ficarão por 75 anos reagindo com as moléculas de ozônio e transformando-as em moléculas de oxigênio. Os outros países que ainda usam o CFC devem seguir o exemplo do Brasil.

Efeito Estufa



Fenômeno natural, causado pela presença de gases na atmosfera, que provoca o aquecimento gradual do planeta. Os gases da atmosfera retêm na Terra o calor das radiações infravermelhas emitidas pelo Sol e mantêm a temperatura média em torno de 16°C. Sem os gases, as radiações que chegam à superfície terrestre seriam refletidas para o espaço. A temperatura não passaria de 27°C negativos e a superfície seria coberta de gelo.

A expressão efeito estufa também identifica o aquecimento que tem sido verificado no planeta nas últimas décadas. Pesquisas da agência americana indicam que a temperatura global média subiu 0,18°C desde o início do século. Fotos tiradas por satélites meteorológicos mostram redução da área de gelo nos polos. Essas alterações do clima ocorrem paralelamente a um aumento significativo da concentração de gases à base de carbono na atmosfera, provocado pela queima de combustíveis fósseis, como carvão e derivado de petróleo. Entre as consequências do superaquecimento do planeta está a elevação da temperatura do ar.

Esse fato modificaria o regime dos ventos e aumentaria a evaporação da água, criando mais nuvens e chuvas. Projeções para o século 21 indicam a possibilidade de chuvas intensas em áreas hoje desérticas e falta de água em regiões atualmente férteis. Preveem também o aumento do nível dos oceanos pelo derretimento das calotas de gelo polares, que podem diminuir ou até desaparecer.

O Surgimento do Robô

A palavra robô deriva da palavra checa *robotnik* ou *robot*, que significa servo. Entretanto, muito antes do escritor Karel Capek a utilizá-la pela primeira vez, em 1923, já se havia construído uma grande quantidade de autômatos, que são os antepassados dos robôs. No século 2 a.C., Heron de Alexandria construiu aves mecânicas que podiam voar.

O famoso leão animado projetado por Leonardo da Vinci é um dos muitos autômatos construídos do Renascimento para distração da Corte ou para exibição nas feiras populares. A ro-

bótica atual é o ramo da tecnologia que se ocupa do projeto e construção de robôs e surge de uma necessidade mais prática: aumentar a produtividade da empresa e melhorar a qualidade dos produtos. O primeiro robô com fins industriais, controlado por computador, foi construído por George Devol, em 1960.

O que é Internet?



Rio profundo

A internet é uma rede de comunicação que liga computadores através de linhas telefônicas. Foi criada nos Estados Unidos na década de 60 como uma rede que interliga centros importantes de comando, de pesquisa bélica e universidades. Tinha a finalidade militar, onde o pressuposto básico era não ter um “centro” que servisse de alvo principal ao inimigo. Seus usuários multiplicaram-se na comunidade científica, onde o caráter militar foi superado pelo científico e nos últimos anos amplia-se o aspecto comercial.

Pela internet, por exemplo, é possível fazer compras, pesquisar, fazer amizades ou procurar empregos sem sair de casa.

Uma das grandes vantagens da internet é poder usufruir, a longa distância, dos recursos de computadores mais poderosos, por meio do seu computador pessoal. Outra é a transferência de programas inteiros entre dois computadores distantes um do outro via *modem*.

O serviço mais usado na rede é o correio eletrônico, ou *e-mail*. Uma atividade popular da internet, produto do correio eletrônico, são os grupos de discussão, que podem tratar de qualquer assunto – desde que existam pessoas interessadas. Funciona como se várias pessoas estivessem conversando em várias extensões de um telefone. O *Facebook* é uma rede social bastante utilizada por seus internautas.

No Brasil, o acesso à internet começou pela Rede Nacional de Pesquisa (RNP), criada em 1990, que liga as principais instituições de ensino e pesquisa do país. Em julho de 1995, quando acabou o monopólio da Embratel como provedor único, surgiram diversas empresas privadas que disputam esse novo mercado.

O Computador e sua Evolução

No mundo em que vivemos, procuramos sempre uma forma de produzir mais com menos esforços e para isso criamos as máquinas, dentre elas o computador, que realiza tarefas que antes exigiam o trabalho de várias pessoas durante muito tempo. Ele é capaz de realizar várias e complexas operações em curtíssimos espaços de tempo, atendendo a programas preestabelecidos para finalidades específicas.

O pai do computador foi o professor inglês Charles Babbage por ter criado um projeto de calculador analítico que mesmo não sendo concluído, é considerado como o primeiro projeto semelhante ao nosso atual computador, por possuir um mecanismo capaz de armazenar dados memorativos para futuras consultas. A evolução da computação mecânica surgiu em 1890, pelo americano Hermann Hollerith, que desenvolveu uma máquina que possibilitava a acumulação e classificação de grande quantidade de dados.

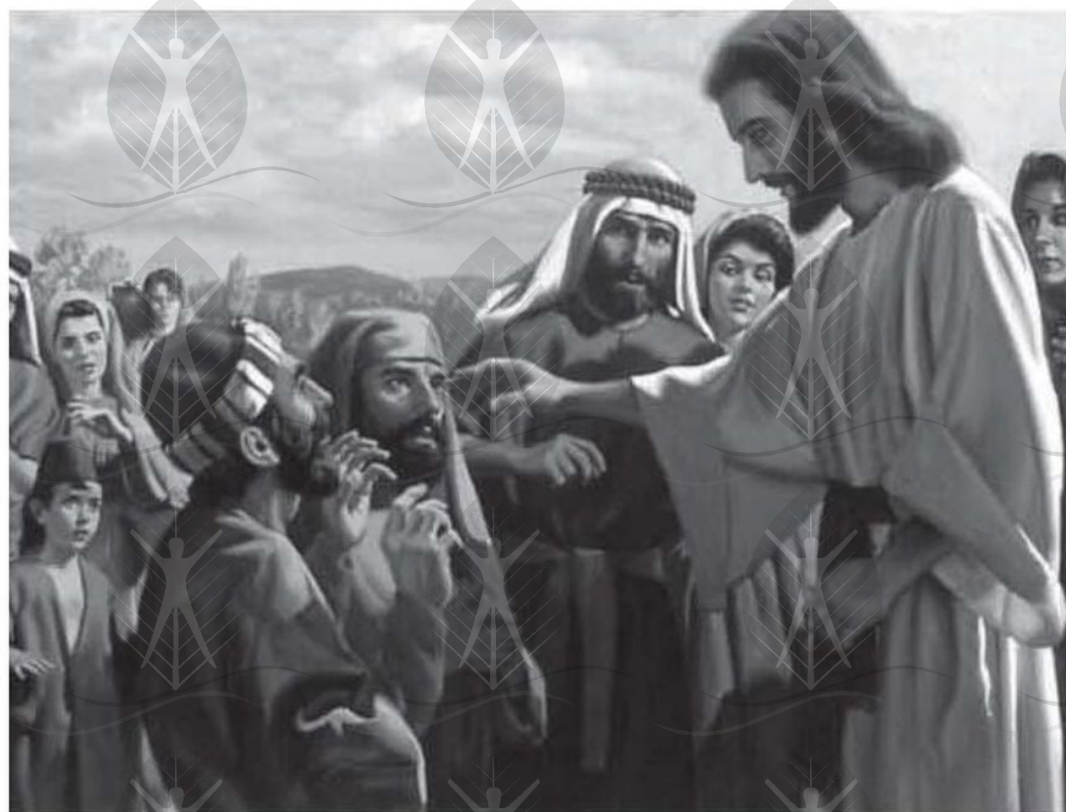
O Mark-I “modernizado” surge em 1944, desenvolvido pela marinha, Universidade de Harvard e a IBM, que passou a efetuar cálculos complexos sem a intermediação humana. Essa máquina era enorme, medindo 15 x 2,5 m. Em 1946 é conhecida a configuração básica de um computador empregada até hoje.

A invenção do transmissor, em 1947, substituiu progressivamente as válvulas, diminuindo o tamanho e aumentando a velocidade das máquinas. Depois, no final da década de 50, surgem os circuitos integrados chamados de chips, avançando na miniaturização dos equipamentos eletrônicos. No final dos anos 60, a Intel projeta o microprocessador, dispositivo que reúne num mesmo integrado todas as funções do processador central.

O primeiro Personal Computer (PC) surgiu em 1974, pelo programador americano Bill Gates, que adapta o método de programação dos computadores de grande porte para o Altair, o primeiro modelo de microcomputador.

Bill Gates convence outras companhias além da IBM a utilizarem seu sistema, funcionando em micros de diversos fabricantes, cria a Microsoft que lança o Windows, alcançando enorme sucesso, a partir de 1990 e depois em 1995, nova versão com o Windows 95, vendendo sete milhões de cópias em menos de dois meses após o lançamento revolucionando o mundo.

O Cristianismo



As raízes do cristianismo encontram-se no universo religioso judaico, uma vez que seu fundador era judeu e seguia os preceitos do judaísmo. No início, os cristãos foram considerados integrantes de uma nova seita judaica.

De acordo com a fé cristã, o Deus revelado a Abraão, a Moisés e aos profetas enviou à Terra seu filho como Messias salvador. O Filho de Deus, Jesus Cristo, nasceu em uma família comum, teve uma vida simples até 30 anos, quando pediu para ser batizado pelo grande profeta João Batista, em sinal de vida nova. Após um período de recolhimento, meditação e jejum no deserto, iniciou sua vida pública.

Durante três anos, anunciou a boa-nova (Evangelho, em grego) e realizou grandes milagres, pregando e ensinando não apenas com palavras bonitas e convincentes, mas principalmente por meio de uma prática comprometida com o Reino do Céu.

O número de discípulos que seguiam Jesus era crescente. Doze, porém, estavam sempre com ele e ficaram conhecidos como seus apóstolos. Eram pessoas humildes, que viviam da pesca, mas estavam dispostas a aprender, a ajudar o Mestre em tudo. Foram os apóstolos que propagaram o cristianismo após a morte de Jesus.

As ideias revolucionárias de Jesus incomodavam os detentores do poder. Ele dizia, entre outras coisas, que todos somos irmãos, portanto iguais, e que não há distinção entre judeu, grego ou escravo. Valorizava os excluídos da sociedade e afirmava que o ser humano está acima de qualquer lei.

Sentindo-se ameaçadas, as autoridades judaicas tentaram encontrar um meio de fazê-lo calar. Aproveitando-se de algumas palavras proferidas por Jesus (dentre elas, que era filho de Deus), essas autoridades o acusaram de blasfêmia e o submeteram a um processo religioso, durante o qual alegaram que ele conspirava contra o imperador romano.

Jesus crucificado e, segundo a fé cristã, ressuscitou ao terceiro dia, como havia revelado, e apareceu aos seus apóstolos, ceou com eles e orientou-os para que guardassem a vinda do

Espírito Santo, que lhes daria forças para continuar o que ele havia iniciado.

É a Bíblia judaica (Antigo Testamento), acrescida dos textos do Novo Testamento: Evangelhos, Atos dos Apóstolos, Cartas e Apocalipse, que contém a vida, os ensinamentos de Jesus, além de orientações às comunidades cristãs.

Os cristãos acreditam em um Deus único e misericordioso, que enviou seu filho, Jesus Cristo, para trazer a salvação a todos os homens e libertá-los do pecado.

Acreditam ainda na vida eterna, na ressurreição da carne, pois o próprio Jesus disse: “ – Eu sou a ressurreição e a vida. Quem acredita em mim, mesmo que morra, viverá” (Jó 11,25).

Todo cristão é um evangelizador e tem a responsabilidade de iluminar a todos por meio de suas palavras e ações. Por isso, como Jesus disse, deve ser o sal da terra, a luz do mundo, para que, com suas obras, o Pai seja louvado. Assim, para ser um verdadeiro cristão, ele deve seguir os ensinamentos de Jesus, que se encontram nas escrituras e no Novo Testamento.

Os ensinamentos de Jesus a respeito do Reino e das transformações que ele produz estão resumidos no sermão da montanha (Mt 5-7).

O cristianismo tem sinais sensíveis, sagrados, instituídos pelo próprio Jesus Cristo, que são meios de santificação e de salvação que representam a graça ou a conferem.

Embora as formas de culto e os rituais variem de uma Igreja para outra, a maioria delas aceita o batismo, que assinala a entrada do fiel na comunidade, e a eucaristia, que relembra o sacrifício de Cristo.

As principais festas cristãs estão ligadas à vida de Jesus. Dentre elas, destacam-se:

Natal – Comemora o nascimento de Jesus (25 de dezembro) **Epifania** – Celebrada, sobretudo, por cristãos ortodoxos, comemora a manifestação de Jesus à humanidade, relacionada com a visita dos Reis Magos (6 de janeiro).

Semana Santa – Lembra a paixão de Cristo e inclui a celebração da Eucaristia (Quinta-feira Santa). O Sábado de Aleluia culmina com a Páscoa.

Páscoa – Celebra o acontecimento mais importante do cristianismo: a Ressurreição de Cristo.

Pentecostes – Celebrado 50 dias após a Páscoa, evoca a vinda do Espírito Santo.

O Budismo

O budismo surgiu na Índia por volta do século 6 a.C., como reação ao hinduísmo, especificamente o de caráter sacerdotal, o bramanismo. Não prosperou em seu país de origem, como em outros do continente asiático (Sri Lanka, Birmânia, Tailândia, Coreia e China). Pouco a pouco, porém, conquistou outras partes do mundo, inclusive o ocidental (Europa e América).

Seu fundador é Sidarta Gautama, mais conhecido como Buda, que significa “O Iluminado”, ou seja, aquele que alcançou o estado da plenitude espiritual e de superação das limitações da vida terrena.

Luis Sevalho



Sidarta era filho de um príncipe e vivia isolado em seu palácio em meio ao luxo e a ostentação. Insatisfeito com a futilidade de sua condição, resolveu abandoná-la e, ao se deparar com sofrimento, a velhice, a doença e a morte, que não conhecia, juntou-se aos monges brâmanes, tornando-se um asceta errante. Por meio do jejum e da penitência, queria encontrar respostas para o sofrimento universal.

A vida contemplativa, no entanto, não foi suficiente para responder o seu questionamento sobre o sofrimento universal. Inquieto, Sidarta abandonou os monges e passou a seguir seu caminho de solidão e meditação, rejeitando o asceticismo e buscando um caminho intermediário entre o luxo e automortificação, capaz de conduzi-lo à verdade.

Após sete semanas de profunda meditação, sentado ao pé de uma figueira, imperturbável diante das tentações do demônio Mara, encontrou finalmente as respostas que procurava e chegou à iluminação. Descobriu que do bem deve vir o mal e reconheceu de que nada adiantava os sacrifícios, as preces e a adoração de ídolos.

Sidarta alcançou assim o nirvana (“extinção da chama da paixão e dos desejos”). A partir desse momento, tornou-se Buda, o iluminado, e passou a questionar as verdades dos Vedas e seus ensinamentos.

As novas ideias e atitudes de Buda pouco a pouco atraem adeptos e discípulos, que passam a formar o núcleo da comunidade budista ou sangaha (ordem de monges), em princípio uma ordem religiosa itinerante.

Embora seja comum o uso genérico do termo budismo, como a religião única, na realidade há várias divisões, segundo as diferentes correntes de pensamento. Estas se baseiam em formas diversas de interpretação da natureza do Buda e seus ensinamentos. Cada qual possui próprias doutrinas, práticas e escrituras e, geralmente, é influenciada por outras culturas e tradições locais. O budismo tibetano, cujo líder espiritual é o Dalai-Lama, é a mais conhecida forma de budismo no Ocidente.

Os budistas não acreditam em um deus determinado. Buda não é deus nem santo, é um modelo de vida a ser imitado. Como ele próprio dizia, é o Tatagata, aquele que veio para ensinar.

A maioria dos budistas tem em sua casa um pequeno altar (butsudan), com a imagem do Buda, nomes ou fotos dos antepassados e bastões de incenso, diante do qual rezam em família.

As grandes festas e ritos variam conforme a época e o tipo de budismo praticado em cada país. As principais são as do nascimento das flores (8 de abril) e da morte de Buda, ocasião em que são reverenciados também os espíritos de todos os mortos.

Na década de 1920, o budismo chegou ao Brasil e formou-se no Rio de Janeiro o primeiro grupo. Após a Segunda Guerra Mundial, os budistas imigrantes se organizaram no país, principalmente em São Paulo e Rio de Janeiro.

Segundo os ensinamentos budistas, existe a reencarnação para enfrentar os sofrimentos do mundo e ganhar o aprimoramento total do espírito para atingir o nirvana, quando o homem encerra a corrente de reencarnações.

Dos movimentos religiosos orientais é o que mais se evidencia no Brasil. A doutrina foi trazida por imigrantes japoneses no começo do século 20.

O primeiro templo foi construído em São Paulo – Cafelândia – em 1932. A linha budista que mais se desenvolve atualmente no Brasil é de origem tibetana, cujo líder mundial é o Dalai-Lama.

O Zen-Budismo

Esse caminho filosófico do budismo cresceu muito no país, após ser compreendido e aceito por vários seguimentos sociais, principalmente pelo grande número de artistas brasileiros que aderem a essa filosofia.

Além das atividades filosóficas e culturais, desenvolvem também cursos de meditação visando à paz interior, pregando sempre o amor e a bondade de acordo com a sabedoria e os ensinamentos de Sua Santidade – o Dalai-Lama.

O Islamismo

Fundado por Maomé, o islamismo é hoje uma das religiões que mais crescem no mundo. Esse grande profeta, cujo nome em árabe é Mohamed (derivado do verbo *hâmada*, que significa “digno de louvor”), nasceu em Meca, na Arábia, na tribo coraixita, por volta ano 570, e trabalhou como mercador. À medida que crescia e ampliava seus conhecimentos, Maomé passou a questionar as práticas religiosas. Descontente com o politeísmo, animismo, idolatria, imoralidade nas assembleias, quermesses religiosas, consumo excessivo de bebidas, práticas de jogos e dança, sepultamentos de crianças ainda vivas inde-sejadas por serem do sexo feminino, intrigava Maomé que se refugiava numa caverna para meditar.



Rio profundo

De acordo com a tradição, aos 40 anos, estando nesse local de recolhimento, Maomé recebeu do anjo Gabriel a missão de transmitir as boas-novas e prevenir seu povo contra a idolatria, ajudando-o a encontrar o verdadeiro Deus. Como sua pregação contrariava as crenças tradicionais das tribos semitas que habita-

vam a região, Maomé foi obrigado a fugir para Medina com seus seguidores. Essa migração (Hégira) ocorreu em 16 de julho de 622, e ficou conhecida como calendário muçulmano.

Em Medina, Maomé estabeleceu a paz com as tribos árabes que lutavam contra os judeus e passou a dirigir os seus esforços para conquistar a cidade de Meca. Essa cidade abrigava a Caaba, um templo de forma cúbica no qual, antes de Maomé, as tribos árabes guardavam os seus ídolos. Quando conseguiu conquistar Meca em 630, o Profeta logo tratou de destruir todos os ídolos (só conseguiu fazê-lo em 632), mas preservou a Caaba.

Meca era particularmente importante para Maomé porque, segundo lhe havia sido revelado por Deus e a Caaba, fora construída por ordem divina do profeta Abraão e seu filho Ismael. É por isso que, desde o ano 624, todo crente muçulmano deve fazer as suas orações com o corpo voltado para Meca. Mas para cumprir a vontade de Deus, era necessário tirar do templo as imagens de ídolos pagãos, restaurando assim o seu significado sagrado.

A partir de Medina, Maomé acumulou forças convertendo um número crescente de tribos de toda a região. Em 630, Maomé voltou a Meca liderando uma poderosa expedição militar e derrotou os mesmos chefes coraixitas que, oito anos antes, o haviam expulsado da cidade. Num surpreendente gesto de habilidade diplomática, Maomé decretou anistia geral aos seus antigos inimigos, conquistando assim a simpatia de milhares de novos seguidores para sua religião.

Finalmente, no ano 632, dez anos após o início da Hégira, Maomé fez outra peregrinação a Meca, agora à frente de uma multidão de 80 mil fiéis. O Profeta, já tendo conquistado um grande número de seguidores na cidade, retirou da Caaba todas as imagens de deuses e ídolos, reservando o templo à adoração de Alá. Nesse dia, Maomé recebeu sua última revelação: “Hoje, completei minha graça em vós e me satisfaz que o Islã seja a vossa religião”. Instaurava-se, assim, o ritual da peregrinação a Meca, uma obrigação que todo fiel tem de cumprir pelo menos uma vez ao longo da vida. “Sabei que todo muçulmano é irmão”, declarou Maomé, em seu último discurso em Meca.

O Profeta recomendou que fossem evitadas as guerras entre os muçulmanos, que deveriam combater todos os homens até que dissessem: “Só há um Deus”.

Alguns dias depois de seu regresso a Medina, em 8 de junho de 632, Maomé morreu. Após a morte de Maomé surgiram disputas pelo direito de sucessão do Profeta e os muçulmanos dividiram-se em dois grandes grupos: os sunitas e os xiitas. Eles seguem as mesmas leis, mas divergem no campo político.

Ramadã

O *ramadã* é o nono mês do calendário árabe. Nesse período, comemora-se a revelação dos primeiros versos do Corão (*Qur'na*), o livro sagrado do islamismo, por Alá. Para tal, os praticantes da religião muçulmana fazem caridade e nada comem ou bebem enquanto o Sol encontra-se no céu, regra que só pode ser quebrada por doentes, crianças e soldados. As restrições também são feitas em relação ao sexo e fumo. As famílias acordam cedo e fazem uma refeição antes do Sol nascer, chamada *suhoor*, e outra à noite, a *iftar*, antes de visitar os amigos e parentes ou frequentar mesquitas. O jejum, além de purificar corpo e alma, exercita o autocontrole e faz as pessoas passarem menos tempo pensando nas coisas do dia a dia, voltando-se à devoção. O sacrifício encerra-se com uma grande festa, o *Eid al-Fitr*. O mês do ramadã ocorre sempre em períodos diferentes para nós porque o calendário árabe tem meses mais curtos que o cristão.

Capítulo VI

Personagens Folclóricas

O Folclore



Rio profundo

A palavra folclore foi originada do inglês *Folk* (povo) e *lore* (saber), que se traduz num conjunto de conhecimentos, costumes, tradições, mitos e lendas populares em forma de expressão artística de um povo. As manifestações espontâneas dessa cultura perpetuavam-se por meio da comunicação oral, falada, declamada ou cantada. Nos últimos tempos, verifica-se a criação de um “folclore artificial” para atender à busca artística por coisas exóticas, como o artesanato e a escola de samba, que perdem sua espontaneidade.

Basicamente o folclore brasileiro apresenta três heranças culturais: a dos povos indígenas, a dos colonizadores portugueses e a dos negros africanos. O folclore varia em cada região de acordo com a formação cultural específica de cada povo. Algumas formas se concentram numa única cidade ou pequena re-

gião, como a dança dramática do quilombo, típica de Alagoas, enquanto outras se espalham por vários Estados e áreas, como é o caso do carnaval e da capoeira. Na Região Norte ou Amazônica sobrevivem importantes festas populares, como o Ciro de Nazaré, o Carimbó do Pará, além de pratos típicos de quase toda a região, como o pato no tucupi e o tacacá. No Amazonas as manifestações são riquíssimas como podemos ver e participar dos bumbás de Manaus (Boi Manaus), os bois de Parintins (Garantido e Caprichoso), Fonte Boa (Corajoso), ou até mesmo o encanto das danças remanescentes de Tefé, como é o caso da Dança Africana da Escola Santa Teresa, a Dança Afro-América da Escola São José, juntando-se ao encanto e magia das cirandas de Tefé com raízes em Manaus e Manacapuru.

Ainda no interior, podemos assistir à festa da banana em Coari, que atrai cantores e bandas de todo o Brasil. Cada município reproduz suas manifestações culturais a seu modo, quase sempre inspirados em lendas locais.

O folclore nordestino é um dos mais ricos do país, inclui os folguedos, o fandango e as danças populares, como as cirandas, o frevo, o maracatu, o artesanato de rendas e bordados, a literatura de cordel e o teatro de mamulengos.

Na Região Sudeste predomina as congadas, as festas para Iemanjá no Rio de Janeiro, as festas religiosas como o Divino Espírito Santo e a homenagem a Nossa Senhora dos Navegantes. Na Região Centro-Oeste se destaca por suas cavalladas e pelo bailado moçambiquenho. O Sul brasileiro caracteriza-se pelas manifestações folclóricas trazidas por imigrantes europeus e pela cultura gaúcha.

No Brasil comemoramos o folclore no dia 22 de agosto.

O Mapinguari



O Mapinguari é um bicho muito alto, chegando muitas vezes à altura das árvores. Ele é o dono da floresta e dos animais. Possui dentes grandes e pontudos; bem peludo e de unhas afiadas; seu corpo é revestido com o casco da tartaruga; tem duas bocas e um olho no meio da testa; uma das bocas fica na barriga que serve para gritar espantando os predadores da floresta, principalmente caçadores que invadem as propriedades rurais para roubar nos dias feriados, nos sábados e nos domingos.

Dizem que quando ele grita, exala um mal cheiro de sua boca capaz de desmaiar as pessoas. Contam que ele só morre se o caçador acertar o tiro dentro de sua boca da barriga, no momento que ela se abre para gritar.

Cuidado! Não mate o Mapinguari, pois ele não está fazendo mal algum; ele só quer proteger as propriedades rurais, a floresta e os animais para você.

O Curupira



Luis Sevalho

O Curupira é um duende, conhecido como demônio da floresta amazônica. Tem os pés virados para trás para confundir os caçadores nas matas fazendo com que eles se percam. É muito temido. Sua mulher é a Caiçara, uma cabocla anã que bate nos homens predadores e nos cães caçadores. Quem apanhar do Curupira com seu cipó de imbé, fica vários dias delirando com febre alta e nunca mais quer fazer mal à floresta.

O Boto

No imaginário amazônico o Boto possui encantos especiais, podendo transformar-se num homem muito bonito a

quem nenhuma mulher pode resistir. Algumas vezes, também pode transformar-se em mulher.

Muitos acreditam que o senhor dos rios tem poderes sobrenaturais. Seus olhos podem servir de talismã, depois de tratados por curandeiros, dá muita força para desencalhar muita gente.

Na beirada do Solimões, o caboclo que não tem sorte para arrumar uma donzela ou até mesmo para ficar com alguém por algum momento para sair do zero, apela para a magia do Boto. Mata um tucuxi, arranca-lhe os olhos e manda o curandeiro tratá-los. Depois é só sair com ele no bolso que não lhe faltará mulheres.

O Matintaperera

O Matintaperera é um pássaro invisível de assobio amaldiçoado. Seu canto estridente deixa as pessoas estonteadas e cheia de agouros.

Quem já o viu, afirma que ele se traveste de Curupira ou de uma velha que tem uma perna só, fumando o tempo todo pela floresta amazônica. Onde ele canta provavelmente morrerá alguém daquela vizinhança ou da família.

Outros admitem que é uma espécie de alma penada de um pedófilo ou de alguém que fez relação sexual com a comadre, com o compadre, com o tio, a tia, com a sobrinha ou até mesmo com a filha, e sem obter salvação, voltou para atentar as pessoas de bem aqui na terra.

Quem for atacado pelo Matintaperera e quiser se ver livre dele, é só colocar um pedaço de tabaco de corda no pé de uma árvore próxima à sua casa e gritar bem alto: “É do Matintaperera rá, rá, rá, rá, e sair em ligeira disparada.

O Saci-Pererê

De acordo com o nosso folclore, o Saci-Pererê é um moleque travesso, de uma perna só, que usa um gorro vermelho e que fumava cachimbo. Dizem que ele faz muitas brincadeiras e

provoca redemoinhos de vento. Para apanhá-lo é preciso jogar, com muito cuidado, uma peneira sobre o redemoinho. O Saci-Pererê ficará preso e a pessoa que conseguir pegar o seu gorro poderá fazer um pedido, que será atendido.

No entanto, se você gosta de destruir as florestas, tome muito cuidado. A vida dele é dar susto em quem põe fogo nas matas; finge-se de vaga-lume fazendo travessuras dentro das casas dos malfeitores e gosta de andar a cavalo durante as noites. Faz isso até cansar o pobre animal. Mas se você for um cara legal, pode adentrar pela mata que ele vai lhe dar proteção contra aranhas, cobras e lagartos, sendo o seu verdadeiro guia na floresta.

O Bicho do Fundo

Muitos caboclos do rio Solimões acreditam que as aparições misteriosas ou os fatos inexplicáveis são obras do Bicho do Fundo. Esse caruana vive no fundo dos rios amazônicos, sendo meio-irmão da Iara.

Ele anda muito preocupado com as pessoas que praticam a pesca predatória e a derrubada da floresta. Para alguns, ele não tem dó e destila sua maldição.

Por exemplo, se alguém chega muito alegre e satisfeito de uma pescaria, ou do interior da mata e de repente sente tonturas e muita febre, o curador pode achar que foi feitiço do Bicho do Fundo, então a pessoa tem de se arrepender das maldades que faz com a natureza para poder se curar.

O Fogo-Fátuo

Atribui-se o fenômeno do Fogo-Fátuo a uma alma penada de alguém que praticou incesto. Ele vive nas águas, porém dedica-se a proteger os campos e florestas, evitando desmatamento. Diz-se que este ser misterioso é a alma de um menino travesso que, de tanto arrependimento pelo que fez de ruim na vida, se vira numa cobra-de-fogo ou tora em brasa e sai queimando quem puser fogo nas matas, áreas de conservação e reservas biológicas.

O povo diz que pode ser também uma manifestação do além-túmulo. Quando você encontrar uma gigantesca cobra-de-fogo no seu caminho, cuidado! Você pode estar sendo um predador da natureza e pode ter certeza de que o Boitatá vai te assombrar e nada mais vai dar certo em sua vida.

O LobisOMEM



Se um garoto é gerado após sete partos consecutivos de meninas, pode ter certeza de que ele se transformará num gigantesco lobo. Porém, ele só aparecerá nas noites de sexta-feira, e mesmo assim se a lua for cheia. Sua aparição se dará somente entre a meia-noite e às duas da manhã, atacando casais de namorados que são rebeldes com os pais. Poderá também atacar viciados em *Facebooks*, casais que brigam constantemente, galerosos e assaltantes.

O Caipora

O Caipora é uma espécie de caruana coberto de pelos montado num porco-do-mato. Até que ele é bonzinho. Dá proteção aos animais da floresta. Os espertos índios andam com um tição nas mãos porque sabem que o Caipora teme a claridade. Quem olhar para ele e não se arrepender dos prejuízos feito ao meio ambiente, será infeliz para o restante da vida.

A Mula Sem Cabeça



Luis Sevalho

Quando a mulher casada começar a trair seu marido, namorando com pastor, padre ou qualquer outro bonitão religioso ou não, pode ter certeza de que na noite de quinta para sexta-feira, como castigo, sairá pelos campos relinchando, isto é, transforma-se numa mula amaldiçoada para assombrar as pessoas, tentando passar esse mal para seus vizinhos ou parentes próximos.

Esse monstro sobrenatural é muito poderoso, bravo, de fortes patas, calçadas com ferramenta de prata. O encanto só poderá ser quebrado por alguém que nunca traiu sua esposa ou namorada, conseguir tirar o material que ela carrega em suas patas. Assim ela deixa de ser uma Mula Sem Cabeça e em seu lugar surgirá uma nova mulher, arrependida e muito fiel.

O Negrinho do Pastoreio

Um garoto vaqueiro perdeu o seu cavalo e por isso seu patrão o torturou até a morte, deixando seu corpo para que as formigas o devorassem. Aí, Nossa Senhora chegou e conseguiu resgatá-lo. É bastante popular no Sul e é protetor das pessoas que vivem perdendo as coisas.

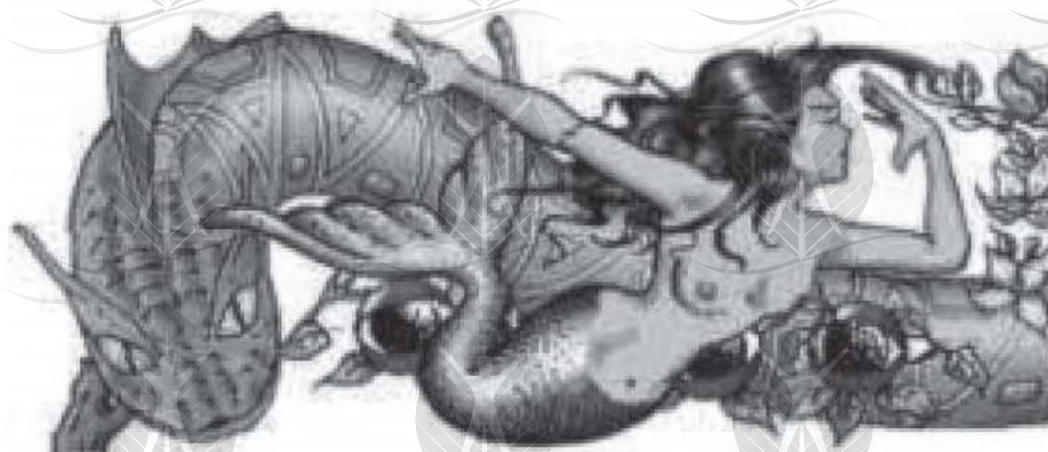
A Cuca

A Cuca é uma velha feia que assusta e rouba crianças mal-educadas, desobedientes com os pais e avós.

Quem não gosta de estudar, tomar banho e não faz tarefa escolar é um forte candidato a ser levado pela Cuca, que se dedica a educar essas crianças até elas ficarem boazinhas com as pessoas e poder voltar ao seu lar. Só a Cuca tem o remédio certo para dar jeito nas crianças danadinhas.

A lara amazonense ou Mãe-d'água

Este ser mitológico é prima da sereia que habita as águas doces, principalmente igarapés dos rios amazônicos. Quando ela quer se casar, penteia seus cabelos com pente do casco da tartaruga aproximando-se das margens dos igarapés entre as galhadas de pau, esperando a lua sair para atrair seus pretendentes para o casamento.



O ruim da Mãe-d'água é que aqueles que pretendem namorar a senhora das águas terá de curtir o noivado no fundo dos rios. Se você for o felizardo, não fique olhando muito para ela, pois correrá o risco de ficar cego ou morrer afogado.



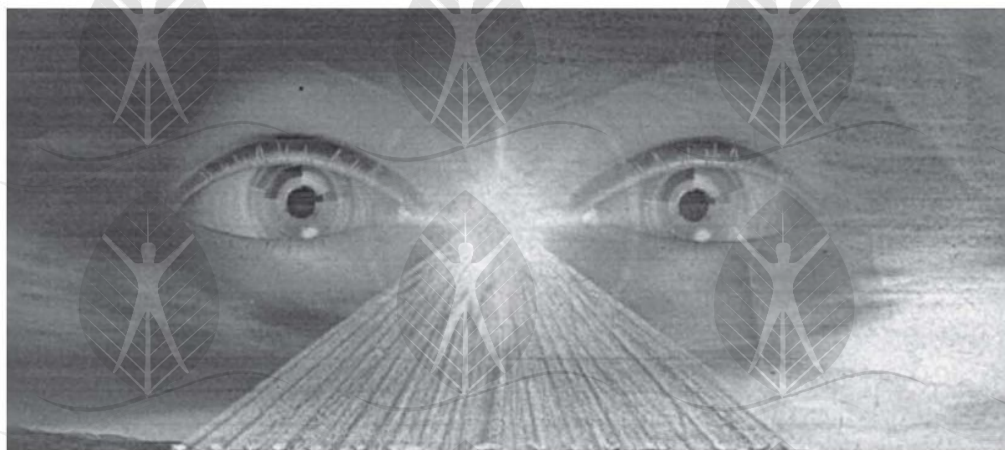
Alemoa

Esta é mais boazinha. Vive no paraíso do arquipélago de Fernando de Noronha. É uma assombração loira, linda e vive nua. Quando os pescadores e viajantes se encantam com sua beleza, eis que ela se transforma num esqueleto e, então, haja susto para os infelizes.

Capítulo VII

Contos e Lendas Amazônicas

O Imaginário Amazônico



O homem amazônico carrega no seu imaginário mistérios e magias resultantes do legado das avançadas civilizações que povoaram nossa floresta desde os seus primórdios. Seu mundo mágico confunde-se com o místico e o real, onde até mesmo a ficção mistura-se com a realidade que é contada de forma verídica por várias gerações. No interior do Amazonas e até mesmo nas cercanias da capital e cidades metropolitanas, casos intrigantes e arrepiantes acontecem com o caboclo deixando-o envolto em mistérios estridulantes.

É dentro desse universo cosmológico, misturando-se com os casos verdadeiros, que procurei escutar com muita paciência os momentos vividos por várias pessoas das comunidades rurais por onde passei, levando-me muitas das vezes a ficar a ouvi-los atentamente até altas horas suas lindas histórias que cuidadosamente compilei-as para este exemplar, para não deixar apagar os traços mais significativos das nossas tradições culturais, a fim de que o nosso povo não perca a memória de sua história.

O autor

O Boto Flecheiro Tefeense



Luis Sevalho

Reino das encantarias. Foto revista Amazon View

Se alguma mulher ficar grávida e não souber como justificar o acontecido, terá como solução colocar a culpa no Boto. O safadinho não é outro senão o nosso peixe da Amazônia, senhor dos rios e muito conhecido dos amazonenses. Mitologicamente traveste-se num excelente bailarino, geralmente vestido de marujo, dá uma bela “cantada” nas moças, seduzindo-as para o rio, onde as engravida com muita sedução.

Não há quem não acredite nessa história que contagia o caboclo amazonense. Em Tefé, nossos antigos contam que era comum o pescador ouvir músicas em ritmo de festa nas praias em noite de lua, onde os estranhos dançarinos, quando percebiam aproximação de humanos, sumiam da festa e só eram vistos boiando nas águas em forma de Boto.

Até hoje, nas praias da Concha, Ponta Branca, Juliana, Itapoã, na enseada da praia do Turé e praia do Camaleão sem-

pre acontece casos desse gênero, onde as moças misteriosamente ficam grávidas e não sabendo quem é o pai da criança, tentam disfarçar a seus familiares que foram flechadas pelo Boto-Tucuxi da marca flecheiro que só existe em Tefé.

Lenda do Cururu Teitei



Cururu Teitei no seu casulo inóspito. *Desenho de Raimy Ribeiro*

É dito por todos que na região de Caitaú existe um lendário sapo gigante que se apresenta cercado de muitos mistérios. Sua horrenda história remonta o tempo dos seringais, quando o sapo foi encontrado por um extrativista nas cabeceiras do rio Eiru. Muitos afirmam que o monstro descomunal, cansado de ver o sofrimento daquele povo por não ter assistência médica no rincão da floresta, solicitou poderes de Anhanguera para se transformar num gaturamo, criando asas e poderes sobrenatu-

rais, onde em suas viagens voadoras deveria curar os pacientes daquela riquíssima região de seringais.

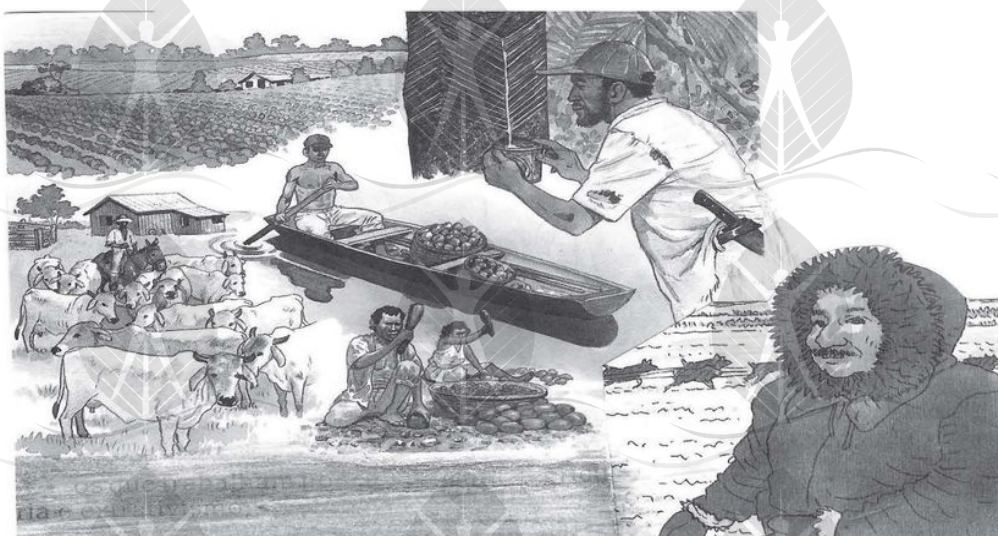
Para isso acontecer, teve de se isolar numa área selvagem de pouca visitação; criando para ele um casulo impermeável e transparente, feito com teia de aranha-caranguejeira para poder se transformar na ave desejada, ficando o local bem limpo em plena mata fechada, tipo clareira. Durante a noite seu labirinto é iluminado por cem mil vaga-lumes, dando para ver o clarão do lugar a vários quilômetros de distância. Somente uma abertura frontal foi feita para atender seus possíveis pacientes, não sendo permitido ninguém olhar nas costas do sapo onde se concentram seus poderes ocultos.

Durante o processo de metamorfose, choveu quarenta dias e quarenta noites, inundando todo o rio Juruá. Era preciso acontecer essa catástrofe para que o mal daquele lugar pudesse ser levado pelas águas por definitivo, surgindo a bonança tão esperada por todos do misterioso sapo. E realmente isso aconteceu; a província do Urucu é o resultado desse milagre, aos poucos sua fama se espalhou e o local começou a ser visitado, primeiro pelos juruaenses, defensores do monstro que ao se aproximarem dele recebem energia positiva para curarem suas enfermidades; depois por várias pessoas de outros lugares que, para serem atendidos com a cura milagrosa, formam imensas filas, transformando o lugar sapórico em romaria.

Uma vez, um helicóptero Puma sobrevoou a área, munido de câmeras, tentando filmar e descobrir o que o Cururu Teitei escondia em suas costas e o comandante da aeronave conseguiu ver que nas costas do gaturamo existiam pequenas plumagens parecidas com asas que não conseguiram se desenvolver, sendo talvez a grande frustração e o motivo de não deixar vê-lo por trás. No entanto, o Teitei não deixou esse fato passar por menos: imediatamente labaredas misteriosas apareceram do nada atingindo o helicóptero, fazendo-o esvair-se em chamas: impressionante foi o que aconteceu com o comandante da aeronave; seus ossos não queimaram, ficaram intactos, bem branquinhos, amontoados aos pés do sapo voador.

Todos os anos, a multidão concentra-se lá, levando oferendas e até sacrifícios são feitos por muitos devotos como forma de retribuir a graça alcançada pelo Paim Teitei.

O Homem que Caçava com as Pedras



Numa localidade muito distante, das brenhas do rio Juruá, existia um seringueiro de um jeito muito estranho, porque não tinha dificuldades em capturar animais silvestres para seu sustento. Enquanto os outros não tinham nada para se alimentar, para o velho seringueiro não faltava nada. Seu tapiri estava sempre cheio de carne de anta e tatus. Isso encabulava os demais colegas que não entendiam como se procedia tal façanha.

Quando o interrogaram, tentando colher informações a respeito, ele era catedrático em afirmar que suas embiaras eram caçadas com quarenta cães, que já se encontravam distribuídos na selva. Isso não era correto, pois quando se caça com cães farejadores, eles vão acompanhados de seus donos para a selva e voltam juntos para casa, sendo treinados todos os dias até ficarem aptos nesse tipo de caçada selvagem. O que deixava os outros intrigados era o fato de o velho “guru” não usar nenhum tipo de arma para abater suas presas; só levava consigo um bordel defumado com leite de seringueira. Saía geralmente à tardinha, esperando a noite chegar para começar a misteriosa caçada.

Noutro dia a fartura era vista por todos, dando no meio da canela. Descontentes, seus colegas resolveram armar uma cilada para ver se conseguiam descobrir o truque do seringueiro caçador. Posicionaram-se em determinados locais da selva, equipados com óculos especiais que facilitava enxergar no escuro, aguardando a chegada da noite para ver se conseguiam desmascarar o caçador invisível.

Todos sabiam que a área delimitada era o ponto certo, onde o velho caçava; portanto, ficaram lá, no seu aguardo. Logo a noite chegou, anunciada pelo estridente canto martelo do pequeno urutu, testemunha do que iria acontecer. O bacurau levantou voo rasante, sentando logo adiante, anunciando a presença do caçador que, ao chegar, aproximou-se do tronco de uma castanheira, arriou sua saca com quarenta pedras de louça, dessas usadas para fabricação de cerâmica. Em seguida, foi arrumando uma a uma em pontos estratégicos da floresta, nomeando-as em voz alta; anta, paca, tatu, veado, cotia,... depois saiu fazendo sinais de preces ao céu, afastando-se do local.

O momento era de muito suspense para seus colegas seringueiros que se encontravam ali bem perto, assistindo a tudo. De repente, no bater das pestanas, ouviram o brado de um cão que emergia de um buraco, em seguida outro, e aos poucos os curiosos seringueiros iam ficando cercados por uma matilha de quarenta cães envenenados de raiva que encurralaram seus visitantes, não lhes dando tempo para correr nem de escapar de seus ataques, sendo todos devorados sangrentamente pelos furiosos cães. Após o fatídico caso, os cães transformaram-se em pedras assassinas, voltando para o mesmo lugar.

Quando o dono das pedras voltou ao local, na esperança de os cães terem feito uma boa caçada, só encontrou seus amigos estraçalhados. Foi muito grande a emoção do velho seringueiro por ter perdido seus melhores amigos daquela maneira.

Comovido, começou a enterrar os corpos junto com as pedras ao redor da castanheira, ficando com a consciência pesada pelo fato de não explicar aos outros como “caçava” com as pedras.

Depois de vários anos começaram a aparecer figuras humanas na casca da castanheira acompanhadas de pedras que se transformaram em flores. Hoje, esse lugar é de promessa juntando-se ali muitosromeiros à procura de obter milagres e curas.

Paí Misterioso

Dois compadres arigós vindos do sertão nordestino no advento da borracha alojaram-se num pedaço de terra por nome Paí, para, de posse da colocação, explorar o látex da *Hevea brasiliensis* no rincão do rio Tefé.

Um dos compadres era conhecido pela alcunha de Chapéu-de-couro; o outro que tinha o mal de conversar com o olhar sempre por baixo, era chamado de Bile, o “Feio”, que não media esforços para arrumar contendias. O destino desses dois cabras da peste era de um passado sombrio, malgrados de intrigas e muitas contradições.



Chapéu-de-couro era casado com Safadina, enquanto que Bile, este nasceu para sofrer. Desde cedo tabocava pela vida para sobreviver; não tinha nada, nem rede. Porém era homem do trabalho; era moreno atarracado e a força que tinha dava para ver nos seus braços musculosos. Carregava uma anta com toda tripa, estirada em suas costas.

O fábrica chegava e a extração do látex mostrava-se promissora. Os tapiris foram armados próximos, um do outro para começar a difícil tarefa que o destino lhe impusera no coração da floresta.

Passados alguns meses, já era possível medir a produção da pela gumífera, estendida aleatória nos jirais dos mocambos esperando o motor *Radiante* do seringalista Rezala ir buscar a produção. O que era difícil nesse momento de safra era o encontro familiar dos compadres para trocarem alguma ideia, ou até mesmo abençoar o afilhado, dado ser tempo de trabalho forçado. Eles saíam para cortar a madeira no rebento do sol e só voltavam com a chegada da noite; sempre foi assim, não tinha tempo bom, nem domingo nem feriado para o seringueiro.

Certa noite, Safadina, mulher séria que dividia em pé de igualdade os trabalhos com seu marido, resolveu contar o que tinha acontecido no dia anterior. Ela sabia que sua declaração poderia acabar em desgraças porque conhecia o gênio do marido. Mesmo assim, ainda entalada de raiva, criou coragem e disse:

– Chapéu-de-couro!

– “Fala de uma só vez, mulher!”

– Home, quero que saibas que um dia desses quando fiquei só em casa, fui assediada pelo compadre Bile, que me fez proposta indecente para fugir daqui para bem longe com ele. Mas não me fiz de mole, passei a mão no bacamarte e desferir alguns tiros de raspão no pé do ouvido dele.

Depois dessas afirmações, Chapéu-de-couro ficou impaciente. Passou a mão no punhal afiado de dois lados, herança de seu pai, que brigou com dezoito homens e que no prazo de meia hora o sangue dava no meio da canela. As brigas sempre foram assim na região do Cariri. Afiou o punhal e esperou o dia amanhecer para tomar satisfações com Bile. Sabia ele que o

caminho onde Bile passava, ficava quase em frente seu terreiro e lá ficou na espreita para a hora chegada.

De repente!... – Bile!, disse Chapéu-de-couro de punhal na mão, tremendo de raiva.

– O pacto de compadre entre nós foi quebrado; quero saber se é cabra-macho para disputar um duelo com as camisas amarradas para respeitar mulher de macho.

Bile fingiu surpresa, mas como foi dito, nunca levava desaforo para casa. Sem exitar, olhou bem para a cara de Chapéu-de-couro e disse: “ – Se és bravo mesmo, traga o saco para ver quem é o fraco!”

Nessa hora, como é tradição nordestina, os dois compadres amarraram suas camisas e no vai e vem da faca e punhal, todos tombaram mortos.

A partir desse sinistro dia, o lugar ficou assombrado, não deixando ninguém morar lá. Famílias inteiras que tentaram fixar residência tiveram presságio, tendo de sair urgente, deixando seus pertences para trás por ouvirem sussurros, gargalhadas, trinar de facas e assobios macabros vindos do além. Expressões como: – socorro!, ah!, socorro! – não deixe ele me matar!; tirame daqui! Por favor! há!,a!, a!, a!. Ficou assim o lugar.

Todos que moram naquela adjacência comentam com pavor esse caso que já perdura por várias gerações. Até que um dia, Antônio Zinho, um agricultor aposentado, resolveu rasgar a cortina desse místico lugar. Era do tipo que nunca teve medo de nada; sempre encarou os desafios da floresta de forma natural. Já tinha visto muitas coisas misteriosas nas diversas viagens que faz à noite pelo lago de Tefé, passando por rebojos de cobras que tentaram alagar sua canoa, porém nenhum desses perigos fez Antônio Zinho sentir medo, nem sequer arrepios.

– Mulher, disse Antônio Zinho –, tive um sonho que me induz a morar lá no Paí, lugar que o sonho diz ter muitas pedras preciosas – alguma coisa tá dizendo que vamos ficar ricos, se conseguirmos vencer as marmotas do tesouro perdido.

A esposa temia o lugar de promessa, pois lutar contra o invisível não era tarefa para ninguém de sã consciência; além disso, queria educar na cidade Chico Antônio. Era o sonho de

ela ver um dia o filho doutor. Mesmo assim para não contrariar, resolveu acompanhar o marido para a terra prometida, onde pretendia fixar nova moradia.

Logo que chegou no lugar assombrado, Antônio Zinho procurou precaver-se. Ele não tinha medo, porém sobroso. Por isso, para prevenir o que poderia acontecer, abriu uma clareira para levantar o bangalô e sapecou cem quilos de sal grosso ao redor da casa.

Gastou uma caixa de cartucho, atirando para cima e para os lados, tentando espantar as almas penadas que porventura pudessem por ali estar. Fez logo um grande roçado para o cultivo da mandioca de onde tiraria seu sustento. Assim ia seguindo a pacata vida que todo agricultor leva em seu trabalho rural.

Um dia, Chico Antônio já rapaz, quando voltava da roça, deparou-se na curva do caminho com um pássaro, bico-de-brasa, que se apresentava numa forma muito estranha. Chico Antônio ficou neutralizado com a presença do fênix e começou a sentir arrepios. Seu corpo ficou posicionado para o pássaro, não podendo se mover para nenhum dos lados.

Chico Antônio observou inertemente as transformações daquela ave: tinha momento em que se transformava num cão; depois apareciam sete cabeças de serpentes e, por fim, chamas ardentes saíam do bico-de-brasa em direção ao jovem envolto em mistérios. Ainda pôde correr, libertando-se daquela força estranha, chegando em casa muito pálido, sem um pingo de sangue.

Daquele dia em diante, Chico Antônio não era mais o mesmo, porém preferiu enfrentar o perigo em silêncio; não comentou nada a ninguém. Adoeceu com febre e começou a delirar vendo visões a todo momento. Os pais de Chico Antônio perceberam que o menino não queria se alimentar; ficava o tempo todo trancado no quarto imitando o canto do pássaro.

– Mulher – disse Antônio Zinho –, parece que Chico Antônio meteu alho! – Ele nunca teve esse comportamento, continua com muita febre e parece estar com espírito. Vamos dar um jeito de voltar nosso filho ao normal. Para isso, temos de

procurar um macumbeiro para ver se mode ele fique curado. Vamos agora.

Ao chegar ao curador, Chico Antônio enlouqueceu de vez; dava pulos curvando seu corpo para frente; trancou os dentes e começou a babar. Não tinha quem pudesse chegar perto, ficou liso, não deixando ninguém segurá-lo.

– Sai desse corpo! – disse o curador, pegando na testa do rapaz, porém parecia que não estava falando com ninguém. O curador repetiu três vezes a mesma frase: – Saiu desse corpo! Sem receber resposta alguma, levaram Chico Antônio, se é que ainda era ele, para o meio do salão da umbanda, onde recebeu descarrego em forma de banho de ervas, sacaca, arruda e surra de pião-roxo, obrigando o espírito a falar em voz horripilante.

– Só vou deixar o meu “cavalo” quando Antônio Zinho e sua família deixarem o meu eterno lugar. Antônio Zinho e a mulher escutaram o recado sisudo lá do canto da sala, querendo duvidar do que estavam ouvindo. Cabisbaixos, resolveram aceitar, deixando o filho se tratando por vários dias com o macumbeiro, enquanto voltavam para o Paí, buscar os cacarecos e rumar para outro lugar.

Quando Chico Antônio ficou recuperado, a família retirou-se de vez daquele pedaço de terra amaldiçoada. Depois de vários anos, um comunitário saiu para pescar à noite, lá por aquelas bandas, sem saber que estava pescando na área assombrada, quando na calada da noite uma voz trêmula interrompeu o silêncio:

– Hei! há!....a!....a!....a!, por favor! Dá-me uma passagem para o outro lado da restinga?!

Aquilo arrepiou o cabelo do pescador, que não contou os minutos para sair no escuro porque nessa hora de vexame a lanterna caiu n'água.

Mesmo assim saiu remando e quando se deu conta, sua canoa estava parada entre duas touceiras de marajá. Respirou profundamente, desengatou a canoa e depois de umas duas remadas para frente, percebeu que alguém se sentou na popa da canoa. Novamente o desespero tomou conta do pescador. Dessa vez ele sabia que alguém indese-

jado fazia parte da pescaria com ele. Continuou remando pelos furos e outros atalhos, fazendo orações e quando se deteve já estava do outro lado, exatamente no lugar onde o fantasma queria ficar.

Ali tudo ficou calmo. Lembrou que tinha um isqueiro no bolso da camisa, acendendo-o imediatamente, levou-o em direção à popa, vendo que não tinha mais nada. O sangue voltou a circular no corpo do pescador, que ficou a perguntar por que foi poupado por aquela visagem. Certo é que depois do carona dado pelo pescador a esta alma penada, o lugar deixou de ser assombrado.

Qualquer pessoa já pode morar lá, só que até o momento ainda não apareceu nenhum pretendente. Que tal você?!

Anta Branca

Luis Sevalho

Numa noite escura, propícia para focar pacas e onças nas barrancas dos igarapés, dois caçadores do município de Limoeiro, “Manoel Zinho” e “Carmo”, saíram com destino ao igarapé do Maku, afluente do rio Mocó, com o propósito de capturar antas no misterioso chupador do Caióé. Lá chegando, armaram o moitá à beira do chupador, sem nenhum remorso, ficando à espreita do maior animal selvagem da nossa região.



Munido de um bom arsenal, os caçadores carregavam em suas capangas fartos cartuchos carregados com bala palanqueta, produzidos por eles mesmos para aquela missão noturna. Espingarda na mão e o silêncio total faziam desses caçadores os heróis da floresta. De repente: thiaar, thiaar, fiiz, fiiz, fiiz, groãum, groãum... – “Lá vem a anta”, falou Manoel Zinho em sussurros, percebendo o barulho vindo de um canamã. Se ajeitou bem, sem um pingo de medo; engatilhou o pau-de-fogo com cartucho de bala, encostou a lanterna rente ao cano da espingarda, deixando para focar na hora de atirar. Deixou o “bicho” chegar mais perto, pois é tradição dos caçadores deixar a caça ficar à vontade no chupador para poder detoná-la com o tiro certo.

Alguns minutos depois, piscou a lanterna, acompanhando ao foco de luz o torpedo de bala, matando um veado-capoeira que ficou estirado lá mesmo. “ – Desta vez não era ainda o boi da mata” – retrucou Manoel Zinho. Não tinha problema, pois ele estava contente com a morte do veado, já que a noite tinha começado muito bem para eles. No entanto, tinha dúvidas se a preferida ainda viria, pois o cheiro de pólvora, uso de cigarro ou até mesmo o mal cheiro curtido na roupa do caçador fazem os animais de grande porte desconfiarem do local, desistindo de irem chupar lama.

Mesmo assim, continuaram amoitados, no aguardo da caça mais esperada. Precisavam de muita carne salgada para distribuir no ajuri que iam fazer com vinte homens na derrubada do roçado. Não tinham pressa com a passagem daquela lúgubre noite.

Manoel Zinho sabia que das suas caçadas em chupadores, nunca havia batido fofo, principalmente quando se tratava de caça às antas e veados no igarapé do Maku. Também nunca tinha ouvido falar que o lugar era de suspense para caçadores.

Das vezes que ali se encontrou, chegou a abater várias antas por noite. Quando isso acontecia, o dia seguinte era de festa para a moçada do Limoeiro que tinham um único trabalho: carregar nas costas os pedaços do maior boi da mata, servindo de rancho o mês inteiro para toda a comunidade.

E assim, sem desconfiarem de nada na íngreme floresta, encontravam-se ali, cheios de calma e silêncio na ânsia de fazerem uma boa caçada. Manoel Zinho percebeu de forma macabra que algo estranho se fazia presente naquele momento no chupador. Alguma coisa fez seu corpo arrepiar – parecia um sexto sentido. Tentou focar e a lanterna não acendeu, deu um leve baque com o punho da mão na cabeça da lanterna, mas ela negava a acender. Não era possível entender o que estava acontecendo com ele e a lanterna.

Estarrecido, tentou meditar, porém seu corpo começava a se entregar ao fracasso. Sem ver nada, só premunição, seus cabelos começaram a tomar forma de arame retesos para cima, parecendo que estava vendo fantasma. Ainda para completar a dose, seu queixo tremia descontrolado sem o seu consentimento, fazendo barulho nos dentes igual bando de queixadas perdidos em tiroteios.

Carmo percebeu logo a mudança de comportamento do sogro que parecia não se encontrar. Sem dúvidas, passou a mão na espingarda que já se encontrava engatilhada e se preparou para o pior. Nesse difícil momento, o caçador enervado, apertou o gatilho, rasgando o véu da noite com um tiro de bala que ensurdeceu a floresta. Procurou não se mexer e nem testar a lanterna de cinco elementos para ver o que iria acontecer, pois sabia que quando se mexe com os espíritos da floresta, a reação é quase que imediata.

O suspense foi aumentando quando, de súbito, uma luz incandescente muito forte saiu em direção aos caçadores, ficando o lugar bem claro parecido com o dia. Uma chuva fantasma seguida de fortes turbulências cercou os caçadores, sendo que eles não enxergavam a tempestade; só percebiam que estava chovendo forte por todos os lados.

Abismados pelo acontecido, os dois voltaram a olhar para o chupador, enxergando lá em baixo uma Anta Branca, parecia vestida de noiva, rodeada de animais; alguns muito feridos e outros que choravam a perda de seus filhotes, provavelmente mortos por caçadores impiedosos. A anta misteriosa tentava consolar a todos, acariciava-os, tentando fechar os ferimentos

com ganga impura. Manoel Zinho se mandou, enquanto que o Carmo, comovido pela dor dos animais, desceu do moitá, entalado de emoção, tentou aproximar-se da aparente reunião, quando foi alvejado na cabeça por um ouriço de castanha, arremessado por um macaco-barrigudo, levando o “piedoso” caçador ao desmaio.

Durante o sono em cama de folha podre com lama, Carmo pôde sonhar, vendo os animais rodeados em sua volta. Na conversa com eles, recebeu recomendações ecológicas da Anta Branca que se apresentou como mãe do chupador, defensora de todos os animais.

Solicitou a ele que levasse uma mensagem aos homens errantes, destruidores do presente e do futuro da humanidade e que falasse a todos os caçadores para respeitarem os animais e a natureza, porque eles têm o seu protetor natural. Em seguida, afastaram-se dele dando uma boa lição de comportamento animal.

Quando Carmo acordou, estava todo sujo de lama, cheirando à anta no meio da escuridão. Acendeu a lanterna que estava pendurada no pescoço, focou em direção ao chupador para ver se o veado ainda estava lá e não encontrou nada; nem o veado e nem o chupador; tudo desapareceu. Naquele lugar nasceram lindas árvores frutíferas e muitos buritizeiros. Certificou-se de que algo muito estranho tinha acontecido com ele. Era como se fosse uma revelação e prometeu a si mesmo que, se escapasse com vida, nunca mais faria mal algum à natureza.

Chegando em casa, preferiu não contar nada à família, pois sabia que se abrisse a boca ninguém acreditaria nessas histórias de caçador. Ainda ficou vários dias com febre alta, dor de cabeça e dores nos braços.

Quando se recuperou da pancada do ouriço, Carmo se transformou num verdadeiro ambientalista e voltou novamente lá com uma placa e os seguintes dizeres: **Área de Preservação Permanente Anta Branca.**

Índio Patuá

Patuá era um índio tapiba que viveu em Tefé logo que Ega se transformou em cidade. Era muito experiente em caçadas selvagens. Vivia o tempo todo à procura das embiaras que servia de alimentação para seu povoado. Morou em várias localidades adjacentes ao município, como o Piraruaia, Tauari e Moquental; neste último, fixou residência por muito tempo.



Índio patuá transformado. Desenho de raimy Ribeiro

Quem o via pela primeira vez, estranhava seu jeito esquisito dado ser de aparência muito estranha. Era moreno, corpo roliço sem talhe. Porém era muito bondoso e querido por todos. Sua excessiva experiência na arte de caçar animais silvestres dispensava qualquer comentário.

Quando queria saber onde estava o bando de queixada (porco-do-mato), ou se alguém estava a caminho da vila, Patuá, usando de sua arte indígena, colocava os ouvidos rentes ao chão, distribuía sorriso e dizia: “- tá chegando gente da cidade no povoado”. Ou então, falava: “- tem um bando de porcos nas proximidades da itaubeira” e assim por diante. Quando se tratava de porcos, antas e veados, o velho índio já saía em dis-

parada, embrenhando-se na mata, sem fazer caminho para encontrar suas presas. Sua arma principal era a espingarda alemã chamada “noiva”, pelo brilho dado a ela todos os dias por ele.

Na volta de suas aventuras já era certo a distribuição de carne fresca a todos que o aguardavam.

A comunicação ouvido-terra fazia de Patuá uma espécie de guru – adivinhão, ganhando confiança de todos principalmente de caçadores que, para não se perderem na selva, usavam o experiente índio como matreiro. Sua profissão era a caça; nunca plantou uma maniva. À noite, a minúscula vizinhança rodeava ao lado dele para escutar lindas histórias de sua tribo. Invocava o mito do Boitatá, Mapinguari, Caiçara e descrevia com muito orgulho a vida de sua sobrinha, a índia Caboré, que se transformou numa castanheira, símbolo do município.

Certa feita, Patuá saiu de casa para escorar antas no chupador central do Tauari. Mucuta nas costas, espingarda sobre os ombros, lá foi ele amarrar sua rede-moitá ao lado do místico lugar.

Minutos depois, apareceu a primeira anta, sendo recepcionada com um balaço da alemã, caindo em cima do rastro. Patuá continuou inerte após o tiro, aguardando outras antas aparecerem quando percebeu um estranho homem focando lá em baixo, entre as árvores; parecia cuidar do chupador. Depois de alguns segundos, Patuá foi surpreendido com um clarão de luz, ficando assustado no que estava vendo. Ele permaneceu quieto até a luz se desfazer.

Porém, nada com ele aconteceu. Mais tarde, o assombrado lugar dava sinal de visita; resolveu focar enxergando dois animais na aparência de cavalo que chupavam lama salgada e que, num gesto de liberdade, levantavam a cabeça no ar, expondo enormes dentes. O velho índio percebeu que não era coisa desse mundo. Jamais tinha visto, em toda sua vida, cavalos selvagens em chupador de anta; mesmo assim não perdeu o entono de bom caçador, liberando dois tiros nas supostas aparições.

Quando silenciou o estampido, focou novamente vendo um cavalo em delírio; o misterioso mastodonte saltava enfurecido, tombando as árvores ao seu redor e decepando-as com

seus enormes dentes já esvaído em sangue por conta dos efeitos dos tiros.

Patuá desceu de sua rede onde estava amoitado e partiu para o confronto com a fera, tentando segurar pelo rabo e jogá-lo ao chão. Quando se aproximou, foi alvejado por um coice que o fez perder o sentido, mal pôde ver o animal afastando-se dele, ficando lá a dormir por dois dias até ser resgatado por populares que saíram à sua procura.

Retornando para casa, Patuá parecia sonâmbulo, falava descontrolado e dizia que queria se encantar. Depois desse acontecimento, passou o tempo todo fora do normal. O destino dele era querer embrenhar-se na mata; até que um dia fugiu para a selva e nunca mais foi visto por ninguém. Tempos depois suas vestes foram encontradas no pé de um patuazeiro que nasceu no meio do chupador central do Tauari.

Luis Sevalho

O Curupira do Xidarini

Numa colocação de castanhais por nome “Pavão”, situada na nascente do igarapé do Xidarini, em Tefé, um tirador de castanha viu-se em apuros pela maldita sorte de se defrontar com um estranho duende. Sabia que aquele lugar tinha sido abandonado havia bastante tempo por todos que se arriscavam na bruta tarefa de coletar a castanha da selva por ouvirem gritos e assobios enigmáticos que atordoavam os castanheiros, fazendo desistirem do lugar. Mesmo assim, ciente do que poderia acontecer, o castanheiro resolveu usar toda sua coragem para explorar aquela área naturalmente protegida pelos espíritos da floresta.

Alguns ouriços coletados já faziam parte da arriscada aventura, quando o coletor ouviu um grito bem distante, o



que não fez desencorajá-lo, respondendo também com outro no mesmo estilo, pois pensava ser alguém que estava perdido na mata, gritando em busca de socorro. Porém, naquele instante, não suspeitava de que o grunhido desordenado era macabro e comprometedor. Continuou respondendo sem nenhuma cerimônia, fazendo o “bicho” revidar, aproximando-se ainda mais. Quando já estavam para se defrontar na comunicação grito a grito, tudo silenciou e o castanheiro ficou envolto em mistérios. Tratou de se posicionar sobre um pau caído que ficava na lateral de um caminho próximo de várias castanheiras, ficando lá escondido entre as folhas de ananarana com a espingarda engatilhada, tentando se proteger de um possível ataque.

Dado alguns minutos, nenhuma viva alma apareceu; mesmo assim, o coração do castanheiro continuou disparado, fazendo redobrar o olhar para todos os lados aumentando ainda mais o suspense.

“– Não tenho como desistir”, pensou o castanheiro. “– O jeito mesmo é enfrentar”. Enquanto meditava, avistou um caboclinho vindo em sua direção, passando pelo caminho rente onde ele estava. Ficou admirado, surpreso e indeciso no que estava vendo; queria atirar, porém achava que aquele moleque com o corpo de homem feito poderia ser uma pessoa normal da sociedade que por ali passava. Deixou aproximar-se mais um pouco, quando percebeu que a criaturinha tinha o corpo todo coberto com pelo de porco-do-mato, protegido com armadura da casca da castanheira, com os pés revirados para trás, deixando o castanheiro pasmado e sem ação.

Depois de alguns minutos sem saber o que fazer, percebeu que a espingarda continuava engatilhada para atirar, e foi o que ele fez; três tiros com bala palanqueta foram desferidos em direção àquele animal-gente, porém todos em vão. Mistériosamente o ser mitológico desapareceu fazendo quebrar o pau onde o castanheiro estava sobreposto, levando um grande tombo e com o susto da queda sua espingarda foi cair bem distante. Desprovido para realizar qualquer ataque, o castanheiro tentou correr, o que não foi possível; acabou sendo surrado por

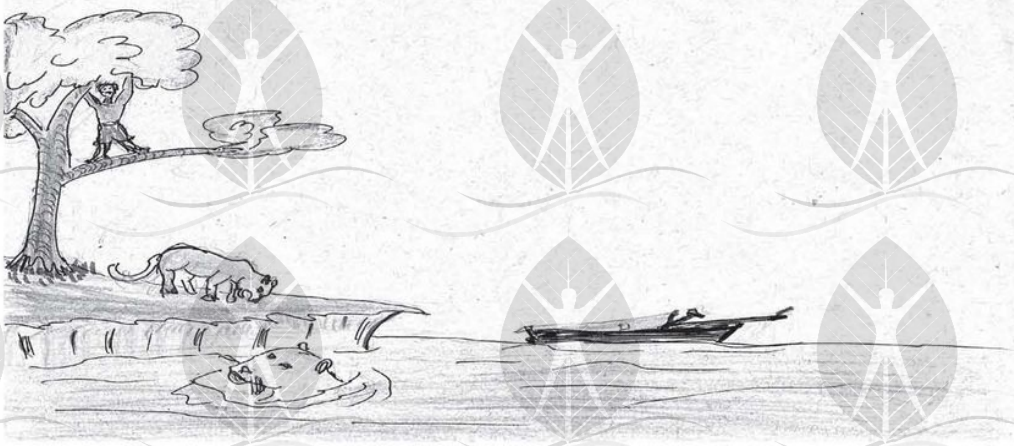
um cipó de imbé vindo do além, pois ele não conseguia ver quem estava lhe açoitando, só enxergava o vai e vem do imbé.

Desnorteadado, já com as costas sangrando da surra, começou a caminhar com dificuldade para ver se encontrava uma saída; no entanto, as sucessivas voltas dadas faziam o castanheiro retornar para o mesmo lugar. Olhando com detalhes para o chão, enxergou pegadas “humanas” que pareciam mostrar-lhe o rumo certo da volta; resolveu segui-las, porém no sentido contrário, onde logo achou o caminho central que dava acesso à sua residência.

Durante o tempo que ficou a se recuperar, o castanheiro demonstrava desequilíbrio mental, falando coisas desconexas da vida cotidiana até ficar totalmente sã. No entanto, esse lugar permanece até hoje inexplorado, aguardando sua visita; mas, cuidado! Não vá mexer com o Curupira porque ele é o guardião e ao mesmo tempo o demônio da floresta.

Luis Sevalho

Franzino e a Onça-d'água



Franzino na árvore de taxizeiro. Desenho de Raimy Ribeiro

Franzino era um pescador destemido, estava sempre pronto para enfrentar os perigos do lago, à procura de peixes fresquinhos para a população. Todas as vezes que armava uma pescaria, já deixava contratadas para venda várias espécies de

peixes porque tinha certeza de que o lago do Fundão, perto do Atapi, bastante farto, jamais o deixaria passar vergonha. Dessa vez, sempre solitário, o valente Franzino saiu cedo para fazer a pescaria numa área íngreme de matupazal no dito lago. Já era tarde da noite, chegando a madrugada quando a barriga de Franzino reclamou pela falta de alimentos, haja vista ter saído de casa em seu rabetinha antes do dia amanhecer e, como é de costume, o pescador quando sai para o marisco, só leva consigo uma garrafinha de café; quando leva.

Como os sucessivos goles do mate eram insuficientes para enganar a fome, resolveu então fazer um assado na restinga, sabendo que a sobra do peixe serviria para alimentar outros animais que por ali já estavam na espreita querendo também fazer o bom proveito. Do porão da velha igara retirou só aqueles peixes graúdos para colocar no moquém, cuidando logo de cortar a lenha para fazer o fogaréu.

Na hora do baco-baco, Franzino percebeu que a restinga toda estava tremenda; resolveu focar na água, detectando inúmeras borbulhas que emergiam, tomando conta de todo aquele aningal. Os lagos próximos como o Redondinho, o Cortiça e o lago do Cipó estavam todos com as águas fervilhando; cardume inteiro de peixes pulavam fora d'água de forma desordenada, querendo avisar que algo estranho estava por acontecer. Nesse momento a fome passou e o coração do bravo pescador disparou. Olhando abismado com os olhos quase querendo sair do globo ocular, percebeu que a água do matupazal subia e descia freneticamente, deixando o pescador atônito, sem saber o que fazer.

Macabro e sem opção, a solução tomada dentro de segundos foi subir numa árvore de taxizeiro, sem se importar com as mordidas dos guardiãs dessa árvore. De lá, olhando para todos os lados, começou a observar o que iria ocorrer naquele momento de pânico.

Quando aparentemente tudo parecia normal, Franzino, num esforço redobrado, conseguiu ver um casal de Onças-d'água que tinham o formato de ariranhas em tamanho dobrado, saindo repentinamente de trás de uma sapupemba e

partira furiosamente em direção à canoa que não foi devorada porque um jacaré de sete metros impediu o ataque, colocando-se na frente das Onças, sendo devorado violentamente pelas felinas aquáticas. Tudo era assistido pelo pescador do galho da árvore que, enervado em calafrios, mal podia se mexer.

Antes de o dia amanhecer e já saciados pelo jantar do jacaré, as Onças-d'água começaram a brincar, atirando água para cima com suas longas caldas atingindo quase três metros de altura. Dizem que a altura que ela atira a água é a mesma distância que ela salta no ar.

O odor exalado das axilas do pescador fez a Onça-fêmea perceber que tinha sangue humano no pedaço.

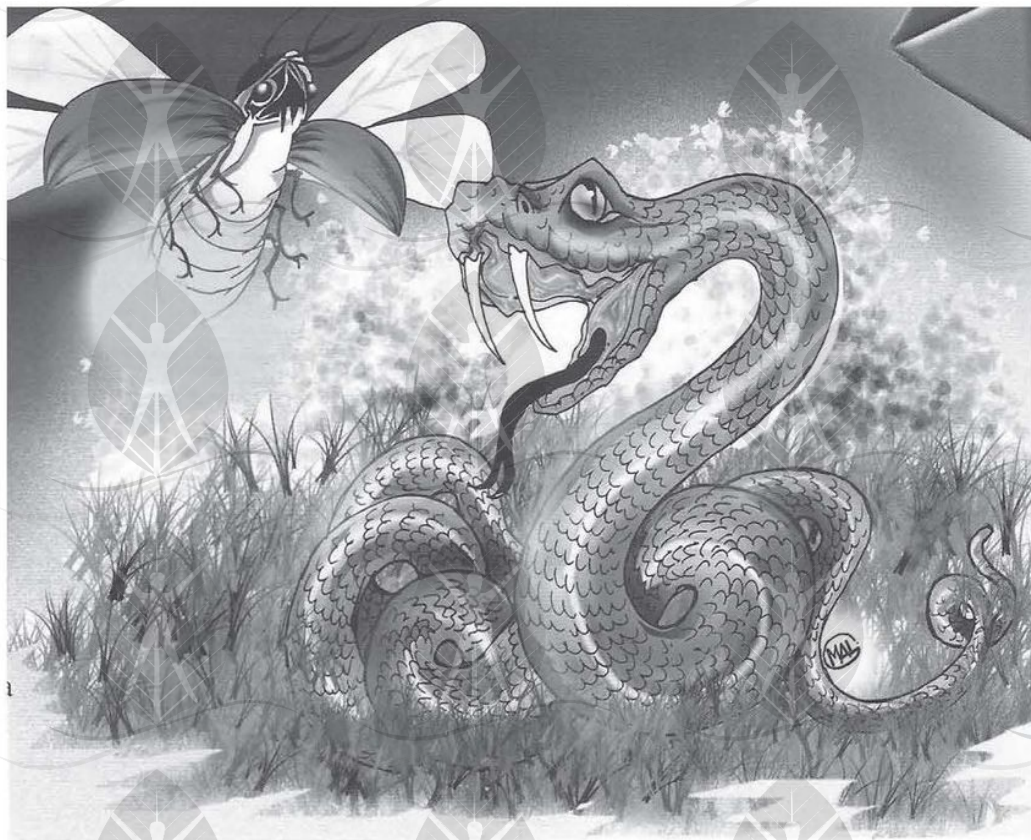
Ela franziu o couro da testa, destoou vários esturros que foram ouvidos nos lagos mais distantes, como o lago do Mamede, lago do Júlio e lá no Poço do Matos. Os urros eram tão fortes que o eco parecia sair do fundo dos lagos. Mas não conseguiu enxergar o seu rival. Porém ficou de orelha retesa tentando localizar o pescador que nessas horas já invocava mais de cento e cinquenta santos para se livrar do perigo.

Quando o dia amanheceu, as Onças colocaram-se em fila dando a entender que já iam se retirar, quando uma pigarra obrigou Franzino a concertar a garganta, fazendo as Onças enfurecerem-se no tronco da árvore, começando nesse momento a perseguição contra o pescador. Elas só não subiram na árvore porque suas mãos em forma de nadadeira não lhes permitiam esse avanço, restando apenas ficarem prostradas em vigília no tronco da árvore por tempo indeterminado.

Chegara à tarde quando a Onça-macho resolveu retirar-se, deixando de plantão a fêmea que se revezava no tronco do taxizeiro, esperando o pescador cansar, sentir fome e sede até desmaiar e cair para ser devorado por elas. Franzino percebeu que teria vários dias de sofrimentos. Então, teve uma ideia genial, falou em linguagem cabalística-kssalabá, o que fez a Onça colocar os ouvidos para cima tentando entender. Disse ele a rainha dos aningais que se ela o deixasse em paz, se comprometia a não invadir os lagos de preservação e nunca mais prati-

caria a pesca predatória. A Onça entendeu o recado e deu no pé toda faceira balançando a cabeça num sinal de positivo.

O Sucuri do Mamiá



Uma turma de pescadores saiu para fazer um marisco no lago do Mamiá que fica na confluência do rio Solimões com o Japurá. O lago era bem visitado porque tinha muita fartura de pirarucu, tambaqui e outros peixes graúdos. Os pescadores saíram bem cedinho, no rebento do sol para se encontrarem com os colegas que por lá estavam para fazerem a divisão em equipes para explorarem o lago. Como moravam distantes uns dos outros, uma das equipes não chegou a tempo perdendo os outros de vista. Para não perderem a pescaria, ficaram no início do lago, limpando capim e abrindo clareira na água para poder atear suas malhadeiras. Isso acontecia na mais pura diversão e algazarra, pois, para eles, a pescaria não passava de um lazer, arraigados de um aperitivo esquentafrio que tam-

bém acompanhava eles. Não se davam conta de que em lago de pesca existem muitas surpresas; algumas até horripilantes. Num determinado momento, enquanto cortavam capim, o rapaz mais jovem, de nome Efrozildo, sumiu misteriosamente da popa da canoa. O silêncio foi a dose certa para acalmar aquela nostálgica pescaria, deixando os pescadores em apuros. O que fazer nesse momento de apreensão? Começaram então a mergulhar à procura do colega, enfrentando outros perigos no fundo do lago. Detectaram com a ponta dos pés uma espécie de sumidouro profundo que pela extensão subterrânea deveria dar acesso para outros lagos.



Quando tentaram adentrar no sumidouro, a natureza deu a resposta: o lago estremeceu de forma assustadora enchendo-se de enormes espumas, fazendo o dia escurecer imediatamente. Os pescadores ficaram estarecidos e deram no pé em busca de socorro na cidade. Logo, equipes de mergulhadores

chegaram ao local, passando três dias na busca do jovem que continuava desaparecido. Todas as tentativas de resgate foram feitas e não trouxeram a solução.

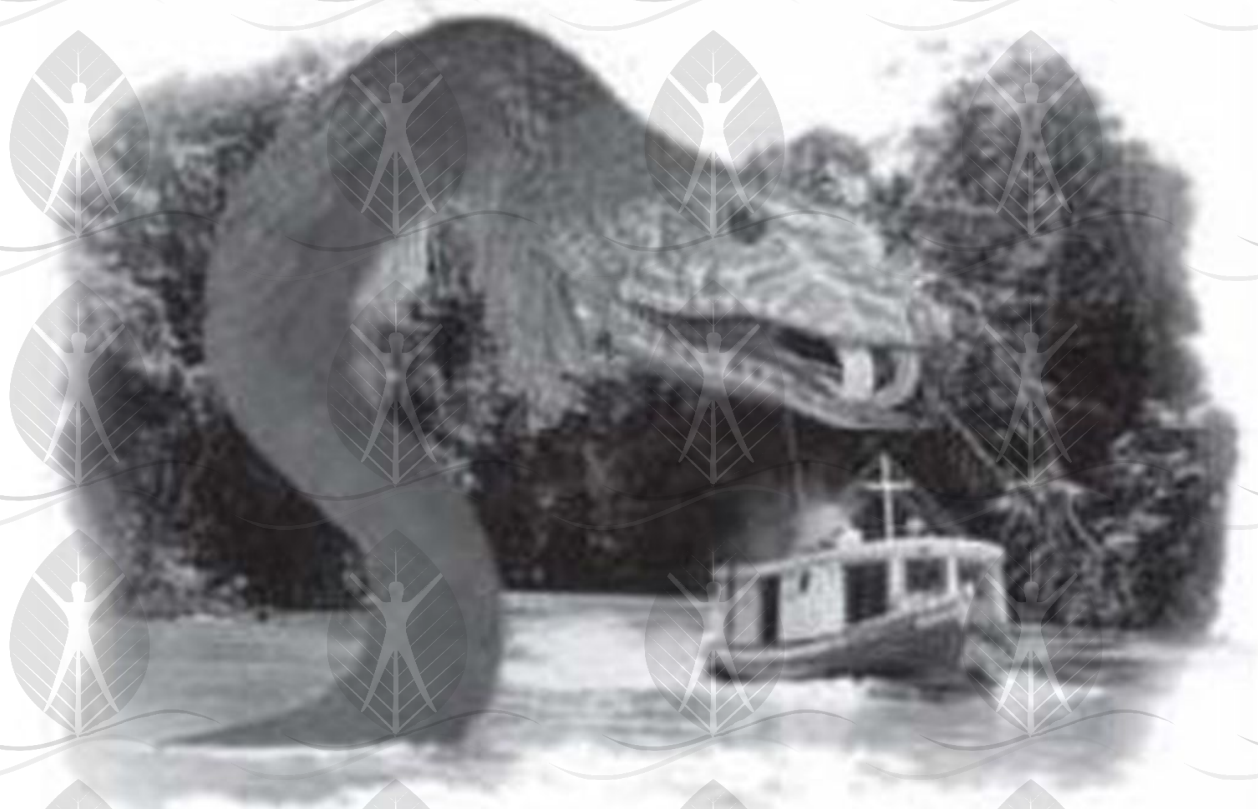
De volta, quando passavam pelo local do sumiço, enxergaram Efrozildo expurgado em cima do capinzal, sem vida.

O Sucuri gigante sentiu-se mal por ter engolido o rapaz e resolveu devolvê-lo a seus familiares que no momento sentiram-se “contentes”, porém consternados por tão grande golpe da perda.

Depois desse acontecido, o lago ficou duvidoso e aos poucos foi sendo abandonado para a prática de pescaria. Até que um dia um pescador resolveu encarar o perigo ateando sua malhadeira nas proximidades de onde tinha acontecido a morte de Efrozildo. É claro que ele estava com muito medo de ser tragado pela covarde serpente; porém, fazer o quê? O local era bom de pesca e só malhava peixe “escolhido”! Mesmo assim, olhando assustado de um lado para outro, amarrou rapidamente a malhadeira no galho de um aratizeiro e tentou zarpar do local, quando percebeu que a canoa não cedia nem para frente nem para trás. Um arrepio tomou conta do seu corpo; extasiado, tentou remar novamente, já com o coração batendo a mais de mil, quando sentiu a canoa seguir um pouquinho para frente, porém uma força estranha fazia-a voltar para o mesmo lugar. Parecia ser puxada pela quilha. O desespero tomou conta fazendo o pescador abrir o bocão: “– Socorro! Socorro! Alguém me salva” – gritou o pescador. “– Tô sendo engolido por um sucuri!”. Logo apareceu um amigo que surgiu de um lago próximo, para ver o que estava acontecendo. Dessa vez não era o ataque do Sucuri, era simplesmente a malhadeira que estava presa na quilha da canoa do medroso pescador, não deixando ela sair do lugar por mais que ele imitasse o Tarzan gritando ou gastasse toda sua força remando.

Ao ser socorrido, ele não quis acreditar nessa versão da malhadeira e tampouco conversar. Saiu de lá em ligeira disparada e nunca mais quis voltar para pescar no Mamiá Grande.

A Cobra Ouromante



Arreio da Ouromante nas proximidades da Ilhota

Dizem que quando os índios Júris refugiaram-se para as cabeceiras do rio Tefé, procurando se proteger da perseguição dos colonizadores portugueses, encontraram naquela região uma infinita riqueza de pedras preciosas, formando lá sua primeira maloca. Mais adiante, encontraram o lago dos Espelhos repleto de diamantes contrido pelos Jurimáguas. Tentando proteger o território e suas riquezas, o pajé da tribo enfeitiçou um filhote de sucuri, colocando seu nome de Ouromante.

Depois de enfeitiçada a cobra foi solta no rio Tefé com a missão de proteger seu povo de todos os males que viessem acontecer naquele lugar. Com o passar do tempo o xamã fez uma pajelança para saber da situação da serpente, já que nunca mais tinha ouvido falar do seu para deiro. Durante a realização da magia observou no reflexo da água preparada com a resina da laca e jogada no igarapé, que a Cobra Ouromante se transformou numa serpente gigante e, para se proteger, escavou bem profundo o canal do rio Tefé. Também preparou três grandes

poços subaquáticos para sua moradia; um deles fica na boca do igarapé da Samaúma, o outro é o poço-espuma e o seu esconderijo preferido é a misteriosa ilhinha que fica perto da entrada do Tauari, formando lá um sumidouro muito profundo.

Os mistérios dessa pequena ilha é ainda um enigma e continua aguçando a imaginação de muitos navegantes. As pessoas não arriscam ficar lá nem mesmo para se protegerem de temporal. Certa noite, uma família que descia pelo rio Tefé resolveu pernoitar na assombrada ilha, amarrando seu batelão de treze metros no galho de um araparizeiro, enquanto faziam o gostoso café para esquentar o frio da madrugada. Inesperadamente o pequeno bote começou a navegar voluntariamente, sendo puxado pela ilha, descendo rio abaixo. Perplexos, todos ficaram sem entender o que estava acontecendo; sabiam que não se tratava de uma coisa normal; no entanto, nada podiam fazer, enquanto o barco continuava a singrar as águas do grande rio.

Quando já se encontravam nas imediações do poço-espuma, o batelão começou arregar, entrando água pela popa de tanta velocidade esboçado pela ilha; então, resolveram cortar o cabo, desprendendo-se da ilha que já à deriva foram encalhar nas barrancas do Açaituba, salvando-se todos. Abismados, presenciaram a ilha dar a volta, subindo contra a correnteza retornando ao mesmo lugar. O momento era mesmo de arrepiar.

Outro caso macabro desse intrigante mistério aconteceu quando um prático, puxador de barcaças, conduzia petróleo do Urucu e no momento que passava rente à ilhinha, sentiu que a velocidade da balsa ia diminuindo, ficando quase parada totalmente: vários estrondos foram ouvidos lá no fundo do rio, em seguida fortes redemoinhos começavam a precipitar deixando a enorme balsa à mercê de turbulências que balanceavam igualmente a uma canoa. O navegante ficou aturdido e chegou a entregar sua alma a Deus; porém conseguiu escapar com vida. No entanto, logo que chegou na cidade, demitiu-se do emprego, ficando traumatizado.

Certo é que depois de uma semana que aconteceu o episódio, um rapaz por nome Chico Cabo, que jamais quis acreditar nessas histórias malucas, montou seu Yamar de quatro HP

sobre as costas da brutela quando passava pelo poço-espuma e depois de muitas orações conseguiu escapar da morte, tornando-se um ardoroso defensor da Cobra Ouromante, protetora do rio Tefé.

Riqueta e o Velório no Pulgal

O lugar era bem longínquo, bastante afastado do povoado do Piraruaiá; faz parte da última colocação feita para a extração da castanha, chamado de Pulgal. A única via para chegar nesse exótico lugar é pelo igarapé Central, isso quando ele não está entulhado de pau que tomba para seu leito. É de tão pouco acesso que poucos extrativistas tiveram a coragem de arriscar a explorar a íngreme colocação. Muitos afirmam que para chegar lá o caboclo tem de ter aquilo roxo para cortar enormes árvores tombadas no igarapé e que pode levar vários dias torando arbustos caídos até chegar no Pulgal.

Quando vencesse esse primeiro obstáculo, teria de enfrentar outros, de natureza inóspito. São tantas marmotas a sua espera que dos poucos que lá armaram seu tapiri, todos tiveram de abandonar a produção adquirida, saindo às pressas para nunca mais voltar.

Certo dia apareceu na comunidade um rapaz andarilho, sem compromisso e sem família, que veio da cidade por ter aprontado maldades. Era do tipo folgado, cheio de gíria e de muito papo; era desses acostumado a dar “pino” em políticos e casas comerciais. Identificou-se como Caio, porém, por ter espírito de grandeza, os comunitários passaram a chamá-lo de Riqueta. Caio estava disposto a enfrentar qualquer tipo de trabalho para poder dar um tempo longe da cidade. A comunidade desconfiava dele, sabendo que não se tratava de uma boa peça. Resolveram acolhê-lo, desde que fosse fazer seu assentamento no indesejado Pulgal.

Por lá ficou alojado o Riqueta; sozinho, sem ter ninguém para dar ao menos um bom-dia ou até mesmo para enganá-lo. Riqueta, no seu ínterim, fazia planos para juntar uma boa produção de castanha e poder sair de lá com muito dinheiro

para sanar seus compromissos. Pensava até demarcar o infinito lugar para sua propriedade, porém tudo isso não passava de mera especulação de sua consciência. Da cabana até o igarapé, fez um caminho bem largo, dando para enxergar a canoa coberta com toldo de sapê, posicionada para receber a produção.

Certa noite, quando o luar rasgava a densa floresta, fazendo as árvores parecerem gente dançante em clube de forró, Riqueta percebeu que alguém batia palmas lá no igarapé. As batidas eram bem fortes e pareciam aproximar-se do tapiri onde ele estava.

Seu coração acelerou fazendo sentir arrepios e calafrios; abismado e indefeso, percebeu que o batedor em pleno luar rodeava o tapiri, em seguida voltou para o igarapé onde tudo silenciou. Com Riqueta não aconteceu nada; mesmo assim não foi possível dormir no restante da noite dado tamanho presságio.

Quando amanheceu, pensou em abandonar a colocação; porém não tinha para onde ir. Por cima de tudo, tinha de passar alguns dias limpando a cacaiá do igarapé para poder chegar ao povoado. O jeito era ficar ali mesmo, enfrentando os perigos da selva até terminar a fábrica da *Bertholetia excelsa*.

Passados vários dias, sempre dormindo sobressaltado, Caio acordou no meio da noite e sentiu cheiro de vela queimando; afastou a porta de paxiúba devagarinho e avistou no caminho do porto, próximo de sua canoa, um ritual fúnebre, onde aparecia um caixão levitando acompanhado de muitas velas crepitando ao seu redor. Riqueta deu vontade de fugir; mas para onde escapar? Já que o velório estava próximo da canoa que poderia lhe auxiliar na fuga?! O jeito foi mais uma vez assistir a tudo bem caladinho, curtir o velório contra a vontade até as velas apagarem-se por completo.

Riqueta continuou acordado, pensando que tudo tinha se acalmado, quando ouviu barulho de muita gente que vinha subindo o igarapé. Parecia que estavam limpando o entulho, pois o corte de machado soava perfeito, junto com o funcionamento da motosserra. Isso alegrou bastante o confinado Riqueta que não via a hora de ficar liberto daquela agonia. Mesmo com medo e já com excessiva dose de adrenalina, estufou o peito

e gritou bem forte para espantar o medo que dominava seu corpo. Seu eco adentrou a floresta e foi ouvido na comunidade. Após o grito, a euforia do igarapé também silenciou; ele pensava que aquela limpeza estava sendo feita por pessoas vivas e não era.

No dia seguinte, ao fazer a vistoria no igarapé, tudo parecia intacto; nenhum sinal de limpeza foi realizado, nem tampouco foram vistos os cortes de machado, nem os de motosserra nas árvores caídas da noite passada. Riqueta fazia de tudo para não cair em depressão, no entanto não sabia como proceder para livrar-se daqueles momentos macabros, principalmente quando a noite caía. O que estava acontecendo com ele corroía sua imaginação, fazendo Caio perder o sentido da realidade.

Os comunitários que ouviram os gritos de Riqueta interpretaram-no que eram pedidos de socorro; então formaram imediatamente uma equipe composta por vários homens e partiram para socorrê-lo. Passaram uma semana de subida limpando o igarapé até chegar ao Pulgal. Quando avistaram Riqueta, ele pouco se importou com a presença da equipe; estava tomado pelos espíritos da floresta; corria de um lado para outro, pronunciando que iria se juntar com o Curupira. Seguraram-no ao meio e levaram-no para a canoa, seguindo igarapé abaixo. Riqueta estava indiferente e se comportava como selvagem.

Ao chegar na frente da colocação “Balança”, Riqueta não se conteve e pulou da canoa, evadindo-se na mata densa, tomando rumo ignorado e nunca mais foi visto por ninguém.

Dizem que no “Balança” o Curupira já encantou muita gente.

O Mistério do Igarapé do Taboca

Um experiente caçador, que nunca teve medo dos mistérios da floresta, numa certa feita avistou no meio da mata, na altura do km 180 da BR-174, um bando de porco-do-mato (queixada) e resolveu segui-lo no afã de capturar um para sua alimentação.

Na mata fechada, o caçador não percebia que quanto mais se aproximava do bando, mais adentrava a impermeável floresta. Quando se deteve, os javalis já estavam muito longe, bem distantes do seu alcance e, então, todo atabalhado, não acertou mais o caminho de volta para sua casa.

Desatinado, o caçador orou ao Senhor clamando para livrar-lhe dos perigos que iria enfrentar.

Apontou a bússola na direção correta e começou a caminhar na tentativa de encontrar a saída. Revigorado pela oração, avistou o igarapé do Taboca. Aproximou-se dele, saciou a sede e resolveu descansar à sombra de frondosas castanheiras. O repouso era para amenizar a fadiga e recuperar energia para vencer os desafios que estavam por vir, o que fez adormecer num leve sono.

Quando despertou, continuou a caminhada por entre as pedras que davam acesso a uma ponta de terra mais alta do igarapé. A preocupação era tanta, mas estava consciente de que tudo acabaria com um final feliz.

Sabia que no ramal do Serragro, km 200, onde reside, teria de passar pela lagoa da Léa antes do anoitecer para não ser alvejado com pedras vindas do além e nem tampouco encontrar-se com a mulher vestida de branco que aparece ao lado da ponte de madeira no dito ramal. Ele nunca teve medo dessas coisas; porém, tinha receio.

O corajoso caçador só não sabia que a ponta de terra onde estava, era de mau agouro e sinistra. Muitas pessoas passaram presságio ali por terem visto terríveis aparições. Até aquele momento nada tinha acontecido com o herói da floresta que tinha muita fé de chegar em casa à tardinha, levando alguma embiara para saborear com a família. Todavia, a partir do momento que pisou naquelas pedras, sentiu um arrepio dos pés à cabeça, sendo tomado por uma forte dor de cabeça. Era chegada a hora do caçador entregar-se inconscientemente aos domínios dos espíritos da floresta.

As pedras começaram a estremecer; vozes saíam do vento, chamando: – Vem!... vem!... vem!... vem! As árvores se reforciam e o caçador começou a ouvir gargalhadas: – Há, rá, rá,

haaa! Que estrondavam floresta adentro. No entorno do igarapé os peixes pulavam desordenados, perseguidos por enormes borbulhas que emergiam em toda sua extensão.

Trêmulo e quase sem ação, o caçador enervado percebeu que vozes humanas aproximavam-se dele, porque escutava muita gente conversando, vindo em sua direção. O sangue voltou a circular nas veias do “pobre homem”, que suspirou aliviado por achar que teria visita de pessoas na área e, assim, poder espantar aquele latente medo que hora lhe invadira.

Para sua surpresa, a mata toda silenciou em segundos. E, aos poucos, outras sessões de gestos macabros foram surgindo. Parecia que aquelas pessoas que estavam a caminho, aproximavam-se dele e passavam a circular em sua volta. O caçador percebia que as folhas estavam sendo esmagadas por pés invisíveis e não conseguia ver ninguém.

“– Não é outro” – lembrou o caçador. “– Deve ser a arte maligna do Matintaperera tentando expulsar-me deste lugar, mas não vou dar-me por vencido e nem correr com medo dele” – retrucou o bravo caçador. Mais que rapidamente, adquiriu uma vara de envira surucucu, pediu bênçãos do céu e começou a surrar toda a área supostamente invadida pela ação maligna. Preparou-se em posição de combate, rodava e fazia gestos olhando com os olhos bem abertos para todos os lados, esperando o que jamais estava por imaginar.

Passados alguns minutos, a reação foi tamanha. O bicho endiabrado começou assobiar extridentemente, sobrevoando em círculo, rente aos ouvidos do caçador para desorientá-lo, azucriná-lo, ou fazê-lo abandonar aquela área de muitos animais silvestres. Como não conseguiu seu intento, o maligno resolveu engrossar quanto pôde seu assobio. Dessa vez, o trinar do sopro era tão forte, que o eco subia até a copa da castanheira e descia freneticamente, deixando o teimoso caçador extasiado, com os cabelos todos em pé.

Quase sem saída, e não vendo a hora de correr em disparada, o caçador chegou à conclusão de que as marmotas eram realmente coisas sobrenaturais e começou a repreendê-las com palavras divinas, invocando o poder do nosso Senhor.

Estufou o peito e gritou em alta voz: “ – Em nome de Jesus, saiam daqui todos os males desse lugar e deixem a floresta para as pessoas do bem viverem em paz. Sai agora... Sai”! Em seguida, detonou dois tiros para o alto. A resposta foi o silêncio e tudo foi acalmando-se até normalizar-se de vez.

Estonteado e ainda querendo entender o que estava acontecendo, o caçador caminhou mais um pouco, saindo na BR-174, onde de carona chegou a Santo Antônio do Abonari, e contou aos comunitários tudo o que aconteceu com ele nessa emblemática e misteriosa caçada. Recomendou aos mal avisados para não praticarem a caça e a pesca predatória, porque os animais têm os seus defensores nos rios e na floresta.

Lenda da Sarapéua

Contam os antigos nogueirenses que há muito tempo, quando chegaram os primeiros moradores na Vila de Nogueira, veio também, não se sabe de onde, uma velha nariguda que fumava cachimbo com hábito muito diferente dos demais. Ela não gostava de conversar com ninguém; até na hora do almoço, se estivesse alguém estranho no recinto, ela ficava escondida em seu aposento esperando o momento para sair e se alimentar. Quando perguntavam de suas origens ou pelo seu nome, só destoava uma fina gargalhada que saía mais pelo nariz do que pela boca e, com passos apressados, olhava assustada de um canto para outro, procurando afastar-se de todos.

Pelo jeito como vivia, vestindo-se maltrapilha com um vestido preto e mal encarada por seus conterrâneos, pejorativamente deram-lhe o nome de Sarapéua.

Esquecida pela vizinhança, a velha Sarapéua quase não saía de sua casa; no entanto, todas as noites de quinta para sexta-feira, por volta das zero hora, o pequeno mocambo ostentava-se com um enorme fumaceiro perfumado, exalando cheiro de ervas queimadas com mistura de espinha de peixes, sacaca e outros ingredientes que invadiam os lares, causando muita discórdia no pequeno povoado. O procedimento supersticioso obrigou os moradores a expulsar a velha Sarapéua da vila,

indo se isolar nas margens do igarapé do Mineruá, a poucos quilômetros da vila. Na antiga moradia onde a bruxa praticava sua umbanda ficaram a ouvir por muito tempo nas noites de quinta para sexta-feira, sussurros e animais se digladiando, galo cantando fora da hora e muitas algazarras.

Dizem que Nogueira ficou atrasada no tempo por muitos anos. As mulheres deixaram de ter filhos, a população não aumentava e a lavoura não produzia quase nada por causa da expulsão da Sarapéua. Muitos casos de assombração começaram aterrorizar os moradores da pequena vila que respondiam com muita oração. Alguns desses mistérios arrepiantes só desapareceram de vez quando a antiga choupana da bruxa foi incendiada pelos habitantes desse lugarejo, sendo o local benzido pelo padre Luiz de Nogueira. Depois de muito tempo, no lugar assombrado foi erguido a Igreja de Nossa Senhora do Rosário, padroeira da vila, que pôs fim nesse intrigante mistério.

Luiz Sevalho

Lenda do Bairro de Santo Antônio em Tefé



As cobras que deram origem ao bairro de Santo Antônio. Foto de Raimy Ribeiro

Durante muitos anos passados um chefe patriarcal, da tribo dos Tefés, criava um casal de cobras de sua estimação. No entanto, em pouco tempo o tamanho desses anfíbios era assustador; cresciam de forma descomunal, levando seu criador a preocupar-se por tal crescimento em tão pouco tempo. Pensando que elas estavam possuídas pelo gênio dos maus espíritos e, supondo que elas poderiam afundar a cidade, resolveu desfazer-se delas, soltando a fêmea no lago de Tefé. Pelo seu crescimento quilométrico, a cabeça da boiuna ficou alojada embaixo da igreja matriz e o seu corpo cresceu tanto que alcançou a comunidade de Nogueira, do outro lado do rio.

Durante o tempo que ela ficou a crescer, fez muitas “maldades”: malinava das embarcações que vinham de Manaus pegar peixes no lago; tentava alagar os canoeiros que vinham do lago com tracajás e tartarugas; fazia o tempo mudar, criando tempestade para deixar o lago agitado e impedir os invasores da pesca e da madeira ilegal. Era uma espécie de guardião do lago e nunca naufragou nenhum barco e nenhuma canoa com essas ações. Nesse ponto ela era muito boazinha.

A cobra-macho, que tinha três palmos de testa, medindo de um olho para o outro, essa foi jogada no igarapé do Xidarini. Sentindo-se só, saiu de lá fazendo escarcéu à procura de sua irmã. Não encontrando a alma gêmea, ficou mais enfurecida e como consequência resolveu esnoabar forças, escavando vários canais que se transformaram em igarapés como é o caso do furo do Abial, o Falca de Pau e o igarapé do Francês.

Desolado pela separação da irmã, voltou ao Xidarini com uma gama muito grande de entulhos de lama e barro que acumulou ao longo do tempo em sua cabeça, formando o bairro do Santo Antônio, em Tefé.

Há uma crença muito forte das pessoas que acreditam piamente nessa fabulosa história. Por causa disso, os moradores desse bairro não deixam em hipótese alguma retirarem as igrejas que lá foram construídas, onde a suposta serpente está a protegê-las.

Capítulo VIII

Lenda Urbana

A Mulher do Buracão

Numa pacata cidade do Amazonas, onde as pessoas ainda têm o hábito de cumprimentar as outras quando se cruzam nas ruas, aconteceu um intrigante mistério que até hoje causa muito remorso.

Por conta da falta d'água, os moradores resolveram escavar um buraco num terreno baldio, fazendo lá um cacimbão que jorrava água cristalina. O local virou atração dos comunitários que se sentiam felizes e aliviados com a fartura da água que dali retiravam para saciarem a sede. E, assim, continuavam a usufruir do líquido precioso, sem perceber que alguma coisa inesperada estava por acontecer com aquela fonte de água doce.

De manhã, aproveitando o rebento do Sol, uma senhora que chegou primeiro na cacimba, avistou o corpo de uma mulher flutuando na fonte. Assustada, correu para avisar os parentes que imediatamente retiraram o corpo já sem vida. Daí por diante o cacimbão foi abandonado pelos populares que temiam a impureza da água para o consumo.

Depois de vários meses do ocorrido, percebeu-se que a terra tremia na área da cacimba, deixando todos estarecidos. O intenso abalo fez árvores desabarem; também ouviram estrondos no subsolo parecendo que a terra estava se deslocando de um lugar para outro.

Quando a turbulência passou, o local ficou todo rachado com fendas abertas por todos os lados. As fortes chuvas foram responsáveis para fazer a cacimba desaparecer e, em seu lugar, surgiu uma enorme cratera que passaram a chamar de “Buracão Assombrado”. Isso mesmo, assombrado porque muitas coisas estranhas já foram vistas por lá de forma macabra. Um desses casos aconteceu da seguinte forma: uma esquisita mulher, que não se sabe de onde ela vinha, deu de aparecer no pe-

daço sempre depois das seis da tarde para pedir da vizinhança um pouquinho de alimento para o sustento.

A peregrinação tornou-se rotineira e as pessoas começaram a desconfiar da pidança porque a estranha visitante não tinha cara de mendiga, mas sim de uma pessoa bem vistosa e falante. No entender de todos, ela não precisava de esmolas e que seu ato não passava de uma grande farsa.

Numa tarde, já entrando pela noite, uma dona de casa, intrigada com aquela situação, criou coragem e ficou na espreita da mulher pidona. Com o intuito de desmascará-la, sentou-se na porta da casa aguardando o momento oportuno. De repente! Fitou para a rua e, lá vem a mulher com quem desejava falar. Veio e parou bem na frente da casa onde a outra aguardava. Suavemente e sem levantar nenhuma suspeita, esboçou um sorriso e disse-lhe: “– Boa-noite, vizinha, pode ajudar-me hoje?” Inocentemente a dona da casa respondeu-lhe: “– Ajudo, porém quero saber onde é sua residência e, se realmente precisas de ajuda”.

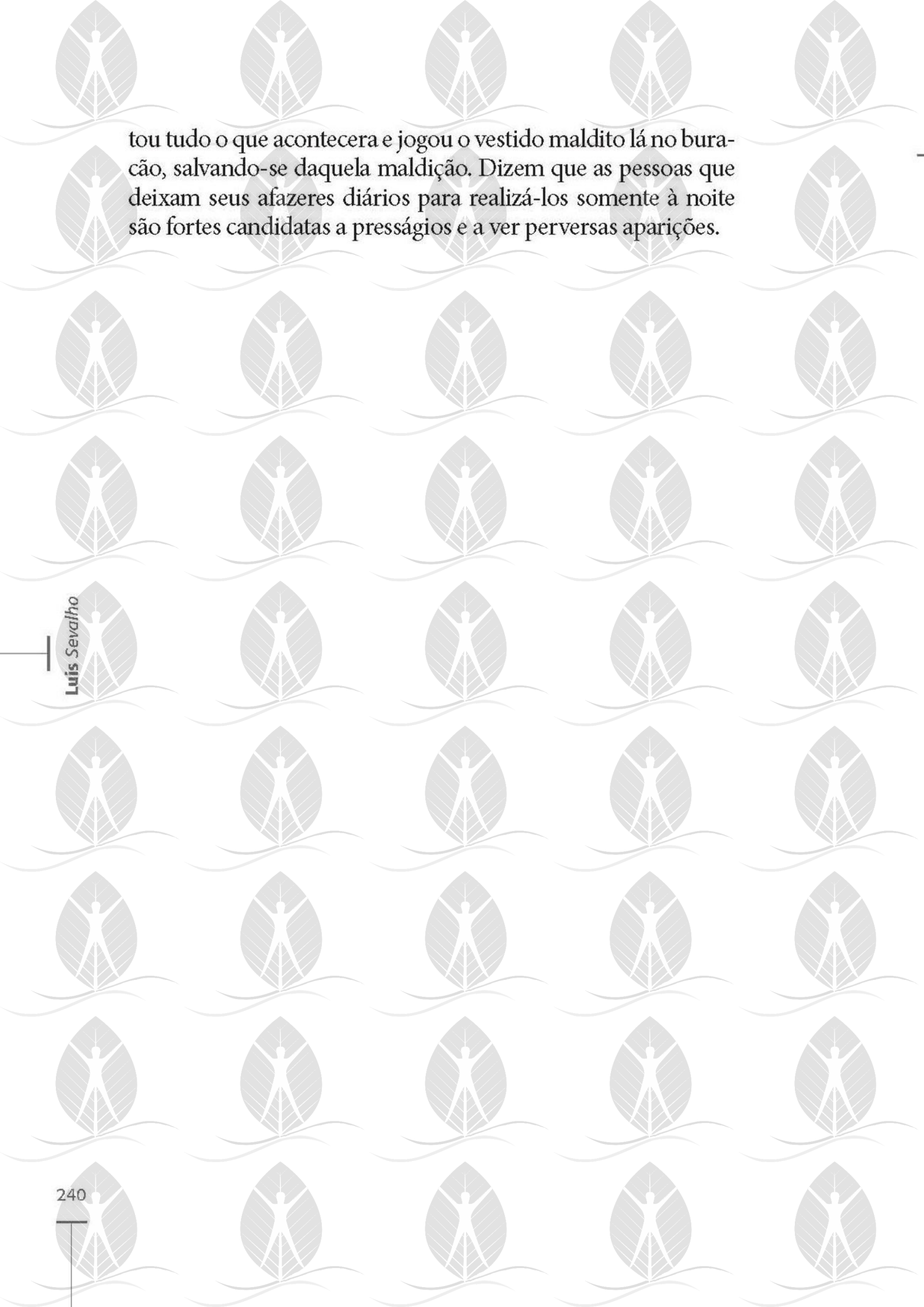
Altruísta, a mulher-do-além não mediu esforços. Com a voz aguda e macia, lhe propôs o seguinte desafio: “– Quer saber mesmo onde moro? Acompanhe-me, tenho certeza de que não irá gostar da minha choupana!”

Naquele momento, as duas começaram a caminhar varando ruas e becos até chegarem à beira do buracão. Então, a mulher corajosa lhe interrogou: “– Onde é mesmo sua moradia?” E, sem preocupação alguma, a sinistra mulher lhe respondeu: “– É aqui, filha, neste buracão. Aguarde um momento que já volto”. De imediato, pulou buracão abaixo e, ao voltar, haja susto! A mendiga se transformou numa horrível caveira gargalhando sarcasticamente com os olhos esbugalhados. Estonteadada, a mulher corajosa foi perdendo a noção dos sentidos, ficando a rodar à toa feito pato em lagoa durante toda aquela noite, sem sair do lugar. Ao amanhecer, foi socorrida pelos moradores que a levaram para casa. Depois do acontecido, ela passou a ser perseguida pelo fantasma do buracão.

Uma noite, quando estava lavando roupa no jirau do quintal, percebeu que as peças estavam sendo puxadas sor-

rateiramente. Imaginou que fosse algum cão vadio que por lá tinha passado e resolveu mexer nos seus pertences à procura de alimentos. Mesmo no afã, resolveu repreendê-lo dizendo: “– Passa daí, cão de uma figa!”. E, sem medo algum, continuou seu afazer quando se deparou com um lindo vestido que não era de sua coleção. Quem teria lhe doado aquela veste? Não tinha explicação; o momento era de uma incógnita. Como o tecido era de marca, resolveu ficar com ele para usar nas baladas. Noutra noite, pois era infalível lavar suas roupas sempre à noite, quando já estava terminando a lavagem, pressentiu que a cena anterior se repetia. Alguém insistia em puxar os panos e, ao tentar certificar-se de quem estava fazendo aquelas travessuras, deparou-se com a mulher-caveira ao seu lado, que foi logo dizendo em voz mansa: “– Não estou aqui para assustá-la. Só quero fazer-te dois pedidos: o primeiro é para nunca mais lavar roupas à noite e, o segundo, devolver o meu vestido para que eu possa garantir um lugar seguro aos céus. Prometes cumprir?” Sem restar outra opção, respondeu-lhe que sim. “Agora” – disse a mulher-fantasma. “– Feche os olhos e conte até três para abri-los”. E assim foi feito. Quando seus olhos voltaram, o espectro já tinha se escafedido. Sem acreditar que aquilo era uma miragem, a doméstica decidiu não contar nada ao marido e, desobedecendo ao trato, continuou a lavar os molambos sempre à noite.

Noutra semana, achando que já estava livre daquela perseguição, resolveu enxaguar o vestido misterioso quando de súbito percebeu que a água do tanque estava agitada e, ao aproximar-se, enxergou uma sombra humana no fundo do reservatório. Aquela figura apresentava-se de forma horripilante; seus olhos sangravam dando para ver bolhas saírem da boca. Parecia estar falando num tom irado, contra a mulher que lavava à noite. Sem destreza para reagir, a dona de casa ficou inerte, mirando incessantemente para o tanque. Naquela hora duas mãos emergiram de lá, puxando-a de ponta-cabeça para afogá-la. Seu esposo, percebendo o barulho estranho, dirigiu-se ao lavadouro e avistou a esposa agonizando-se dentro d’água, salvando-a imediatamente. Quando se recuperou do susto, con-



tou tudo o que acontecera e jogou o vestido maldito lá no buracão, salvando-se daquela maldição. Dizem que as pessoas que deixam seus afazeres diários para realizá-los somente à noite são fortes candidatas a presságios e a ver perversas aparições.

Capítulo IX

Conto em Cordel


A Intrigante História do Chupa-Cabra

Conto de um agricultor



Chupa-cabra. Desenho de Raimy Ribeiro

Meu amigo aqui presente
Suspire sem sentir dor
Seja forte e destemido
Tranque os dentes de horror
Com esse intrigante mistério
Que comigo se passou.




Na comunidade do Curupira
Onde vivo a morar
Vi uma coisa doutro mundo
Difícil até de explicar
Pois toda vez que lembro
Dá vontade de chorar.

Eram três horas da tarde
Quando parei de roçar
Falei à minha família
Que ia sair pra caçar
Capturar lá na mata
Uns “bichinhos” para jantar.

Luis Sevalho

Pela trilha central
Comecei a caminhar
Fazia total silêncio
Para a caça não espantar
Pisava leve na folha
Para ela não estalar.

Na minha frente, no caminho
Tinha um pau atravessado
Sentei-me em cima do âmago
Deixando a espingarda ao lado
E, olhando para baixo
Vi um rastro de veado.




Fui seguindo as pegadas
Sem nenhuma ilusão
Quando lá em uma árvore
Foi direta minha visão
Avistei um bicho feio
Parecendo a maldição.

A cabeça era de arraia
Fedorento que só timbu
Tinha a camisa de argolas
E o corpo de couro cru
Suas pernas eram cinzentas
Pareciam as de urubu.

Calculei trinta e seis pernas
Naquele animal selvagem
Deveria ter até mais
Pois contar, faltou coragem
E, num instante meditei:
– Meu Deus, é uma miragem.

Recuei entre a folhagem
Para o “monstro” não me ver
Minhas pernas tremiam
Não dando para correr
Porém, deitei-me no chão
Dando para me esconder.



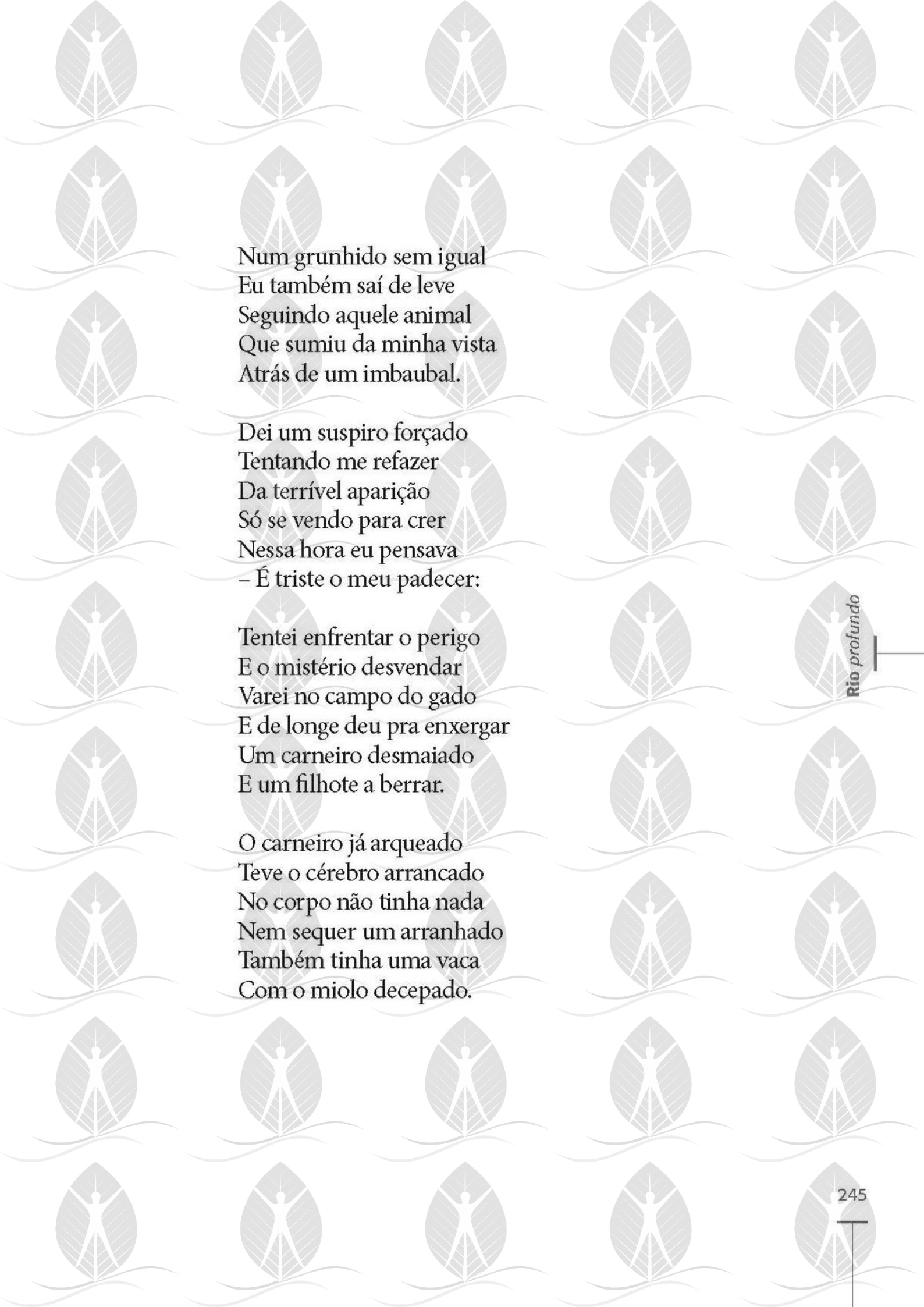
Entre as folhas de cantá
Vi o monstro descomunal
Comecei a observar
O movimento do animal
Dos olhos saía fogo
Que incendiava o matagal.

Por onde se encostava
Ia ficando logo a marca
Tinha vinte carreiras de dentes
Afiados como uma faca
E oito carreira de peitos
Parecidos com os de vaca.

Luis Seivalho

Da calda até a cabeça
Era composto de serra
O grunhido que fazia
Era de bode quando berra
Quando o monstro se mexia
Eu sentia tremer a terra.

Acompanhavam dez chifres
Na cabeça dessa fera
As unhas bem pareciam
Com as de patas de pantera
Eu nunca pensei de ver
Uma aparição como aquela.
O monstro saiu andando




Num grunhido sem igual
Eu também saí de leve
Seguindo aquele animal
Que sumiu da minha vista
Atrás de um imbaubal.

Dei um suspiro forçado
Tentando me refazer
Da terrível aparição
Só se vendo para crer
Nessa hora eu pensava
– É triste o meu padecer:

Tentei enfrentar o perigo
E o mistério desvendar
Varei no campo do gado
E de longe deu pra enxergar
Um carneiro desmaiado
E um filhote a berrar.

O carneiro já arqueado
Teve o cérebro arrancado
No corpo não tinha nada
Nem sequer um arranhado
Também tinha uma vaca
Com o miolo decepado.



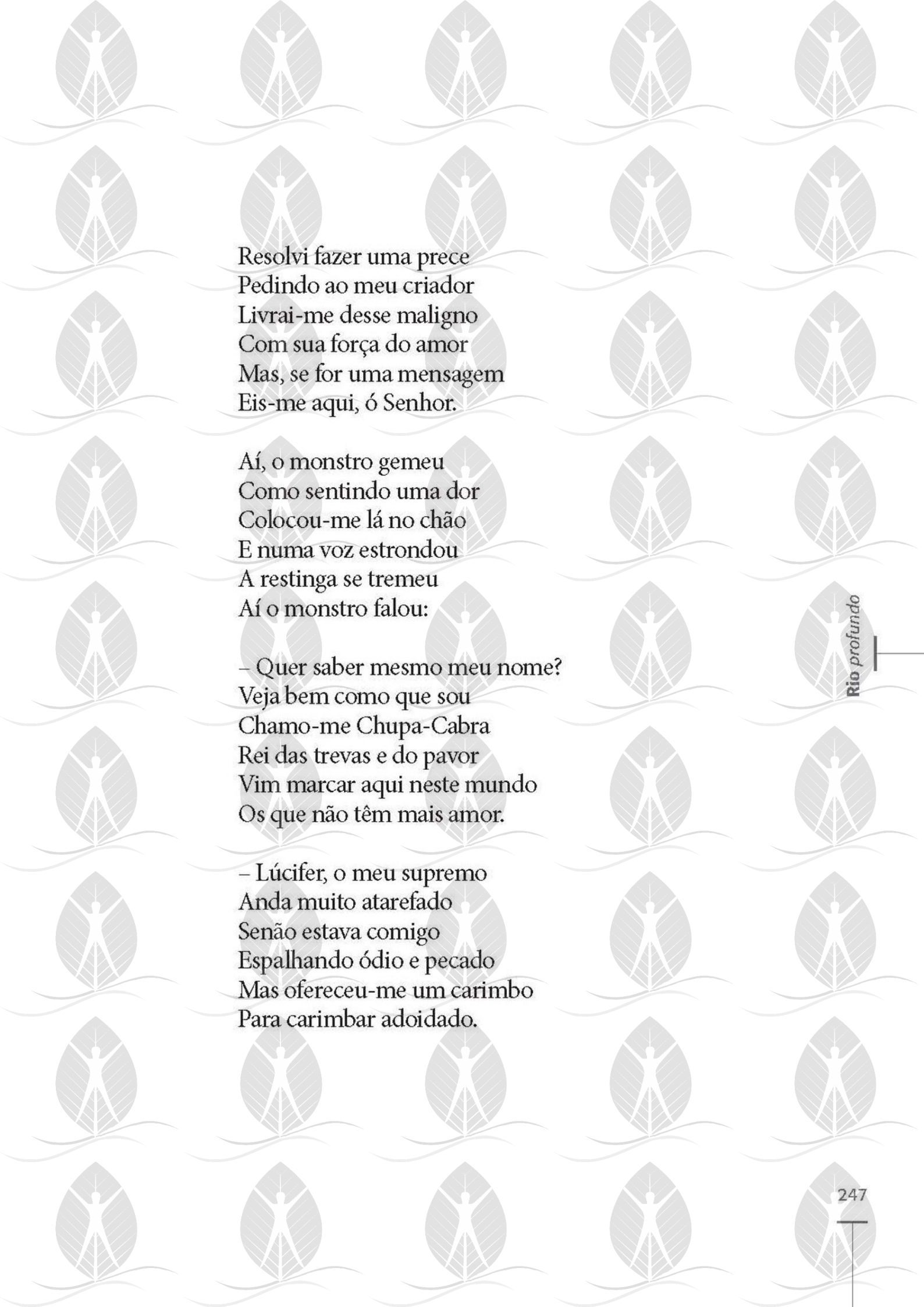
O filhote descontente
Insistia a berrar
Chorava e corria atônito
Como querendo avisar
Que o bicho misterioso
Escorava-me no olhar.

Resolvi pegar o filhote
Para tentar consolar
Qual foi triste meu destino
Quando atrás ouvi chiar
E quando quis me virar
Senti o monstro agarrar.

Luis Servalho

Criei força e coragem
Igualmente a do Sansão
E tentei acertar um soco
Na enorme aparição
Mas o monstro depravado
Suspendeu-me pelo calção.

Fui subindo lentamente
Sem defesa para lutar
Pendurado pelo calção
Não tinha como escapar
Parecia uma tucandeira
Na língua do Tamanduá.




Resolvi fazer uma prece
Pedindo ao meu criador
Livrai-me desse maligno
Com sua força do amor
Mas, se for uma mensagem
Eis-me aqui, ó Senhor.

Aí, o monstro gemeu
Como sentindo uma dor
Colocou-me lá no chão
E numa voz estrondou
A restinga se tremeu
Aí o monstro falou:

– Quer saber mesmo meu nome?
Veja bem como que sou
Chamo-me Chupa-Cabra
Rei das trevas e do pavor
Vim marcar aqui neste mundo
Os que não têm mais amor.

– Lúcifer, o meu supremo
Anda muito atarefado
Senão estava comigo
Espalhando ódio e pecado
Mas ofereceu-me um carimbo
Para carimbar adoidado.




– No carimbo tem os números
Seiscentos e sessenta e seis
Que misturado à estircnina
Com a pena da galinha pedrês
Fica pronta a maldição
Que vou selar em vocês.

Escutei as profecias
Sem que pudesse piscar
Meu corpo todo tremia
Sem eu sair do lugar
Preso numa força estranha
Era o jeito concordar.

Luis Sevalho

No seu último segredo
O monstro desapareceu
Resolvi apalpar meu corpo
Confirmando se era eu
E num instante, em segundos
Minha vista escureceu.

Quando fui me recordar
Desse mistério intrigado
Já estava rodeado
Dos parentes ao meu lado
Que me trouxeram para cá
Para contar o fato passado.



Chega ao fim essa história
Com o suspense ainda no ar,
Será que o Chupa-Cabra
Aparece em todo lugar?
Se for verdade que ele existe
Ainda vai te assombrar!!!

O Boto que Assustou Nogueira¹⁵

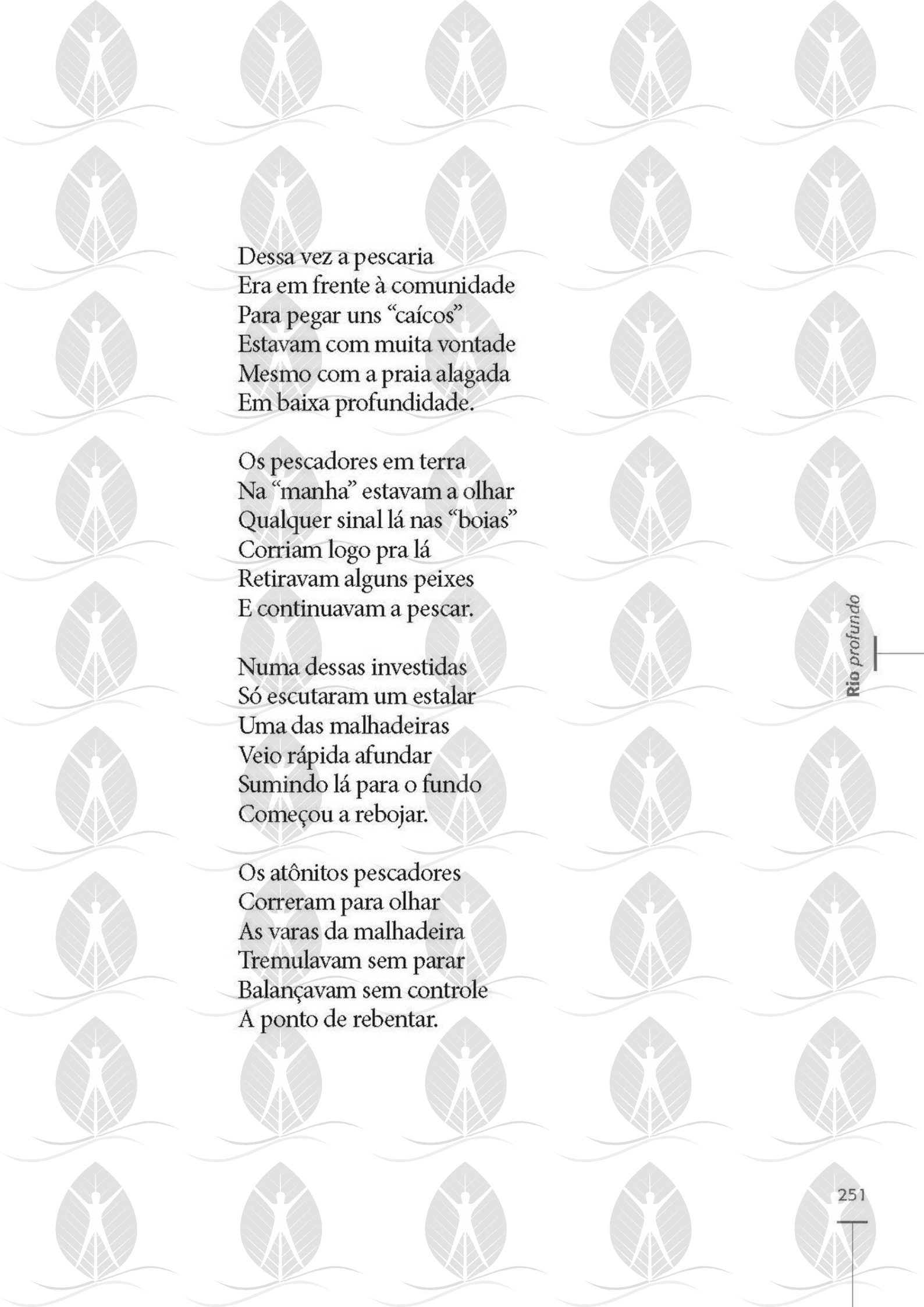


Boto de Nogueira. Desenho de Raimy Ribeiro

Luis Sevalho

O mistério aconteceu
Com Vinícius em Nogueira
Que virou um homem boto
Dando a maior trabalheira
Levando a família à loucura
A chorar a noite inteira.

Numa noite com estrelas
Três pessoas foram pescar
Atearam as malhadeiras
Na presença do luar
Esperando a toda sorte
O cardume se malhar.




Dessa vez a pescaria
Era em frente à comunidade
Para pegar uns “caícos”
Estavam com muita vontade
Mesmo com a praia alagada
Em baixa profundidade.

Os pescadores em terra
Na “manha” estavam a olhar
Qualquer sinal lá nas “boias”
Corriam logo pra lá
Retiravam alguns peixes
E continuavam a pescar.

Numa dessas investidas
Só escutaram um estalar
Uma das malhadeiras
Veio rápida afundar
Sumindo lá para o fundo
Começou a rebojar.

Os atônitos pescadores
Correram para olhar
As varas da malhadeira
Tremulavam sem parar
Balançavam sem controle
A ponto de rebentar.




Pasmados, focaram n'água
Para tentar desvendar
Enxergaram um Boto-fêmea
Sufocando a se malhar
Foi tirar peixe na malha
Levando o maior azar.

Todos três pularam n'água
Vindo a ela desvencilhar
Mas o enorme cetáceo
Já estava a desmaiar
Por fortes golpes da malha
Era difícil escapar.

Luis Sevalho

Uma unânime decisão
Vieram logo tomar
Soltaram o Boto no lago
Para reagir e nadar
Mas o mesmo de bubuia
Flutuava no luar.

Dentro de poucos minutos
Não estavam a esperar
A maldição nessa hora
Chegava nesse lugar
E os primeiros sinais
Começou logo arrasar.




Um enorme balé de botos
Tomou conta do lugar
Várias boiunas aquáticas
Desfilavam em circular
A água logo subiu
Fazendo a rua alagar.

Inconsciente o Boto
Foi levado devagar
Por um cardume de botos
Que pareciam chorar
Pulavam e faziam gestos
Sumindo ao lindo luar.

No final da madrugada
Formou-se um temporal
Das boiunas fogo saía
Em redemoinho, mortal
Que deslizava nas águas
Numa força ascensional.

Temerosos, os pescadores
Começaram a gritar
Mas os fortes gritos dados
Pareciam não ecoar
Mesmo com alguns grunhidos
Ninguém veio acordar.



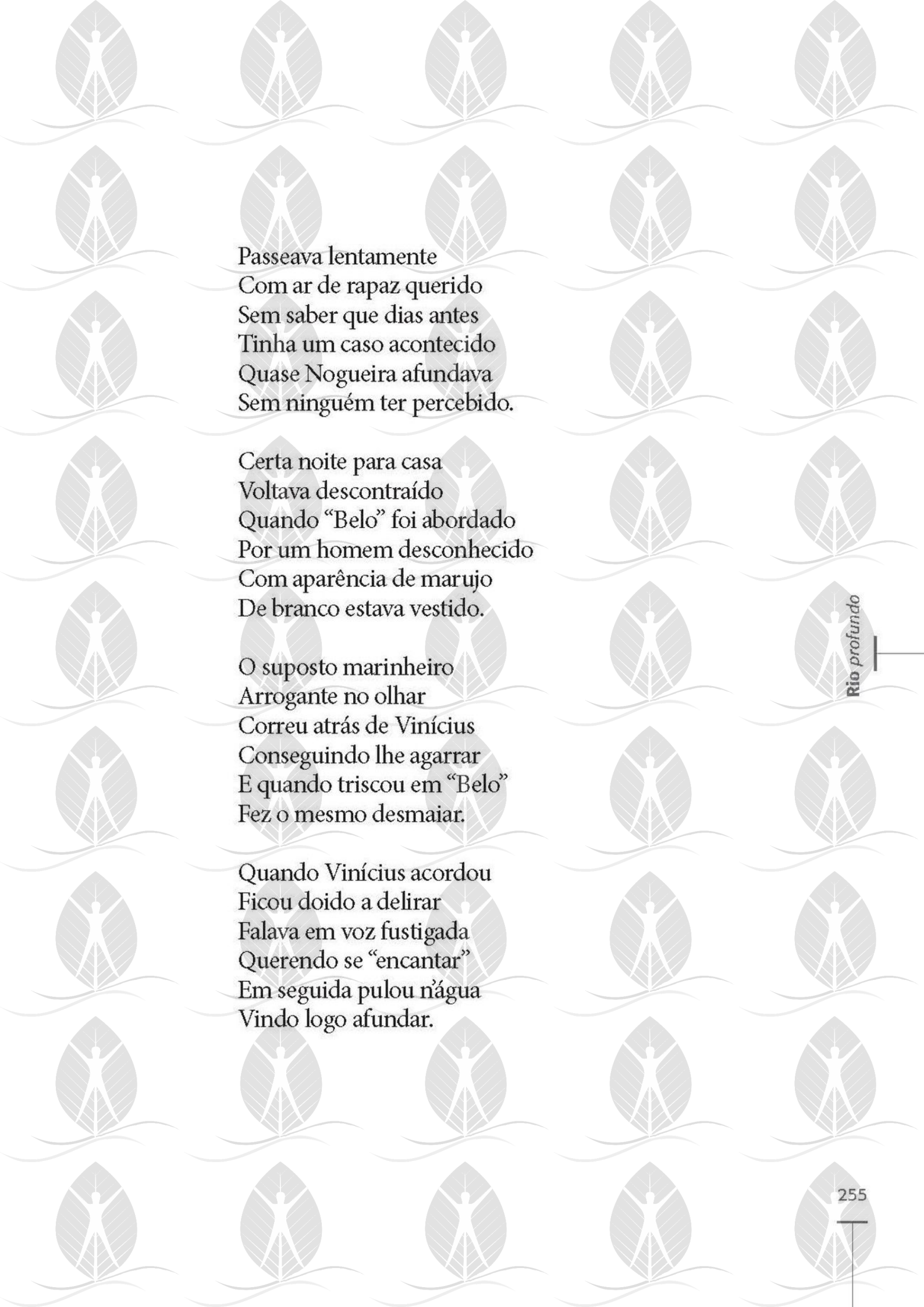
Os indecisos heróis
Começaram a rezar
Mil e quatrocentos santos
Vieram eles se apegar
Sendo um ótimo remédio
Para tudo se acalmar.

As águas foram baixando
A rua deixou de alagar
A comunidade intacta
Não sabia desse azar
Somente os três pescadores
Ofegavam sem parar.

Luis Sevalho

Foram todos para casa
Aflitos no caminhar
Quando o dia amanheceu
Combinaram em não falar
Porque ninguém acreditava
No que eles iam contar.

Vinícius chamado “Belo”
Filho do pai Avelino
E de Raimunda Fogaça
Mostrava-se um bom menino
Não sabia que a maldição
Perseguia o seu destino.




Passeava lentamente
Com ar de rapaz querido
Sem saber que dias antes
Tinha um caso acontecido
Quase Nogueira afundava
Sem ninguém ter percebido.

Certa noite para casa
Voltava descontraído
Quando “Belo” foi abordado
Por um homem desconhecido
Com aparência de marujo
De branco estava vestido.

O suposto marinheiro
Arrogante no olhar
Correu atrás de Vinícius
Conseguindo lhe agarrar
E quando triscou em “Belo”
Fez o mesmo desmaiar.

Quando Vinícius acordou
Ficou doido a delirar
Falava em voz fustigada
Querendo se “encantar”
Em seguida pulou n’água
Vindo logo afundar.




Pai de “Belo” irresoluto
Perdendo o filho no olhar
Chamou a população
Para n'água mergulhar
Pois o rapaz mais bonito
Sumia desse lugar.

Amigos e populares
Caíram na operação
Malhadeiras e anzóis
Funcionavam como arrastão
Procuraram quatro horas
E não trouxeram a solução.

Luis Sevalho

Os comunitários de Nogueira
Não tinham “Belo” esquecido
Nesse dia do sumiço
O cafezinho foi servido
Esperavam o amanhecer
Para o corpo ser remido.

O desespero era tanto
Por “Belo” rapaz franzino
Que Sebastião de nome Cão
Chorava falando fino
Dizendo que a Sarapéua
Tinha encantado o menino.

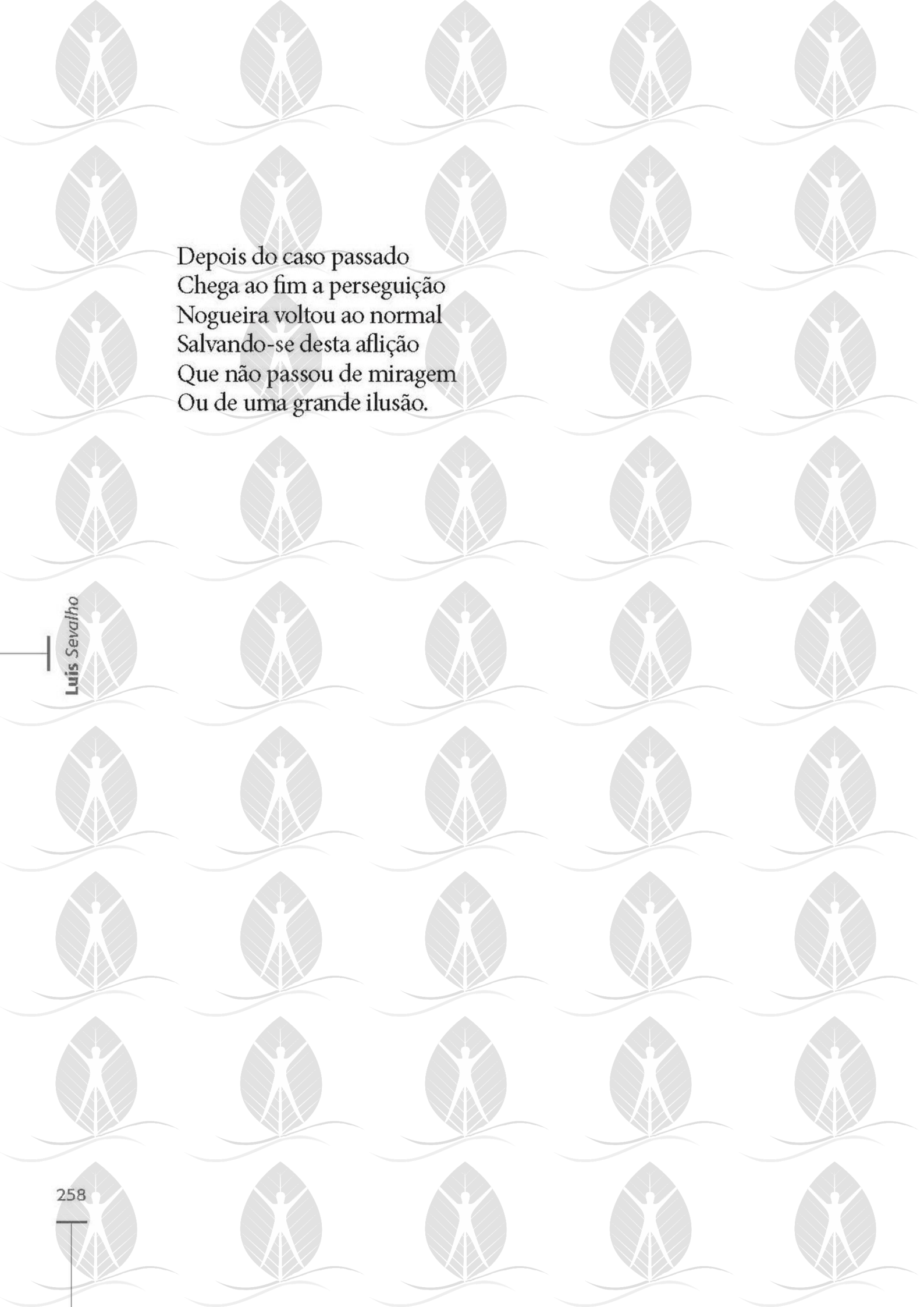


Fizeram então novas buscas
Lamentando o triste destino
Foram em vários igarapés
Do Mineruá até o Jesuíno
Envolvidos em mistérios
Perdidos no desatino.

Enquanto isso, Vinícius
Revivia no “encantado”
Um castelo botolândia
Foi para ele ofertado
Vivendo vida de rei
Esqueceu-se do passado.

Na cidade encantada
Parecia tudo normal
As cobras eram cadeiras
No estilo cerimonial
As arraias transformaram-se
Em chapéu artesanal.

Para voltar a Nogueira
Rei Belo só teve um pensar
Mastigou casca de alho
Para o encanto quebrar
Aí, seus olhos abriram
Vendo a família a chorar.



Depois do caso passado
Chega ao fim a perseguição
Nogueira voltou ao normal
Salvando-se desta aflição
Que não passou de miragem
Ou de uma grande ilusão.

Luis Sevalho

O Desespero de Trolino com o Jacaré do Abial¹⁶

Conto de um pescador




Jacaré pagão. Desenho de Raimy Ribeiro

Escutem só esse caso
História de um pescador
Do incrível jacaré
Que assombrou com horror
Ouça o relato completo
De quem dele escapou.

Em Tefé, com o lago seco
Ouve-se muito falar
Do incrível jacaré
Intrigante em comentar
Porque assusta as pessoas
Apavorando o lugar.

Rio profundo

¹⁶ Abial é um bairro pertencente ao município de Tefé




Comenta assim o pescador
Com muito medo e cuidado
Porque foi quase engolido
Por este monstro azarado
Se não fosse suas astúcias
Teria sido devorado.

– Na madrugada, já voltando
De um marisco muito cansado
Tranquei a velha igara
Num pau ali encostado
Inocentemente estava
Nas costas do desgraçado.

Luis Sevalho

– Tratei de dar-me no pé
Correndo fora do normal
E da praia da Ponta Branca
Vi a cabeça do animal
O “rabo” não deu para ver
Estava embaixo do Abial.

– No outro dia quando contei
Minha terrível aflição
A caçada do jacaré
Ganhou mil repercussão
Todo mundo foi à procura
Inclusive o meu irmão.




Seis dias na Ponta Branca
Já estavam a procurar,
Quatro dragas e dois tratores
Lá estavam a escavar
Rasgavam vários canais
E nada dele encontrar.

Do jacaré, sangue-frio
Ninguém fazia alusão
Pois o mesmo tinha dono
Veja só a confusão
Foi criado em cativeiro
Com muita dedicação.

João Trolino do Abial
Era o grande felizardo
Por criar um monstro sáurio
Mostrava-se empolgado
Sem saber que o bicho-fera
Estava sendo procurado.

Quando Trolino soube
Da cruel perseguição
Convocou os abiauenses
A ficarem de prontidão
E pediu para o Ibama
Suspender a operação.




O Ibama não deu bolas
Ao pedido do João
Que implorava a salvar
O crocodilo pagão
Seu grito não ecoava
No meio da multidão.

O jacaré abiauíense
Vendo João na aflição
Resolveu esnober forças
Para afastar o povão
Só com a mexida do “rabo”
Tremeu o Abial e a Missão.

Luis Sevalho

A torre do Abial
Que conduz a alta-tensão
Mostrou-se enfraquecida
Com as turbulências do pagão
E nesse dia de “tremor”
Sua estrutura veio ao chão.

Desesperado, o Trolino
Receoso do Abial afundar
Pedi calma para todos
Que ele ia mergulhar
E quando chegou lá no fundo
Fez o brutelo acalmar.



Mais a fera dilacerante
De tamanho descomunal
É craque em suas proezas
Assustando o pessoal
E faz sua aparição
Entre Tefé e o Abial.

Na praia da Ponta Branca
Lugar lindo de banhar
Mulheres de fio-dental
Flutuavam a nadar
Até que uma contou
Um caso de assombrar.

Falou ela às colegas
Que numa noite de luar
Ficou sozinha na praia
Encantada a mergulhar
Quando sentiu o jacaré
Com ela se enrolar.

Da luta com o crocodilo
Conseguiu ela escapar
Porém, não sabe dizer
Como veio engravidar
Enjoando a “Ponta Branca”
Nunca mais quis voltar lá.

Como Escapou Sabazinho

Relato de um seringueiro

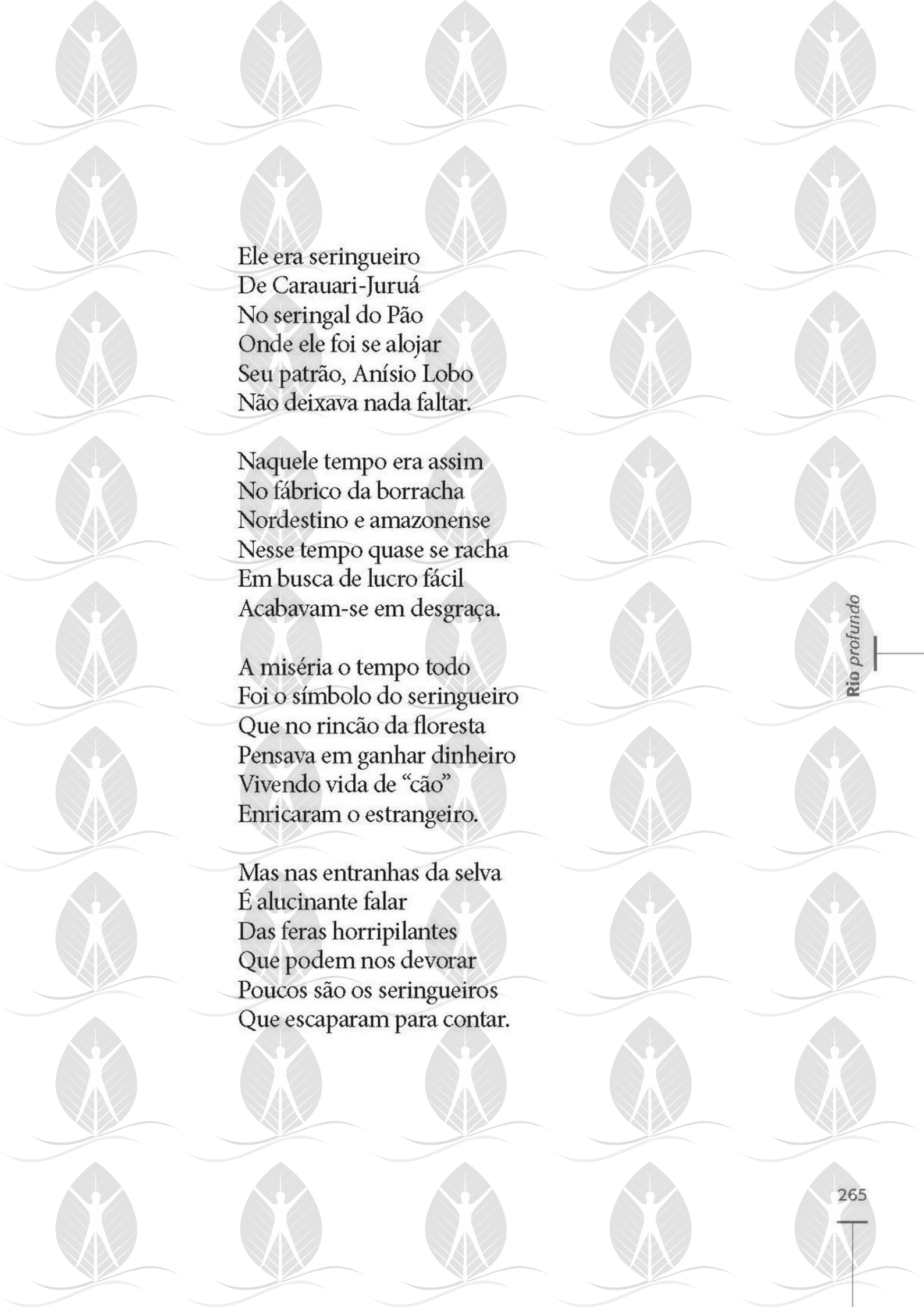


Onça vermelha. Desenho de professores Tikunas de Benjamim Constant

Luis Sevalho

Esta história se passou
No alto rio Juruá
Por isso, prestem atenção
No caso que vou contar
É de uma onça-vermelha
Que amedrontou seu Sabá.

Sebastião ou Sabazinho
Como era de praxe chamar
Tinha doze anos, na época
Quando passou a trabalhar
Numa aventura cruel
Foi a seringa cortar.




Ele era seringueiro
De Carauari-Juruá
No seringal do Pão
Onde ele foi se alojar
Seu patrão, Anísio Lobo
Não deixava nada faltar.

Naquele tempo era assim
No fábrica da borracha
Nordestino e amazonense
Nesse tempo quase se racha
Em busca de lucro fácil
Acabavam-se em desgraça.

A miséria o tempo todo
Foi o símbolo do seringueiro
Que no rincão da floresta
Pensava em ganhar dinheiro
Vivendo vida de “cão”
Enricaram o estrangeiro.

Mas nas entranhas da selva
É alucinante falar
Das feras horripilantes
Que podem nos devorar
Poucos são os seringueiros
Que escaparam para contar.




No seringal Monte Cristo
Ouvia-se muito falar
De uma onça assassina
Que rondava o lugar
Destoando enormes urros
Parecia amedrontar.

Essa onça só queria
Atacar “colocação”
Parati e Santa Helena
Viu na pele essa aflição
Atacou também Aliada
Fortuna e Chupa-Cão.

Luis Sevalho

Ainda no Monte Cristo
Colocação Chupa-Cão
A onça comeu a cabeça
Do colega do Sebastião
Que era vizinho de “estrada”
Considerado um irmão.

Quando isso aconteceu
Sebastião ficou arrasado
Parecia que do seu corpo
Um pedaço foi arrancado
Por perder Antônio Manduca
Um rapaz muito esforçado.




Sabazinho ficou “cabreiro”
Depois do caso passado
Porém durante dois anos
Andava sobressaltado
Só saía para cortar
Se fosse acompanhado.

Possuía como arma
Só a faca e lamparina
E assim o tempo todo
Ia seguindo sua sina
Andava só numa “estrada”
Passando uma ponte fina.

No dia dez de agosto
Sebastião ia cortando
Quando percebeu barulho
Ouviu uma ave cantando
Pensava ser unicórnio
E foi continuando.

Nesse dia, Sebastião
Para voltar se atrasou
Pois a noite já chegava
Quando de novo escutou
Um esturro baixo e grosso
Parecia arrasador.




Acendeu a lamparina
E empunhou a faca-punhal
Com os olhos arregalados
Viu o vulto do animal
Sabazinho se preparou
Para o duelo afinal.

Ele então saiu andando
Ora de costas, ora de lado
Vendo a qualquer momento
Ser pela onça atacado
Rodava e fazia gestos
Num esforço redobrado.

Luis Sevalho

Quando chegou mais adiante
A onça pulou por cima
Sebastião pulou de banda
Atravessou a ponte fina
No pulo, perdeu a faca
Apagando a lamparina.

Nessa hora ficou “gato”
O pobre do Sebastião
Que dava socos sem rumo
No meio da escuridão
Vendo se ele escapava
Da cruel perseguição.




Seu esforço deu em nada
Quando sentiu atracar
A onça-macho, vermelha
Que avançou no Sabá
Mordeu por cima da orelha
Fazendo o sangue espirrar.

Uma fera e um ser humano
Começavam a se derrotar
A onça mordia sem dó
O seringueiro Sabá
Que quase sem reação
Sentia seu corpo sangrar.

A fera continuava
Seu ataque desenfreado
Fortes golpes ela dava
Deixando o corpo rasgado
Pouco a pouco o seringueiro
Sentia-se devorado.

Sabazinho, quase sem vida
Pôde ainda retroceder
Se agarrou com a temível
Não deixando ela correr
E já na ânsia da morte
No nariz veio morder.



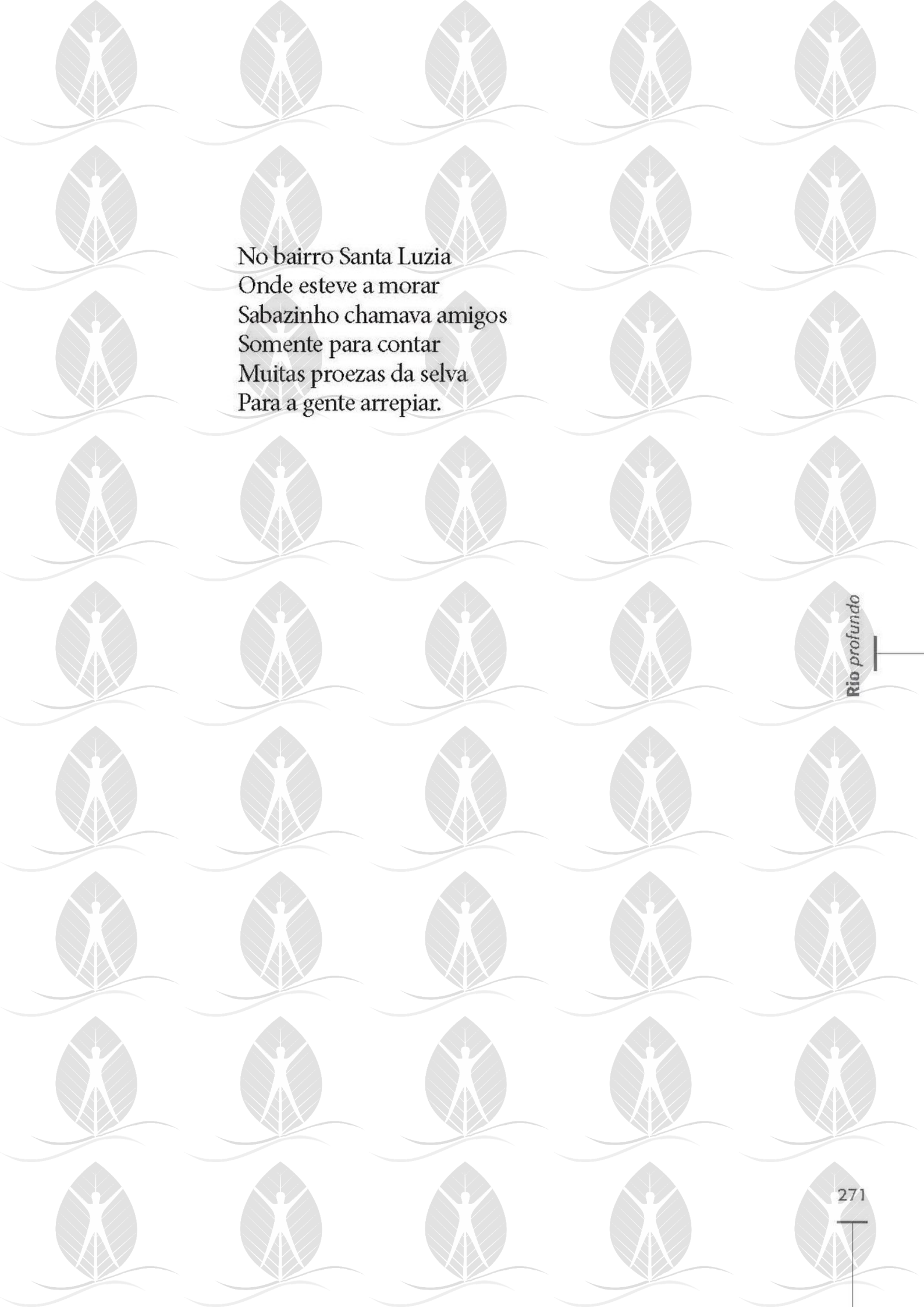
A mordida na vermelha
Fez o nariz arriar
Sabazinho criando forças
Jogou a onça para o ar
Que foi cair lá adiante
Na tronqueira de um inajá.

Ele aí desembestou
No rumo do barracão
Caiu no pé da escada
Só batendo o coração
Chegou sem calça e sem blusa
E também sem o cinturão.

Luis Sevalho

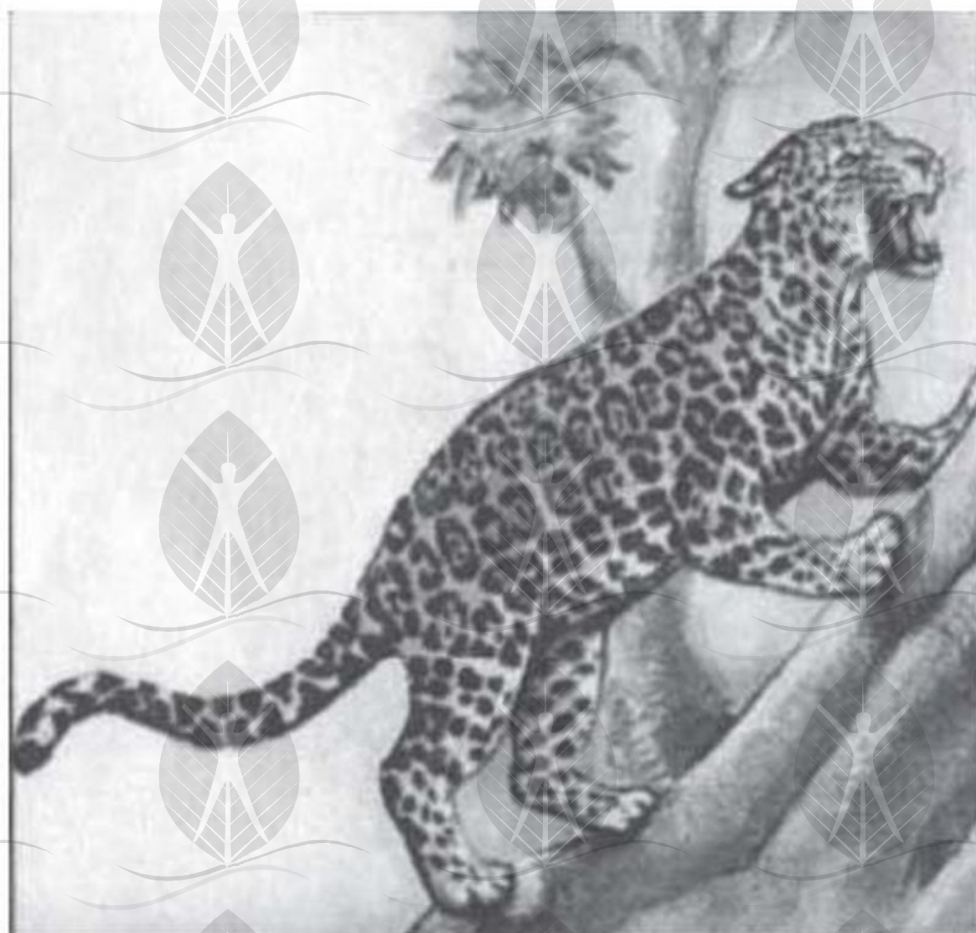
Como não tinha hospital
Nem ninguém habilitado
Para salvar Sabazinho
A ter seu corpo sarado
Pediram a São Judas Tadeu
Para curar o coitado.

Alguns meses enfermo
Sabazinho se recuperou
Só com remédios caseiros
Ele se cicatrizou
Foi assim que o seringueiro
Daquela onça escapou.



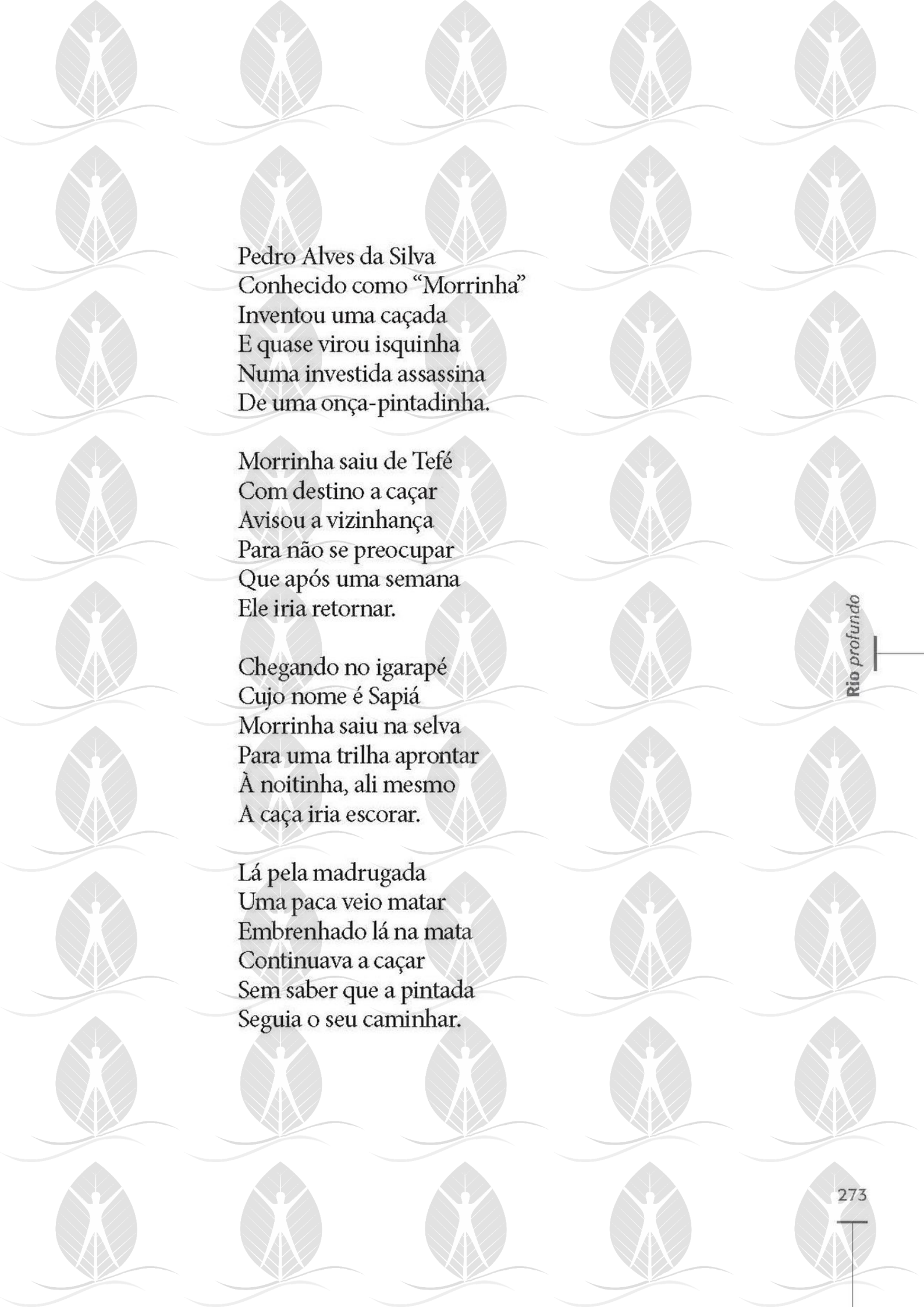
No bairro Santa Luzia
Onde esteve a morar
Sabazinho chamava amigos
Somente para contar
Muitas proezas da selva
Para a gente arrepiar.

A Sangrenta Luta de Morrinha com a Onça no Sapiá¹⁷



Luis Sevalho

Conterrâneo tefeense
Ouça com muita atenção
E veja o que aconteceu
Com Morrinha, nosso irmão
Que escapou de uma onça
Numa intrigante ação.

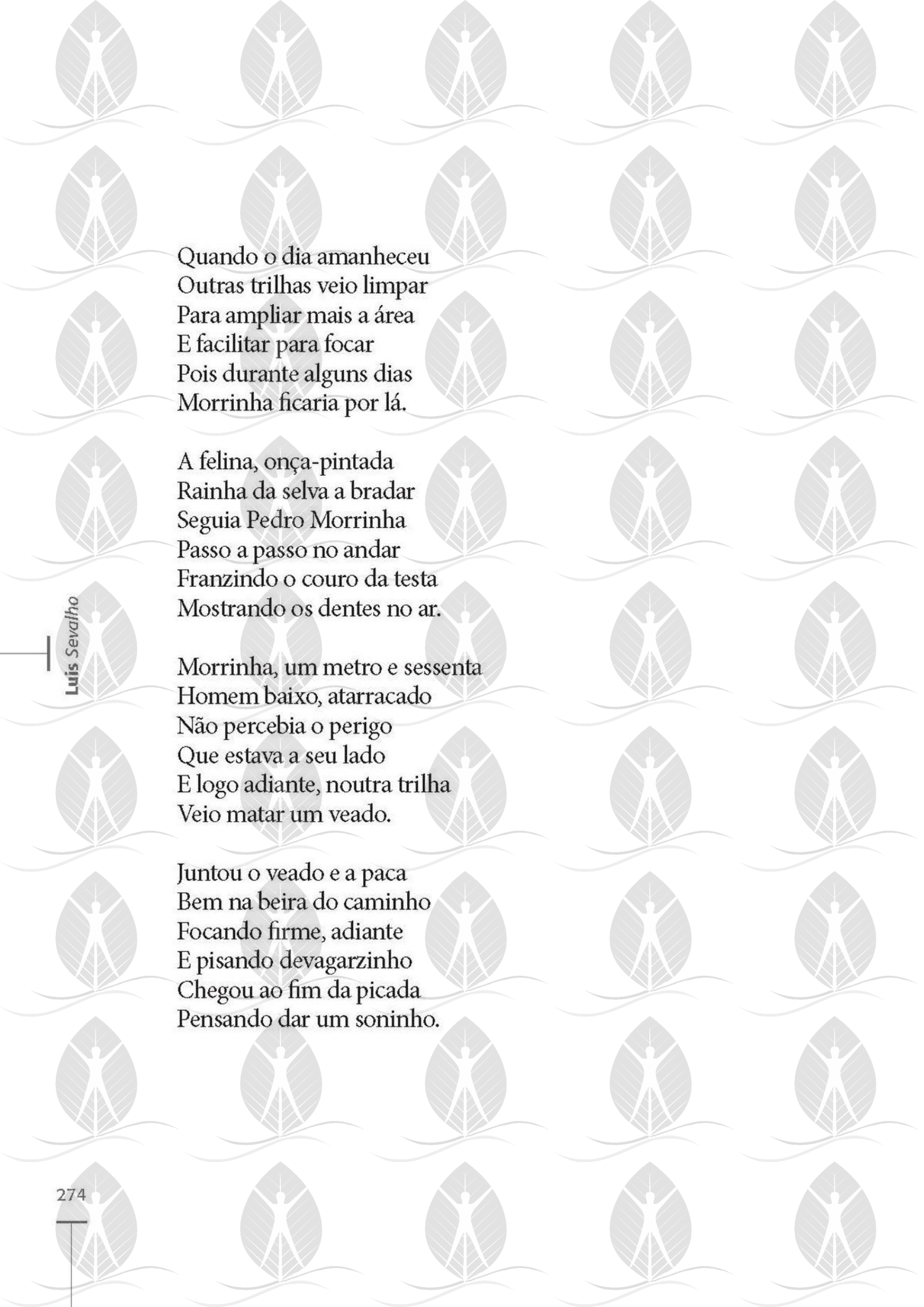


Pedro Alves da Silva
Conhecido como “Morrinha”
Inventou uma caçada
E quase virou isquinha
Numa investida assassina
De uma onça-pintadinha.

Morrinha saiu de Tefé
Com destino a caçar
Avisou a vizinhança
Para não se preocupar
Que após uma semana
Ele iria retornar.

Chegando no igarapé
Cujos nome é Sapiá
Morrinha saiu na selva
Para uma trilha aprontar
À noitinha, ali mesmo
A caça iria escorar.

Lá pela madrugada
Uma paca veio matar
Embrenhado lá na mata
Continuava a caçar
Sem saber que a pintada
Seguia o seu caminhar.




Quando o dia amanheceu
Outras trilhas veio limpar
Para ampliar mais a área
E facilitar para focar
Pois durante alguns dias
Morrinha ficaria por lá.

A felina, onça-pintada
Rainha da selva a bradar
Seguia Pedro Morrinha
Passo a passo no andar
Franzindo o couro da testa
Mostrando os dentes no ar.

Luis Sevalho

Morrinha, um metro e sessenta
Homem baixo, atarracado
Não percebia o perigo
Que estava a seu lado
E logo adiante, noutra trilha
Veio matar um veado.

Juntou o veado e a paca
Bem na beira do caminho
Focando firme, adiante
E pisando devagarzinho
Chegou ao fim da picada
Pensando dar um soninho.




Naquele lugar inóspito
Já querendo cochilar
Morrinha sentiu nos ouvidos
Um ar quente lhe abafar
E quando focou para trás
Sentiu a onça abraçar.

Da impermeável floresta
O animal ali se ergueu
Morrinha esqueceu de tudo
Até de quando nasceu
Mas, de súbito, se deteve
E logo um tiro ele deu.

O tiro saiu de culatra
E a onça enfureceu
Morrinha armou outro tiro
Mas a espingarda bateu
Nessa hora, a pintada
Um forte tapa lhe deu.

Morrinha saiu rolando
Querendo se libertar
Daquele enorme animal
Que queria lhe devorar
Sabia Pedro Morrinha
Que era difícil escapar.




Mas a fera destemida
Tornou de novo avançar
Mostrando enormes dentes
Rugindo fazendo har-ar-ar
Mordeu no braço esquerdo
Que o sangue veio espirrar.

Pedro Morrinha, atônito
Já vendo a morte chegar
Não teve outra opção
Senão de contra-atacar
Porém a onça mais veloz
Mordeu-lhe em cima da pá.

Luis Servalho

Morrinha foi a nocaute
Sem poder se levantar
Sentia seu corpo inerte
Sem tato para dominar
O feroz ataque na pá
Fez Morrinha desmaiar.

A selvagem onça-pintada
Vendo o corpo já no chão
Cravou os ferozes dentes
Quase arrancando o pulmão
Depois disso, fez careta
Lambendo a palma das mãos.




Dando vários rugidos
A onça se retirou
Deixando sem assistência
Nosso pobre caçador
Que dormindo desmaiado
Com meia hora acordou.

Resolveu sair depressa
Para dali se livrar
Mas a fraqueza era tanta
Que não dava para andar
Mesmo assim foi se arrastando
Se safando do lugar.

Quando o dia amanheceu
Pedro Morrinha se alegrou
Arrastando-se nas folhas
Lembrou socorro e gritou
Mas ninguém lhe respondia
Aumentando mais a dor.

Lá no igarapé da Cobra
Um roceiro escutou
E saiu para o Sapiá
De onde o grito ecoou
Foi remando lentamente
E de longe o avistou.




O retrato deplorável
Entre o sorriso e a dor
Foi o gesto de Morrinha
Quando viu o agricultor
Que ao chegar bem pertinho
Abraçou-o com forte amor.

Morrinha, enfermo, ferido
Veio com o agricultor
Chegando no Moquental
Fretaram um deslizador
Fazendo viagem rápida
No hospital se internou.

Luis Sevalho

A notícia em Tefé
Vieram logo espalhar
Para a família de Morrinha
Correram para contar
Diziam que nosso herói
Foi morto no Sapiá.

Outros diziam macabros
Que era chocante falar
Só um pedaço do homem
Foi que vieram encontrar
O resto foi devorado
Pela onça-maracajá.




Os parentes de morrinha
Não queriam acreditar
Pois faltavam ainda um dia
Para da caçada voltar
Mesmo assim ficaram aflitos
Apreensivos no olhar.

As notícias contraditórias
Não tinham como checar
Diziam que estava morto
No igarapé do Tupá
Em frente a São Benedito
Ficando o corpo por lá.

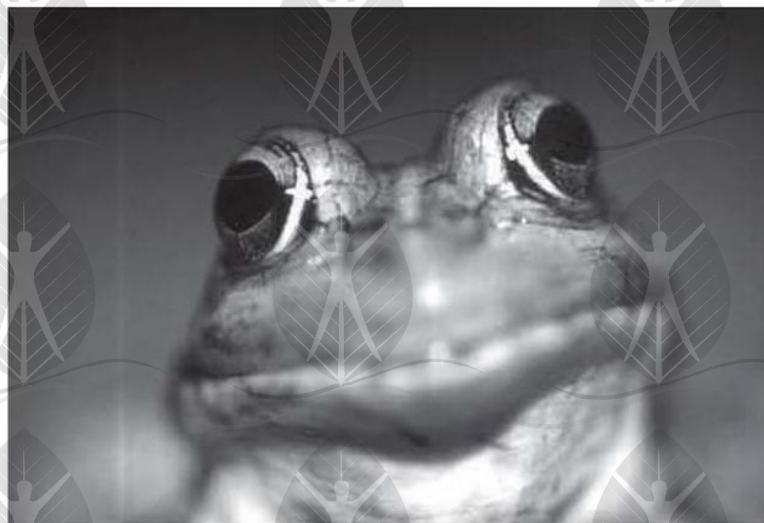
Enquanto isso, no hospital
Morinha ficou a sarar
Vários meses lá passaram
Para bem cicatrizar
E mandou avisar a família
Que dessa ia escapar.

Quando lhe perguntaram
Se queria ainda caçar
Ele respondeu que sim
Porém, nunca no Sapiá
“– Enquanto vida tiver
Não volto nunca mais lá!”



E aqui finda a história
De uma aventura arriscada
Salvando-se o caçador
Da temível onça-pintada
Que na floresta amazônica
É a fera mais respeitada.


As Profecias Mortais do Cururu Teitei



Contam no rio Juruá
Que perto de Caitaú
Reside um enorme sapo
Na localidade Bacururu
De fortes poderes ocultos
Parecendo um guru.

Falam certos visitantes
Da história deste vivente
Dotado de algum mistério
Que até arrepia a gente
Pois os que já viram o sapo
Só enxergaram ele de frente.

Quem tentou olhar por trás
Para as costas dele enxergar
Passou mal. Só viu serpentes
E não pôde mais falar
Uma semana adoeceu
E depois caíram os dentes.




Uns gringos americanos
Que vieram fotografar
Tiveram as fotos queimadas
Na hora de revelar
Pois os mistérios do sapo
Ninguém consegue explicar.

Certa noite, como as outras
Começou a relampear
As estrelas se esconderam
E danou-se a trovejar
Já mais tarde, um pouquinho
O toró veio arriar.

Luis Sevalho

Lá em meia tempestade
Vieram todos escutar
Um forte estrondo na mata
Parecia amedrontar
Quando o dia amanheceu
O sapo não estava mais lá.

Dizem que vem baixando
Em cima de uma jangada
Puxado por um rabeta
Com a perna amarrada
Devendo chegar aqui
Às cinco da madrugada.



Por onde ele vem passando
Já é grande a procissão
De pessoas e canoas
Até a grande embarcação
Tentando triscar no sapo
Para obter salvação.

Quem não for encontrar o sapo
Vai ter a vida assombrada
Porque da sua maldição
Eu não duvido de nada
Uma pessoa que zombou
Teve a casa incendiada.


A Tartaruga Gigante



Luis Sevalho

Conta um bravo navegante
Do grande susto que tomou
Ao navegar no rio Tefé
Uma tartaruga encontrou
Dando-lhe uma encontroada
Sua barcaça naufragou.

Ele ia buscar petróleo
No terminal do rio Urucu
Quando o prático focou
Em frente ao Igarapé-Açu
Viu uma coisa muito estranha
Que reluzia em cor azul.



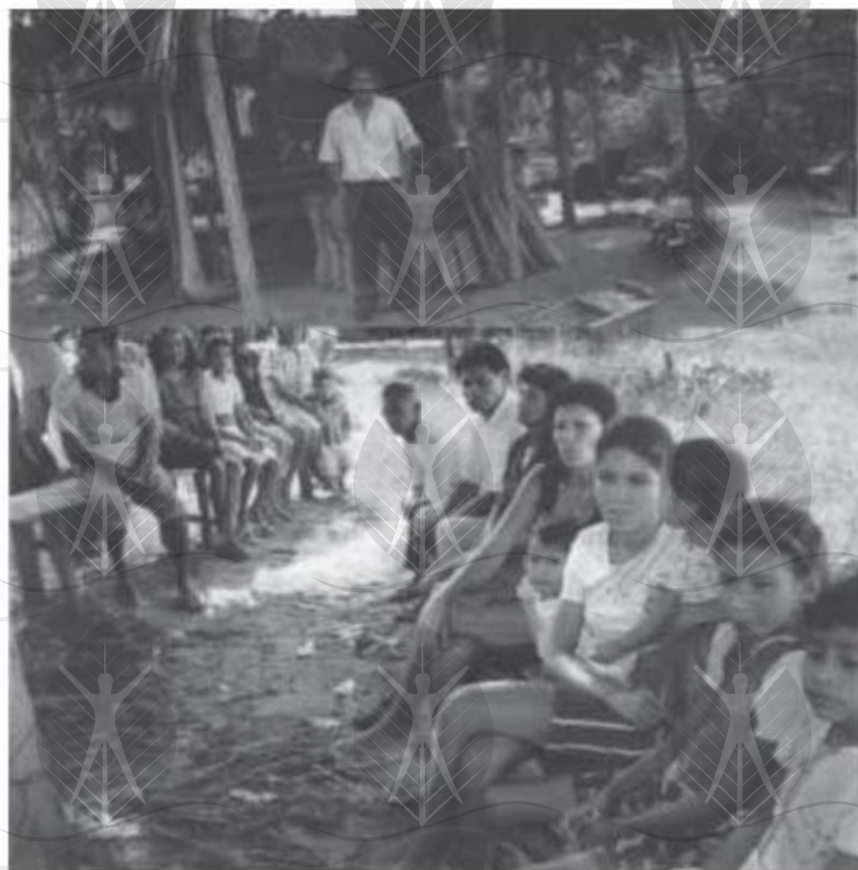
Deu uma guinada na balsa
Para tentar desviar
Daquela enorme montanha
Que poderia lhe matar
Sendo inútil o seu esforço
Viu a barcaça alagar.

Na imensa aflição
A solução foi sacar
Tratou de cortar os cabos
Antes da barcaça afundar
Atirando-se nas águas
Para poder escapar.

A tartaruga desconfiada
Meia-volta veio dar
Subiu depressa o rio Tefé
Dando no pé a se mandar
Temendo que os predadores
Viessem a ela matar.

Capítulo X


Tributo aos Índios



Índios Kambeba – Boará grande – Tefé. *Foto do autor*

Vamos lembrar na história
Dos nossos índios guerreiros
Habitantes da Amazônia
Cobiça dos estrangeiros
Moradores seculares
Daqui foram os pioneiros.

Com o passar do tempo
Surgiu a colonização
Com aventureiros cruéis
Também veio a maldição
Destruindo os nativos
Acabando sua Nação.




Veja agora, caraíba
O depoimento daqui
Que da miscigenação
Nasceu o caboclo a sorrir
Forte, guerreiro e valente
Comedor de jaraqui:

– Sou uma índia sem destino
Por consequência do europeu
Não tenho identidade
Não sei, porém, quem sou eu
Minha tribo pouco a pouco
Sumiu, desapareceu.

Luis Sevalho

– Como índio amazonense
Venho aqui me apresentar
Represento os Kulinas
Lá do rio Juruá
Canto e toco minha flauta
Faço minha tribo dançar.

– Aqui também me apresento
Sou Mayoruna de fé
Nossa arte, o artesanato
Tem o tessume do tupé
Habitamos em Alvarães
Cidade vizinha a Tefé.



- Kokama, Kambeba e Tikuna
Estamos a representar
Nas barreiras das missões
Lá fizemos nosso lar
Também estamos presentes
No Boarazinho e Boará.

E assim a nossa gente
Vai levando sua sina
Enfrentando obstáculos
Mas dando a volta por cima
Recriando nossa Pátria
Na América Latina.

Capítulo XI

A Rural Falando mais Alto¹⁸




Rádio Educação Rural de Tefé. Foto de J. Luiz

Rebuscando velhos tempos
Venho aqui homenagear
Trinta anos de serviço
Da Rural a completar
São trintas anos dourados
Que jamais vão se apagar.

Os fundadores do passado
Merecem aqui a gratidão
Foram eles que trabalharam
Desde a sua fundação
Plantando aqui a semente
A nossa comunicação.

18 Homenagem do autor em 1993, pela passagem do aniversário de 30 anos da Rádio Educação Rural de Tefé. O início do seu funcionamento aconteceu pela primeira vez no dia 15/12/63 que funcionava numa sala do Seminário Espírito Santo.




Saudosos são esses nomes
De dom Joaquim a Guinemé
Padre Paulo, o baluarte
Da Rádio Rural de Tefé
Sem esquecer “in memória”
De Napoleão Sancler.

Dentro da retrospectiva
A ausência me faz lembrar
Daquele nos transmissores
Que ligava a rádio no ar
Lembramos Raimundo Lopes
Saudoso deste lugar.

Luis Sevalho

Com a Rural, veio o MEB
Com a missão de educar
Nosso povo tão sofrido
Precisava avançar
Este já extinto órgão
Vale a pena relembrar.

A Rádio Rural Católica
Já consagrou multidão
Na mais longínqua distância
Com amor e dedicação
Ela sempre está presente
Servindo à população.



Com 100% de audiência
Na cidade e no interior
Continua a Rádio Rural
Que no progresso avançou
E, com a proteção divina,
Nosso povo conquistou.

Capítulo XII

Curiosidades Históricas

A Noiva de Branco



A tradição de vestir especialmente para o dia do casamento vem da Roma antiga, porém o clássico vestido branco foi usado pela primeira vez na Inglaterra pela rainha Vitória, em seu casamento com o príncipe Albert. A partir de então, virou moda em toda Europa. Já o véu da noiva existe desde a Antiguidade, sendo costume dos gregos cobrirem o rosto da noiva durante a cerimônia para proteger a mulher de mau olhado e também dos olhos de outros homens.

O uso de alianças no segundo dedo da mão esquerda para selar o matrimônio vem da tradição cristã, do século 11,

na qual se acreditava que nesse dedo havia uma veia que ia direto ao coração.

Os Padrinhos de Casamento

Por muito tempo, fugas e sequestros eram comuns durante os casamentos. Sem contar os dragões e guerreiros inimigos que estavam sempre prontos para atacar. Para garantir que nenhum imprevisto desse tipo atrapalhasse a felicidade dos noivos, algumas coisas foram cuidadosamente calculadas.

A posição dos noivos:

Noiva do lado esquerdo do futuro marido. Assim, o braço direito dele, o que empunhava a espada, ficava livre para que se defendesse de um possível ataque.

Os padrinhos:

Nem sempre o noivo era capaz, sozinho, de manter a ordem em seu casamento.

Assim, convidava um amigo, geralmente um homem forte, bem bombado e corajoso, para ajudá-lo a garantir a cerimônia e também, depois disso, nas diversas eventualidades durante a vida de casado. Esse tipo de segurança acabou virando um hábito, e hoje se traduz na figura dos padrinhos.

As Bodas do Casamento

Antigamente, se dizia que o casamento era para sempre. A máxima da Igreja Católica Apostólica Romana continua até hoje: “o que Deus uniu o homem não separa”. Mas, hoje, é cada vez maior o número de pessoas que se divorciam, ou que nem se casam. Dizem que agora é só “ficar”.

Alguns têm a felicidade de encontrar o par ideal e chegar a 25 anos de casado, comemorando as famosas bodas de prata. Mas existem outras “bodas” que podem, e devem, ser igualmente comemoradas. Vamos ver o seu caso:

Com 1 ano de casados, vocês estão em bodas de papel.

Ao completar 5 anos, as bodas são de madeira.
Com 10 anos, começam os metais: bodas de zinco.
Aos 25 anos, as famosas bodas de prata.
Se chegarem aos 50 anos de casados, parabéns! Bodas de ouro.

E aos 75 anos, a mais preciosa de todas elas, bodas de diamante. Não vá esquecer de fazer a festa, pois todas essas datas merecem.

O Nheengatu

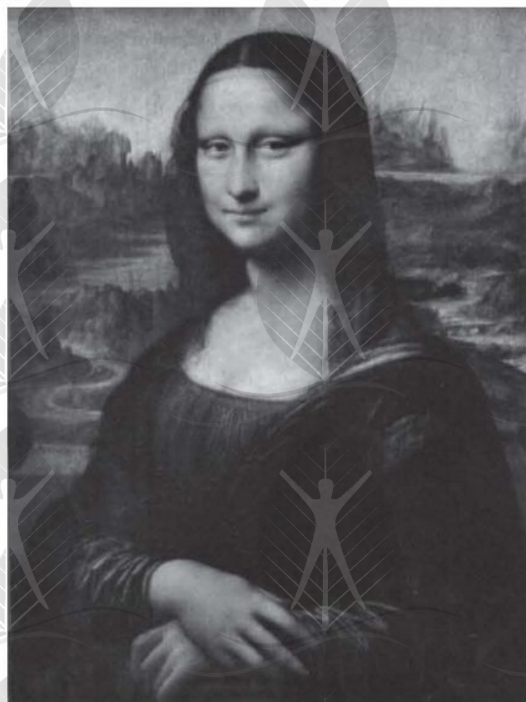
Os povos indígenas da região amazônica falavam centenas de línguas diferentes. Perdido no meio de tantas línguas o colono tinha dificuldades de exercer seu poder de mando sobre os índios, então a solução encontrada foi usar uma língua única que servisse como meio de comunicação entre os portugueses e os diferentes povos indígenas. Essa língua geral foi o Nheengatu, uma variante do Tupi falado no litoral brasileiro.

O Nheengatu foi adotado até em 1854, quando os povos indígenas foram obrigados a falar o português.

Uso da Calça Comprida por Mulheres

A calça comprida feminina se popularizou na Europa durante a Primeira Guerra Mundial por madame Coco Chanell. Naquela época os homens foram tirados das fábricas para irem aos campos de batalha e as mulheres foram substituí-los nas linhas de produção. Acontece que elas iam trabalhar trajando longas saias e vestido até os pés, o que facilitava a absorção dos mesmos pelas polias e eixos das máquinas em alta velocidade. Assim muitas mulheres morreram esmagadas por mecanismo. Com isso, madame Chanell, além de salvar muitas mulheres, criou um estilo ímpar no mundo da moda mundial, pois dependendo das silhuetas de quem a usa, as calças compridas causam *frisson* no imaginário masculino.

O “Sorriso” de Monalisa



Luis Sevalho

Maior obra-prima da pintura de todos os tempos, “Monalisa”, de Leonardo da Vinci, foi um dos primeiros retratos da história da arte ocidental a incluir as mãos do modelo. Até então, retratos mostravam as mulheres apenas do busto para cima.

Já o sorriso contido da Mona é um enigma. Várias hipóteses foram levantadas para explicá-lo, desde tristeza de mãe pela perda do filho pequeno, até dor de dentes. O mais provável é que o marido dela, o milionário florentino Francesco del Giocondo, muito mais velho do que ela, morria de ciúmes e reprimia suas expansões. Daí o sorriso contido e o ar de tristeza.

Por Que Sentimos Cócegas?

Sentir cócegas é uma reação de pânico que o homem adquiriu para defender-se, respondendo rapidamente ao perigo. Por isso, gera sempre uma risada nervosa e desconfortável. Quando uma aranha tentava escalar a perna de um de nossos antepassados, eram as cócegas que faziam perceber e expulsar o bicho sem precisar entender exatamente o que acontecia. De

certa forma, podemos dizer então que as aranhas, escorpiões e insetos em geral são responsáveis pelos ataques de histeria que algumas pessoas sentem hoje quando são cutucadas pelos outros.

O Mais Antigo Livro Impresso do Mundo

O mais antigo dos livros impressos parece ser o *Nuze*, tratado de etiqueta para mulheres, escrito em dez capítulos pela imperatriz chinesa Chang Su. Os originais foram descobertos após a sua morte e a publicação, no início do século 7 da Era Cristã, foi ordenado pelo marido, o imperador Tang Taizong.

Pipa em Quase Todos os Países

A pandorga, pipa, arraia ou papagaio é passatempo muito antigo. Sua idade calcula-se em 2.500 anos. Praticamente em quase todos os países do mundo, é esporte nacional no Sudeste da Ásia, Alemanha, França, Inglaterra e Japão. Nos Estados Unidos, a produção anual chega a somar 80 milhões de unidades. Em Manaus e demais municípios do interior do Estado são comum ver nos finais de semana e feriados adultos e crianças empinando papagaios como forma de lazer e deleite. Mas cuidado! Papagaio com linha de cerol é proibido empinar por causar acidentes.

O Festival do Porco

O vilarejo de Trie-Sur-Baise é uma das áreas de criação de porcos mais importantes e tradicionais da França. Entre os motivos de orgulho dos moradores estão um dos últimos mercados de porcos do país e da famosa Pourcaillade, que tem um festival dedicado exclusivamente à celebração suína. Durante a festa, os franceses se deliciam com salsichas, elegem a melhor fantasia e divertem-se com todo tipo de competição baseada no tema. A mais disputada das brincadeiras é a prova da “imitação de porco”. Os participantes precisam gritar como bicho

em momentos importantes de sua vida: nascimento, refeição, acasalamento etc., vencendo aquele que tiver a interpretação mais fiel. A prova, amada por todos, já foi vencida por um homem de 80 anos e por um menino de 13. Numa dessas competições o campeão foi Michel Vaunin, morador das proximidades de Bordeaux.

Festa da Batata

Os moradores do condado de Clark, em Dakota, nos Estados Unidos, dedicam um dia todos os anos para homenagear sua mais importante fonte de renda, a batata. No Dia da Batata de Clark tudo tem a ver com o famoso tubérculo: os moradores assistem à parada da batata, com carros enfeitados a caráter, fazem concursos de decoração e escultura em batata, mostra de tratores e equipamentos antigos (usado obviamente para o cultivo da ilustre planta), concurso de pratos com batata e até uma luta livre num ringue coberto de purê de batatas. É claro que as crianças não ficam fora da festa, além de apreciarem guloseimas à base de batatas, há o concurso de pintura (no qual se deve pintar o desenho da mascote da festa, ou seja, de uma batata), a corrida de minitrator e outros jogos do tipo. Para aqueles que ficaram com a vontade de ir e ver batatas onde jamais imaginaram, a festa acontece no dia 28 de julho, no noroeste dos Estados Unidos.

Garfos só Chegaram na Europa no Século 11

Apesar de serem objetos muito antigos, os garfos só chegaram no mundo ocidental durante o século 11, na Itália. Antes deles, as refeições eram feitas com colheres de pau, facas, servidas no prato de pau ou de barro. Sem o hábito de comer em mesas as refeições eram servidas aleatoriamente e cada um dava um jeitinho para se alimentar. Muitas pessoas dispensavam as colheres, colocando as próprias mãos no alimento. Criados pelos gregos e adotados no século 7 no Império Bizantino, os talheres trazidos à Europa demoraram a fazer suces-

so. No início, eram usados apenas pela nobreza italiana, sendo que, apenas no século 16 foram popularizados. Os restaurantes europeus demoraram mais ainda para usar os garfos, que eram vistos como objetos desnecessários, de uso afetado. Na Inglaterra, até o início do século 17, eram considerados utensílios efeminados.

A Descoberta do Café

O café, palavra que vem do árabe *qahhwah* e significa “vinho”, foi cultivado pela primeira vez pelo povo muçulmano, sendo por isso conhecido também como vinho da Arábia. As sensações de vigor e ânimo que o fruto proporciona foram descobertas pelo pastor etíope Caldi, que, após perceber que suas cabras andavam agitadas, viu que elas se alimentavam de folhas e grãos de um arbusto específico. Os monges que viviam na região colheram frutos e prepararam um chá. A partir daí passaram a consumir frequentemente a bebida para ficar mais despertos nas noites de vigília e oração. Seu cultivo tornou-se tão importante ao povo árabe que era terminantemente proibido que seus grãos deixassem a região. Todo café negociado era previamente fervido para que não pudesse mais germinar. Apenas no século 17 a planta ganhou a Europa, sendo cultivada na Holanda.

O café foi introduzido no Brasil por Francisco de Melo Palheta, militar e sertanista, que trouxe mudas e sementes da Guiana Francesa para o Pará em 1727. Palheta cultivou essas mudas e conseguiu fazer um pequeno cafezal. A partir daí o cultivo de café espalhou-se por todo o território brasileiro. No final do século 19, 70% da produção mundial provinham dos cafezais do Brasil. A expansão da lavoura do café contribuiu para a acumulação de renda, que auxiliou o desenvolvimento, principalmente, da Região Centro-Sul. O Brasil é ainda hoje o maior produtor de café do mundo.

Como Surgiu a Comemoração do Dia da Criança



CD Tefé 150 anos

Luis Sevalho

O Dia da Criança é comemorado em vários países, porém em dias diferentes do dia 12 de outubro brasileiro. Na China e no Japão, por exemplo, ele acontece em 5 de maio, enquanto em Portugal e Moçambique a data ocorre em 1.º de junho. No Brasil o 15 de novembro é o Dia da Proclamação da República, mas na Índia é o dia das suas crianças.

O dia das crianças brasileiras surgiu por meio de um projeto do deputado federal Galdino do Valle Filho, na década de 20.

Quatro anos depois, em 5 de novembro, o presidente da República Arthur Bernardes aprovou o decreto que instituiu a data de 12 de outubro como dia das crianças, mas por mais de trinta anos a data ficou sendo apenas mais uma no calendário de efemérides do país até Eber Alfred Goldberg ter uma ideia brilhante.

Eber era o diretor comercial da fábrica de brinquedos Estrela do Brasil e, junto com a Johnson & Johnson, empresa de cosméticos e produtos farmacêuticos, ele criou uma promoção, a “Semana do Bebê Robusto”, para aumentar a venda de ambas as empresas. O resultado da promoção foi tão bom que chamou a atenção de várias empresas. Logo, outras promoções

envolvendo os pequenos consumidores começaram a surgir. Como já existia uma data específica para aqueles prováveis consumidores, o 12 de outubro passou a ser uma das metas dos homens de marketing das empresas voltadas para o público infantil. E assim, o dia das crianças passou a ser comemorado.

Todos nós adultos devemos tratar bem das crianças, para que elas possam se sentir seguras no seu dia a dia. A criança precisa estudar, fazer os deveres e alimentar-se bem, brincar e, principalmente, precisa do carinho e do afeto dos pais e dos professores. A infância é a base onde se desenvolve a adolescência e a maturidade. A nossa responsabilidade com o nosso mundo infantil é de fundamental importância para o bom desenvolvimento dos nossos baixinhos.

Como Surgiu o Cemitério



A palavra “cemitério” é de origem latina e quer dizer “quarto de dormir”. O termo hoje designa os lugares onde se sepultam os mortos, também chamados de campo-santo. Foi com o desenvolvimento do Cristianismo que se habituou sepultar os mortos ao redor das igrejas, que por sua vez ficavam responsáveis pelos serviços de zelar pelas tumbas. A partir do século 16 é que o poder público passa a designar terrenos especiais para que os mortos das comunidades possam ser enterrados.

Como Surgiram os Biscoitos da Sorte

Apesar de haver várias versões sobre a origem dos famosos quitutes, a mais antiga conta que eles surgiram na China, no século 12, enquanto os exércitos do país enfrentavam os mongóis. Os soldados no campo de batalha recebiam mensagens enviadas secretamente dentro de biscoitos em forma de Lua, estratégia que lhes rendeu a vitória. A partir daí, o povo oriental passou a trocar os doces com mensagens de felicitações para comemorar a data, nascendo a tradição dos biscoitos da sorte.

A Origem do Sabão

O sabão, mistura de gordura e de um álcali (geralmente soda cáustica) destinada a lavar, branquear e de desengordurar as roupas, antisséptico e de limpeza geral, apareceu na Itália por volta do século 15, trazendo grandes avanços na qualidade de vida de pessoas, pois melhorou a higiene e o conforto. Antes dele as pessoas passavam uma resina no corpo e, somente depois de quinze dias, “raspava” essa substância oleaginosa, retirando as impurezas do corpo, depois que se “molhavam”. Porém a instalação da primeira fábrica de sabão ocorreu em Madri, Espanha, em 1772, pelo comerciante catalão Justo Casas, que se tornou um rico empresário explorando o produto. Os mais ricos daquela época usavam sabões perfumados, precursores dos atuais sabonetes, popularizados a partir do século 18.

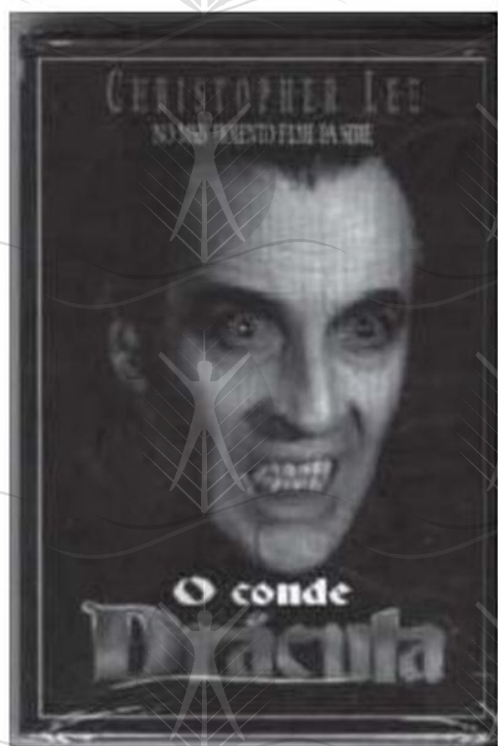
A Origem do Pinóquio

É o personagem da história italiana, escrita por Carlo Collodi, em 1881. Em 1940 ela foi adaptada para o cinema num desenho animado de Walt Disney.

A história mostra um marceneiro que deseja muito ter um filho e cria um boneco chamado Pinóquio. A fada madrinha que dá vida ao menino aconselha-o a ser sincero, valente e generoso. Entretanto, o boneco se envolve em vários problemas. Como castigo, cada vez que mente o nariz de Pinóquio cresce.

Tirando os políticos do Amazonas, Pinóquio acabou por se tornar o símbolo da mentira.

A Origem do Conde Drácula



As histórias do príncipe de Vlândia, o conde Vlad III, apelidado pelo próprio pai de Dracul (dragão, em romeno), por pertencer à Ordem do Dragão, criada no Sacro Império Romano-Germânico, para combater o avanço do islamismo nos Bálcãs, ficaram imortalizadas por meio da obra do escritor irlandês Bram Stoker (1847-1912) e nas telas dos cinemas, virando um verdadeiro mito moderno. O castelo de Tirgoviste, localizado na Transilvânia, região da Romênia, que foi ocupado pelo verdadeiro Drácula, existe até hoje e é uma das atrações turísticas mais visitadas daquele país. Também é considerado um dos lugares mais misteriosos do mundo. Com a morte do pai, adotou o nome Drácula, o Empalador, pelo fato de executar seus inimigos enfiando uma estaca de madeira no ânus da vítima até que ela saísse na boca. Segundo relatos da época, ele tinha o maior prazer ao realizar esses rituais, inclusive mergulhando o pão no sangue que jorrava dos imolados, para depois

comer com muita gana, fato que lhe rendeu a fama de praticar o “vampirismo” (consumo de sangue). Segundo a lenda, durante a invasão dos turcos à Transilvânia, sua bela noiva foi supostamente assassinada por esses invasores, causando enorme ira no príncipe.

Por conta disso, ele teria feito pactos com seres sobrenaturais se tornando uma espécie de poderoso ser demoníaco. A lenda atribui a ele o empalamento de mais 40 mil pessoas, incluindo perto de 20 mil soldados adversários em vingança pela morte de sua amada.

Origem do Tabaco

Acreditava-se que a palavra “tabaco” venha do nome da ilha de Tobago ou da região de Tabasco, no México, alguns dos lugares onde a planta foi primeiramente encontrada; enquanto que o “cigarro” deriva da palavra maia que nomeava o objeto, *sikar*, que significa “fumar”. A planta (*Nicotiana tabacum*) foi fumada pela primeira vez pelos índios americanos, provavelmente os maias que enrolavam suas folhas secas em folhas de palmeira ou de milho.

O cultivo em nossa terra data do século 16. Os índios da Amazônia costumavam aspirar tabaco em pó em vez de fumá-lo, como forma de curar a gripe. A esse pó deu-se o nome de rapé. A Bahia transformou-se rapidamente em um grande centro produtor, seguida por Alagoas, pois o baixo custo do plantio facilitava o cultivo por parte dos pequenos lavradores. Ao final do século 17 o Brasil constituiu-se no maior produtor mundial. Atualmente possuímos grandes plantações de fumo, que é industrializado pelo cigarro, charutos e fumo para cachimbo, além de ser utilizado na composição de inseticidas, vernizes e adubo. No caso da fabricação dos cigarros e charutos, o conselho do Luís Sevalho é para você não fumar porque faz mal à saúde.

Origem da Expressão “Fazer a Sesta”

A expressão “fazer a sesta” refere-se ao hábito dos antigos romanos de descansar após o almoço, o que acontecia na sexta hora do dia.

Na Roma antiga, o dia começava com o raiar do sol às seis da manhã e era costume, como ainda é em muitos países, tirar um cochilo do meio-dia para a tarde. Aqui em Manaus e noutras cidades onde se concentram grandes empresas, já é quase impossível dormir bem, por conta dos turnos de trabalho alternados. Porém ainda é garantido ao trabalhador uma hora de repouso da alimentação no setor de trabalho.

Origem do Gandula

Gandulla era o nome de um argentino que fazia parte da equipe do Vasco da Gama na década de 40. Ele era tão ruim quanto seu time e nunca conseguia entrar nos jogos. Ficava uniformizado na beira do campo e, para não ficar sem fazer nada, corria para pegar a bola que saía na lateral ou na linha de fundo. A torcida passou a se familiarizar com o “Gandulla” e, a partir de então, todos que cumprem o ofício de “repositor de bolas” passaram a ser conhecidos como gandulas.

A Origem do Vidro

O vidro é um corpo sólido, duro, frágil, transparente, obtido pela fusão da areia com soda ou potassa. É produzido há milênios e toma muitas formas e usos afins. Ele foi descoberto por acaso, segundo a versão de Plínio, o historiador romano que relatou o fato segundo as lendas que chegou até o seu conhecimento. Segundo ele, por volta de 3700 a.C., tripulantes de navio fenício, que transportava uma carga de salitre, pararam em uma praia para fazer sua alimentação. Fizeram uma grande fogueira para assar os alimentos e usaram como combustível o próprio salitre (uma substância muito inflamável). O salitre derreteu a areia embaixo da fogueira que, ao esfriar, transfor-

mou-se em uma resistente lâmina de vidro. Talvez essa versão seja inexata, mas o certo é que ele é citado em quase todos os relatos históricos antigos como produto de uso geral e nas relações comerciais. Por exemplo, no livro de Provérbios de Salomão há citações do uso do vidro em forma de vasos, em que servia vinho. Nas ruínas de Pompeia foram achados vasos e copos de vidro de diversos tamanhos e formas. Foi em Roma que surgiram os primeiros vidros coloridos oriundos da Espanha. Por fim, o vidro passou a ser objeto de arte e fantasia durante a Idade Média, com os famosos vitrais enfeitando as catedrais da Europa. Os melhores vidros produzidos hoje são os cristais produzidos na região da Boêmia na Europa central.

Origem da Expressão "Vá se Queixar ao Bispo"

A expressão popular tem origem no período colonial, quando o bispo exercia autoridade em matéria de justiça na ausência de um ouvidor, funcionário da Coroa responsável por aquela instância. A versão que prevalece é a de que a necessidade urgente de povoar as terras levou os prelados a permitir a prática do ato sexual antes do casamento, desde que o sacramento se confirmasse posteriormente.

Há referências de que o costume também atendia ao propósito de verificar se as mulheres eram férteis. Ocorre que muitos homens espertinhos faziam os filhos e fugiam do compromisso, como acontece até aos dias de hoje, lesando as mulheres que na época iam se queixar ao bispo.

Origem da Expressão "Santo do Pau Oco"

A expressão remonta ao período colonial, mais especificamente ao século 18, época da extração do ouro e dos diamantes em Minas Gerais. Os altos impostos cobrados pela Coroa aos mineradores, principalmente o quinto, ocasionaram revoltas na capitania e favoreceram a prática do contrabando. Para que o ouro em pó e os diamantes saíssem das vilas e arraiais mineiros sem que as autoridades percebessem, eram colocados no

interior de imagens ocas de santos (muitas eram de madeira). Hoje a expressão é usada para se referir à pessoa dissimulada, que não é o que aparenta.

Origem da Expressão “Sem Eira nem Beira”

A expressão veio de Portugal e chegou ao Brasil ainda nos tempos coloniais, relacionando-se ao aspecto das moradias. A eira consistia em um espaço plano, espécie de lajeado ou pátio de terra batida ou cimentado no exterior das casas, usado para secagem de grãos. A beira, por sua vez, era a carreira de telhas que ultrapassava as paredes, o beiral do telhado. Como as habitações demonstravam e demonstram o padrão de riqueza dos proprietários, aquelas que não possuíam eira nem beira eram as mais simples. Por isso, atualmente a expressão faz referência aos que não têm bens materiais e vivem na pobreza.

A Origem da Fênix

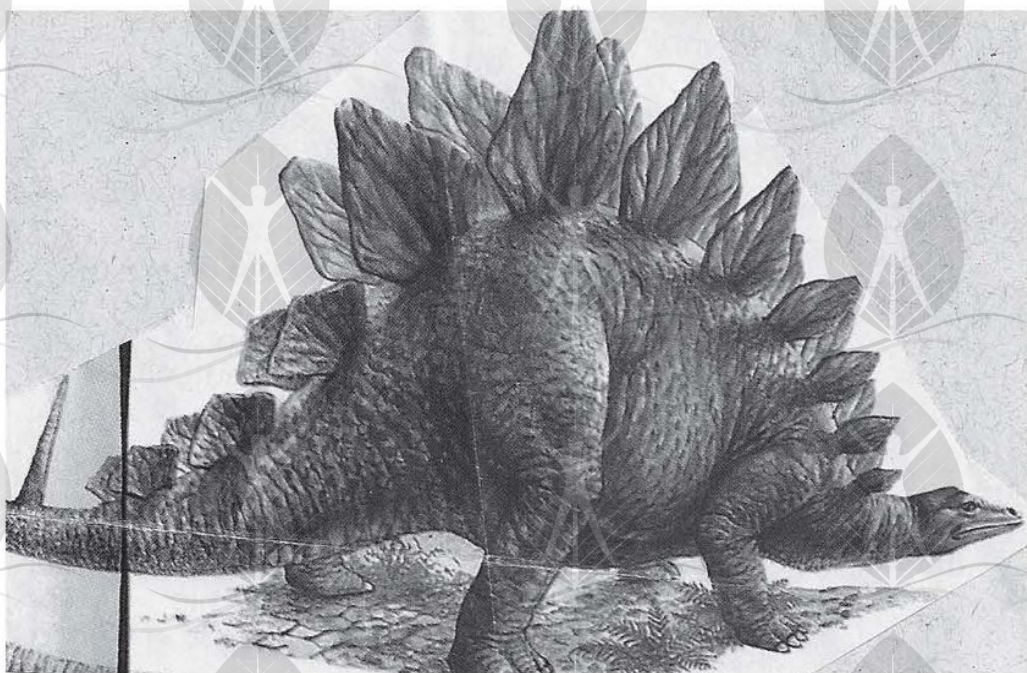
A figura da Fênix originou-se no Egito, mas foi venerada também pelos gregos. Conta a lenda que a ave era constituída de fogo e vivia por vários séculos. No fim de sua existência, o grande pássaro queimava em uma pira de ervas mágicas e logo depois renascia das próprias cinzas, sendo então considerado um ser eterno. Essa propriedade mística tornou-se o símbolo da imortalidade da alma e também dos anos, que morrem e renascem a cada 365 dias.

A Origem dos “Dinossauros”

A palavra dinossauro foi usada pela primeira vez pelo anatomista e paleontologista britânico Richard Owen (1804-1892). Após a descoberta no sul da Inglaterra de fósseis de répteis gigantes, chamados de *Megalosaurus*, *Iguanodon* e *Hylaeosaurus*, Owen resolveu batizar o grupo, e em 1842 chamou-os de dinosauria, que significa “largatos terríveis”. Eles formam grupo de répteis extinto, que foi a forma de vida ter-

restre dominante no planeta desde 230 milhões de anos até 65 milhões de anos.

Os dinossauros viveram em todos os continentes e até agora já foram registradas pelo menos mil espécies diferentes, desde os terríveis predadores, como o *Tyrannosaurus rex* e o feroz *Velociraptor*, aos gigantescos herbívoros como o *Brachiosaurus*, de pescoço comprido, e o blindado *Stegosaurus*. Alguns dinossauros eram provavelmente endotérmicos (de sangue quente), ao contrário dos répteis atuais. Punham ovos e alguns deles cuidavam das crias. Dividiam-se em dois grandes grupos, os saurísquios, ou dinossauros com quadris de lagarto, que incluíam os carnívoros e alguns grandes herbívoros como *Apatosaurus*, e os ornitísquios, ou dinossauros com quadris de ave, que incluíam herbívoros como os *Iguanodontes* e os hadrossauros de bico-de-pato. A razão da extinção dos dinossauros permanece um mistério. A extinção de muitas outras espécies mais ou menos na mesma época – incluindo grupos como os petrossauros voadores e os plessiosauros marinhos – sugere que algum grande cataclismo, como a colisão com um asteroide que tivesse causado uma modificação do clima, pode ter sido o fator responsável.




Capítulo XIII

Datas Históricas do Brasil e do Mundo

Janeiro

- 1 – Confraternização Universal – Dia de Ano e Dia Mundial da Paz.
- 2 – Dia da Abreugrafia.
- 3 – Dia do Hemofílico.
- 4 – Criação do Estado de Rondônia.
- 5 – Criação da 1.^a Tipografia no Brasil.
- 6 – Dia dos Reis Magos e Dia da Gratidão.
- 7 – Dia da Liberdade de Culto.
- 7 – Dia do Leitor.
- 8 – Dia do Fotógrafo.
- 9 – Dia do Fico, de 1822.
- 11 – Dia do Astronauta e Dia do Controle da Poluição por Agrotóxicos.
- 12 – Aniversário de Belém-PA.
- 12 – Fundação da UEA, em 2001.
- 12 – Dia do Empresário de Contabilidade.
- 14 – Dia do Enfermo e Dia do Treinador de Futebol.
- 15 – Dia dos Adultos e Dia Mundial do Compositor.
- 16 – Dia do Cortador da Cana-de-Açúcar.
- 17 – Dia dos Tribunais de Contas.
- 20 – Dia do Farmacêutico.
- 20 – Dia de São Sebastião
- 20 – Aniversário do Rio de Janeiro-RJ.
- 20 – Dia do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro-RJ.
- 20 – Dia do Brinde.
- 21 – Dia Mundial da Religião.
- 24 – Dia Nacional do Aposentado.
- 24 – Dia da Previdência Social.
- 24 – Dia da Constituição.
- 24 – Instituição do Casamento Civil no Brasil.

- 
- 25 – Dia do Carteiro.
 - 25 – Aniversário de São Paulo, em 1554.
 - 25 – Criação dos Correios e Telégrafos no Brasil.
 - 27 – Dia da Elevação do Brasil a Vice-Reinado, em 1763.
 - 27 – Dia do Orador.
 - 28 – Dia do Portuário e do Comércio Exterior.
 - 28 – Abertura dos Portos Brasileiros por D. João VI, em 1808.
 - 30 – Dia da Saudade.
 - 30 – Dia Nacional das Histórias em Quadrinhos.
 - 30 – Dia da Não Violência.
 - 31 – Dia Mundial dos Mágicos.
 - 31 – Dia Mundial da Solidariedade.
 - 31 – Lançamento do 1.º satélite nos EUA, em 1958.
 - 31 – Falecimento de Beto Carrero, em 2008.
 - 31 – Dia Mundial do Hanseniano.

Fevereiro

- 1 – Dia do Publicitário.
- 2 – Dia Mundial das Áreas Úmidas.
- 2 – Dia de Iemanjá.
- 2 – Dia do Agente Fiscal.
- 4 – Aniversário de Macapá-AP.
- 5 – Dia do Datiloscopista.
- 6 – Dia do Agente de Defesa Ambiental.
- 7 – Dia do Gráfico.
- 8 – Quadro do Magistério Militar.
- 10 – Dia do Atleta Profissional.
- 11 – Dia do Zelador.
- 11 – Dia Mundial do Enfermo.
- 11 – Criação da Casa da Moeda.
- 13 – Dia da Criação do IBGE.
- 14 – Dia do Amor.
- 14 – Criação do Ministério da Educação, em 1930.
- 16 – Dia do Repórter.
- 19 – Dia do Esporte – Esportista.

- 
- 20 – Criação do Correio Aéreo Nacional (CAN), em 1941.
21 – Tomada de Monte Castelo pela FEB, em 1945.
21 – Data Festiva do Exército.
22 – Criação do Ibama, em 1989.
23 – Dia do Surdo-Mudo.
23 – Dia do Rotariano.
24 – Promulgação da 1.^a Constituição Republicana, em 1891.
25 – Dia da Criação do Ministério das Comunicações.
26 – Eleição dos primeiros governantes republicanos do Brasil, em 1891.
27 – Dia Nacional do Livro Didático.
27 – Dia do Idoso.
27 – Dia do Agente Fiscal da Receita Federal.
28 – Implantação da Zona Franca de Manaus pelo Decreto-Lei n.º 288, de 28 de fevereiro de 1967. Foi criada com o objetivo de atrair interesses econômicos e financeiros para o interior da Amazônia. O projeto de criação da ZFM foi do deputado federal Francisco Pereira da Silva, “Chico Quia-bo”, do PTB do Amazonas, em 1957.

Março

- 1.^a sexta-feira – Dia Mundial da Oração.
1 – Dia do Turismo Ecológico.
2 – Dia do Turismo.
3 – Dia do Meteorologista e dos Dirigentes das Sociedades.
5 – Dia do Filatalismo Brasileiro e Mundial da Oração.
7 – Dia dos Fuzileiros Navais.
8 – Fundação do Recife-PE.
8 – Dia Internacional da Mulher, em 1857.
9 – Dia das Sociedades de Amigos de Bairro.
10 – Dia do Sogro e do Dia do Telefone.
12 – Dia da Biblioteca e do Bibliotecário.
12 – Aniversário do Recife-PE.
14 – Dia do Vendedor de Livros.
14 – Dia Nacional da Poesia e Dia dos Animais.

- 
- 15 – Dia Mundial dos Direitos do Consumidor.
17 – Dia Internacional da Marinha e Aniversário de Aracaju-SE.
18 – Dia da Paz e da Compreensão.
19 – Dia da Escola.
19 – Dia do Carpinteiro – São José e Dia do Marceneiro.
19 – Dia do Funcionário Público Municipal.
19 – Dia Nacional do Artesão.
20 – Início do outono e Dia Nacional do Teatro para a Infância e Juventude.
21 – Dia da Infância e Dia da Floresta
21 – Dia do Outono no Hemisfério Sul (Brasil).
21 – Dia Nacional da Eliminação da Discriminação Racial.
22 – Dia Mundial da Água.
23 – Aniversário de Florianópolis-SC.
23 – Dia Mundial da Meteorologia.
24 – Dia Mundial de Combate à Tuberculose
26 – Fundação de Porto Alegre-RS, em 1772.
26 a 31 – Semana da Saúde e Nutrição.
26 – Dia do Cacau.
26 – Dia do Mercosul – comemorado a partir do Tratado de Assunção, em 1991.
27 – Dia da Inclusão Digital.
27 – Dia do Teatro e Dia do Circo.
28 – Dia do Diagramador.
28 – Dia do Revisor de Texto.
29 – Aniversário de Salvador-BA.
29 – Aniversário de Curitiba-PR.
31 – Revolução Militar de 1964 e dia “D” da Educação.
31 – Dia da Integração Nacional e Dia da Saúde e Nutrição.

Abril

- 1 – Dia da Mentira.
1 – Dia do Humanismo.
1 – Dia do Humorista.
1 – Dia da Abolição da Escravatura dos Índios – 1680.

- 
- 2 – Dia Internacional do Livro Infantil.
3 – Dia do Campo.
4 – Dia Nacional do Portador de Doença de Parkinson.
4 – Asilo político do presidente João Goulart no Uruguai, em 1964.
6 – Descobrimto do Polo Norte, em 1900.
7 – Dia do Corretor.
7 – Dia do Jornalista.
7 – Dia Mundial da Saúde.
7 – Dia do Médico Legista.
8 – Aniversário de Cuiabá-MT.
8 – Dia do Correio.
8 – Dia Mundial de Combate ao Câncer.
8 – Dia da Natação.
9 – Dia do Aço.
10 – Dia da Engenharia.
12 – Dia da Enfermagem.
12 – Dia do Obstetra.
13 – Aniversário de Fortaleza-CE.
13 – Execução pela primeira vez do Hino Nacional, em 1831.
13 – Dia do Office-Boy.
13 – Dia dos Jovens.
13 – Dia Mundial do Beijo.
14 – Dia do Pan-Americano.
14 – Dia Internacional do Café.
14 – Dia da Tomada de Montese – Itália.
15 – Dia do Desarmamento Infantil.
15 – Dia da Conservação do Solo.
15 – Dia Mundial do Desenhista.
16 – Dia da Voz.
16 – Dia de Lions.
17 – Dia Nacional de Luta pela Reforma Agrária.
17 – Dia Internacional das Lutas Camponesas.
17 – Dia da Botânica.
18 – Dia do Amigo.
18 – Dia Internacional do Radioamador.
18 – Dia Nacional do Livro Infantil.

- 
- 18 – Dia de Monteiro Lobato.
19 – Dia de Santo Expedito – o santo das ajudas urgentes.
19 – Semana dos Povos Indígenas – Dia do Índio.
19 – Dia do Exército Brasileiro.
19 – Fundação do jornal *A Crítica* – AM, 1949.
20 – Dia do Diplomata.
20 – Dia do Disco.
21 – Dia da Latinidade.
21 – Dia da Polícia Militar e Polícia Civil.
21 – Aniversário de Brasília-DF, em 1960.
21 – Dia de Tiradentes – Símbolo da Liberdade e Patrono da Nação Brasileira.
21 – Dia nacional da Paz no Trânsito.
21 – Dia do Metalúrgico.
22 – Pedro Álvares Cabral chega ao Brasil em 1500.
22 – Dia da Força Aérea Brasileira – FAB.
22 – Dia da Comunidade Luso-Brasileira.
22 – Dia do Planeta Terra.
23 – Dia do Choro (musical).
23 – Dia Mundial do Escoteiro (1908).
23 – Dia de São Jorge.
23 – Dia Mundial do Livro e do Direito do Autor.
24 – Dia Internacional do Jovem Trabalhador.
24 – Dia do Agente de Viagem.
25 – Dia do Contabilista.
26 – Dia Mundial das Nações.
26 – Realização da 1.^a Missa no Brasil em 1500.
26 – Dia do Goleiro.
26 – Dia Nacional de Prevenção e Combate à Hipertensão.
27 – Dia da Empregada Doméstica.
27 – Dia Mundial do Teatro.
28 – Dia da Educação.
28 – Dia da Sogra.
28 – Dia Nacional da Caatinga.
30 – Dia do Ferroviário.
30 – Dia Nacional da Mulher.

Maio

- 1 – Dia Mundial do Trabalho.
- 1 – Dia da Literatura Brasileira.
- 2.º domingo de maio – Dia das Mães, de 1907.
- 2 – Dia Nacional do Ex-Combatente.
- 3 – Dia do Parlamento.
- 3 – Dia do Sertanejo.
- 3 – Dia Mundial da Liberdade de Imprensa.
- 3 – Dia do Pau-Brasil.
- 3 – Dia do Solo.
- 5 – Dia do Expedicionário.
- 5 – Dia da Comunidade.
- 5 – Dia do Campo.
- 5 – Dia Nacional das Comunicações.
- 5 – Dia de Marechal Rondon.
- 6 – Dia do Taquígrafo.
- 6 – Dia do Cartógrafo.
- 7 – Instalação da Capitania de São José do Rio Negro, em 1758.
- 7 – Dia do Oftalmologista.
- 7 – Dia do Silêncio.
- 8 – Dia da Vitória Aliada.
- 8 – Dia do Artista Plástico.
- 8 – Dia Internacional da Cruz Vermelha, em 1964.
- 8 – Dia do Profissional de Marketing.
- 9 – Dia da Europa.
- 10 – Dia da Cozinheira.
- 10 – Dia do Guia de Turismo.
- 10 – Dia da Cavalaria.
- 11 – Integração do Telégrafo no Brasil.
- 11 – Dia do Barbeiro.
- 12 – Dia Mundial do Enfermeiro.
- 12 – Dia do Engenheiro Militar.
- 13 – Dia da Estrada de Rodagem.
- 13 – Dia da Abolição da Escravatura, em 1888.
- 13 – Dia Nacional da Denúncia contra o Racismo.
- 13 – Dia da Fraternidade Brasileira.

- 
- 13 – Dia do Automóvel.
13 – Dia do Zootecnista.
14 – Dia do Segurador.
14 a 20 – Semana do Trânsito.
15 – Dia do Assistente Social.
15 – Dia do Gerente Bancário.
15 – Dia Internacional das Famílias.
15 – Dia de Combate à Infecção Hospitalar.
16 – Dia do Gari.
17 – Dia da Constituição.
17 – Dia Mundial das Telecomunicações.
18 – Dia dos Vidreiros.
18 – Dia da Cidade de Palmas-TO.
18 – Dia de Combate ao Abuso e Exploração das Crianças e dos Adolescentes.
18 – Dia Internacional dos Museus.
19 – Dia dos Acadêmicos de Direito.
19 – Dia da Defensoria Pública.
20 – Fundação de Palmas-TO.
20 – Dia do Comissário de Menores.
21 – Dia da Língua Nacional.
22 – Dia do Apicultor.
22 – Dia Internacional da Biodiversidade.
23 – Dia do Soldado Constitucionalista.
23 – Dia Mundial das Comunicações Sociais.
23 – Dia da Colonização do Solo Espírito-Santense.
24 – Dia do Detento.
24 – Dia do Datilógrafo.
24 – Dia do Cigano.
24 – Dia do Telegrafista.
24 – Dia da Infantaria.
24 – Dia do Vestibulando.
24 – Dia da Abolição da Escravatura em Manaus.
25 – Dia do Massagista.
25 – Dia da Indústria.
25 – Dia do Trabalhador Rural e Nacional da Adoção.
26 – Dia do Revendedor Lotérico.

26 – Dia Nacional de Combate ao Glaucoma.

27 – Dia do Profissional Liberal.

27 – Dia Mundial dos Meios de Comunicação.

28 – Dia do Ceramista.

29 – Dia do Geógrafo.

29 – Dia do Estatístico.

29 – Dia da Mata Atlântica.

30 – Dia da Decoração.

30 – Dia do Geólogo.

30 – Dia das Bandeiras.

31 – Dia Mundial sem Tabaco.

31 – Dia da Aeroamoça.

31 – Dia do(a) Comissário(a) de Bordo.

Junho

1 a 5 – Semana Mundial do Meio Ambiente.

1 a 15 – Quinzena contra Incêndios.

1 – Lançamento do *Correio Brasiliense*, primeiro jornal brasileiro, em 1808.

1 – Dia da Imprensa.

1 – Dia de Caxias.

1 – Primeira Transmissão de TV no Brasil.

3 – Dia Mundial do Administrador de Pessoal.

3 – Pentecostes.

4 – Dia Mundial das Crianças Vítimas de Agressão.

5 – Dia Mundial da Ecologia.

5 – Dia do Meio Ambiente.

6 – “Convenção de Belém do Pará” para punir e erradicar a violência contra a mulher – aprovada pela OEA.

7 – Dia da Liberdade de Imprensa Mundial.

8 – Dia do Citricultor.

9 – Dia Nacional de Anchieta, fundador de São Paulo, em 1553.

9 – Dia do Porteiro.

9 – Dia do Tenista.

9 – Dia da Imunização.

- 
- 10 – Dia da Raça.
10 – Dia da Língua Portuguesa.
10 – Dia da Artilharia.
11 – Dia da Marinha Brasileira.
11 – Dia do Educador Sanitário.
12 – Dia dos Namorados.
12 – Dia Mundial contra o Trabalho Infantil.
13 – Dia do Turista.
13 – Dia de Santo Antônio.
13 a 29 – Festa Junina – começa no dia de Santo Antônio até o dia de São Pedro.
14 – Dia Nacional das Relações Públicas.
14 – Dia do Solista.
14 – Dia Mundial do Doador Voluntário.
14 – Dia Universal de Deus.
15 – Dia do Paleontólogo.
15 – Aniversário do Acre.
16 – Dia da Unidade Nacional.
17 – Dia do Funcionário Público Aposentado.
17 – Dia Internacional de Combate à Desertificação.
18 – Dia do Químico.
18 – Imigração Japonesa.
19 – Dia do Cinema Brasileiro.
19 – Dia do Migrante.
20 – Dia do Revendedor.
20 – Dia Internacional do Refugiado.
21 – Dia da Mídia.
21 – Dia Internacional da Música.
21 – Dia da Luta por uma Educação sem Discriminação.
21 – Dia do Imigrante.
21 – Dia Universal Olímpico.
21 – Início do inverno.
21 – Dia Nacional de Controle à Asma.
21 – Dia do Intelectual.
22 – Dia do Aeroviário.
23 – Dia do Lavrador.
24 – Dia do Caboclo.

- 
- 24 – Dia das Empresas Gráficas.
24 – Dia de São João.
24 – Dia Internacional do Leite.
25 – Morte de Michael Jackson – Rei do Pop (ano 2009).
26 – Dia Internacional de Combate às Drogas.
26 – Dia da Aviação de Busca e Salvamento.
26 – Dia do Metrologista.
26 – Criação da Organização das Nações Unidas (ONU), em 1945.
27 – Dia Internacional do Diabético.
27 – Dia Nacional do Progresso.
27 – Dia do Mestiço.
27 – Promulgação da primeira Constituição Republicana do Brasil, em 1891.
28 – Dia do Orgulho Gay.
28 – Dia da Renovação Espiritual.
29 – Dia do(a) Telefonista.
29 – Dia do Pescador.
29 – Dia do Papa – São Pedro e São Paulo.
29 – Criação do Clube Republicano no Amazonas, em 1889.
29 de junho a 2 de julho – Prevenção contra Incêndio.
30 – Dia do Caminhoneiro.
30 – Dia do Economista.

Julho

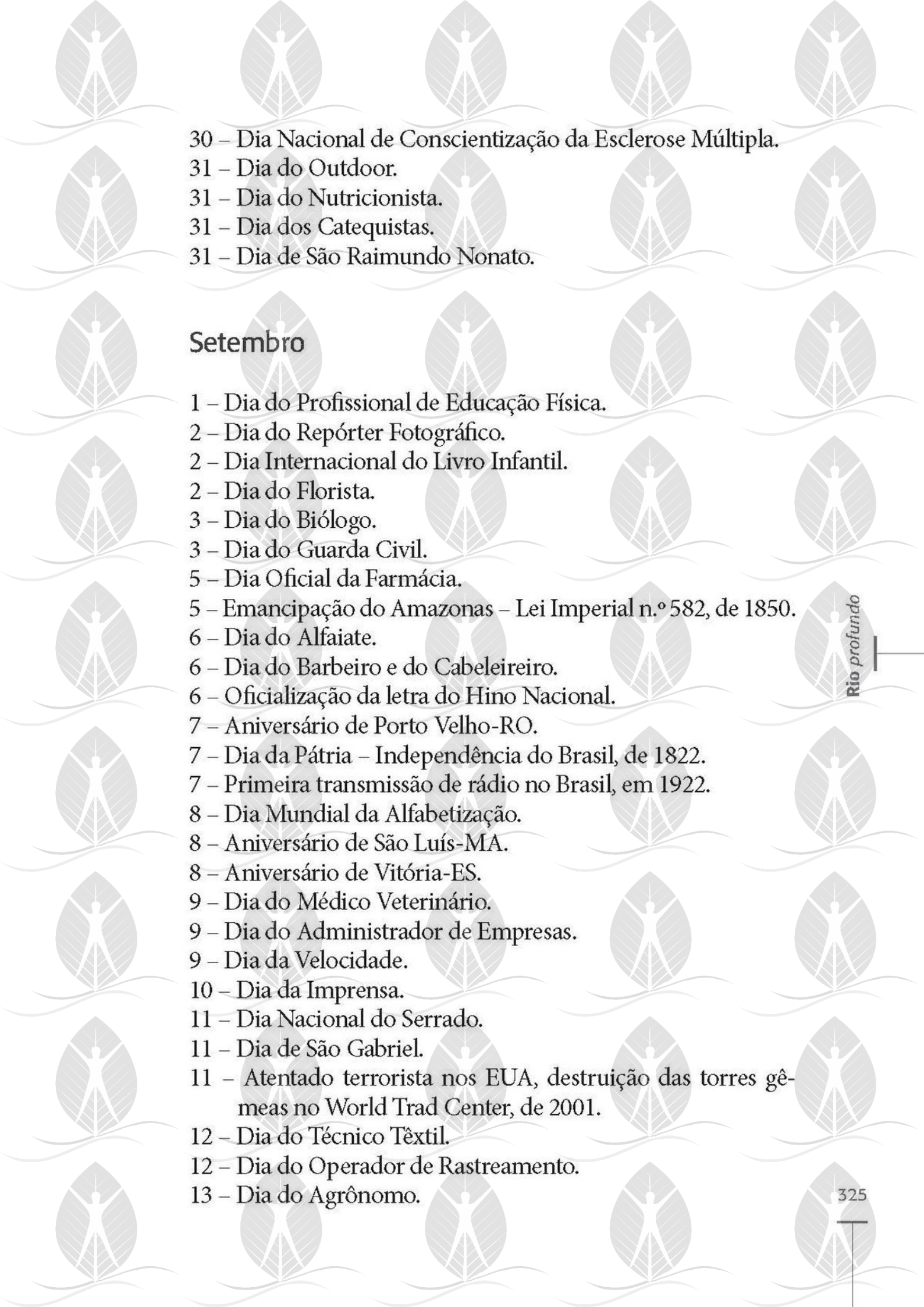
- 1 – Início da Semana de Prevenção contra Incêndios.
1 – Dia da Vacina BCG e Dia do Bancário.
1.^a Semana Nacional da Educação.
2 – Independência da Bahia.
2 – Dia do Hospital e Dia do Bombeiro Brasileiro.
3 – Dia Internacional de Combate à Discriminação Racial.
4 – Dia Internacional do Cooperativismo.
4 – Independência dos EUA, em 1776, e Dia do Operador de Telemarketing.
5 – Dia Internacional das Cooperativas.

- 7 – Dia do Voluntário Social.
- 8 – Dia da Independência de Sergipe.
- 8 – Dia do Panificador e Dia Nacional da Ciência.
- 9 – Fundação de Boa Vista-RR.
- 9 – Dia da Revolução Constitucionalista de São Paulo de 1932.
- 10 – Dia Mundial da Lei.
- 10 – Abolição Negra na Província do Amazonas.
- 10 – Dia do Truco e Dia da Pizza.
- 11 – Dia Mundial da População.
- 11 – Dia Mundial do Rondonista.
- 12 – Dia do Engenheiro Florestal.
- 13 – Dia do Engenheiro de Saneamento e Dia Mundial do Rock.
- 14 – Dia do Propagandista de Laboratório.
- 14 – Dia da Liberdade de Pensamento.
- 15 – Dia Internacional do Homem e Dia Nacional dos Clubes.
- 16 – Dia do Comerciante.
- 17 – Dia de Proteção às Florestas.
- 18 – Dia Nacional do Trovador e Dia dos Veteranos de Guerra.
- 19 – Dia da Caridade e Dia Nacional do Futebol.
- 19 – Morte do político Gilberto Mestrinho de Medeiros Raposo. Nasceu em Lábrea, dia 23 de fevereiro de 1928. Faleceu dia 19/7/2009, às 9h, na UTI do Pronto Cord de Manaus aos 81 anos.
- 20 – Dia Internacional do Amigo (Amizade).
- 20 – Primeira viagem do homem à Lua, em 1969.
- 22 – Dia do Trabalhador Doméstico.
- 22 a 28 – Semana da Agricultura.
- 23 – Dia do Guarda Rodoviário.
- 25 – Dia do Motorista e dos Taxistas em Manaus.
- 25 – Dia de São Cristóvão, padroeiro dos caminhoneiros.
- 25 – Dia do Escritor e do Trabalhador Rural.
- 26 – Dia Nacional Antidrogas e Dia da Vovó.
- 27 – Dia do Despachante e Dia do Motociclista.
- 27 – Dia da Prevenção de Acidentes de Trabalho.
- 28 – Dia do Agricultor.

Agosto

- 1 – Dia do Selo.
- 1 – Dia Mundial da Amamentação.
- 2.^a semana de agosto – Semana do Presidiário.
- 2.^o domingo de agosto – Dia dos Pais começou no Brasil a partir de 1954.
- 2 – Aniversário de Coari, em 1759.
- 2 – Dia Mundial do Folclore.
- 3 – Dia do Capoeirista.
- 3 – Dia do Tintureiro.
- 4 – Dia do Padre.
- 5 – Aniversário de João Pessoa-PB.
- 5 – Dia Nacional da Saúde.
- 5 – Dia do Carteiro.
- 6 – Dia da Revolução Acriana.
- 6 – Explosão da 1.^a bomba atômica em Hiroshima, em 1945, Japão.
- 8 – Dia do Pároco.
- 8 – Dia dos Bandeirantes.
- 8 – Criação da Cruz Vermelha, em 1864.
- 9 – Dia Internacional dos Povos Indígenas.
- 9 – Explosão da 2.^a bomba atômica em Nagasak, em 1945, Japão.
- 9 – Dia Internacional pela Qualidade do Ar.
- 11 – Dia do Estudante. Comemora-se o transcurso do aniversário das primeiras escolas de Direito no Brasil (Olinda e São Paulo), em 1827.
- 11 – Dia da Consciência Nacional.
- 11 – Dia do Advogado.
- 11 – Dia do Garçom.
- 11 – Dia Internacional da Logosofia.
- 11 – Dia do Hoteleiro.
- 11 – Dia do Jurista e do Magistrado.
- 12 – Dia Nacional das Artes.
- 12 – Dia Nacional da Juventude.
- 13 – Dia do Economista.

- 
- 13 – Dia do Pensamento.
14 – Dia da Unidade Humana.
14 – Criação do Controle da Poluição Industrial.
15 – Ascensão de Nossa Senhora.
15 – Dia da Informática.
15 – Dia da Santa Casa de Misericórdia.
15 – Dia dos Solteiros.
16 – Aniversário de Teresina-PI.
16 – Dia do Filósofo.
17 – Dia do Patrimônio Histórico.
19 – Dia do Ator e do Artista de Teatro.
19 – Dia Mundial da Fotografia.
19 – Dia da Aviação Agrícola.
20 – Dia dos Maçons.
21 – Dia da Habitação.
21 a 28 – Semana Nacional das Pessoas com Necessidades Especiais.
22 – Dia do Folclore no Brasil.
22 – Dia do Pedagogo(a).
23 – Dia da Injustiça.
23 – Dia dos Artistas.
24 – Dia da Infância.
24 – Dia de São Bartolomeu.
25 – Dia do Feirante.
25 – Dia do Exército.
25 – Dia do Soldado – Homenagem ao aniversário de Duque de Caxias, em 25/8/1803.
26 – Dia da Igualdade Feminina.
26 – Aniversário de Campo Grande-MS.
27 – Dia do Corretor de Imóveis.
27 – Dia do Psicólogo.
27 – Dia da Limpeza Urbana.
28 – Dia da Avicultura.
28 – Dia dos Bancários.
28 – Dia do Voluntariado.
29 – Dia de Combate à Desnutrição.
29 – Dia Nacional de Combate ao Fumo.

- 
- 30 – Dia Nacional de Conscientização da Esclerose Múltipla.
 - 31 – Dia do Outdoor.
 - 31 – Dia do Nutricionista.
 - 31 – Dia dos Catequistas.
 - 31 – Dia de São Raimundo Nonato.

Setembro

- 1 – Dia do Profissional de Educação Física.
- 2 – Dia do Repórter Fotográfico.
- 2 – Dia Internacional do Livro Infantil.
- 2 – Dia do Florista.
- 3 – Dia do Biólogo.
- 3 – Dia do Guarda Civil.
- 5 – Dia Oficial da Farmácia.
- 5 – Emancipação do Amazonas – Lei Imperial n.º 582, de 1850.
- 6 – Dia do Alfaiate.
- 6 – Dia do Barbeiro e do Cabeleireiro.
- 6 – Oficialização da letra do Hino Nacional.
- 7 – Aniversário de Porto Velho-RO.
- 7 – Dia da Pátria – Independência do Brasil, de 1822.
- 7 – Primeira transmissão de rádio no Brasil, em 1922.
- 8 – Dia Mundial da Alfabetização.
- 8 – Aniversário de São Luís-MA.
- 8 – Aniversário de Vitória-ES.
- 9 – Dia do Médico Veterinário.
- 9 – Dia do Administrador de Empresas.
- 9 – Dia da Velocidade.
- 10 – Dia da Imprensa.
- 11 – Dia Nacional do Serrado.
- 11 – Dia de São Gabriel.
- 11 – Atentado terrorista nos EUA, destruição das torres gêmeas no World Trad Center, de 2001.
- 12 – Dia do Técnico Têxtil.
- 12 – Dia do Operador de Rastreamento.
- 13 – Dia do Agrônomo.

- 
- 14 – Dia do Frevo.
14 – Dia da Cruz.
15 – Dia do Cliente.
16 – Emancipação Política de Alagoas.
16 – Dia Internacional da Preservação da Camada de Ozônio.
17 – Dia do Transportador Rodoviário de Carga.
17 – Dia da Compreensão Mundial.
18 – Dia da Televisão.
18 – Dia do Perdão.
18 – Dia dos Símbolos Nacionais.
18 a 25 – Semana Nacional do Trânsito.
19 – Dia de São Geraldo.
19 – Dia do Comprador.
20 – Dia do Funcionário Municipal.
20 – Dia do Gaúcho e da Revolução Farroupilha.
21 – Dia do Fiscal Estadual.
21 – Dia do Radialista.
21 – Dia de São Mateus.
21 – Dia da Árvore.
21 – Dia do Fazendeiro.
21 – Dia Internacional da Paz.
21 – Dia da Luta Nacional das Pessoas com Deficiências.
22 – Dia Mundial sem Carro.
22 – Dia Mundial da Juventude.
23 – Início da primavera no Brasil que vai até 21 de dezembro.
23 – Dia do Sorvete e do Sorveteiro.
24 – Dia do Soldador.
25 – Dia da Radiodifusão.
25 – Dia Nacional do Trânsito.
26 – Dia das Relações Públicas.
26 – Dia do Técnico Agropecuário.
26 – Dia Nacional do Idoso.
27 – Dia de São Cosme e São Damião.
27 – Dia da Música Popular Brasileira.
27 – Dia Internacional do Idoso – Dia do Ancião.
27 – Dia Mundial do Turismo.
27 – Dia do Encanador.

- 
- 27 – Dia Nacional do Doador de Órgãos.
27 – Dia Mundial de Combate à Raiva.
28 – Dia do Jornaleiro.
28 – Dia da Lei do Ventre Livre.
29 – Dia do Anunciante.
29 – Dia do Petróleo.
30 – Dia da Bíblia.
30 – Dia da Secretária.
30 – Dia da Navegação.
30 – Dia Mundial do Tradutor.
4.^a semana de setembro – Semana dos Bons Dentes.

Outubro

- 1.^o domingo – Dia do Município.
2.^o domingo – Círio de Nazaré em Belém do Pará.
1 – Dia Internacional da Terceira Idade.
1 – Dia do Vendedor.
1 – Dia Nacional da Doação do Leite Materno.
1 – Dia Nacional do Vereador.
1 – Dia de Santa Terezinha.
2 – Dia do Anjo da Guarda.
2 – Dia Nacional do Hábitat.
3 – Dia do Latino-Americano.
3 – Dia Mundial do Dentista.
3 – Dia do Petróleo Brasileiro.
3 – Dia das Abelhas.
3 – Dia Mundial da Anistia.
3 – Dia dos Avós.
4 – Dia Mundial das Crianças.
4 – Dia Internacional da Ecologia.
4 – Dia Internacional do Poeta.
4 – Dia do Barman.
4 – Dia do Cão.
4 – Dia dos Animais.
4 – Dia de São Francisco de Assis.

- 4 – Dia da Natureza.
- 5 – Dia do Boia-Fria.
- 5 – Dia Internacional das Aves.
- 5 – Criação do Estado de Roraima.
- 5 – É instituída no Brasil a moeda o cruzeiro, em 1942.
- 5 – Dia de São Benedito.
- 5 – Dia Internacional do Professor.
- 6 – Dia do Tecnólogo.
- 7 – Dia do Compositor Brasileiro.
- 7 – Última ofensiva do Exército à guerrilha do Araguaia do PCdoB em 1973.
- 8 – Dia do Nordestino.
- 8 – Dia pelo Direito à Vida.
- 8 – Dia da Psicologia Latino-Americana.
- 9 – Dia do Atletismo.
- 9 – Dia Mundial da Visão.
- 9 – Dia Mundial dos Correios.
- 10 – Dia da Luta da Mulher Contra a Violência.
- 10 – Semana da Ciência e Tecnologia.
- 10 – Dia Mundial do Lions Clube.
- 10 – Dia Internacional da Saúde Mental.
- 11 – Dia do Deficiente Físico.
- 11 – Dia Mundial contra a Dor.
- 11 – Criação do Estado do Mato Grosso do Sul, em 1977.
- 11 – Dia do Teatro Municipal.
- 12 – Nossa Sr.^a da Conceição Aparecida – Padroeira do Brasil.
- 12 – Dia da Criança.
- 12 – Dia do Descobrimento da América, em 1492.
- 12 – Dia do Engenheiro Agrônomo.
- 12 – Dia do Mar.
- 12 – Dia da Raça.
- 12 – Criação do primeiro Banco do Brasil por D. João VI.
- 12 – Dia do Atletismo.
- 12 – Dia do Basquete.
- 12 – Dia do Corretor de Seguro.
- 13 – Dia da Vida.
- 13 – Dia do Fisioterapeuta.

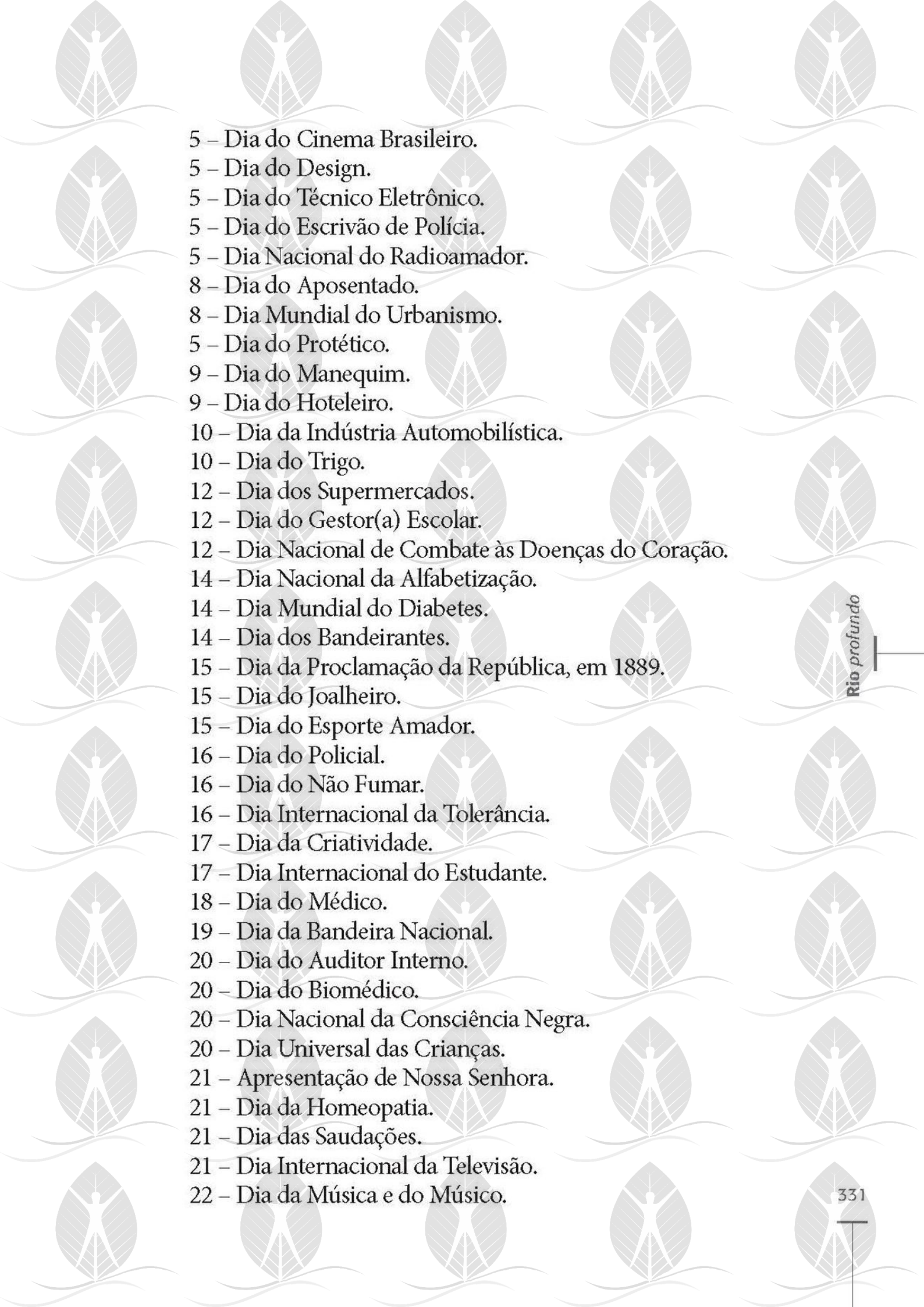
- 
- 14 – Dia Nacional da Pecuária.
14 – Dia de São Calisto.
15 – Dia do Normalista.
15 – Dia do Securitário.
15 – Dia do Professor.
15 – Dia de Santa Teresa D'Ávila em Tefé.
15 – Dia do Educador Ambiental.
16 – Dia da Ciência e Tecnologia.
16 – Dia Mundial da Alimentação.
16 – Dia Mundial do Pão.
16 – Dia do Instrutor de Autoescola.
16 – Dia do Anestesista.
16 – Dia do Trabalhador da Construção Civil.
16 – Criação da CNBB no Rio de Janeiro, em 1952.
16 a 23 – Semana da Asa.
17 – Dia da Indústria Aeronáutica Brasileira.
17 – Dia do Eletricista.
17 – Dia Internacional da Eliminação da Pobreza.
17 – Dia da Apicultura.
18 – Dia do Estivador.
18 – Dia de São Lucas e do Médico.
18 – Dia do Pintor.
19 – Aniversário do Estado do Piauí.
19 – Dia do Guarda Noturno.
19 – Dia do Profissional da Informática.
20 – Dia do Arquivista.
20 – Dia do Poeta Brasileiro.
20 – Dia Internacional do Controlador de Tráfego Aéreo.
21 – Dia do Contato.
22 – Dia do Radioamador.
22 – Dia do Para-Quedista.
22 – Dia da Praça.
22 – Massacre nos porões do brigue *Palhaço*, 252 pessoas da Cabanagem morreram, em 1823.
23 – Dia da Aviação e do Aviador. Santos Dumont voa no 14-Bis, em 1906.
23 a 29 – Semana Nacional do Livro.

- 
- 24 – Dia Mundial do Desenvolvimento.
24 – Aniversário de Goiânia-GO.
24 – Aniversário de Manaus.
25 – Dia da Construção Civil.
25 – Dia do Dentista.
25 – Dia da Saúde Dentária.
25 – Dia da Democracia.
25 – Morreu no DOI-Codi, em São Paulo, o jornalista Vladimir Herzog, em 1975.
25 – Dia do Sapateiro.
25 a 27 – Semana dos Bons Dentes.
26 – Dia do Trabalhador da Construção Civil.
27 – Dia do Engenheiro Agrícola.
27 – Dia de Oração pela Paz.
27 – Dia da Responsabilidade Social.
28 – Dia do Funcionário Público.
28 – Dia de São Judas Tadeu.
29 – Dia Nacional do Livro, de 1810.
30 – Dia do Comerciário – Balconista.
30 – Dia Internacional da Luta contra o Reumatismo.
31 – Dia da Reforma Protestante.
31 – Dia Mundial da Poupança.
31 – Dia das Bruxas – Halloween.
31 – Dia da Dona de Casa.
31 – Dia Internacional do Comissário de Voo.

Novembro

Dia de Ação de Graças na 4.^a quinta-feira do mês.

- 1 – Dia de Todos os Santos.
1 e 2 – Festa do Padre Cícero em Juazeiro do Norte-CE.
2 – Finados.
3 – Instituição do Direito e Voto da Mulher, em 1930.
4 – Dia do Inventor.
4 – Dia do Escoteiro.
5 – Dia Nacional da Cultura e Ciência.

- 
- 5 – Dia do Cinema Brasileiro.
5 – Dia do Design.
5 – Dia do Técnico Eletrônico.
5 – Dia do Escrivão de Polícia.
5 – Dia Nacional do Radioamador.
8 – Dia do Aposentado.
8 – Dia Mundial do Urbanismo.
5 – Dia do Protético.
9 – Dia do Manequim.
9 – Dia do Hoteleiro.
10 – Dia da Indústria Automobilística.
10 – Dia do Trigo.
12 – Dia dos Supermercados.
12 – Dia do Gestor(a) Escolar.
12 – Dia Nacional de Combate às Doenças do Coração.
14 – Dia Nacional da Alfabetização.
14 – Dia Mundial do Diabetes.
14 – Dia dos Bandeirantes.
15 – Dia da Proclamação da República, em 1889.
15 – Dia do Joalheiro.
15 – Dia do Esporte Amador.
16 – Dia do Policial.
16 – Dia do Não Fumar.
16 – Dia Internacional da Tolerância.
17 – Dia da Criatividade.
17 – Dia Internacional do Estudante.
18 – Dia do Médico.
19 – Dia da Bandeira Nacional.
20 – Dia do Auditor Interno.
20 – Dia do Biomédico.
20 – Dia Nacional da Consciência Negra.
20 – Dia Universal das Crianças.
21 – Apresentação de Nossa Senhora.
21 – Dia da Homeopatia.
21 – Dia das Saudações.
21 – Dia Internacional da Televisão.
22 – Dia da Música e do Músico.

22 – Dia da Liberdade.

22 – Dia Internacional do Livro.

22 – Dia Nacional de Luta pela Valorização da Profissão de Relações Públicas.

25 – Dia Internacional da Eliminação da Violência contra a Mulher.

25 – Dia Nacional do Doador de Sangue.

25 – Criação do Estado de Santa Catarina.

27 – Dia Mundial da Luta Contra o Câncer.

27 – Dia do Técnico da Segurança no Trabalho.

28 – Dia do Soldado Desconhecido.

30 – Dia do Síndico.

30 – Dia da Reforma Agrária.

30 – Dia do Teólogo.

Luis Sevalho

Dezembro

1 – Dia Mundial de Luta Contra a Aids.

1 – Dia do Imigrante.

1 – Dia do Numismata.

1 a 15 – Festa da Banana em Coari-AM.

1 – Dia do Casal.

2 – Dia Nacional do Samba.

2 – Dia da Astronomia.

2 – Dia do Pan-Americano da Saúde.

2 – Dia Nacional das Relações Públicas.

2 – Implantação da TV Digital no Brasil, em 2007.

3 – Dia Internacional dos Deficientes Físicos.

3 – Dia Nacional de Combate à Pirataria.

4 – Dia do Trabalhador em Minas de Carvão.

4 – Dia do Orientador Escolar.

4 – Dia Mundial da Propaganda.

4 – Dia do Pedicuro.

5 – Dia Internacional do Voluntário.

5 – Dia da Cruz Vermelha Brasileira.

5 – Aniversário de Maceió-AL.

- 
- 6 – Dia da chegada de Papai Noel.
7 – Dia do Casal.
7 – Dia Internacional da Aviação Civil.
8 – Dia da Justiça.
8 – Dia Nacional da Família.
8 – Imaculada Conceição – Padroeira do Amazonas.
8 – Dia do Cronista Esportivo.
9 – Dia do Fonoaudiólogo.
9 – Dia da Criança Defeituosa.
9 – Dia do Alcoólico Recuperado.
9 – Dia Mundial de Combate à Corrupção.
10 – Declaração Universal dos Direitos Humanos, de 1948.
10 – Dia Universal do Palhaço.
11 – Dia da Apae.
11 – Dia do Agrônomo.
11 – Dia do Arquiteto.
11 – Dia do Engenheiro.
11 – Dia do Agrimensor.
11 a 19 – Semana da Conservação das Escolas.
12 – Aniversário de Belo Horizonte-MG.
13 – Dia Internacional da Bíblia.
13 – Dia do Marinheiro – em homenagem ao aniversário do almirante Tamandaré.
13 – Dia do Cego, Ótico.
13 – Dia de Santa Luzia.
13 – Dia do Lapidador.
13 – Dia do Engenheiro Avaliador e Perito de Engenharia.
14 – Dia do Ministério Público.
14 – Dia do Engenheiro de Pesca.
15 – Dia do Jardineiro.
15 – Dia do Esperanto.
15 – Dia do Jornaleiro.
15 – Criação do Movimento Brasileiro de Alfabetização – Mobral, em 1967, e extinto em 25 de dezembro de 1985.
16 – Dia do Teatro Amador.
16 – Dia do Reservista.
18 – Dia do Museólogo.

- 
- 18 – Dia Internacional do Migrante.
19 – Dia da Emancipação Política do Paraná.
19 – Dia do Atleta Profissional.
20 – Dia da Bondade.
20 – Dia do Mecânico.
21 – Dia do Artista Profissional.
21 – Dia do Atleta.
22 – Início do verão no Brasil que vai até 21 de março.
23 – Dia do Vizinho.
24 – Dia do Órfão.
25 – Natal de Jesus – Festa de Natal.
25 – Aniversário de Natal-RN.
25 – Criação da Fundação Educar (1985) que substituiu o Mobral.
26 – Dia do Pedreiro.
26 – Dia da Lembrança.
26 – Dia da Troca dos Presentes.
28 – Dia de Mauá.
28 – Dia do Petroquímico.
28 – Dia do Salva-vidas.
28 – Dia da Marinha Mercante.
28 – Fundação de Rio Branco-AC.
29 – Dia Internacional da Biodiversidade.
31 – Dia da Corrida de São Silvestre.
31 – Dia da Esperança.
31 – Dia do Teatro Amazonas, símbolo da riqueza da borracha, inaugurado em 1896.
31 – Réveillon.

Capítulo XIV

Vida Saudável

Dicas para Comer e Viver Melhor



Rio profundo

Tenha um cardápio variado e equilibrado. Não adote dietas radicais. Você não vai aguentar por muito tempo e voltará rapidamente para antigos e maus hábitos alimentares. Evite ter na dispensa alimentos calóricos e pobres em nutrientes saudáveis. Assim você se protege do risco de um ataque surpresa na hora da fome.

Crie o hábito de tomar um café da manhã rico e saudável. Ele deve ser a principal refeição do dia.

Fracione suas refeições, para não ingerir grande quantidade de alimentos de uma única vez.

Lembre que seu estômago não tem dentes: mastigue muito bem.

Não se esqueça dos alimentos ricos em fibras (cereais integrais). Eles regulam o trânsito intestinal e ajudam a enganar a fome.

Beba ao menos dois litros de água por dia, de preferência nos intervalos entre as refeições.

Nunca tome suplementos alimentares sem a indicação de um especialista.

Faça da atividade física um hábito diário. Afinal viver bem, com muita saúde, é o que interessa.

Dicas para Dormir Bem



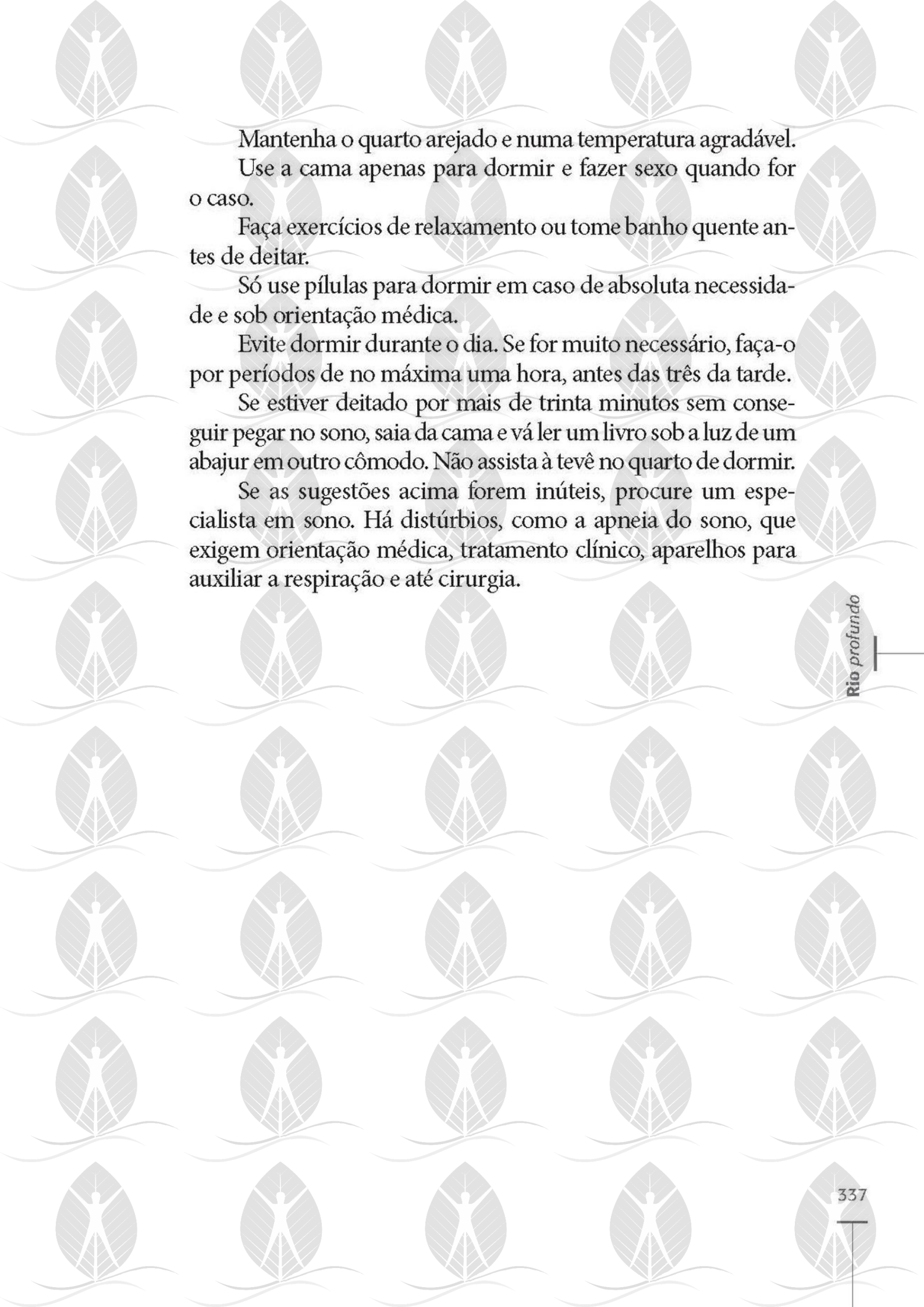
Luis Sevaiffo

Evite cafeína, nicotina e álcool nas últimas horas do dia.

Não faça refeições exageradas antes de deitar.

Procure deitar no mesmo horário, mesmo nos fins de semana.

Procure fazer exercício físico durante o dia, mas evite fazê-lo à noite.



Mantenha o quarto arejado e numa temperatura agradável. Use a cama apenas para dormir e fazer sexo quando for o caso.

Faça exercícios de relaxamento ou tome banho quente antes de deitar.

Só use pílulas para dormir em caso de absoluta necessidade e sob orientação médica.

Evite dormir durante o dia. Se for muito necessário, faça-o por períodos de no máximo uma hora, antes das três da tarde.

Se estiver deitado por mais de trinta minutos sem conseguir pegar no sono, saia da cama e vá ler um livro sob a luz de um abajur em outro cômodo. Não assista à tevê no quarto de dormir.

Se as sugestões acima forem inúteis, procure um especialista em sono. Há distúrbios, como a apneia do sono, que exigem orientação médica, tratamento clínico, aparelhos para auxiliar a respiração e até cirurgia.

Capítulo XV

Orações de Santos Populares

Oração de Santo Expedito¹⁹

Meu Santo Expedito, das causas justas e urgentes, socorrei-me nesta hora de aflição e desespero, intercedei por mim junto ao nosso Senhor Jesus Cristo! Vós que sois um Santo Guerreiro, Vós que sois o Santo dos aflitos, Vós que sois o Santo dos desesperados, Vós que sois o Santo das causas urgentes, protegei-me, ajudai-me, dai-me força, coragem, serenidade. Atendei ao meu pedido:

(Fazer o pedido). Ajudai-me a superar estas horas difíceis. Protegei-me de todos que possam me prejudicar. Protegei a minha família, atendei ao meu pedido com urgência. Devolvi-me a paz e a tranquilidade. Serei grato pelo resto da minha vida e levarei seu nome a todos que têm fé. Muito obrigado, meu Santo Expedito.

Oração de São Tomé

Padroeiro dos agricultores

São Tomé, exemplo luminoso para os que habitam nos campos e nas roças, alcançai-nos, por nossa piedade, junto à onipotência divina, que nosso trabalho seja abençoado. Deus, que distribui o sol, as chuvas e os ventos, olhe propício para nossas plantações e as faça frutificar com toda riqueza de seus dons. Conceda a seu povo a fertilidade das terras e a proteção contra todos os males.

¹⁹ A Santo Expedito: Rezar um Pai Nosso, uma Ave Maria e fazer o Sinal da Cruz. Logo após o pedido, mandar publicar e distribuir um milheiro desta oração em agradecimento para propagar as graças através do glorioso Santo Expedito. Comemora-se Santo Expedito no dia 19 de abril.

Que o trabalho de nossas mãos e o suor de nosso rosto alimentem o corpo, fortaleçam o espírito de nossos filhos e nos unam em caridade e harmonia em torno de nossa mesa e da mesa do Senhor.

Ó Santo patrono dos campos que, em vossa humildade e simplicidade, ainda em tempo de ajudar os outros, afastai de nossa família toda inimizade e inveja e concedei-nos a graça de cumprirmos nossos deveres com Deus e a santa religião e o mandamento divino da justiça e da caridade para com o próximo.

Que vós digneis dar e conservar os frutos da terra.
Nós vos rogamos, ouvi-nos, Senhor!

Amém

Oração a Santa Luzia²⁰

Luis Sevalho

Ó Santa Luzia, que não perdestes a fé e a confiança em Deus, mesmo passando pelo grande sofrimento de lhe vazarem e arrancarem os olhos, ajudai-me a não duvidar da proteção divina, defendei-me da cegueira e não somente física, mas também espiritual, e atendei a este meu pedido (*fazer o pedido*).

Conservai a luz dos meus olhos para que eu tenha a coragem de ter os olhos sempre abertos para a verdade e a justiça, possa contemplar as maravilhas da criação, o brilho do sol e o sorriso das crianças. Ó minha querida Santa Luzia, eu vos agradeço por terdes ouvido a minha súplica. Por Jesus Cristo, nosso irmão e amigo, na unidade do Espírito Santo.

Amém.

Oração a Santo Antônio²¹

Lembrai-vos, glorioso Santo Antônio, amigo do menino Jesus, o filho querido de Maria, de que nunca se ouviu dizer que algum daqueles que têm recorrido a vós e implorado a vossa proteção tenha sido por vós abandonado. Animado de igual confiança, venho a vós, fiel consolador dos aflitos.

E eu, pecador, arrependo-me dos meus pecados com o propósito de recomeçar, todos os dias, uma vida nova, mais dedicada a Deus e aos irmãos. Não rejeiteis, pois, a minha súplica, vós que sois tão poderoso no Coração de Jesus, mas escutai favoravelmente e dignai-vos a atendê-la.

Santo Antônio, rogai a Deus por mim e por todos nós.

Amém!

Oração ao Divino Espírito Santo²²

Espírito Santo, que reinais nos céus com o Pai e o Filho! Espírito de verdade, presente em toda parte, plenificando o universo, tesouro de todos os bens e fonte de vida, vinde habitar em nossos corações! Libertai-nos de toda culpa, e conduzi-nos à salvação. Na força do amor, uni-nos todos em Cristo!

Santificai-nos com o fogo do vosso ardor. Deus santo, Deus forte, Deus imortal, tende piedade de nós! Curai nossas feridas, e recebei-nos, enfim, no vosso Reino.

Amém!

21 **Santo Antônio** é o santo casamenteiro. Sua festa é 13 de junho.

22 Para o cristão o **Divino Espírito Santo** é uma pessoa divina que nos foi dada pelo Pai e pelo Filho como forma de fazer a gente compreender a vida em Cristo e segui-lo até chegar ao Pai.

Oração a São Brás

Ó glorioso São Brás, que restituíste com uma breve oração a perfeita saúde a um menino que, por uma espinha de peixe atravessada na garganta, estava prestes a expirar, obtende para nós todos a graça de experimentarmos a eficácia do vosso patrocínio em todos os males da garganta.

Conservai a vossa garanta sã e perfeita para que possamos falar corretamente e assim proclamar e cantar os louvores de Deus. *Bênção de São Brás.*

Por intercessão de São Brás, bispo e mártir, livre-te Deus do mal da garganta e de qualquer outra doença. Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo.

Amém.

Luis Sevalho

Oração a São Francisco de Assis²³

Senhor, fazei de mim um instrumento de vossa paz. Onde houver ódio, que eu leve o amor. Onde houver ofensa, que eu leve o perdão. Onde houver discórdia, que eu leve a união. Onde houver dúvida, que eu leve a fé. Onde houver erro, que eu leve a verdade. Onde houver desespero, que eu leve a esperança. Onde houver tristeza, que eu leve a alegria. Onde houver trevas, que eu leve a luz.

Ó Mestre, fazei que eu procure mais consolar que ser consolado; compreender que ser compreendido; amar que ser amado. Pois é dando que se recebe, é perdoadando que se é perdoado, e é morrendo que se vive para a vida eterna.

Amém!

23 Nosso glorioso São Francisco é defensor da natureza e protetor dos animais. É festejado no dia 04 de outubro.

Oração a São Sebastião²⁴

São Sebastião, mártir, seguidor de Jesus, abençoei todas as pessoas desta cidade e ajudai-nos neste momento de aflição. Vós que sois protetor contra doenças contagiosas, livrai-nos desse mal. Hoje vos pedimos, de modo especial, por uma pessoa que nos é muito querida (*dizer o nome da pessoa*), para que ela possa dar graças a Deus, na simplicidade e na alegria do seu coração.

São Sebastião, amparai os menores de rua, livrai-os das chacinas, das drogas, dos assaltos e das várias formas de violência. Livrai a todos nós da ganância, do poder, do orgulho, do desânimo e da depressão, para que, assim livres, possamos nos dedicar ao bem dos nossos irmãos mais necessitados.

São Sebastião, rogai por todos nós.

Amém!

Oração a São Benedito²⁵

Deus nosso Pai, que fizestes de São Benedito um incansável confessor da fé, com toda a confiança venho implorar a vossa proteção. Que a exemplo de São Benedito, possamos amar profundamente o próximo, aceitá-lo com paciência e respeitá-lo com as suas fraquezas e limitações. Que saibamos ainda ajudar e amparar os necessitados, os desabrigados, os desempregados e marginalizados de nossa sociedade.

Que a vossa sabedoria, ó Deus, nos acompanhe nesse trabalho de acolhimento aos sem-voz e sem-vez. Nós vos pedimos: dai-nos a simplicidade de vida, o discernimento do Espírito, a coerência entre o que somos e o que fazemos. As-

24 **São Sebastião** é o protetor contra as doenças contagiosas. É comemorado no dia 20 de janeiro.

25 Comemora-se **São Benedito** no dia 05 de outubro.

sim, possamos participar e comungar do vosso Reino, pois aos simples revelais o vosso Evangelho de amor.

São Benedito, rogai por nós.

Amém!

Oração de Santa Teresa D'ávila²⁶

Nada te perturbe, nada te espante. Tudo passa. Só Deus não muda.

A paciência tudo alcança. Quem tem a Deus nada lhe falta. Só Deus basta.

Oração à Santíssima Trindade²⁷

Ó Deus de amor, uno e trino, eu vos louvo por vossa presença em mim, em cada pessoa e em tudo o que vive e respira ao meu redor.

Adoro-vos, ó Pai, porque no vosso amor imenso criastes o mundo e neste amor sustentais. Adoro-vos, ó Filho, Jesus Redentor, que, abraçando a cruz pela humanidade, nos ensinastes que não há maior amor do que dar a vida pelos irmãos.

Adoro-vos, ó Espírito Santo, Amor do Pai e do Filho, que nunca deixais de agir para que não se desfaça em nós a imagem e semelhança de Deus. Fazei que, adorando-vos assim, eu nunca me separe de vós, e que possais encontrar em meu coração uma digna habitação.

Amém!

26 **Santa Teresa** é portadora de grandes virtudes que nos conduz ao amor de Deus. Sua data de comemoração é o dia 15 de outubro.

27 A **Santíssima Trindade** significa o modelo ideal de nossa vida. É o próprio Deus vivendo em comunidade: Pai, Filho e Espírito santo.

Oração à Santa Edwiges²⁸

Santa Edwiges, vós que fostes na terra amparo dos pobres e socorro dos endividados, agora no céu gozais o eterno prêmio pela caridade que praticastes. Por isso, confiante vos peço: sede a minha advogada, para que eu obtenha de Deus as graças que agora vos peço (*fazer os pedidos*) e para que, no fim de minha vida, eu viva junto dele para sempre.

Santa Edwiges, rogai a Deus por nós e olhai também para todas as pessoas que estão passando por dificuldades materiais e espirituais. Intercedei a Deus por todos nós e que, a vosso exemplo, sejamos fortes nas tribulações e não nos deixemos abater pelo desânimo.

Amém!

Oração a São Cristóvão²⁹

(*Antes de viajar*)

Ó meu São Cristóvão, olhai para mim nesta viagem. Não me deixeis sozinho nas estradas. Livrai-me, protegei-me e defendei-me de todo mal. Abençoai os que ficam, e acompanhai os que partem. Abre meus olhos, dai-me paciência, tranquilidade, calma e perseverança nesta viagem. Atendei a esta minha oração, e ouvi este meu pedido (*fazer o pedido*), que desde já agradeço.

Meu São Cristóvão, livrai-me também dos assaltos, das intempéries e de toda espécie de perigos, para viajar tranquilo e seguro. Peço-vos esta graça não só para mim, mas também para todas as pessoas que estão viajando.

São Cristóvão, rogai por nós!

Amém.

28 **Santa Edwiges** é a protetora dos endividados. É festejada no dia 16 de outubro.

29 **São Cristóvão** é protetor dos viajantes e padroeiro dos caminhoneiros. Sua data comemorativa é o dia 25 de julho.

Oração a São Judas Tadeu³⁰

São Judas Tadeu, apóstolo escolhido por Jesus Cristo, fiel cumpridor da missão, chamado e enviado por Deus para ser uma das doze colunas que sustentam a Igreja, inúmeras pessoas, imitando vosso exemplo e auxiliadas por vossa oração, encontram o caminho para o Pai, abrem o coração aos irmãos e às irmãs, descobrem forças para vencer o pecado e superar todo o mal.

Quero imitar-vos, comprometendo-me com Cristo e com sua Igreja por uma decidida conversão a Deus e ao próximo, e, assim convertido, assumirei a missão de viver e anunciar o Evangelho. São Judas, meu padroeiro, espero ainda alcançar de Deus a graça que imploro, confiando na vossa poderosa intercessão (*fazer o pedido*).

São Judas Tadeu, rogai por nós!

Amém.

Oração à Nossa Senhora do Rosário³¹

Nossa Senhora do Rosário, dai a todos os cristãos a graça de compreender a grandiosidade da devoção do santo rosário, no qual, à recitação da Ave-Maria, se junta a profunda meditação dos santos mistérios da vida, morte e ressurreição de Jesus, vosso Filho e nosso Redentor.

Acompanhai-nos, ó Maria, na recitação do terço, para que por meio dessa devoção cheguemos ao mistério amoroso de Jesus. Nossa Senhora do Rosário, levai-nos à vitória em todas as lutas da vida, por vosso Filho, Jesus Cristo, na unidade do Espírito Santo. Amém!

Nossa Senhora do Rosário, rogai por nós!

30 São Cristóvão é protetor dos viajantes e padroeiro dos caminhoneiros. Sua data comemorativa é o dia 25 de julho.

31 O festejo de Nossa Senhora do Rosário é no dia 07 de outubro.

Oração de Santo Frei Galvão³²

Santíssima Trindade, Pai, Filho e Espírito Santo, eu vos adoro, louvo e agradeço pelos benefícios que me concedestes pela intercessão de Santo Antônio de Sant'Anna Galvão.

Peço-vos, por todo o bem que ele fez e por tudo o que sofreu para ajudar o próximo, que aumenteis em mim a fé, a esperança e a caridade.

Dignai-vos também, Senhor, pela intercessão deste vosso servo fiel, conceder-me a graça que ardentemente desejo (*fazer o pedido*). Amém!

Santo Frei Galvão, rogai por nós!

32 Frei Antônio de Sant'Anna Galvão foi canonizado no dia 11 de maio no Campo de Marte-SP, pelo Papa Bento XVI, quando esteve no Brasil em 2007.

Fontes

Referências

Livros

SOUZA, Augusto Cabrolíe Gonçalves. *Síntese da História de Tefé*, 1983.

_____. *Tefé e sua História*, 1989.

SCHAEKEN. *Centenário da Presença Espiritana na Prelazia de Tefé, 1897-1997*, ano 1997.

_____. Raimunda Gil. *Tefé, Minha Saudade*, 2004.

PESSOA, Protásio Lopes. *História da Missão de Santa Teresa D'Ávila dos Tupebas*, 2005.

PONTES, Filho Raimundo Pereira. *Estudos de História do Amazonas*. Manaus: Editora Valer, 2000.

BIBLIOGRAFIA DA "PESQUISA FÁCIL". *Biodiversidade, Camada de Ozônio e Efeito Estufa – Brasil – 500 anos*. Rio de Janeiro: Revic Editorial Ltda.

_____. *Datas Históricas do Brasil e do Mundo*.

_____. *O que é Internet? E a origem do café*.

FORSBERG, Maria Clara (Coordenadora). *Piramutabas e Douradas*. Os dados são do estudo "Grandes Bagres Migratórios", desenvolvido pelo Provárzea/Ibama, 2005.

LIPPI, Valéria Martins. *Estudos Sociais do Amazonas (Nheengatu)*, ano 2000.

LIPPI, Valéria Martins, Célia Siebet. *Área de Preservação Ambiental do Amazonas*. PNLD, ano 2005.

HOBSBAWM, Eric. *Bandidos*. Forense Universitária, 1975.

Revistas

APRENDE BRASIL. *Datas Históricas do Brasil e do Mundo*. Editora Positivo, ano 2003.

NOSSA HISTÓRIA. Expressão “Vá se queixar ao bispo” – página 95, ano 3, n.º 36, edição de agosto de 2006, Editora Vera Cruz. www.nossahistoria.net.

_____. “Santo de pau oco” – página 95, ano 3, n.º 35, edição de setembro de 2006.

_____. “Sem eira nem beira” – página 95, ano 3, n.º 36, edição de outubro de 2006.

_____. Datas Históricas do Brasil, ano 3, n.º 36, edição de outubro de 2006, Editora Vera Cruz.

“TUDO DE BOM” – Halloween – encarte do jornal *O Estado do Amazonas*, edições 2005/2006.

PLENITUDE, Igreja Universal – Halloween, ano 25, n.º 125, edição de outubro de 2005.

Boletim especial

Luis Sevalho

HOMENAGEM do Movimento de Preservação: 10 anos sem e com Falco, 1988/1998 – Tefé, AM.

PRELAZIA de Tefé. Ordenação de dom Sérgio e falecimento de padre Paulo, n.º 31, 1998.

Jornal

MAMIRAUÁ, O Macaqueiro. Fernando Henrique Cardoso em Tefé, encarte especial de abril, maio e junho/99, n.º 2, ano 2001.

ERNESTO Che Guevara em Tefé, jornal *A Crítica*, ano LV, n.º 19.321, edição de 23 de fevereiro de 2005, pág. A9.

Trajatória de Che Guevara, jornal *Diário do Amazonas*, edição de 7 de outubro de 2007, pág. 15.



Pesquisa do autor

Livro de Tombo. As leis de Tefé – Prefeitura Municipal de Tefé. Prefeitos e Vereadores de Tefé. Arquivo do autor e pesquisa na Prefeitura de Tefé.

Prefeitos de Manaus. Pesquisa na Prefeitura de Manaus.

Pesquisa na Revista “Tudo de Bom” e “Museu do Conhecimento” – integrante do jornal *O Estado do Amazonas*, edições 2005/2006.

Pesquisa na internet e arquivo do autor – Instituto Mamirauá
IDSMS – site: www.mamiraua.org.br

Vencedores do Projeto de Apoio e Incentivo à Cultura – 2009

PRÊMIO PAIC 2009

Luís Sevalho.
Rio Profundo

PRÊMIO PAIC 2009

Antônio Carlos Jr.
Dos fantasmas ao tacacá – Uma visão sobre o Largo

PRÊMIO PAIC 2009

Jones Mota da Cunha.
Jutica – O brilho da terra

PRÊMIO PAIC 2009

José Alexandre Serrão.
Represa

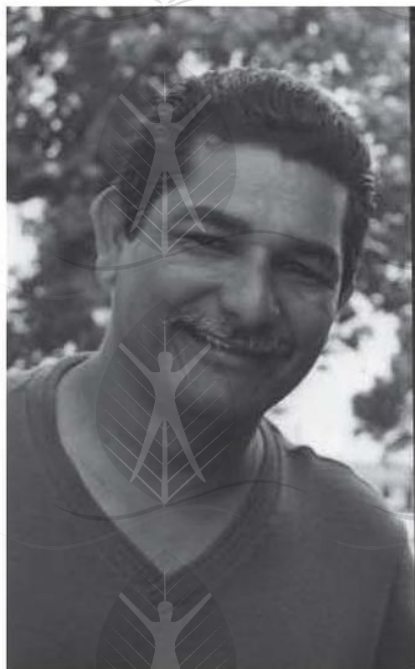
PRÊMIO PAIC 2009

Maria Elisa Souto Bessa
Histórias para minha tia dormir

PRÊMIO PAIC 2009

Tesc – Teatro Experimental Sociedade Cultural
Um teatro na Amazônia

Biografia do autor



Professor Luis Sevalho. Foto de J. Luiz

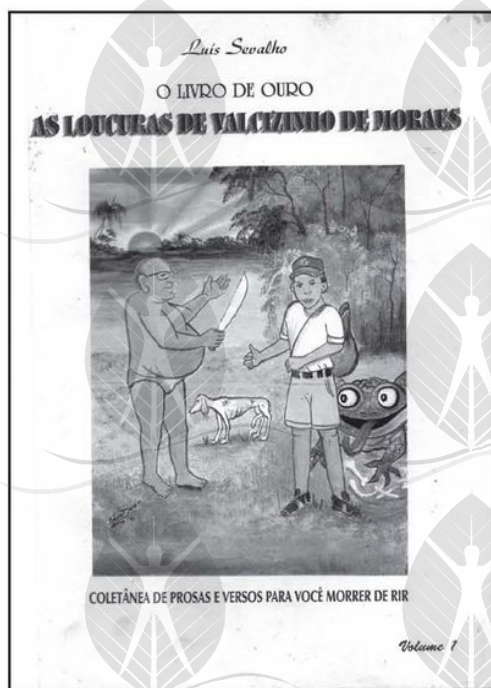
Luís Alberto Lopes Sevalho (Luís Sevalho) é o nono filho de Celcino Gomes Sevalho (Cazuza) e Elígia Lopes Sevalho (Dona Celé) todos naturais de Tefé. No período da segunda guerra mundial (1939-1945), seu pai muito contribuiu para o desenvolvimento econômico do Amazonas trabalhando como seringueiro e soldado da borracha. Luís Sevalho nasceu no dia 10 de novembro de 1960 no município de Tefé. Quando criança mudou-se para a comunidade do Piraruaiá, zona rural de Tefé onde viveu sua infância sem estudar até aos dez anos de idade.

Ao retornar para a sede do município, começou sua alfabetização no grupo escolar Getúlio Vargas no bairro do Abial. Depois passou a residir no bairro da Olaria onde aos 12 anos de idade começou a mostrar seu talento com os primeiros trabalhos de entalhe em madeira produzidos no quintal de sua casa e que lhe rendia alguns “trocados”

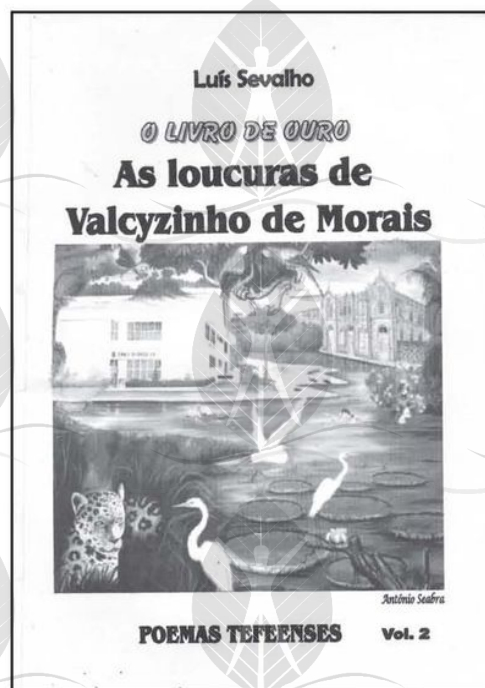
para comprar seu material escolar. Pela divulgação do seu trabalho artesanal ganhou a admiração da irmã Francisca Adimir Bamberg que impressionada por suas belas artes garantiu-lhe vaga no antigo Ginásio Orientado para o Trabalho (GOT) que na época era o maior Centro de Artes de Tefé, fundado pelas irmãs franciscanas. Com apenas 14 anos de idade tornou-se instrutor de artes industriais, ministrando aulas práticas com grande entusiasmo nas seguintes áreas do conhecimento: cerâmica, metalúrgica, artes plásticas, marcenaria e entalhe em madeira, contribuindo para a formação técnica de seus aprendizes. No período de 2000 a 2004, elegeu-se vereador, dando uma grande contribuição política para o seu município.

A arte de escrever foi despertada a partir do ano 2000 quando publicou seus primeiros poemas (conto em cordel) baseados nos acontecimentos intrigantes que aconteciam no município de Tefé. Luís Sevalho é historiador formado pela Universidade Federal de Juiz de Fora, pós-graduado em Gestão de Política Ambiental pelo Instituto Superior de Educação da Amazônia (ISEAMA) e ADCAM - Faculdade Táhirih. Foi sócio fundador da Academia de Letras, Ciências e Artes de Tefé - ALCAT e autor do Livro de Ouro As Loucuras de Valcyzinho de Moraes, volume 1 (2000) e volume 2 (2002) com todas as edições esgotadas. Atualmente reside em Manaus, sendo considerado um puro talento.

Obras publicadas



Primeira Publicação
Volume 1 - Ano 2000



Segunda Publicação
Volume 2 - Ano 2002

As obras acima citadas referem-se a uma coletânea de contos em prosas e versos baseados na realidade local, com todas as edições esgotadas.

Terceira Publicação: **Rio Profundo**



GRÁFICA
MODERNA
QUALIDADE • TECNOLOGIA • COMPROMISSO

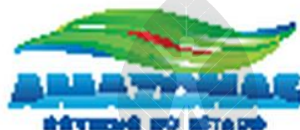
Este livro foi impresso em Manaus pela **Gráfica Moderna** – o miolo e capa – foram feitos pela Cultura Edições Governo do Estado

O trabalho do professor Luís Alberto Lopes Sevalho, em sua forma simples e objetiva, é de inestimável valor para todos aqueles que buscam ampliar seus conhecimentos por meio da pesquisa. **Rio profundo** é uma coletânea fascinante de conhecimentos genuínos que nos arremete a uma viagem desde o ponto de partida, como tudo começou no meu amado município de Tefê, até os momentos atuais, onde o mundo inteiro vê preocupação, dentre as grandes tormentas, o aquecimento global.

Celso Mendes



Secretaria de
Estado de Cultura



TRABALHANDO PARA
CRIAR OPORTUNIDADES





AVISO

A disponibilização (gratuita) deste acervo, tem por objetivo preservar a memória e difundir a cultura do Estado do Amazonas. O uso destes documentos é apenas para uso privado (pessoal), sendo vetada a sua venda, reprodução ou cópia não autorizada. (Lei de Direitos Autorais - [Lei nº 9.610/98](#)). Lembramos, que este material pertence aos acervos das bibliotecas que compõem a rede de bibliotecas públicas do Estado do Amazonas.

EMAIL: ACERVODIGITALSEC@GMAIL.COM



Secretaria de
Estado de Cultura



CENTRO CULTURAL DOS
POVOS DA AMAZÔNIA